



Su pasión es un
tormento, y su amor
un campo de batalla

KARIN TABKE

El SEÑOR del TORMENTO

La Segunda Trepidante historia en
El Legado de la Espada de Sangre

www.LivrosGratis.net

O LEGADO DA ESPADA DE SANGUE 2
O Senhor do Tormento





Oito cavaleiros mercenários, cada um deles nascido bastardo, cada um deles forçados por inexprimíveis torturas em um cárcere sarraceno, cada um deles selado com a marca da espada por toda a vida. Cada um de seus destinos marcado por uma mulher.

Foi sussurrado ao longo das fronteiras que os cavaleiros do demônio, os quais cavalgavam sobre negros cavalos, levando negras armaduras e esgrimiam negras espadas, matariam a qualquer homem, mulher ou menino que se atrevesse a olhá-los.

Foi sussurrado que sua lealdade era só para uns aos outros e ninguém poderia dividi-los, não havia suficiente ouro ou prata no Reino para comprar seu juramento.

Era bem sabido que cada um deles não foi tocado pela mão de Deus, mas sim pelo próprio Lúcifer.

Foi sussurrado também, mas só pelas mais valentes das almas, que cada Espada de Sangue estava destinado a encontrar a uma única mulher em toda a Cristandade, que arcaria com ele e somente seus filhos, e até que a mulher fosse encontrada, ele batalharia e devastaria a terra...

Disponibilização: PRT
Revisão Inicial: Raquel Barros
Revisão Final: Lu Machado
Visto Final: Kátia Maria
Projeto Revisoras Traduções



Wulfson de Trevelyn, cavaleiro de confiança de William o Conquistador¹, nunca encontrou um homem ao qual não pudesse derrotar. Mas na tempestuosa jovem viúva Tarian de Trent, conhecida como Lady Guerreira, Wulf pode ter encontrado finalmente sua igual.

Tendo sido ordenado pelo rei para conter a disputa armada entre Tarian e o tio de seu falecido marido, Wulfson captura a dama, mas cai cativo ele mesmo na sua sombria e sedutora beleza.

Para desgosto de Lady Tarian, entretanto, nem sequer seu espírito lutador nem suas artimanhas são suficientes para dobrar Wulfson à sua vontade. Ela jura que não será a perdedora de sua apaixonada batalha, mas seu próprio desejo por esse irresistível estranho ameaça seu corpo, sua vida e seu coração.

¹ Nota PRT: Rei inglês (1066-1087), nascido em Falaise, Normandia, ficou também conhecido como **William, o Bastardo** ou **William da Normandia** e **Guilherme, o conquistador**. Tornou-se duque da Normandia (1035) e foi respeitado como um os maiores soldados da Idade Média.



Prólogo

01 de maio 1067

Draceadon, Mercia²

Os ornamentados candelabros ardiam brilhantemente ao longo das paredes de pedra do opulento quarto iluminando-a e, com todas suas vívidas cores, pareciam com uma coroa incrustada de pedras preciosas. O mobiliário delicadamente esculpido que invejaria um rei, honrava os grossos tapetes de lã, mas o que atraiu sua atenção quando entraram no aposento foi o enorme leito. Apesar de que as pesadas cortinas estavam fechadas entre os elaborados quatro dosséis, os profundos roncoss do ocupante invadiram o luxuoso quarto, alertando a qualquer um de uma presença próxima.

Era seu noivo desertor, o Conde Malcor de Dunloc.

A bílis no ventre de lady Tarian subiu. Tomou ar e exalou mais lentamente, escutando atentamente, assegurando-se que sua respiração era a de um homem no meio do profundo sono. Com os dedos acariciou o punho de couro de sua espada, ansiosa para ver a ação realizada.

Uma vez que sua discreta inspeção da habitação mostrou que não existia nenhuma outra via de fuga senão o grosso portal de carvalho que acabava de atravessar, e que seus homens estavam em posição, Tarian deu uma olhada em Gareth, o capitão da guarda, que agarrava o esmerado criado do conde. A afiada lâmina da espada estava nivelada perfeitamente contra o pescoço do criado. Assentiu com a cabeça a seu capitão antes de voltar-se para a cama coberta.

Apesar da dificuldade da malha, Tarian deslizou um passo para mais perto da cama. Pressionou a ponta da espada na abertura do tecido e pouco a pouco a empurrou para um lado. Só o alaranjado rubor de vela de sebo e uma pálida pele de homem de costas brilhavam no espaço escurecido.

Um nó se formou no ventre, não de medo, mas sim de repulsa. Murmurava-se que seu prometido preferia passar o tempo com escudeiros, não com donzelas. Rumorejava-se também que tinha encarregado um calabouço nas entranhas da fortaleza onde se “entretinha”.

— Malcor, você pensou que eu não viria te buscar? — exigiu Tarian, com a voz rouca circundando livre no aposento.

A maioria dos homens teriam se levantado extremamente surpreendidos e com medo. Não foi assim com seu prometido. Sem o menor indício de surpresa ou preocupação por seu bem-estar, Malcor se voltou e a atravessou com seu malicioso olhar. O lençol de linho rodou caindo até as coxas, embora fosse um homem musculoso, sabendo o que sabia dele, a vista a repugnou. Tarian apertou os dentes e se manteve firme, motivada pela sua aparência inabalável, apesar da luxúria do homem que tinha funcionado como o covarde que era.

² Nota PRT: A localidade de **Mércia** foi um dos sete reinos que compunham a Heptarquia anglo-saxã, no que é hoje a Inglaterra. Localizava-se na região das Midlands, com centro no vale do rio Trent e de seus tributários. A Mércia fazia fronteira com a Nortúmbria, Powys, os reinos de Gales, Wessex, Sussex, Essex e a Ânglia Oriental. O termo sobrevive hoje apenas nos nomes de algumas unidades policiais e militares inglesas.



Ele se estirou e respondeu preguiçosamente.

— Você acha, lady Tarian, que eu me importaria?

Tarian forçou um sorriso jovial. Não estava tão despreocupada como seu gesto podia ter indicado, mas esse homem só deveria vê-la como a verdadeira guerreira que era. Mostrar-lhe debilidade em qualquer frente a tornaria uma vítima da natureza sádica do conde. Cuidadosamente, seu olhar prendeu o seu prometido em uma brilhante raiva. Ela não sentia raiva de seu tutor por sua escolha. Ou era o matrimônio com o Malcor, o perverso conde de Dunloc, ou, mais a desgosto, o convento. Porque nenhum outro homem mortal a tomaria como esposa.

O convento não a queria, nem ela a eles. Seu sangue Godwinson³, embora fosse uma maldição, também era sua salvação. Foi criada para lutar, criada para comandar, e apesar dos pecados de seu pai, criada para procriar com o melhor sangue da Europa, não para passar intermináveis dias e noites de joelhos orando pelo perdão que tinha sérias dúvidas que qualquer deus, inclusive um tão compassivo como o dela, lhe concedesse.

Assim, o matrimônio com o conde se celebraria. E com a bênção de Deus um menino nasceria de sua união. O sorriso se esticou. Requeria uma única coisa desse homem, e, apesar de sua preferência pelos escudeiros, a extrairia com a ponta da espada se fosse necessário.

— Que negligência de minha parte, Malcor, pensar que um nobre como você consideraria sagrado um contrato de noivado. Assim conhecerei de antemão o caráter do homem com quem me casarei.

— Não haverá matrimônio. — chiou.

Apenas perceptivelmente, inclinou a cabeça para seu prometido. Detrás dela uma vintena de soldados armados se desdobraram, as espadas prontas. Tarian pressionou a afiada ponta de sua própria espada, Thyra, no peito de Malcor. Os pálidos lábios se separaram de uns dentes bastante amarelos.

Ela não poderia honestamente invejar sua ira. Estava de fato forçado a um matrimônio que não desejava, e na ponta da espada, caso necessário, obrigando-o a cumprir com seu dever marital. Que irônico seria, então, que concebesse um filho de um homem que desprezava as mulheres? E ela, a filha de um estuprador real. Não estava seguindo os passos de seu pai? “*Os pecados do pai se repetirão nos pecados da filha*”... Tinha ouvido as palavras toda sua vida, agora infundiria verdade à maldição.

— Nos casaremos esta noite, milord, ou não despertará para ver a manhã.
— Olhou a sua direita, logo atrás de seu ombro, e sorriu para Gareth, que entregou o servo a outro de sua guarda — Ocupe-se de que o conde Malcor seja um noivo adequadamente vestido.

Voltou-se para seu prometido. Não parecia temê-la, o que era estúpido, porque estava bem instruída na arte da guerra e, além disso, seu próprio guarda era uma força a considerar. Se ele não parasse para refletir possivelmente decidisse começar uma dura autoridade com ela. Tarian sorriu de novo ao enorme homem e se encolheu de ombros, de repente não a importava um pinga o que Malcor desejava.

³ Nota PRT: Harold Godwinson (Harold II de Inglaterra). Foi o último rei anglo-saxão coroado, sendo assassinado na Batalha de Hastings.



— Ou não, se protestar muito.

— Lamentará sua ação, lady Tarian. Seu guarda nem sempre estará disponível — ameaçou Malcor suavemente.

O fio resistente em suas palavras a alertou. Uma pequena onda de apreensão deslizou pelas rígidas costas enquanto seus olhares se encontraram. Extremo desprezo encheu os olhos azuis claro do Malcor, e sua pálida pele empalideceu mais sob seu cabelo cor fogo. Não encontraria auxílio desse homem depois que se convertesse em seu marido. Só encontraria penalidades. Mas com um menino e o título de lady de Dunloc, muito poderia ser perdoado. A vida em um convento a sobressaltava ante só a menção de seu nome a enlouqueceria. Assentiu com a cabeça muito ligeiramente ao seu prometido.

— Seu sacerdote nos espera, milord, rogo que não se distraia.

À medida que passava magnificamente pelo quarto, disse a Gareth, por cima de seu ombro:

— E, o Senhor, Capitão. Assegure-se que se lave todo rastro de escudeiros nele. Eu gostaria de ver meu marido limpo em minha cama nupcial esta noite.

— Você é um demônio! Não me casarei com você. — gritou Malcor.

— *Aye*⁴, você casará. — disse Gareth enquanto o pressionava com a ponta da espada.

— *Nay*⁵! Você é uma maldita!

Tarian se voltou na porta, a espada levantada.

— Nós não somos ambos malditos?

Ele a olhou com mudo horror.

Dando um passo dentro do quarto, dirigiu a espada para seu relutante noivo.

— Não se engane Malcor. Esta noite nós estaremos nessa cama como marido e mulher. E você deveria continuar resistindo? — Jogou um olhar ao Gareth e sorriu — Não sou incapaz de forçar a mim mesma. — Deu um passo mais perto. Podia ver a selvagem dilatação de seus claros olhos — Tente uma única vez ser um homem de palavra. Honre seus votos para mim .

Malcor incorporou-se.

— *Nay*! Nunca. Não terei a marca de uma bruxa em mim!

Tarian sorriu com indulgência e assentiu.

— Que assim seja então. Não será o primeiro noivo relutante na Inglaterra.

Duas semanas mais tarde, Tarian se ajoelhou ao lado da mortalha de safira e bordado em ouro que cobria seu marido defunto. A voz baixa do sacerdote zumbia uma oração após outra. A dor incômoda nas costas latejava. Embora não fosse pelas intermináveis horas de joelhos, depois, em pé, só para ajoelhar-se de novo. Era da força do pé de seu marido morto nas suas costas quando a tinha

⁴ Nota PRT: *Aye* tem o significado de sim, mas falado de maneira informal.

⁵ Nota PRT: *Nay* tem o significado de não, mas falado de maneira informal



chutado da cama três dias antes. Para ele, havia sido a última vez para todas as coisas terrenas. Para onde viajava sua alma nesse momento, ela só podia adivinhar. E não a importava. Não haveria nenhuma caridade para os avarentos Dunloc, e não haveria nenhuma oferenda para a Abadia de Hailfox só pela forma em que os sacerdotes oravam. *Nay!* O Conde Malcor merecia o lugar aonde ia, e não sentia nenhuma culpa em assistir sua rápida descida ao inferno.

Finalmente a voz do Padre Dudley teve um fim abrupto. Silenciosamente sinalizou aos poucos congregados que as preces chegaram a seu fim. O corpo seria trasladado a um lugar preparado fora das portas da capela: como era o costume, nem Tarian nem nenhum outro presenciariam o enterro.

Foi ajudada a levantar-se por seu fiel guarda, Gareth.

— Milady? — disse em voz baixa, esperando sua direção.

Ela sorriu para seus preocupados olhos. Sua inquebrável devoção inabalável era sua única salvação nesses dias sombrios. Se ele não tivesse sido o rato debaixo de sua cama desde a sua chegada ao Draceadon, ela seria a única a ser enterrada e não Malcor. Seu olhar se lançou através do banco em direção ao Lorde Rangor, o ambicioso tio de Malcor. Sua chegada um dia antes da morte do Malcor tinha sido uma bênção disfarçada. Quando questionou o estado de seu matrimônio, Malcor incrivelmente não só tinha confirmado que estavam casados, mas também que a relação se consumou.

Só ela, seu marido morto, Gareth, e seu amo conheciam a verdade.

Rangor, vestido em opulento veludo escarlate e açafrão, com o bracelete negro indispensável, gesticulou para o altar e depois apresentou seu braço à sua sobrinha em direito.

— Lady Tarian, faça-me a honra de me acompanhar de novo ao salão.

Não era um pedido, mas uma ordem. E como ela estava curiosa em saber o que pretendia, Tarian assentiu com a cabeça a Gareth e tomou o braço oferecido por Rangor.

Quando a arrastava pelo comprido corredor, e logo saíam para a quente brisa da primavera, o negro cabelo revooou ao redor da cabeça. Não o tinha preso como uma mulher casada, nem como deveria fazer uma viúva. De fato, deixou-o solto e amarrado em fitas. Tampouco se vestiu de negro como uma viúva. Nunca poderia ser acusada de falsas emoções: a relação que teve com o Malcor foi dissimulada pelo bem da conveniência. Desprezavam-se mutuamente. Que estivesse morto era devido a seus próprios atos.

Sem dizer uma palavra, aproximaram-se da fortaleza de pedra e madeira conhecida em todas as partes como Draceadon. A Colina do Dragão. Era uma estrutura digna, e uma que ela chamaria de lar durante os vastos anos por vir. Mordeu o lábio inferior e se perguntou como orquestraria tal manobra. Inclusive embora não fosse capaz de produzir um herdeiro, a lei, tal qual, estava ao seu lado. Mas a Inglaterra era um turbulento poço negro de intriga e anarquia: os velhos costumes não podiam preponderar.

Na soleira do grande salão, Rangor se deteve e tomou sua mão entre as suas.



— Milady, desejaria ter umas palavras em particular com você, se me permitisse. — ele suplicou.

Uma vez mais Tarian consentiu. Não porque ele pediu, mas sim porque ela desejava. Ele olhou para onde Gareth, junto com a metade da guarnição, aguardavam. Uma vista mais que imponente para qualquer homem ou mulher. Sempre, ela estaria grata por sua presença.

— Completamente em particular — insistiu Rangor.

— Meu homem se manterá afastado.

O servo de Rangor apareceu do interior do salão, como Ruin, o criado chorão do Malcor. Sua bílis subiu. Os dois estavam tramando algo: tinha visto Ruin sair de Draceadon imediatamente. Facilmente, Rangor a guiou cruzando a larga soleira do Draceadon. Logo que entrou na frieza do grande salão, as pesadas portas se fecharam atrás dela e os ferrolhos foram fechados. Girou-se rapidamente para encontrar meia dúzia dos homens do Rangor bloqueando a saída. Voltou-se para o Rangor, que se mantinha, também muito cheio de si, ao seu lado.

A voz de Gareth gritava do outro lado. Estava golpeando a porta, exigindo entrar.

— O que significa isto?! — exigiu.

Rangor sorriu. Sem nenhuma calidez.

— Tenho uma proposta para você, lady Tarian, uma que desejo que pense sem o conselho de seu homem Gareth, nem qualquer outra pessoa, para este assunto. E queria ter sua resposta agora.

O temor agitou seu ventre, como se fossem as ondas do oceano se chocando contra as dentadas rochas da costa galesa. Jogou um olhar sutil a seu redor, os homens de Rangor a rodeavam por toda parte.

— Diga-me o que deseja.

Rangor lhe fez uma reverência, depois se ergueu e a confrontou.

— Proponho que visitemos o sacerdote depois que meu sobrinho esteja guardado na terra.

Tarian franziu o cenho.

— Com que propósito?

— Para nos casar.

Tarian ofegou. O contínuo tamborilar na porta, combinado com sua impactante proposta a sacudiu todos os nervos. Casar-se com Rangor? Nunca! Discretamente os olhos vasculharam os arredores procurando a arma mais próxima. Embora sua enfeitada adaga pendesse no cinturão de tecido, uma espada se adequava melhor ao que ela tinha em mente. Poderia conduzir a arma, assim como qualquer homem, mas nenhuma estava ao seu alcance, e os homens de Rangor eram muitos e bem armados.

Sua melhor defesa era, pois, sua mente sagaz. A reação inicial foi dizer ao homem que sob nenhuma circunstância se casaria com ele. Mas o jogo que interpretavam devia ser jogado com a cabeça fria. Estava muito consciente que pisava em um gelo muito fino.



— Sinto-me muito honrada, milord, mas sou viúva só há três dias. Não é digno me casar tão depressa.

O sorriso do Rangor se ampliou. Possuía os mesmos largos dentes amarelos que seu sobrinho. Involuntariamente, Tarian se estremeceu quando reviveu a dor dos dentes do Malcor nas costas. E embora a similaridade familiar fosse forte, onde a pele do Malcor era lisa com o escasso indício de uma barba para um homem de vinte e quatro anos, Rangor, com o dobro da idade de seu sobrinho, tinha a áspera pele picada afetada pela varíola. Tampouco tinha a alta e musculosa figura de seu sobrinho. Nay, Rangor recordava a uma invertebrada enguia, e qualquer contato com ele, em qualquer nível, estava fora de questão.

— Garanto-lhe milady, não cobiço moços em minha cama. Sou um homem em todos os sentidos e seria um marido luxurioso.

Tarian manteve sua compostura, e rapidamente formulou uma mentira para conseguir mais tempo.

— Seja como for, senhor, seu sobrinho não tinha problemas na cama matrimonial. De fato, foi tão viril, que deveria dar a luz no ano novo.

O sorriso do Rangor se desvaneceu, embora pressionasse ainda mais.

— Não acredito. Conhecia meu sobrinho, e sei que não podia suportar a vista de uma mulher.

— Os lençóis ensanguentados foram a prova.

— Sangue de ovelha.

— Nay! — negou, movendo a cabeça — Meu sangue virginal!

Ele agitou as mãos.

— Não tem importância. Eu gostaria que nos casássemos no pôr-do-sol de depois de amanhã.

— Nay, não posso.

— Você casará. — pressionou Rangor.

Ela se esticou com decisão.

— Nay, não casarei. Não pode me forçar.

— Você forçou Malcor.

Tarian forçou um sorriso.

— Só lhe recordei seu público e pessoal juramento para casar-se comigo.

— Você abriria mão de seu título? — perguntou Rangor, varrendo com o braço o vasto salão.

Tarian se manteve firme.

— Meu título não depende das minhas bodas com você, Rangor.

— Será quando eu relatar ao rei que assassinou meu sobrinho.

O desafio do Tarian se esfriou.

— Malcor provocou sua própria morte.



Rangor inclinou a cabeça para Ruin.

— Ele não diz isso.

Tarian estreitou os olhos para o bobo afetado que sorria.

— Ele mente — voltou-se para o nobre, e apesar dos golpes continuados na porta, falou calmamente e tocou a mão dele. — Mas não tem importância. Antecipei sua intervenção aqui. Enviei uma mensagem a Normandia. Terei a ordem de William por meu direito a estas terras sobre você. O mensageiro partiu no dia da morte de Malcor.

O pálido rosto do Rangor ficou vermelho, as bochechas inchadas, e os punhos abrindo-se e fechando-se na cintura.

— Lamentará este dia, lady Tarian! Draceadon e tudo o que lhe pertence são meus por direito de sangue. Não terei uma assassina sentada no soalho enquanto meu sobrinho se decompõe por sua mão! — voltou-se para seu guarda — Levem-na às masmorras!

Tarian agarrou a adaga enfeitada de seu cinturão. Girando ao redor, apunhalou o homem mais próximo, logo retrocedeu para a porta que tremia sob a fúria de Gareth. Os guardas se aproximaram dela, mas ela não iria se entregar sem luta. Tinha girado rapidamente mais uma vez para atacar o homem mais próximo quando agarraram sua mão por trás. Um punho apertou-lhe os dedos até que a adaga caiu ruidosamente no chão de pedra. Sem cerimônia foi levantada sobre uns amplos ombros.

— Eu o matarei por isso, Rangor! — gritou.

O ignóbil aproximou-se dela. Seriam necessários três homens para dobrá-la suficientemente. Pressionou-a estreitamente o rosto, mas foi inteligente o suficientemente para manter-se longe de seus dentes.

— Terá tempo para mudar de opinião. Darei-lhe duas semanas. Ou estamos casados para quando chegar o mensageiro de William, ou o informarei que você está morta, executada pelo assassinato de meu sobrinho e conde!

— Vão se preparando para apresentar meu corpo, Rangor, já que tenho o testamento de Malcor. Deixou tudo para sua legítima esposa! — riu de seu aturdido rosto — E o deixou na abadia do Leominster!

Rangor empalideceu.

— Onde ele está? — ele sussurrou.

Cuspiu-lhe.

— Você nunca irá encontrá-lo!

Com um movimento lento, limpou a saliva da cara.

— Desfrute de sua estadia com os ratos, milady. Ouvi que gostam da carne humana.

Capítulo 1

27 de maio 1067



Ruan, Normandia

— Parece, meu bom cavaleiro, que preciso mais uma vez de seus serviços nessa minha problemática terra, do outro lado do canal. — disse William não muito feliz a Wulfson de Trevelyn, o capitão de sua guarda de elite *Les morts*⁶.

Wulfson fez uma profunda reverência ante seu rei, que o saudou com um gesto de impaciência. O Duque da Normandia, e recentemente coroado Rei da Inglaterra, passeava pelo grosso tapete de lã de seu hall. William estava vestido com o traje real de alguém de sua posição. Entretanto, sua armadura estava perto, um aviso constante de que nada tinha sido fácil para ele, e no fundo, ele era um verdadeiro guerreiro. O Rei de Wulfson tinha lutado desde que era um moço para manter sob controle o legado que lhe deixou seu pai, e tinha posto de joelhos todo um país ao reclamar o prometido por um rei morto.

— Estou como sempre, meu senhor, ao seu serviço — disse Wulfson.

— Parece que a conquista de toda uma nação não é suficiente para reduzir essa insuportável dinastia Godwinson.

O interesse de Wulfson foi despertado quando foi convocado em privado ao hall de seu soberano. Agora todo seu interesse estava empenhado.

— Majestade?

William, perto dos quarenta, mas ainda um homem saudável, tinha a força e a agilidade de um homem da metade de sua idade. Os cautelosos olhos sorriram apesar do seu rancor.

— Aye, moço, parece que a neta desse salafrário Godwine, por parte de seu filho mais velho, o bandido Sweyn, conseguiu não só se casar com o Conde Malcor de Dunloc, um mais que estratégico aliado no oeste, mas também a cadela sedenta de sangue veio a rachar a garganta do pobre tolo enquanto ainda estava no leito nupcial!

Wulfson assobiou com surpresa e, teve que admitir, admiração. Tinha ouvido histórias sobre as mulheres Wessex. O sangue saxão e viking corria ardente e profundamente em suas veias. Algumas, tinha ouvido, haviam lutado junto com seus homens no Stamford Bridge⁷. Eram um luxurioso e guerreiro grupo. E ele bem poderia identificar-se. Sua própria cobiça pela batalha era o sangue de sua vida.

William serviu um bom gole de vinho em uma taça de ouro. Deu a Wulfson, e em seguida, serviu a si mesmo.

Wulfson aceitou a oferta e calmamente pensou por que havia sido convocado ante sua majestade. William o olhou penetrante. Wulfson considerou a posição de seu rei no assunto e refletiu em voz alta.

— Se a Casa de Wessex levantar sua ambiciosa cabeça, quem pode dizer que uma sobrinha com sangue do usurpador vinculada a vários tronos, não poderia reunir um exército e reclamar para seu filho o que em justiça é seu?

⁶ Em francês: “os mortos” – em referência à lealdade e coragem.

⁷ Nota PRT: A **Batalha de Stamford Bridge**, na Inglaterra, é considerada como o início da decadência dos Vikings na Grã-Bretanha. Teve lugar a 25 de Setembro de 1066, pouco depois do exército viking liderado por Haroldo Hardrãde da Noruega ter invadido a Inglaterra e derrotado o exército dos nórdicos Edwin de Mércia e Morcar da Nortúmbria na Batalha de Fulford, duas milhas a sul de York.



William apurou a taça e a depositou com um golpe sobre a mesa auxiliar.

— Ela tem um exército! Foi dessa forma que levou o primeiro conde ante seus joelhos e logo ao matrimônio.

Wulfson riu com satisfação.

— Ah! Agora isso é um reviravolta, uma lady forçando um homem ao matrimônio!

William começou a passear novamente e murmurou:

— Se tivesse uns quantos mais como ela aqui para guardar minhas fronteiras, não teria nenhuma razão para dar voltas na cama de noite.

Wulfson se inclinou ante seu preocupado Rei.

— O que quer que eu faça, majestade?

William se voltou e olhou a seu capitão.

— Você está entre os poucos em quem coloco minha completa confiança. Você e seus Espadas de Sangue são os melhores no que fazem. — William franziu o cenho de novo — recebi três cartas em uma semana que suponho que foram elaborados em Mércia. Uma, da mesma dama pedindo que sua reclamação sobre Dunloc seja validada. A segunda é do capitão de sua guarda me alertando de sua captura pelo tio buscando matrimônio, Rangor de Lerwick. E a terceira, do Lerwick, me informando que a dama é uma bruxa que enfeitiçou seu sobrinho e logo lhe cortou a garganta, só para reclamar as propriedades de Dunloc. Rangor, é obvio, agora reclama as terras por direito de sangue e me roga que a castigue por assassinar seu sobrinho.

— A dama é uma assassina e uma viúva sem descendentes. Que direito tem?

— Não há nenhuma reclamação válida para ela, se o que Lerwick diz é verdade, mas ela alega ter um testamento válido. — William parou o seu ritmo agitado e espetou Wulfson com um duro olhar penetrante. — A dama é um espinho em meu flanco, que se infectará se deixar sem tratamento. Colocando suas ações vis para um lado, qualquer Godwinson vivo é uma ameaça para a Inglaterra e, portanto, para mim. Em suas capazes mãos, senhor cavaleiro, eu coloco sua vida. Ocupe-se que ela já não represente uma ameaça para nenhum homem.

Wulfson estava a ponto de tomar outro gole de vinho quando o braço se deteve, suspenso no ar diante das palavras de seu rei.

— Mas, majestade, é um membro da realeza.

— Um membro da realeza que assassinou um conde!

Wulfson permaneceu em silêncio, tomando tempo para pensar atentamente no pedido de seu rei.

William socou o punho contra a outra mão.

— Não conheço nenhuma outra maneira.

Wulfson franziu o cenho. Não tinha nenhum problema em cumprir a ordem de seu rei, mas não estava convencido de que os meios justificassem os fins. Seus olhos se encontraram e Wulfson só viu determinação nos olhos cinzentos do rei.



William raras vezes trocava de ideia uma vez que se decidia. Wulfson bateu os calcanhares juntos, fazendo tilintar as esporas.

— Considere a ação realizada, majestade.

Os lábios do William desenharam uma linha apertada antes de falar.

— Quantos menos conheçam sua razão para retornar a essa insofrível ilha, melhor. Que não se diga que o Rei William assassina a mulheres da nobreza, apesar de que a lei apoiaria sua execução.

Wulfson assentiu com a cabeça.

— Enviarei uma mensagem a Rohan, solicitando mais homens.

William se voltou, serviu outra taça e tomou um longo gole.

— É um medida sábia. Mas há uma mais coisa. Um obstáculo pequeno, estou seguro.

Wulfson esperou, já ansioso de pôr os cascos de seu cavalo de novo sobre o sólido chão inglês.

— Rangor, arrogantemente, já reclamou as terras apesar de ter solicitado minha intervenção e recusa liberar lady Tarian. Compreensivelmente, o exército da dama sitiou a fortaleza, negando a qualquer um a aproximação.

— Tirarei a ambos do meio.

— Não duvido, Sir Wulfson. Mas com sutileza. — advertiu William— Embora não me importe nada o que acontecer ao exército da dama, não quero inimizade com Rangor. Ele conta com alianças longamente estabelecidas com os galeses, que já estão causando problemas ao longo da fronteira. Leve a cabo a ação, de maneira discreta, e no tempo preciso, a fim de que possa encontrar uma adequada noiva normanda para o novo mestre de Dunloc.

Wulfson se inclinou ao seu rei e logo saiu rapidamente do gabinete, o sangue acelerado pela antecipação.

A Inglaterra esperava.



Capítulo 2

06 de junho 1067

Draceadon, Mercia

— *Lorde Rangor!* — gritou Wulfson em claro inglês, para a enorme construção de pedra e madeira conhecida em todas as partes como Colina do Dragão. Apesar de estar bem situada sobre uma extensa colina, não havia fosso, nem seco nem úmido, como era costume na França, nem tampouco havia uma ponte levadiça. Só um muro alto rodeava a estrutura, com duas impressionantes portas de madeira cravejadas em metal ajustadamente fechadas contra todos os predadores. A pedra alta da fortaleza, as vigas das paredes e as amplas muralhas eram, aos olhos experimentados de Wulfson, inacessíveis. Mas, maldita seja. Durante seus muitos anos de guerra, nunca tinha encontrado uma fortaleza impenetrável. Enquanto ele tivesse paciência, sempre seria capaz de encontrar uma rachadura e tirar proveito dela. Tinha todas as razões para acreditar que a mesma estratégia se aplicaria aqui. O tempo era seu aliado neste dia.

Porque, se o senhor por trás das nefastas paredes rechaçasse sua petição, então ele estaria esmagado sob a severa fúria, não só dos Espadas de Sangue, mas também do poderoso punho de William.

— Venho em nome do Rei William. Permitam-nos a entrada!

Quando não houve nenhuma resposta, e sem vontade de perder tempo com os arrogantes saxões, Wulfson levantou o braço direito. Tuold, seu poderoso cavalo de batalha negro, mudou seu peso sobre os poderosos cascos.

— Calma, menino. — acalmou a fera selvagem.

— Peguem as flechas! — gritou Wulfson.

Não precisou dirigir-se nem à direita nem à esquerda para ver a ordem cumprida. Seus irmãos de armas, os *les morts*⁸, o esquadrão de morte de elite de William, não seguravam uma ou duas, mas três flechas em seus alargados arcos. Logo, a parte de madeira da fortaleza, junto com os edifícios interiores cairia, e com isso, sua entrada estaria garantida. Não seria mais difícil que sua visita matutina ao banheiro.

Todos eles eram guerreiros experientes. A tarefa se completou em menos tempo de piscar duas vezes. Wulfson baixou o braço, e o doce som sussurrado de duas dúzias de flamejantes flechas se arquearam por cima de sua cabeça como doce música para os ouvidos. Levantou o queixo e, por debaixo do negro casco cônico, observou as flechas curvarem, unirem, logo inundarem como uma e cair sem piedade como chuva sobre as pessoas que resistiam no Draceadon.

Salvo pelos poucos chiados e gritos acima, não esperou uma recuperação imediata do assalto. Voltou-se ligeiramente na cela e olhou à direita, onde os cavaleiros vestidos de negro como ele, com suas armaduras negras, seus negros cavalos embelezados como o seu, em couro negro com pontas de metal; segurando três flechas a mais, Ioan, Warner e Stefan. À esquerda, Rorick, Thorin e

⁸ Em francês: os mortos. Guarda de elite do Rei William.



Rhys. Os sete, menos seu companheiro Rohan Du Luc, tinham estado nos últimos sete anos funcionando como uma unidade. Parecia raro e estranhamente desconcertante não ter Rohan a seu lado. Era como se lhe faltasse uma mão ou um braço. Mas o homem esperava o nascimento de seu primeiro filho e, embora tivesse oferecido um bom argumento para acompanhá-los, Wulfson deu pouca importância a esta missão como se fosse algo que pudessem fazer dormindo.

Estava aqui para eliminar Lady Tarian, um inimigo do Estado. E era uma mera mulher, de fato. Não lhe causaria muito esforço. Na realidade, esperava estar de volta a Normandia em uma quinzena.

Assentiu com a cabeça e as flechas tomaram o vôo pela segunda vez, o mesmo arco alto iluminando o úmido céu cinza como uma massa de estrelas de fogo fugazes.

Uma vez que essas flechas encontraram seu destino, Wulfson se voltou para seus homens.

— Entalhem as peles, apontem às chaminés da cozinha.

Era um velho truque que funcionava cada vez que era empregado. Apesar de que eram mortais espadachins, seus homens eram arqueiros tão peritos, que podiam disparar uma grossa pele a um quarto de légua de distância e golpear seu objetivo no centro. Desta vez, simplesmente tinham que disparar por cima das paredes da fortaleza às cristas do topo das chaminés. Uma vez que a estrutura se incendiasse, o fogo se propagaria, e logo, como ratos em uma inundação, os habitantes escapariam em busca de ar e se atingiriam o ponto mais alto. Então, Wulfson e seus homens teriam escalado as paredes queimadas e teriam controle dela.

Wulfson quase bocejou. Era uma tarefa de escudeiro.

Mas antes que disparassem as peles, uma voz gritou do alto da muralha dianteira.

— Suspendam seu ataque e se identifiquem!

Wulfson levantou o escudo.

— Mostre-se se nos vamos *parle*⁹! — gritou ao homem, sendo muito cuidadoso de não aproximar-se muito da borda das paredes que podiam ser embebidos de piche que lhes queimariam ou lhes lançassem uma chuva de granizo de pedras e pregos.

Graças ao guarda de lady Tarian que tinha encontrado no bosque justo passando pelo povoado de Dunloc, Wulfson soube que a fortaleza, embora de aspecto temível, não mantinha os acessórios necessários para uma batalha. Apenas um arco existia dentro dos muros. Com a maioria dos homens perdidos, primeiro no Stamford Bridge e depois no Hastings, não havia nada mais que mulheres e meninos em sua maior parte para proteger o edifício e as terras. Salvo pelas abundantes provisões para manter-se firmes ante um prolongado assédio, Draceadon estava severamente desprotegido ante qualquer invasão.

Agindo como se tivesse notícias importantes para lady Tarian, Wulfson pôde enganar o capitão de sua guarda ao oferecer ajuda e Gareth foi uma fonte de informação.

⁹ Nota PRT: Falar em francês



— Dizem que estão aqui em nome do William, mas quem são? — desafiou-lhe uma clara voz.

Provavelmente era Rangor, o tio do recentemente defunto marido da dama, certamente não um servo.

— Sou Wulfson de Trevelyn, capitão dos *morts*, guarda particular do Rei William. Tenho um assunto privado para discutir em seu nome com lady Tarian.

Um comprido silêncio se produziu. Wulfson assentiu com a cabeça e as peles voaram. Passou um tempo, logo, repentinamente ondas de escuridão e batente fumaça saía do alto.

Momentos depois, a mesma voz gritou ao Wulfson.

— Informem a seu Rei que lady Tarian está morta.

— Que conveniente para Rangor. — disse Ioan ao lado do Wulfson.

— Aye, que conveniente, certamente. — Wulfson levantou a vista — Suas palavras exigem a prova. Abram as portas e apresentem seu corpo! — gritou Wulfson para a muralha. Logo se voltou para Ioan a sua direita imediata e disse só para os ouvidos dos Espadas de Sangue: — Esperemos que diga a verdade. Economizaria-me a tarefa.

Ioan riu, um som sinistro.

— Se for incapaz de cumpri-la, Wulf, eu não terei tal problema.

Wulfson franziu o cenho sob o casco, com um olhar cauteloso.

— Tampouco eu. Um inimigo da Coroa é um inimigo da Coroa, não importa o sexo. É a mesma coisa para mim.

Enquanto os dois homens continuavam a conversa, um corpo foi jogado por cima da parede da muralha. Wulfson insistiu a seus arreios para retroceder quando o corpo de uma mulher ricamente vestida caiu diante as patas do Turoid. Experiente em tais distrações, o garanhão negro permaneceu imóvel, esperando só a ordem de seu amo.

— É ela, agora fora! — ordenou a voz do alto.

Wulfson levantou a vista para ver um brilho de tecido verde escuro desaparecer detrás da pedra.

— Pelo sangue de Deus! — disse Ioan — O homem não tem honra!

— Aye, aparentemente posso ter subestimado a ambição do homem.

— Este corpo foi deteriorado. Não é uma morte recente. — assinalou Rorick — O ventre está danificado.

Wulfson assentiu com a cabeça, o olhar descansando sobre o corpo retorcido e quebrado ante ele. Com cautela se apeou e ordenou aos Espadas de Sangue para tomarem cuidado. O pescoço da mulher estava em um ângulo antinatural, mas suspeitava que isso não fosse o que a tinha matado. O cabelo castanho escuro cobria a maior parte de seu rosto. Agachou-se junto a ela. Embora uma assassina, lady Tarian tinha uma beleza de renome, com o cabelo de cor negra como o azeviche e olhos, diziam, como a cor do Mar do Norte. Era conhecida também por sua baixa estatura, e esta mulher, embora de cabelo



escuro, tinha as extremidades largas. Apartou-lhe o emaranhado cabelo do rosto. A escura pele estava estirada sobre as grossas maçãs do rosto. A boca estava aberta e os escuros dentes podres agarravam uma inchada língua negra. Abriu uma pálpebra. Embora o filme pálido de morte o nublassem, podia ver claramente que a cor natural do olho era escuro, marrom ou negro possivelmente. Certamente não a cor dos olhos que se dizia que possuía a princesa guerreira. Percorreu o olhar para baixo do corpo quebrado para suas ásperas mãos. As mãos de um servo, não de um membro da realeza.

Wulfson olhou a torre da muralha. Que classe de estúpido Rangor achava que ele era? Ficou em pé em toda sua estatura e se voltou para Gareth, o capitão do guarda da dama. Ele estaria seguro.

— É esta sua senhora?

O alto dinamarquês avançou lentamente, como se não pudesse suportar ver por si mesmo e, embora usasse um capacete, Wulfson pôde ver o rosto empalidecer e o medo nos olhos. Tolo! Era óbvio que tinha algo mais que um sentido de dever para com sua senhora. Gareth deu uma olhada ao corpo e deixou escapar um comprido suspiro de alívio.

— Nay, senhor. Não é minha senhora.

— Retroceda então homem, e que seus homens tragam o aríete¹⁰. Estou cansado dos jogos de Rangor.

Uma vez que o aríete foi trazido, não demorou muito tempo para que as grossas portas de carvalho inglês cedessem sob as forças combinadas dos homens de Wulfson e de Gareth. Wulfson viu a determinação do dinamarquês para chegar até sua senhora, e com muito gosto lhe permitiu gastar sua energia e a de seus homens. Servia bem a Wulfson para que uma vez dentro, quando o homem comunicasse a sua dama que saltaria da prisão para um exílio permanente, não houvesse outra batalha de aguentar e atirar.

Ela pagaria com sua vida, não porque os rumores a chamassem bruxa ou porque fora uma imputada assassina. Nay, sua mais vil ação era sua relação com o falecido Rei Harold. A sobrinha de sangue não poderia manter sua poderosa posição entre seus aliados saxões. Todos os Godwinsons eram uma ameaça a William, e esta, de maneira especial. Seu sangue era muito azul e também real. Era sangue pelo qual seus homens e mulheres compatriotas tomariam as armas para proteger, devendo dar a luz a um filho de Dunloc.

Gareth tinha sido uma fonte de informação. Depois que a boa dama carinhosamente tinha talhado a garganta de seu marido e Rangor foi inteirado do fato, seus homens haviam sido expulsos do castelo. Enganados, por assim dizer. Todos, menos sua senhora. Gareth tinha esperado, fazendo cerco, tratando em vão de resgatá-la do tio demente. Em vão. Desta forma o capitão da guarda foi de grande ajuda quando Wulfson o encontrou por acaso esta manhã.

O intenso ritmo que cantarolava o timbale. A profunda cadência monótona dos aríetes mantinha o compasso, não apenas para dobrar o ataque, mas também para intimidar e instigar, soando sinistramente claro no ar da manhã. Justamente quando a porta cedeu terreno, espessas ondas de fogo foram jogadas do alto. Sempre cauteloso, Wulfson tinha mantido seus homens na parte posterior dos

¹⁰ Nota PRT: Madeiro pesado, com ponta recoberta de ferro, usado para romper portas de fortalezas.



aríetes. Os horrorosos gritos de vários dos homens de Gareth, quando sucumbiram ante o negro lodo borbulhante, se perderam nos ouvidos do Wulfson. Tinha ouvido o grito da morte e tortura muitas vezes para que lhe incomodasse. Ele e os Espadas de Sangue tinham sobrevivido ao inferno para contá-lo. As desumanas coisas que o homem fazia ao homem eram uma parte que conduzia ao Wulfson a vigiar as costas, trabalhar os músculos todos os dias para tê-los em plena forma e aperfeiçoar continuamente suas habilidades. Não tinha ilusões que viveria para ver uma barba cinza e netos. Se vivesse até os quarenta, morreria como um homem satisfeito, mas nunca cairia sem lutar por sua vida.

Conteve Tuold para longe das chamejantes gotas e observou nervoso como Gareth tentava em vão resgatar os três homens. Não havia nada que pudesse fazer por eles.

— Afastem e continuem! — ordenou Wulfson.

— Senhor, — protestou Gareth— são meus homens!

Wulfson assinalou com a espada para a massa negra carbonizada.

— O tempo voa em rápidas asas. Estão condenados. Cortem-lhes o pescoço se for necessário, mas continuem!

Gareth se adiantou, a espada desembainha e levantada. Wulfson grunhiu e tirou a segunda espada curta de dupla bainha nas costas, com que cada um dos Espadas de Sangue carregava, assinalando para baixo ao resto dos homens de Gareth, que foram em apoio ao seu capitão. Wulfson apertou os flancos de Tuold e conduziu o maciço cavalo à briga, pressionando a ponta de uma das espadas no peito do Gareth.

— Perde tempo com homens que morrerão sobre os que viverão. Afaste-se ou cairá onde está!

Gareth se manteve firme. Um gigantesco homem viking, conhecido como Thorin, agora estava sentado escarranchado sobre seu grande cavalo de batalha detrás de Wulfson, sempre vigilante. Um guerreiro, sem dúvida, mais o engano fatal de Gareth era que possuía um coração. Wulfson sacudiu a cabeça. *Louco. O coração é o que leva um homem à morte.*

Ele empurrou relutante guerreiro com seus homens atrás dele. Não perderia outro momento pelo débil estômago do outro. Não era de se estranhar que a senhora de Gareth estivesse à mercê de Rangor. Provavelmente não tinha tido estômago para fazer frente ao nobre saxão.

Wulfson olhou para a muralha e depois desviou a vista para a grossa porta que pendia das dobradiças. Embora não estivesse totalmente aberta, havia suficiente brecha para que ele e seus homens empurrassem como uma unidade a cavalo, e abrissem passo para o que sabia, pela detalhada descrição de Gareth, a um considerável muro e logo um pequeno pátio mais acima. E ali necessitariam dos aríetes outra vez. Sem dúvida, seriam pressionados com mais altura, pois as paredes interiores da fortaleza eram altas, que podiam ser vistos da estrada da vila, elevando-se a grande altura como as asas de um grande dragão.

— Preparem-se para entrar no pátio. — gritou Wulfson a seus homens, e logo fez um gesto para que se aproximassem. Quando estavam todos em um apertado semicírculo a seu redor, deu suas instruções. Uma vez que



compreenderam, chamou Gareth — Façam que seus arqueiros cubram meus homens à medida que avançarmos. Quero que umas surriadas de flechas nos precedam. Continuem com o assalto até que eu dê palavra de cessar!

E assim entraram. Wulfson e seus homens levantaram os enormes aríetes e montados nos lombos de seus grandes cavalos de batalhas negros golpearam através dos portais de carvalho no pátio, onde certamente foram recebidos com um dilúvio de flechas. Mas estavam preparados. Com os escudos levantados e à maneira da velha tática romana da tartaruga, moveram-se como uma unidade para a porta que levava diretamente à fortaleza. Uma chuva de flechas voou além deles para o interior das muralhas, e as maldições dos homens quando eram golpeados fizeram Wulfson sorrir. Enquanto se aproximavam das largas portas, Gareth e seus homens cobriram a retaguarda com os dois aríetes e outra vez os tambores marcaram o ritmo enquanto a ação era repetida. Não houve lançamentos desta vez e nenhuma outra forma de ataque se produziu. De fato, os habitantes do pátio trabalhavam fervorosamente para salvar suas moradias dos incêndios. Mas, aparentemente, tudo havia se tornado calmo na fortaleza. Tinham esgotado o escasso aprovisionamento de munições?

Rapidamente, as grossas portas foram rompidas. Mas em lugar de irromper através delas, Wulfson levantou a mão para que seus homens e os de Gareth se detivessem.

Durante os longos momentos que pendiam pesadamente antes de transpassar o próprio edifício, a bruma do sol do meio-dia, misturados com o pesado silêncio, pairava ao redor como um manto de lã empapada. A execrável quietude perturbou Wulfson mais que um completo ataque. Rangor, sem dúvida, guardava algo sob a manga para entrada no salão da fortaleza.

Ainda a cavalo, com o escudo levantado, Wulfson se afastou em ângulo, de modo que não pudesse ser visto do interior exceto por alguém a curta distância.

— Dou-lhes uma última oportunidade, Rangor. — gritou para o grande salão — Me entregue Lady Tarian ou me verei obrigado a te destruir.

— Está morta! — soou a voz gritante... e perto.

Exatamente no interior do grande portal.

— Pode estar, mas não tenho provas. Permita-me a entrada a fim de que possamos *parle*. William não deseja disputar com você, senhor. Valoriza sua lealdade, assim como a de seus aliados do oeste. Só vim falar com a senhora. Uma vez feito, voltarei para meu amo e senhor na Normandia.

— Me dê seu juramento de que não me farão mal.

— Dou meu juramento de que não lhes farei mal, a menos que meus homens ou eu sejamos provocados.

Passaram longos minutos. Wulfson estava cada vez mais irritado.

— Dou meu juramento, a você e a seus homens, de que não serão perseguidos.

— Então se aproxime e se apresente.

Um leve som não muito longe do grande salão chamou a atenção de Wulfson. Dos arreios de Tuold, viu um homem, uns anos mais velhos que William,



mas nem de perto tão em forma, sair do escuro abismo. Vestia ricas vestimentas, e suas linhas aristocráticas eram bem definidas. Mas o que notou mais que a sua indumentária e porte, foi o cabelo vermelho brilhante e os pálidos olhos azuis. A Wulfson recordou uma ardilosa raposa islandesa. E nesse momento soube que em nenhum caso era um homem para confiar.

Os olhos do nobre voaram para o Wulfson, seus homens, e logo a Gareth, que tinha avançado até quase ao mesmo nível do Wulfson.

— Sou Rangor, Senhor de Dunloc. No que posso servir a meu rei?

— Não é o senhor daqui! — disse Gareth, dando um passo para passar Wulfson, cujo braço esquerdo, espada em mão, saiu disparado para evitar que o dinamarquês se adiantasse.

Em voz baixa, Wulfson advertiu ao guarda.

— Meu bom homem, respeito sua ira. Mas eu estou a cargo aqui. Para trás.

Esperando que Gareth consentisse imediatamente, o que ele fez, Wulfson voltou sua atenção a Rangor. Em um lento deslizar, apeou-se, e com as duas espadas em mãos se dirigiu para o altivo nobre. Aye, Rangor se mantinha alto e erguido. Arrogante. Os olhos claros mostraram apenas um espio de medo, mas Wulfson não precisava vê-lo nos olhos de um homem, podia cheirá-lo. Igual as grandes bestas lanosas que vagavam pela ilha usando os sentidos para captar as suas presas, seus inimigos e suas companheiras, os instintos de Wulfson estavam altamente afiados. Rangor era um homem com segredos. E amedrontado.

— Onde está lady Tarian?

— Como já lhe disse, está morta.

— O corpo que lançastes sobre a muralha não é o da dama. Tem outro para que o examine?

— Nay. Não há corpo. — admitiu Rangor.

— Ela vive! Juro, eu saberia de sua morte! — exclamou Gareth sem poder se conter.

Rangor mostrou um lento sorriso, sádico e friamente olhou ao capitão da guarda.

— Aye, você saberia. É imoral seu desejo por ela. Se tivesse vivido, dentro de nove meses, sem dúvida, veríamos a prova de que não era digna do título que levava. Apostaria cada parte de terra que possuo que a moça derramaria um gigante menino loiro. — divertiu-se Rangor.

— Como pereceu a senhora? — exigiu Wulfson.

Rangor centrou esses desumanos olhos claros de novo em Wulfson.

— Ela sucumbiu a uma ferida que sofreu quando matou meu sobrinho. O corpo foi devolvido ao seu tutor Lorde Alewith em Turnsly.

— É mentira. — sussurrou Gareth.

— Por que mentiu? — duvidou brandamente Wulfson, não vacilando do conhecimento que sabia em suas entranhas, como fazia Gareth, que a dama vivia.



Os olhos azuis claros se levantaram para o teto, logo à esquerda, depois à direita, antes de retornar ao Wulfson.

— Eu... eu temia que meu senhor não acreditasse na verdade.

— Não é a ele a quem devem temer senhor, a não ser a mim. Venho em seu nome. Ele me dá o direito não só de falar em seu nome, mas também de atuar. — deu um passo mais perto e pressionou as pontas de ambas as espadas no peito de Rangor — E deploro a mentira. É similar à traição. Sabe como William trata os traidores?

Lentamente Rangor negou com a cabeça. Wulfson notou o brilho de suor que lhe salpicava a testa. Embora fosse um dia quente, a umidade pairava sobre eles como um jarro de água fria e estava fresco no interior da grande fortaleza.

Se as olhadas pudessem cortar Wulfson em dois, teria caído em duas partes no chão de pedra, tão agudo era o olhar de Rangor.

— Não queria causar a meu Rei, ou ao seu homem, excessiva angústia, mas antes de continuar com esta discussão, *sir* Wulfson, me permita lhes recordar, já que vocês são guarda do rei, que meu primo Rhiwallon e seu meio irmão Bleddyn são os Reis de Gales por direito próprio. Ambos são muito protetores com seus familiares.

Wulfson sorriu e aproximou as pontas das espadas cavando mais profundamente nas ricas roupas do Rangor.

— Diga a seus Reis galeses que lhes dou as boas-vindas em nome do Rei William para que jurem sua lealdade. Quanto antes, melhor.

Rangor ficou sem fôlego.

— Clama por uma batalha?

— *Nay*, falo somente a verdade. Entenderá milord, que sou um homem de poucas palavras, mas de ação rápida. Não desempenho os jogos de tímidas palavras que os nobres tanto parecem gostar. Eu chamo de ovelha uma ovelha, seja branca ou negra, continua sendo uma ovelha. Agora, me diga onde posso encontrar lady Tarian.

Rangor apertou a mandíbula, mas Wulfson leu a resistente renúncia ali. Rangor descobriria que seu melhor interesse era não fazer um inimigo um guarda do Rei. Wulfson assentiu, baixou as espadas e inclinou a cabeça para Rangor.

— Eu teria as chaves do seu cinto, *sir*.

Ioan, Rorick e Rhys se adiantaram. Instintivamente, o nobre conteve as chaves nos punhos, mas o sentido rapidamente reinou sobre o impulso. Manobrou o grande círculo de couro e correntes do cinturão e os entregou a Wulfson.

— Ela está embaixo, nas masmorras, a estas alturas sem dúvida só há um corpo para que os ratos se alimentem.

— Rezem para que ela ainda esteja viva, Lorde Rangor. William não aceita bem que seus súditos reais sejam executados sem sua aprovação. — Wulfson se perguntou por que pronunciou as palavras. Pois se a moça não estava morta quando a encontrassem, estaria pouco depois.

— Gareth, mostre-me o caminho.



Deixando três de seus homens e a maioria dos de Gareth para manter a ordem no pátio, Wulfson e vários de seus homens seguiram o gigantesco dinamarquês, cada um agarrando uma tocha dos spots nas paredes. Uma vez passada a grande sala e despensas, avançaram por um estreito corredor, depois, fizeram um brusco giro à direita e se encontraram com uma grossa porta presa com metal.

— É aí embaixo. — disse Gareth, assinalando a porta.

Wulfson inseriu uma chave, e logo outra, até que a fechadura ficou livre do bloqueio. A porta se abriu e Wulfson lhes precedeu abaixo pelos escorregadios e estreitos degraus. O fedor que lhe bateu à medida que desciam para as entranhas da fortaleza teria feito um homem mais fraco esvaziar as tripas nesse momento. Ouviu vários homens vomitar detrás dele, e soube com certeza que eram os de Gareth. Apesar da fetidez, ele e seus irmãos Espadas de Sangue tinham cheirado coisas piores. O vapor da morte ainda impregnava seus sonhos, e a marca do diabo os assinalava a todos e a cada um deles. Comparada com a prisão sarracena em que tinham gasto quase um ano de suas vidas, esta era insignificante.

Wulfson ainda tinha uma marca visível e cicatrizes por cima e por debaixo da pele, não graças a seus captores. Segurou a tocha mais alto, focado em encontrar a dama para que rapidamente pudessem dispor dela. Tinha decidido que ia fazer a ação rapidamente e sem testemunhas, uma vez que fosse descoberta. Aqui nas entranhas da fortaleza, ao amparo da escuridão, seria bastante fácil. Inclusive com Gareth atrás dele, Wulfson não teria escrúpulos. Se tivesse que matar também o dinamarquês, que assim fosse.

Quando se reuniram no poço do aposento, Wulfson examinou os muros de pedra, notando os muitos sistemas de cadeias que penduravam deles.

— Malcor encontrava diversão a custas de pajens e escudeiros aqui. — disse Gareth, o desprezo destilava em cada palavra.

Wulfson soprou com repugnância. Ele sabia de homens que preferiam a homens, mas a meninos? Não podia entender o conceito. A morte era muito boa para os iguais ao conde. A senhora tinha feito um serviço a todo o país lhe cortando a garganta de orelha a orelha.

A exceção dos ratos que corriam, o quarto parecia estar vazio. Agachando-se, com as tochas levantadas, dividiram-se e revistaram cada cela, cada esquina, cada fenda, ao final não encontraram nenhum ser vivo ou morto. Entretanto, o aroma fresco de fezes, misturado com o fedor acre de urina, era predominante.

Retornando pouco a pouco ao centro do aposento, rodeado pelos homens, Wulfson sustentou um comprido momento, a mão levantada solicitando silêncio absoluto. E escutou.

Seguiu o silêncio pesado, só quebrado pelo ofego dos cavaleiros agasalhados em cotas de malha. Wulfson levantou o braço mais alto. Eles contiveram o fôlego, nenhum deles respirava. Um rato chiou e correu a toda pressa através da bota do Wulfson. Ele permaneceu imóvel e escutou.

Ali, diante, um pequeno som amortecido. Dirigiu-se de novo à cela diretamente de frente a ele e segurou a tocha no alto. Como estava fazia um momento, permanecia vazia. Seus olhos percorreram o chão, mais perto desta



vez, e ali a viu. A faixa de algo pesado e largo que recentemente se marcou no chão de terra, de cor mais escura que o resto da sujeira. Ficou de cócoras ante um grande bloco de pedra esculpida, enquanto que Ioan olhava por cima de seu ombro.

— Necessitará de dois de nós. — disse Ioan, e em seguida tomou a tocha de Wulfson e a entregou a Rhys, junto com a sua.

Rhys entre eles, com Gareth pressionando mais perto e segurando sua tocha no alto. A luz espectral piscava em uma dança ao longo da úmida pedra. Wulfson agarrou o canto direito e Ioan o esquerdo. Com uma poderosa tração, empurraram a pedra. Em um lento chiado, moveu-se para eles. Quando Wulfson se separou dela e as tochas foram levantadas, deteve todo movimento.

Agarrou a tocha por cima da cabeça e a empurrou para o buraco na parede, olhando fixamente mais de perto à criatura em seu interior.



Capítulo 3

O coração do Wulfson pareceu parar em uma batida inexorável. Por trás, de algum tipo de dispositivo metálico, um capacete com barras cruzadas e o que parecia ser uma braçadeira de medíocre qualidade, uns brilhantes olhos da cor do oceano o contemplavam. Pelo que podia ver de sua cara, era uma muda massa de machucados. Ao estender as mãos para ela, sussurrou e cuspiu como um gato sendo submerso em água.

— Milady... — sussurrou Gareth detrás dele.

Wulfson se aproximou mais dela, captando cada detalhe com o olhar: uma camisola ensanguentada e retorcida ao redor da cintura, a subida e descida do peito apenas perceptíveis debaixo da combinação condensada de sangue e sujeira do chão. Machucados profundamente púrpuros, junto com marca entrecruzada do açoite, marcavam-lhe os braços e coxas. Seu olhar retornou a ela. Em silêncio e relutante respeito pela mulher que não só tinha sobrevivido a tal tortura, mas também mantinha a coragem, não podia afastar o olhar. Levantou a mão direita para tocá-la, para ver se era verdadeiramente humana. O movimento produziu outro sussurro, seguido por uma mão com garras cravando-se em suas luvas, parando seu movimento. Ele assentiu com a cabeça, e se retirou, mas não para aliviar sua comodidade. Deslizou a mão ao punho forrado de pele da pequena espada. Enquanto os dedos foram se aproximando do desgastado punho, não podia afastar a vista de seu olhar desafiante. Que tipo de mulher era esta?

Lentamente tirou a arma da capa de pele, com a intenção de aliviar seu sofrimento para sempre. Enquanto a lâmina deslizava da capa, baixou os olhos, incapaz de encontrar com o dela quando afundasse a espada profundamente em seu coração. A plenitude dos seios tremeu debaixo da sujeira e sangue que a envolvia. Uma punhalada fugaz de pesar transpassou-lhe o ventre. Ignorou-a e pressionou a ponta da espada no que ele sabia seria um lugar simples e suave entre os globos cheios. Enquanto se movia para pressionar o aço no coração, caiu no engano de olhá-la diretamente nos olhos.

O tempo se deteve pelo mais breve dos momentos. Paralisado, como se estivesse drogado por alguma poção, Wulfson observou o rastro de uma solitária lágrima baixar lentamente pela bochecha, deixando um fluxo ensangüentado a seu passo. E nesse momento preciso, algo profundamente mudou dentro dele.

Foi também nesse mesmo instante que Gareth desmoronou liquidado.

— Ela me pertence! — exclamou roucamente, equilibrando-se.

Wulfson lançou a mão para trás, parando o dinamarquês. Pela comoção e a rixa detrás dele, Wulfson soube que o homem fora contido.

Sem romper nunca o contato visual com o espectro agachado diante dele, Wulfson disse:

— Seu destino não está em suas mãos.

Os olhos se estreitaram ante suas palavras, e as costas ficaram rígidas. Em silenciosa rebeldia, ela o desafiava a feri-la.



— Qualquer que seja a mentira que tenha espalhado Rangor ao seu rei posso desmenti-las! — chorou Gareth — Não é uma bruxa. Não é uma assassina, nenhuma inimiga da Coroa! Poria minhas mãos no fogo por isso!

— Ela é o que é, senhor capitão. Não posso mudar os fatos. — respondeu Wulfson.

— Está grávida! Assassinará um bebê também? — implorou Gareth.

— Duvido que, embora estivesse grávida, tivesse sobrevivido à tortura.

— Não esteja tão seguro disso, sir Wulfson. — disse Rangor por atrás dele. Ante a atenção de Wulfson, o nobre se moveu para a entrada, enchendo o espaço — A moça tem uma inclinação pela sobrevivência. Com suas ervas e feitiços, sem dúvida extraiu a semente de Malcor para seu ímpio corpo e gerou, não um herdeiro de Dunloc, mas um sucessor também.

Agarrando as mãos da senhora, Wulfson a tirou do buraco escuro, levantando-a sobre seus pés. Ela gritou, paralisando contra ele. Sem querer, mas sem ter outra opção, Wulfson a levantou nos braços. Não pesava mais que um carrapato. Carregando-a, deu a volta para enfrentar Rangor, Gareth e a seus homens.

— Não importa. — o pequeno corpo em seus braços se apertou ante suas palavras.

— Está equivocado, meu teimoso normando. — disse Rangor — A princesa Gwladus de Powys não é só minha afilhada, mas também é a primeira irmã de Malcor, e se o herdeiro de seu primo é assassinado a sangue frio, seu pai, o poderoso guerreiro rei Rhiwallon, será o mais infeliz. William perderá mais do que pode calcular. Acrescente que a mãe da dama é uma abadessa galesa, muito viva e aos cuidados de Powys. Tentaria aos diabos por uma briga. Deveria instruí-lo a respeito de seu sangue real do norte?

Wulfson franziu o cenho. Parecia que a estirpe da dama se estendia além do Godwinson. O que só a tornava ainda mais perigosa.

Rangor continuou:

— Aye, você é sábio ao escutar para decidir. A dama é sobrinha-neta de Canuto¹¹, o qual a faz parente da maioria de reis de ascendência escandinava. Como os vikings, os galeses não são débeis, igual os saxões. A copiosa marcha com forças e guerreiros que se rebaixarão a qualquer grau, a bruxaria inclusive, para ver suas casas e seus familiares protegidos. Com a morte da dama por uma mão normanda, e mais com a suspeita de que morreu levando um herdeiro de Dunloc, terá que pagar mais que a fúria do inferno. Está a corte de William procurando mais perdas tão cedo?

— Se a dama der a luz ao pequeno diabinho de Malcor, onde se encaixará nisso? — demandou Wulfson.

Rangor sorriu.

— Tenho a intenção de tomar à dama como minha esposa.

¹¹ Nota PRT: **Canuto**, cognominado **o Grande** (cerca 995 — 12 de Novembro de 1035) foi rei da Dinamarca (1018-1035), rei da Noruega (1028-1035) e rei de Inglaterra (1016-1035). Era o segundo filho de Sueno I da Dinamarca e de Gunhilda da Polônia, sendo também neto do célebre Haroldo Dente Azul.



Tarian lutou entre os braços, sua força era penosa. Wulfson endureceu o abraço e ela grunhiu furiosa, mas se tranquilizou.

— Casaria com a mulher que assassinou seu sobrinho e esqueceria o assunto? — negou com a cabeça e zombou — Não acredito.

— Menospreza meu afeto pela dama.

Wulfson caiu no engano outra vez de olhar para baixo, à criatura ensanguentada e incrustada em sujeira que levava nos braços, ela girou a cabeça para contemplá-lo. Ficou muda. Seus olhos faiscaram de raiva furiosa.

Ela girou a cabeça para trás, para Rangor, e o metal do dispositivo da cabeça se chocou contra o protetor do braço de Wulfson.

— Na verdade, é assim que um senhor saxão corteja sua amada?

Rangor negou com a cabeça. Deu um passo mais perto.

— Ela é insolente e se vê em igualdade a um homem. Tem um exército! Nenhuma esposa minha se vestirá e se sentará como um homem, escarranchada sobre um cavalo de combate. Seu castigo, embora um pouco rude, é só uma forma de mostrar-lhe quem é o senhor aqui. Ela terá que me aceitar, senão para salvar-se, então pelo menino que pode levar. O matrimônio para mim seria a justiça que exijo pelo assassinato que cometeu.

Wulfson contemplou o dilema. Se a perda da vida fosse perdoada pela família, e se a dama levasse um herdeiro de Dunloc, como parentas sanguíneas dos reis galeses se soubessem que William tinha mandado assassiná-la a sangue frio... As coisas não se amoldariam bem para seu feudo, seguramente. Os galeses se aliaram com o Harold, e agora se rumorejava que estavam aliados com o Edric, o selvagem e imprevisível saxão Conde de Mercia.

Mas, pensou, seu ventre poderia estar vazio, então haveria menos causa de alarme. Rangor poderia pensar que se casaria com ela, mas William escolheria uma noiva normanda para o novo conde e acabaria com lady Tarian. Wulfson assentiu.

A prudência tinha sido descartada este mesmo dia. Por um giro imprevisto do destino, lady Tarian tinha conseguido comprar alguns dias a mais nesta terra.

Ele avisaria imediatamente a William, é obvio. Enquanto isso, a entregaria a Gareth, que alegremente a reclamou.

— O tempo nos dirá se seu ventre dará frutos.

E enquanto dizia essas palavras, Wulfson teve a sensação mais inquietante de que, apesar do resultado, suas ordens permaneceriam iguais para o menino, embora pudesse ter parentesco com os reis galeses, também teria parentesco com um rei morto, e essa ascendência não podia ser ressuscitada sob nenhuma circunstância.

— Capitão, conduza a senhora até seu quarto e à sua ama e a mantenham segura. — ordenou Wulfson, então virou a Rangor — Você, milord, está proibido de ver a senhora sob qualquer circunstância. Se o fizer e for descoberto, pode se considerar prisioneiro do reino.

Sem dar uma oportunidade ao nobre de discutir o assunto, Wulfson passou junto a ele, empurrando para o lado o homem menor com um ombro bem



colocado. Sua cólera se enrolou com sua frustração pela mudança brusca dos acontecimentos. Era um cavaleiro de William, um guerreiro e um assassino, e aqui foi enfraquecido, esperando uma prova positiva de que uma inimiga da coroa mostrasse sinais de gravidez!

— *Sir Wulfson!* — chamou Gareth — A chave para a máscara e a braçadeira, por favor.

Wulfson grunhiu, e embora não quisesse mais roçar com a dama, não liberaria as chaves para o capitão. Colocou uma das chaves menores do anel de couro que tinha tirado de Rangor dentro do dispositivo e deu a volta. O metal raspou, mas o ferrolho cedeu e a rosto dividido da máscara se abriu de repente. A dama ofegou, como se uma enorme pressão no crânio tivesse sido aliviada. As profundas marcas nas têmporas e frente se viam irritadas e vermelhas. Wulfson praguejou em voz baixa, a seguir levou a mesma chave à parte larga de metal presa na parte inferior da cabeça.

Enquanto a peça de metal soava contra seus dentes e logo se deslizava de sua boca, um pequeno suspiro de alívio pôs a prova sua determinação. Seus lábios estavam inchados, mas quando ela os lambeu, viu dentes brancos e retos detrás deles. Seu olhar se encontrou com o seu, e pela terceira vez desde que tinha posto os olhos nela, algo se retorceu profundamente dentro dele. Seus olhos não tinham a faísca de fogo, mas agora eram quentes e estavam brilhando de maneira pouco natural.

— *Merci.*¹² — disse, sua voz soando como um chiado rouco.

Wulfson bateu as esporas ao juntá-las e assentiu, então, deu meia volta e quase fugiu do local.

*T*arian fechou os olhos e, pela primeira vez desde que Rangor a tinha jogado nas escuras entranhas insalubres e úmidas de Draceadon, sentiu um pouco de paz. Os braços fortes de Gareth seguravam seu corpo. Nunca foi nem remotamente gorda, menos ainda era agora. Não podia recordar a última vez que tinha comido. O ar limpo encheu suas narinas enquanto deixava o buraco infernal. As pálpebras revoaram quando a luz do dia a assaltou. Girou a cabeça para mais perto do ombro do Gareth, mas gemeu quando a têmpora golpeou o broche de sua armadura. Tinha a boca dormente, os dedos frios e o resto do corpo com uma maciça dor.

Apesar de seu grande desconforto, tentou sorrir enquanto recordava a frustração de Rangor com ela. O dispositivo tinha sido construído para impedi-la que chovesse farpas depreciativas sobre Rangor cada vez que ela a visitava e fracassava em seus intentos repetidos de penetrá-la. Zombava do seu pobre desempenho. Como seu sobrinho, não podia reunir o que se necessitava para manter o pênis o suficiente rígido para fazê-la uma mulher feita e direita.

Um forte calafrio sacudiu seus pensamentos. O cavaleiro normando que tinha chegado para resgatá-la e para tirar a sua vida, não teria semelhantes problemas, estava segura. *Aye*, até em sua condição, reconhecia um homem viril quando o via.

¹² Nota PRT: Obrigada, em francês



Apesar de sua virilidade, não tinha honra. Se Gareth não tivesse interrompido, o normando teria-lhe cortado seu coração aberto e esse teria sido seu fim. Mas estava salva, no momento. E com o alívio temporário, encontraria a maneira de sobreviver tanto a Rangor quanto ao normando.

Relaxou o corpo e se aconchegou nos fortes braços do Gareth, enquanto seus pensamentos chocavam violentamente como guerreiros em campo de batalha.

Wulfson saiu furioso da masmorra, seguido por seus homens e Rangor, que estava agarrado aos seus calcanhares como um terrier¹³, afirmando seu direito à dama e tudo o que vinha com ela. Se o saxão não fechasse a boca e o deixasse em paz, Wulfson ainda poderia liquidar violentamente o nobre saxão neste dia.

Jesus! Ele era um cavaleiro, um guerreiro, o capitão da guarda de um grande homem... E não uma babá para mimar estes briguentos saxões. Enquanto caminhava a grandes passos de volta ao salão, chamou um escriba, e imediatamente enviou notícias a William sobre os mais irritante percalço desta etapa.

Contra seu melhor julgamento, sem querer ser outro homem caído, tinha só uma opção: entregar a mensagem aos cuidados de Warner. O cavaleiro a poria nas mãos do próprio William.

Enquanto Warner e seu escudeiro montavam a cavalo e cavalgavam para o sul, para a costa, Wulfson convocou seus homens, Rangor e Gareth. Quando o guarda da dama não apareceu, Wulfson amaldiçoou.

— Onde está o dinamarquês?

— Sem dúvida, servindo de mãe a sua senhora. — cuspiu Rangor desdenhosamente.

Wulfson olhou ao nobre.

— Pela aparência dela necessitará mais que uma mãe. É um milagre que sobreviva.

Se tivesse chegado no dia seguinte, a natureza teria completado com seu curso, e, como Warner, estaria a caminho de seu lar na Normandia.

— Minha intenção nunca foi vê-la morta, senhor, mas como o disse, convencê-la a se casar comigo seria a melhor opção. Sua única outra opção seria a execução que a ti corresponde.

Wulfson dirigiu um olhar depreciativo a Rangor. Não podia culpar a dama por manter-se firme. O saxão era o espécime mais desagradável dos homens.

Um criado tirou vários jarros de hidromel¹⁴ e serviu aos homens. Vários outros transportavam em bandejas carnes e pães, e as depositavam à mesa do lorde, as quais não haviam sido limpas da comida da manhã. Seguindo em pé, Wulfson e seus homens beberam e comeram. Uma vez que a sede e a fome foram saciadas, Wulfson lançou um olhar cauteloso ao nobre saxão.

¹³ Nota PRT: raça de cães.

¹⁴ Nota PRT: Bebida alcoólica feita de mel diluído em água.



— A que lugar chama lar, saxão?

— A Lerwick, ao noroeste. Tenho mais acima vários imóveis menores, portanto, sou o mais digno marido.

Wulfson o repreendeu com um olhar sarcástico, avaliando a validade de suas palavras.

— O que aconteceu com seu sobrinho Malcor?

A cara do Rangor empalideceu.

— Ela cortou-lhe a garganta enquanto dormia.

— Isso é mentira! — trovejou Gareth, descendo pela estreita passagem que dava ao piso superior — Estava completamente acordado quando ocorreu. Era ele ou ela, pois estava decidido a tomar sua vida. Não merecia viver depois do que fez à minha senhora.

— Foi assassinado! — gritou Rangor — Ela pode pagar com sua vida ou casando-se comigo. De uma ou outra maneira, pagará!

Wulfson sustentou no alto a mão para silenciá-los, e lançou um olhar para o dinamarquês.

— Como está a senhora?

Uma tormenta sombria formou-se no gigantesco e formoso rosto do dinamarquês.

— Está viva. Suficientemente.

Wulfson voltou a prestar atenção a Rangor.

— Um homem que maltrata uma mulher não é nenhum homem absolutamente.

Rangor levantou uma sobrancelha e disse arrogantemente:

— Não é o mesmo que a mataria no ato?

Wulfson reabasteceu sua taça.

— Não há honra no abuso covarde. — quando Rangor tentou falar outra vez, Wulfson vociferou — Basta! Não me irrite mais com suas queixas efeminadas! Até que a dama esteja o suficiente bem para comparecer a uma parteira e tenha a oportunidade de fazer-lhe um exame em busca de sinais de gravidez, não haverá mais discussão sobre ela!

Rangor parou, particularmente intimidado. Wulfson baixou a voz e se dirigiu à cabeceira da mesa do Lorde. Deu a volta e enfrentou aos muitos que se reuniram. Embora a Inglaterra estivesse invadida pelos normandos, o condado tinha sofrido a perda de grande parte dos homens na batalha e o martelo normando ainda não se infiltrara muito no oeste. Até agora.

— Para cada homem, mulher e menino que se chamem a si mesmos saxões e se apeguem a este condado, até que os informe de outra maneira, me considerem soberano e senhor aqui. Venho em nome do rei William para decidir uma disputa que não envolve qualquer um de vocês. Não tolerarei nenhuma interferência, e ante a suspeita de qualquer ação nefasta, eu e meus homens atacaremos primeiro e faremos as perguntas depois.



Viu nuvens de cólera na maioria dos rostos, no de Rangor especialmente, e continuou:

— Nós não somos bárbaros, e a menos que nos provoquem, estão a salvo sob nosso amparo durante tanto tempo quanto residimos aqui. Apenas vocês mesmos podem fazer sua vida desagradável.

Wulfson enfrentou Rangor.

— Não tolerarei interferência sua, especialmente. Considere essa minha última advertência. — voltou-se para Gareth e repetiu as palavras.

O dinamarquês o olhou carrancudo e seus homens se mantiveram unidos ao redor dele. Eram um grupo bem equipado, mas Wulfson não tinha nenhuma dúvida quanto ao vencedor em caso de que ele e seus homens tivessem que enfrentar este apto corpo de guardas. Havia mais, acampados no prado aos pés da colina, e embora o número total preocupasse Wulfson, duvidava que um ataque ocorresse logo. Mas nunca menosprezava o inimigo.

Junto com as notícias sobre a dama, Wulfson tinha pedido a William mais homens. Estaria preparado, pois tinha o pressentimento, encravado nos ossos, de que William queria mais que nunca ocupar-se do desaparecimento da dama.

As conexões galesas somadas ao sangue Godwinson, faziam-na muito atrativa para aqueles que a utilizariam para reclamar o trono.

Um choque era inevitável. E, como sempre, se prepararia.

Escuridão. Era a única coisa que a assustava. Agora a rodeava, pressionando-se contra ela com a intensidade implacável de um ferro quente. Tarian gemeu quando tentou abrir os olhos, a dor do esforço impossível de suportar. Mas devia fazê-lo! Durante dias seus sonhos tinham-lhe atormentado.

As noites com Malcor e suas ações aberrantes. Como uma roda de carreta rodando interminavelmente pela ladeira de uma montanha, os dias intermináveis e as noites passadas na masmorra, eram horrores repetidos em sua imaginação. Ele a tinha atraído ali um dia, só para segurá-la com grilhões à parede e... pressionou os olhos mais apertadamente. Rangor havia feito o mesmo. Uma verdadeira natureza sádica corria através de sua linhagem. Moveu o corpo e gritou enquanto açoites dentados de dor se estenderam como mercúrio sob as costas e pernas. Sentia as extremidades pesadas e cada parte dela pulsava.

— Acalme-se moça. — disse uma voz suave a seu lado.

— Edie? — roucamente chamou a sua ama, e só esse esforço lhe provocou um grande esgotamento.

— Aye, estou aqui.

O forte calor do quarto fechou-lhe a garganta. Sua pele ardia como fogo. Pressionaram-lhe um pano úmido na testa, depois nas bochechas. O lençol foi levantado e soube, pelo suave golpe de ar, que estava nua. A fria umidade se moveu através do corpo.

Onde estava?



— Está a salvo, milady. A salvo de Malcor e a salvo de Rangor. Gareth dorme no chão diante sua porta. Durma querida, durma.

Tarian entregou-se ao calor e à dor por seu corpo, os músculos relaxando-se enquanto deixava sair um comprido suspiro. A salvo. Estava a salvo.

Mais sonhos. Um diabo em uma besta negra que respirava fogo. Lustrosa armadura, elmo negro e negro coração. Não poderia livrar-se de seus olhos brilhantes. Ele tinha vindo por ela, não para salvá-la, mas para matá-la!

Vozes sussurradas a curta distância, mas não eram claras. Seu nome falado com urgência.

Havia retornado o cavaleiro negro por ela?

Agitou-se na cama com o corpo suado, o quarto era asfíxiante. O peito se expandiu em busca de ar, afogava-se. Mãos agarrando os lençóis, o corpo oferecendo resistência contra uma mão imaginária pressionada no peito, obrigando-a a baixar. *“Os pecados do pai se repetirão nos pecados da filha!”* gritou Malcor enquanto lhe mordida as costas, os largos dentes amarelos afundando-se na carne.

Tarian gritou, a dor era muita intensa.

— Milady. — uma voz profunda a acalmou. Gareth?

— Para trás, viking. — ordenou a velha voz sibilante de Edith — Não é decente que a veja dessa maneira.

— Vi mais do que você poderia supor, velha. Eu cuido dela agora. Esteve sem dormir durante três dias, vá para cama. Ela está a salvo comigo.

As vozes se afastaram, e com elas os pesadelos. Tarian permaneceu acordada, coerente, sem mover-se na cama e escutando. Respirações profundas a curta distância e roncos suaves mais à frente.

Ainda lhe doía, mas o calor abandonou seu corpo. Lentamente abriu os olhos. O quarto estava escuro. Só uma vela iluminava da mesa auxiliar atrás de Gareth, que estava sentado curvado com o queixo no peito, roncando brandamente a seu lado na grande cadeira de Malcor.

Gemeu enquanto tentava afastar o cabelo do rosto.

Ele ficou alerta instantaneamente, como o esteve Edith, quem por ser uma mulher velha, estava ao seu lado muito rapidamente. Dois pares de olhos preocupados a olhavam fixamente. Em um momento muito vulnerável, as lágrimas quentes arderam nos olhos de Tarian.

Tanto Edith como Gareth romperam em grandes sorrisos.

Edith pressionou os lábios na bochecha de Tarian.

— A febre se foi. — disse, o alívio carregava as palavras.

Tarian fechou os olhos e roucamente sussurrou:

— Tenho fome.

Um retumbante som profundo explodiu do peito de Gareth.



Lentamente abriu os olhos outra vez. Seus olhares se fixaram, e ela não pôde ter certeza, mas parecia que os olhos azuis de seu capitão reluziam com umidade. Tentou sorrir, e quando não pôde fazê-lo, sussurrou:

— Vai custar mais ao Malcor e esse ridículo do seu tio quebrar-me, Gareth.

Ele assentiu e deu um passo para trás.

— Te conseguirei comida. — deu a volta e saiu apressadamente do quarto.

Girando a cabeça lentamente no travesseiro, Tarian observou a sua ama servir vinho de um odre¹⁵ que havia no aparador.

— Edie, diga-me o que aconteceu.

A velha mulher, maior que alguém que Tarian alguma vez tivesse conhecido, sorriu-lhe suavemente por cima do ombro curvado. Tarian nunca pode recordar Edith sem os cabelos grisalhos, profundas rugas e alegres olhos cafés que poucas vezes brilhavam de fúria. Nunca tinha visto Edith perder a compostura. Era tudo para Tarian: mãe, irmã, amiga, ama, criada e confidente. Tarian sabia pouco do passado de Edith, só que estava de algum jeito relacionado com a mãe de Tarian, que também se chamava Edith e foi a anterior abadessa de Leominster.

— Me deixe te cuidar e uma vez que se encontre mais confortável e sua barriga esteja cheia, explicarei tudo.

Algum tempo depois, embora capaz de mover-se apenas com a velocidade de uma tartaruga, Tarian se afundou em um refrescante banho e deixou Edith atendê-la suavemente. O cabelo comprido foi lavado e secado com uma toalha de linho grossa. Enquanto Tarian colocava rapidamente uma camisola de algodão delicada, Edith trocou os lençóis sujos da cama. Gareth entrou com uma bandeja carregada com o que parecia o conteúdo da cozinha inteira. Pisando nos calcanhares de perto ia um criado com outra bandeja, e detrás dele inclusive outro, com a pesada bandeja com odres e taças.

— Gareth. — disse, clareando a voz. Assustando de dor — Não deve fazer as tarefas de um criado — repreendeu-lhe Tarian delicadamente.

Ele colocou a pesada bandeja em uma mesa próxima, girou-se para ela, e se inclinou em uma reverência.

— Economize sua voz. Necessitará dela. —serviu-lhe um gole de vinho — Agora, faça como seu fiel servente te indica e beba.

Ela sorriu, e seu coração inchou por este homem que, desde que podia recordar, tinha sido seu mentor e protetor... Mas mais que isso, seu amigo. Edith desaprovava sua proximidade, mas como a maioria das pessoas desaprova Tarian em geral, nunca lhe dedicou muito pensamento à relação pouco ortodoxa com seu capitão. Ele era a única conexão com o pai que ela tinha conhecido em apenas duas ocasiões, e de quem tinha só uma lembrança imprecisa. Sweyn Godwinson, filho mais velho do grande Godwine, tinha entusiasmado o viking que se criou com seu avô para que fizesse um juramento de que sempre velaria por ela... Devido a que ela, como seu pai, ser uma pária.

Gareth era um homem de palavra. E embora algum dinheiro tivesse sido intercambiado, a lealdade de Gareth fazia muito tempo que havia transcendido

¹⁵ Saco de couro, destinado ao transporte de líquidos.



ambos, o juramento e o dinheiro. Amava a sua senhora e daria sua vida por ela qualquer dia sem que o pedisse. E, Tarian pensava, recentemente não teria tido nem sequer que pedi-lo.

Só porque ela estava tão débil e tão ferida permitia Edith cacarejar a seu redor como uma galinha com uma asa só e Gareth passear como um homem que está a ponto de tornar-se pai pela primeira vez.

Sorveu o vinho, sobressaltando-se enquanto queimava sua garganta. Mas devia beber e também comer, para recuperar as forças. Ainda em seu estado debilitado, podia cheirar uma luta silenciosa a seu redor, e para ser a vencedora devia estar forte de coração, mente e corpo.

Com um entusiasmo que não sentia particularmente, Tarian comeu. Uma vez que sua fome foi saciada, exigiu:

— Contem-me tudo.

Quando Edith e Gareth se olharam, e a cor foi drenada da face de sua criada, Tarian soube que era ruim.

— Tudo. E agora.

Gareth moveu a cadeira de Malcor, deixando-a perto para encará-la na cama para aonde ela tinha retornado.

Embora a febre tivesse ido e tivesse fortificado o corpo com comida e bebida, estava ainda tão fraca como um cordeiro primaveril.

— Os normandos estão aqui — disse com gravidade.

A lembrança faiscou. Aye! O cavaleiro negro! Seu pesadelo era real!

— Ele veio me matar — sussurrou.

Gareth assentiu com a cabeça, Edith deu-lhe tapinhas nas costas e Tarian negou com a cabeça.

— Edie, espera que Gareth me diga algo menos que a verdade?

— *Nay*, mas é muito cedo.

Tarian negou com a cabeça e parou imediatamente. Tinha o pescoço rígido e o gesto lhe custou.

— *Nay*, devo saber tudo agora, para que possa planejar minha estratégia.

Gareth franziu o cenho.

— Os normandos são ferozes.

— O quanto ferozes?

Ele passou a mão pela curta barba loira, alisando-a. Um sinal seguro de que estava irritado.

— Com toda sinceridade, nunca me encontrei com semelhantes e notáveis guerreiros. Observei-lhes de sua janela. Praticam de sol a sol. Funcionam como uma unidade e logo como indivíduos. Cada um deles é três vezes mais guerreiro que um de nossos homens. Eu não poderia começar a explicar-lhe os intrincados movimentos pelos que fazem seus corcéis passar. Movimentos que nunca vi. É assombroso de ver.



Tarian o olhou com cenho franzido.

— Parece entusiasmado.

Gareth teve a decência de ruborizar-se.

— *Nay*, impressionado. Tanto, que temo que teremos que escapar daqui ao abrigo da noite através das galerias logo que seja capaz, ou senão, enfrentaremos uma morte certa se ficarmos.

Tarian ficou rígida e se sobressaltou.

— Não deixarei Draceadon.

Os olhos azuis prenderam os dela.

— Seu rei o enviou aqui para destruir a linha Godwinson. Você é a filha sobrevivente do filho mais velho, o irmão de um rei assassinado. Você se coloca em uma grande ameaça, milady. Não podemos ganhar dos normandos. Temo que ele enviou mais dos seus.

Tarian se recusava a acreditar que um punhado de cavaleiros pudesse superar sua guarnição de homens.

— O que são alguns cavaleiros normandos mais?

— Não cavaleiros normandos quaisquer. Estes se fazem chamar Espadas de Sangue. Thorin, o viking, contou-me que há mais.

— Quem é seu líder?

— Quem chamam de Wulfson de Trevelyn.

Tarian enrugou o cenho ante o pensamento e ignorou a dor.

— É um saxão com um nome galês... Como pode ser normando?

— Não sei. Não me corresponde perguntar.

— Foi o que me tirou da masmorra?

— *Aye*.

O corpo inteiro se pôs rígido, só um pouco, enquanto recordava seus atrevidos olhos verdes e a maneira em que ela tinha reagido ante ele, inclusive quando estava às portas da morte.

Quando a tocou havia sentido sua força vital lhe atravessar a pele, como se um relâmpago tivesse a golpeado e, nesse mais breve momento que o batimento do coração, ele tinha vacilado com a adaga suspensa, mas sem fazê-la avançar, ela tinha visto a dúvida em seus olhos. E algo diferente. Algo que não tinha nem ideia.

— Que tipo de homem é? — sussurrou roucamente.

— Duro — respondeu Edith — Mas Gareth saberá melhor que eu. Esteve aqui estes quatro dias passados.

Tarian olhou para seu capitão. Ele assentiu com a cabeça.

— Duro e leal a seu rei. Vê tudo. Nada escapa à sua atenção. Não faz julgamento precipitado.



Tarian empurrou o lábio inferior e sussurrou. Parecia que não havia uma parte dela que não doesse. Então, seu lar estava invadido com demônios normandos, e o capitão de sua guarda estava preparado para jogar tudo pelo qual tinham trabalhado a esses lobos famintos. Sua cólera aumentou.

— O que fez Rangor?

Gareth sorriu.

— Conseguiu irritar o normando ao ponto de ser relegado à velha armaria.

Tarian sorriu zombeteiramente.

— Isso seria muito bom para ele.

— Ele pede com insistência sua mão. — exclamou Edith.

— Isso nunca ocorrerá. Entregaria Draceadon antes de jazer junto a ele.

Os olhos do Gareth se suavizaram.

— Um bebê solucionaria muitos de seus problemas, milady.

Ela levantou a vista para ele e logo olhou para Edith.

— Ambos sabem que não há possibilidade disso.

— Case com Rangor e consiga vantagem sobre o normando e seu rei. Ele não os prejudicará se estiver casada com esse homem. Suas conexões galesas são muito fortes. —Gareth a encorajou.

— Meu sangue ainda é um sangue Godwinson, Gareth. Minha escolha de marido não modificará isso. — conteve um bocejo, porque doeria — Minha força me abate e devo pensar. Falaremos mais pela manhã.



Capítulo 4

*P*ela primeira vez desde que despertou da febre e soube que sua casa tinha sido invadida pelos normandos, Tarian estava sozinha. Gareth tinha muitas coisas que necessitava de sua atenção e ele confiava no normando quando lhe deu sua palavra de que sua senhora não seria perturbada. Edith também tinha tarefas que atender e quando tinha lhe enviado uma menina para sentar-se a seu lado, Tarian a espantou do quarto. Queria ficar a sós. Era o que preferia. Ao que estava acostumada. Assim tinha sido toda sua vida. Não houve filhos de outros nobres com quem a permitissem brincar, inclusive sua irmã adotiva, Brighid, quem era mais jovem, foi mantida longe dela. Lady Gwen, a mãe de Brighid, tinha deixado claro que sua influência não era bem-vinda em sua filha de cabelos dourados. Tarian sorriu.

Isso não impediu que Brighid saísse para procurá-la. E Tarian admitiu que se preocupava muito com a menina vários anos mais nova que ela. Era lutadora e tinha uma mente própria. Mas inclusive com os momentos roubados com a menina que considerava sua irmã, quase sempre Tarian passava seu tempo a sós. E ela se sentia muito só agora. Por muito tempo, tinha tido que confiar em sua habilidade e agilidade para manter-se fora de perigo, confiando naqueles impulsos que a tinham ajudado a cravar um prego mais fundo entre ela e a maioria dos nobres. Estava amaldiçoada, marcada como estava por uma pequena mancha vermelha de nascimento, justo no interior da coxa, que se assemelhava a um escudo. Daí seu nome. Donzela do Escudo.

Ela permaneceu quieta, escutando os sons da muralha exterior. A vida seguiu adiante em Draceadon, com ou sem ela. Isso a incomodava. Ela tinha grandes esperanças de restaurar a fortaleza à sua antiga glória. Era uma das poucas estruturas de pedra da zona, e embora fosse a menor das propriedades de Malcor, tinha muita história, e estava estrategicamente posicionada no alto de uma colina perto da fronteira com Gales. Apaixonou-se imediatamente por ela, quando Gareth e ela saíram do bosque em busca do conde que, diziam, escondia-se atrás dos enormes muros de pedra do Dragon Hill.

Violar a fortaleza tinha sido fácil. Malcor tinha subestimado sua negativa em viver o resto de seus dias em um convento. Uma vez casada, e pelo bem dos filhos que tinha esperado levar, tinha tolerado seus perversos cuidados. Uma mulher de convicção e determinação, que ele tinha assassinado homens em campos de batalha, dos York ao Hastings, mesmo ela, no pouco tempo que tinha sido sua esposa, não tinha sido capaz de suportar sua natureza violenta. E assim, para sobreviver, fazia o que tinha que fazer.

Apertou as mãos contra o peito e sentiu o forte golpe de seu coração, logo fechou os olhos. Na escuridão, um sentimento de inquietação se moveu através dela, a incerteza de que talvez estivesse em uma confusão que nunca poderia livrar-se. Seu país ainda lambia as profundas feridas da derrota. Ocorreu-lhe que as regras de combate tinham mudado drasticamente desde seu matrimônio com Malcor, e para voltar a entrar no jogo, teria que improvisar para superar esta nova ameaça. E para isso não requeria de força, mas sim de manobras mais sutis e ardilosas.



Seus olhos cintilaram abertos. Não iam tomar o que ela tinha trabalhado tão duro para ganhar, e só pelo fato de que o repugnante tio de Malcor a queria como sua noiva. Seus dias de ficar sob o polegar de um homem se acabaram! Tinha vivido toda sua vida com o estigma de ser a maldita prole do diabo, e tinha dado de ombros ante as brincadeiras e os estreitos olhares de raiva, junto com as conversas soturnas das quais ela era o tema. Acaso agora poderia usar a maldição em seu favor? Deixá-la fluir como um escudo. E que todo aquele que tinha tratado de tomar o que era legitimamente dela, sentisse a ira do diabo surgir!

Tarian exalou um comprido suspiro, fazendo uma careta quando relaxou o peito. No atual estado de debilidade, apenas podia conceber o enorme esforço que requeria para permanecer viúva, e ao mesmo tempo, conservar o que tinha ganhado.

Uma vez mais a sensação de estar completamente só a superou.

Só o pensamento de passar o resto de sua vida trancada no convento a aterrorizava. Deus a apavorava. As monjas a aterrorizavam, e as três abadessas que tinha conhecido em suas viagens, no momento em que pronunciou seu nome, os olhares de comoção, horror e repugnância que puseram, foram suficiente para mantê-la afastada.

Assim, ela tinha encontrado o caminho à sua maneira com a espada e sua guarda. Não era uma má vida. Encontrava-se cara a cara com seus inimigos. E isso era mais do que poderia dizer da vida na corte. Seu tio, o rei Harold, havia sido muito amável ao convidá-la a ir a Winchester, pouco depois de sua coroação. Ele era um grande homem, de uma grande família, um rei muito digno. Tinha permitido a ela e a seus homens participar das manobras para prevenir o avanço de William. Quando chegou a notícia do rei da Noruega, Hardrada, de uma invasão à espreita, ela tinha se unido a seu senhor sem hesitar.

Harold tinha demonstrado ser um valente guerreiro, e sentia um profundo e inquebrantável respeito por ele. A celebração de sua vitória tinha durado pouco. Menos de um mês depois, seu querido tio caiu em Hastings, e uma parte dela caiu com ele.

Os normandos eram cruéis e arrogantes. Desprezava-os tanto como qualquer saxão, ou provavelmente mais. Eles tinham levado seu tio da Inglaterra, assim como seus irmãos e seus tios. A seus olhos, nenhum homem poderia substituí-lo.

O claro som de aço se chocando com aço tirou-lhe de suas meditações. Gritos roucos e os relinchos dos corcéis a alertaram da atividade abaixo. Seu sangue acelerou: era o som dos soldados. Com cuidado se moveu, de maneira que as pernas ficaram pendurando pela lateral da cama. A dor golpeou cada centímetro de seu corpo. As feridas dos açoites ainda começavam a sarar, e os músculos que tinham estado tensos, torcidos e duros, começaram a afrouxar-se. A cabeça, entretanto, causou-lhe mais problemas. Ainda podia sentir o fechamento do metal nas têmporas e a dura mordida na boca.

Com as pernas trêmulas e a ajuda de várias cadeiras no caminho, Tarian chegou à janela entrecerrada do quarto. Havia uma abertura estreita na pedra na qual poderia sentar-se, e com apenas um pequeno esforço poderia olhar claramente para baixo para o lado da muralha, onde os guerreiros antigos se



preparavam para a batalha, e onde agora os cavaleiros normandos e seu presente regime se dedicavam aos treinamentos diários.

Observou por quase um entalhe de vela como eles moviam com manobras rudimentares, agilmente os seus cavalos, como a eles mesmos. Várias das formações lhe eram familiares, embora não a maioria. Mas apesar de tudo o que fizessem, cavalos e cavaleiros, igualmente, levavam a cabo com uma precisão perfeita.

Uma vez que o aquecimento estava completo, os cavaleiros se prepararam para manobras mais complexas. Emparelharam-se um frente do outro e um cavaleiro de cabelo escuro com duas espadas curtas atadas às costas, à *la florentine*¹⁶, que tinha capturado seu olhar desde o começo, era quem dirigia a maior parte dos exercícios e marcava o ritmo.

Sob seu forte comando, as ancas de seu grande cavalo baixavam ao chão, e ela olhava com assombro como cada cavalo de guerra, suportava o peso não só de sua armadura, mas também de cada cavaleiro, saltando para cima e ligeiramente para frente dando patadas com suas patas traseiras, só para repetir a manobra várias vezes mais. Ela tinha visto manobras similares em Hastings, mas nenhum movimento tão preciso como este. Não era de se estranhar que estes homens fossem a guarda de elite de William, conhecidos como os *morts*.

O cavaleiro chamou os outros para dar uma parada no treinamento e quando se voltou para fazer frente aos altos muros do Draceadon, elevou a vista. Apesar de estar certa de que ele podia ver sua sombra de onde estava sentado sobre seus arreios, podia sentir o calor de seu fixo olhar sobre ela.

Era ele, o que eles chamavam Wulfson. Tarian conteve o fôlego e se separou da janela, não sem antes dar-se conta de que ficou cativada por ele. Tinha sido descoberta!

Ele exigiria que ela se apresentasse? Ela não poderia, não ainda. Ainda estava muito fraca, e as visíveis feridas que tinha sofrido nas mãos de Rangor apenas começavam a sarar. A pálida pele era uma massa de contusões, e o rosto, um ativo sem valor, nada mais que uma massa de cortes e inchaço. *Nay*, quando fizesse sua aparição estaria em seu melhor momento, tanto na superfície como no interior. Ela poderia necessitar de cada arma disponível em seu arsenal para fazer frente às exigências de Wulfson de Trevelyn.

Sua forte ordem para retomar o treinamento a trouxe de novo ao parapeito da janela de pedra. Ela se inclinou e, com apreciação feminina, observou sua forma valorosa e a maneira em que manobrava seu cavalo, com tanta facilidade como se não estivesse mais que tocando uma lira.¹⁷

Moveu-se para trás, afastando-se lentamente da janela. As pernas tremiam, mas não pelas lesões.

Wulfson sentiu sua presença muito antes que a descobrisse observando-os acima. Seus olhos brilhantes da cor do mar o tinham atormentado em sonhos. Ela

¹⁶ Nota PRT: no estilo de Florença (Itália).

¹⁷ lira: instrumento musical antigo.



tinha fuçado sob sua pele como uma pulga com num sabujo¹⁸, e a irritação era a mais desagradável. Quando ele se parou no meio das manobras e levantou a vista, seus companheiros seguiram seu olhar.

— Ela observa e conspira contra você, Wulf — disse-lhe Thorin a seu lado.

O sangue do Wulf aqueceu.

— Aye, e ela perderá tudo como fez seu tio.

Thorin riu e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Por que a fazemos esperar?

Wulfson franziu o cenho

— Uma precaução somente. William desejará considerar a aliança com os Galeses que ela poderia trazer. Rhiwallon e Bleddyn estão a pouco de derramar mais sangue normando.

— Parece-me meu amigo, que só é questão de tempo antes que pressionemos a fronteira oeste dos Galeses.

— Aye. — concordou Ioan, enquanto manobrou seus arreios girando para fazer frente aos dois homens — É uma lição que devem aprender, como aposto que vou me encontrar nos braços de uma jovem galesa muito em breve.

Os homens riram e Wulfson disse:

— Falo sério. Passei muitos anos em Gwent¹⁹.

Rhys, Rorick e Stefan se reuniram ao redor, permitindo a suas montarias ofegarem. Desde sua chegada, o ar pendia pesado com gotas de chuva sem derramar. Hoje, o calor era mais sufocante. Nuvens negras se abatiam sobre suas cabeças e o baixo estrondo de um trovão longínquo rolou até eles. Wulfson deu um olhar cauteloso ao céu.

— Este maldito tempo nos transformará em estátuas oxidadas!

E assim enquanto os homens estavam sentados sobre a montaria e conversavam por alguma estranha compulsão os seis levantaram a vista para cima à janela vazia do quarto do senhor.

— Temo-me que William deve dar a ordem para prosseguir. — disse Rhys — Nós encontraremos mais que uma leve resistência. Devemos fazer o trabalho sigilosamente, e enquanto o dragão dorme.

Wulfson assentiu com a cabeça, sem sentir-se particularmente bem sobre ter que matar uma mulher. Menos ainda a uma nobre. Ele era um homem leal, seguiria seu rei através do inferno, mas a ideia de ser o responsável por sufocar o fogo daqueles brilhantes olhos, deixou-lhe uma sensação fria e impura.

O trovão retumbou mais perto, seguido por uma mudança no ar. Fez-se mais pesado, um presságio sinistro do que estava por vir. Wulfson amaldiçoou.

¹⁸ Nota PRT: **Sabujo** é o nome dado aos cães farejadores como o beagle, o bloodhound ou o basset hound, e alguns outros. Alguns sabujos, como o foxhound americano, que é considerado o melhor sabujo de caça do mundo, são capazes de sentir o cheiro de um animal que passou pelo lugar há quatro dias. A maioria das raças de sabujos são de caça, sendo usadas para indicar o lugar da presa ao caçador.

¹⁹ Nota PRT: **Gwent** é um antigo condado do País de Gales. Foi criado em 1 de Abril de 1974, tendo o seu nome origem no antigo Reino de Gwent. Foi abolido como condado em 1 de Abril de 1996, embora se mantenha como condado preservado.



— Vamos esperar a tormenta no salão. Não tenho nenhum desejo de me enferrujar.

E assim transcorreram os seguintes dias. Wulfson e seus homens se levantavam antes do canto do galo para conseguir exercitar enquanto pudessem, nos poucos momentos de claridade entre as sufocantes tormentas que pareciam afetar a região. O céu estava claro e azul pela manhã, mas no almoço se tornava escuro e desgraçado. Justo como eram detestáveis os olhos azuis acima, Wulfson sabia que o observavam, a ele e seus homens com agudo interesse. Sua presença o desconcertou a um nível mais primitivo. Era algo que não podia pôr nome exatamente. Mas sabia que ela era mais perigosa. Então os brilhos dos recortados relâmpagos precederam aos inclementes trovões. Por essa única razão ele não tinha exigido a presença dela.

Tarian passou os dias de sua recuperação observando e aprendendo, e apesar de seu ódio por algo relacionado com os normandos, encontrou a si mesma admirando as proezas do sombrio cavaleiro chamado Wulfson. Sua imponente presença no campo era indiscutível, e para seu desgosto viu Gareth e a seus próprios homens observar os normandos e logo dedicar-se a suas próprias manobras, em um intento de colocar em prática o que acabavam de observar.

No décimo dia de sua convalescença, enquanto Edith preparava seu banho, a velha mulher disse:

— O normando é mortal, milady.

— Disso sou plenamente consciente Edie. — Tarian mudou-se para o assento da janela, e se alegrou ao notar que quando colocou os joelhos debaixo dela, a dor quase tinha desaparecido. Só ficavam os hematomas. Cicatrizes rosadas ainda cruzavam suas costas e as pernas, mas com o bálsamo que Eddie insistia que se esfregasse diariamente e que na verdade era o puro céu, estes também se foram desaparecendo. O coração, entretanto, mantinha-se duro e fechado. Sua determinação por conservar ao menos Dreacedon, cresceu cada dia enquanto o corpo ia sarando. Seu ódio por Rangor também cresceu a passos largos e sem limites. Na primeira oportunidade que ele oferecesse, o veria enterrado junto a seu sobrinho.

— Retornou o normando com notícias de William? — perguntou a Edie.

— *Nay*.

Tarian sorriu. Ele não poderia. Gareth tinha posicionado um punhado de homens para apanhar o cavaleiro em sua volta, e o conservaria o tempo necessário até que ela obtivesse o controle, e com o apoio dos reis galeses, a quem havia enviado palavras de ajuda, veria os normandos irem de Dreacedon ou se converteriam em parte permanente da paisagem.

E embora ela o tivesse planejado bem, muito de seu futuro dependia de seus sogros galeses. Zombou e audazmente se sentou na janela, olhando para o pátio. Ela sorriu. Não se surpreendeu de ver os normandos no chão, uma espada em cada mão, cruzando por intrincadas manobras. Ele empurrou, rechaçou e reduziu ao soldado de madeira que estava erguido. Estava com a cabeça descoberta e o torso nu. Só com as capas nas costas, as correias de couro



cruzando o peito, as pernas embainhadas nas calças ajustadas. O suor na pele brilhava sob os raios quentes do sol.

Voltou-se, e cortou a cabeça à da efígie, logo varreu com a outra espada para baixo, cortando os braços do boneco de madeira, ele olhou para cima. Tarian ficou sem fôlego, mas em lugar de retirar-se, sustentou o duro olhar. O grande peito subia e descia pelo esforço, o comprido e escuro cabelo da cor da baía, aderiu-se aos ombros. Ele levantou as mãos, com as facas nas mãos apontando ao céu, e a luz refletindo-se no aço. Sua destreza a levou além da admiração. Algo mais despertara nela, algo que nunca antes tinha experimentado. Algo... perigoso.

Ele fez baixar as facas e as cruzou à altura da cintura, fez uma breve reverência, e logo se virou e destruiu o que ficava da efígie.

Sua mente dava voltas com as imagens de um homem deitado a seu lado na cama e a dor ou prazer que ele podia evocar, e com esse pensamento outro o seguiu. Não havia dúvida de sua virilidade. Sem dúvida tinha bastardos como ninhadas em cada acampamento no qual ficou.

Edith se aproximou por detrás e disse brandamente:

— Um bebê normando não seria uma má ideia, milady.

Tarian zombou e deu a volta. Edith expressou seus descarados pensamentos! O calor avermelhou suas bochechas. E ainda quando rechaçava a ideia, sabia que poderia ser a única maneira. Com os olhos muito abertos olhou fixamente a sua donzela.

— Não pode negar que você se sente atraída por ele.

— Ele é um normando — tratou de refutar Tarian.

— Aye, e vocês são muito inteligentes para ignorar o fato de que eles estão aqui para ficar. Utilizem a sua conveniência. Ele não mataria a mulher que levasse um filho seu, nem sequer por seu rei.

— Mas! Que garantia tenho de que sou fértil?

— Em menos de dois dias, você estará preparada para conceber. Tome sua semente e dentro de um mês saberemos se teve efeito ou não. Logo mantenham o que é seu.

Nervosa, Tarian ficou sem fôlego.

— Como sabe que meu tempo é propício?

Edith segurou sua mão e jogou a dela para a banheira.

— Seu período vem a cada vinte e oito dias. Chegou quando o normando a tirou daquele inferno. Ninguém se deu conta do sangue em seus trapos quebrados e sujos. É amplamente conhecido entre as parteiras que as mulheres em idade fértil concebem duas semanas depois da primeira aparição do fluxo. Dentro de duas noites serão quinze dias para você.

Tarian ficou em silêncio, pelo giro dos acontecimentos. Seria a única maneira?

— Co... Como vou conseguir enganar-lhe para levá-lo a minha cama? Não é tolo. Saberá o que pretendo.



Edith levantou- lhe a regata e a ajudou a entrar na banheira.

— Esquece querida que estou versada na arte das ervas e poções. Minha mãe era uma parteira renomada pelas damas nobres. Um simples bálsamo de rosas, almíscar, violeta e umas quantas ervas mais, porá o normando em um sonho profundo, e quando você despertarem, ele estará voraz por uma mulher. Terá suficiente semente para gerar uma nova nação. Quando despertar pela manhã, você terá ido, isso não será mais que um sonho fugaz.

À medida que se afundava na água morna e esta se derramava brandamente pela pele, Tarian se atreveu a pensar em como seria a sensação de sua mão sobre ela. Estremeceu fortemente e abraçou os joelhos, atraindo-os perto do peito.

— Espero que ele não seja tão violento como Malcor.

Edith alisou o cabelo de suas bochechas e lhe fez sons baixos e relaxantes.

— Malcor morreu minha doce menina. Já não têm nada que temer dele. Ele era o feto do diabo.

— Aye e o normando? — O calor se propagou por suas veias. Ele era o mesmo que o diabo.



Capítulo 5

— *P*assou-se quase uma quinzena! — rugiu Wulfson enquanto passeava pelo grande salão. A energia acumulada, a frustração e uma curiosa luxúria estalaram em uma feia demonstração de caráter — Exijo que a senhora se apresente neste momento!

Ele deixou de passear e enfrentou os homens presentes no salão. Estavam tão inquietos como ele. Tinham fome de batalha. Estavam famintos de mulher. Os intermináveis dias de exercício monótono e patrulhas só tinham servido para estimular o apetite pelo manejo da espada real.

— Sir Wulfson — disse Gareth, descendo pela escada em caracol. Os olhos de Wulfson correram mais acima da cabeça do dinamarquês, acima do corredor, para onde estava a bruxa, sem dúvida preparando feitiços. — Minha senhora não está ainda bem suficientemente para fazer uma aparição.

— Jesus! O que precisa?

Gareth parou a vários passos do furioso normando. Ele arrastava os pés e olhou para a esteira de juncos.

— Não sei, milord.

Wulfson saberia.

— Está grávida?

Gareth ergueu a cabeça para enfrentá-lo, respondendo rapidamente:

— A parteira diz que pode levar meses para que algumas mulheres mostrem os sinais de gravidez.

— Já se passou mais de um mês desde que se deitou com o Malcor. Estou certo de que há tempo suficiente!

Morria de vontade de estar em seu lugar.

— Eu gostaria de vê-la por mim mesmo também, sir Wulfson — disse Rangor, movendo-se no salão com vários de seus homens atrás dele.

Wulfson estreitou o olhar para o homem mais velho. Sua percepção inicial tinha demonstrado ser correta. Rangor de Lerwick esquivou-se na mansão como se tivesse segredos a esconder. Suas tiradas constantes faziam tempo que estavam levando ao limite o temperamento de Wulfson. Em mais de uma ocasião, teve que ser contido por um de seus homens, com o punho a caminho da nobre boca. Seus homens se zombaram dele, mas eles também tinham tido suficiente do barão.

— Estou seguro de que gostaria de vê-lo por você mesmo, Rangor, mas não terá a oportunidade. A senhora não é uma vaca para ser examinada por possíveis compradores.

Ioan se divertiu e igualmente Thorin que estava perto. Wulfson fulminou-lhes com o olhar. Fechando e abrindo os punhos, e enquanto olhava ao redor do grande salão se sentiu como se zombassem dele. Eles eram só seis cavaleiros,



rodeados pela experimentada guarnição bem armada da dama e um contingente de homens de Rangor. Isto era uma missão suicida.

Percorreu o salão com o olhar e chegou até Gareth, que para falar a verdade não o preocupava muito. O homem estava obcecado com sua senhora. Era pouco natural a forma em que revoava entre a guarnição e o quarto acima. Wulfson franziu o cenho. Talvez houvesse algo de verdade nas acusações de Rangor. O dinamarquês, embora com uma idade um pouco além do auge de sua vida, tinha podido gerar um filho ou dois. Sim, cochichava-se que nunca se casou porque ele só tinha olhos para a bruxa que protegia. O que tinha feito ela aos homens com seus feitiços?

Malcor, conhecido por sua preferência pelos escudeiros, tinha sucumbido ante ela, igualmente seu tio, que apesar de ser um ridículo segundo Wulfson, poderia ser interpretado pelas damas como um homem viril, e o capitão do guarda? Não é de se estranhar que no claustro não a quisesse. Seu cenho se aprofundou. Tampouco ele.

E até o momento Wulfson não tinha tido a resposta do William sobre o assunto. Mas não esperava tê-la tão logo. Tinha lhe escrito pedindo mais homens. Também tinha enviado uma mensagem a seu irmão de armas, Rohan Du Luc, que residia no Alethorp há dois dias para o oeste cavalgando fortemente.

Mais uma vez ele passeou pelo salão debatendo-se sobre o tema: se apresentaria a dama ou esperaria reforços. O guerreiro nele se apoiou na prudência. Não teria sentido arrastar a senhora do seu leito de doente. Mas seu pênis palpitava-lhe conjurando uma imagem dela. Mentalmente tinha criado uma criatura exótica que só podia ser domada pela força.

— Pelo sangue de Cristo! — Jurou, e girou sobre os calcanhares, disposto a ver por si mesmo esta mulher que tinha infestado cada um de seus momentos de vigília.

O vigia avisava que se aproximavam cavaleiros. Graças aos Santos! Qualquer interrupção poderia ser melhor que esta espera sem fim.

Ele saiu do salão e chamou os Espadas de Sangue para sair ao encontro dos que vinham. Um grupo de homens esfarrapados, com um estandarte que não reconhecia, abriram passo pelo caminho e a muralha. Quando se aproximaram, Wulfson observou que eram soldados a pé e tinham sido feridos recentemente. Pendurado de um cavalo estava o corpo de um escudeiro que levava as cores amarela e azul com o estandarte do falcão.

— É dos homens de Alewith — disse Gareth, dando um passo atrás de Wulfson e seus homens. Continuaram.

— Me diga, por favor, quem é Alewith? — perguntou Wulfson.

— É o antigo guarda de lady Tarian.

Os soldados contaram-lhe rapidamente a história de como foram emboscados um pouco além da abadia Hailfox, e os bandidos, no ataque, haviam falado do saque aos monges.

— Parece que eram normandos — disse um soldado antes que caísse no chão. Seus companheiros estavam muito feridos para ajudá-lo.



Wulfson rebateu a acusação. Galês, saxão, escocês, ou inclusive irlandês, mas não seus compatriotas. William se mostrou inflexível em seu decreto: “Não haverá saque ilícito dos saxões! Só os obrigaria a tirar forças da fraqueza”, e isso era a última coisa que o rei desejava. Queria facilitar a transição tanto como fosse possível, e perseguir aos saxões sem nenhuma razão simplesmente não era aceitável.

Wulfson voltou-se para os outros soldados.

— Eram cavaleiros em arreios ou foram a pé?

— A pé, uns vinte ou mais — grasnou o que caiu.

— Homens, aos cavalos! — ordenou Wulfson, a voz alta com entusiasmo.

— Mostrarei-lhes o caminho. — disse Gareth, dirigindo-se para o estábulo.

Vigorosamente Wulfson negou com a cabeça.

— E deixar a sua senhora exposta para Rangor?

Gareth parou, a pele empalideceu.

— Aye, como pude pensar em abandoná-la? Vou enviar o filho do ferreiro, Barton com você. Ele pode lhes mostrar o caminho para a abadia. Cresceu perto daqui e está familiarizado com a área.

A abadia estava intacta, assim como os monges. Wulfson lhes perguntou, e eles asseguraram que não tinha havido contratempos nesse dia. Convencido de que tudo estava como devia estar, ele e seus homens percorreram os arredores, e embora se encontrasse provas de uma batalha perto da abadia, não havia pistas claras.

Perguntou-se o que pretendia os saxões, mas a evidência era prova suficiente de que tinham sido atacados. Nestes tempos os ataques ao acaso não eram incomuns. E tinha experiência em primeira mão dos saxões que se disfarçam de vikings ou normandos para saquear seus vizinhos. Eram atos de desespero. Wulfson soprou com desgosto. Desesperado ou não, nunca veria a honra nos saques ao próximo.

E assim passou o resto do dia familiarizando-se mais com o campo e mantendo-se em alerta, procurando os covardes.

Mais tarde desse dia, quando os cavaleiros cavalgavam pela costa do Draceadon, Wulfson imediatamente começou a suspeitar quando o vigia de observação não anunciou sua chegada. Tudo parecia muito tranquilo para um lugar tão movimentado. O temor o infiltrou, e esporeou a seu cavalo para ir mais rápido.

Ao entrar no pátio, Wulfson apenas se deteve antes de desmontar e correr para grandes portas. Abriu-as de repente, e a vista que o saudou parou-o em seco.

O salão estava completamente vazio. O estranho silêncio posou sobre os ombros de Wulfson com todo o peso de seu significado. Como os Espadas de Sangue o seguiram imediatamente, também se detiveram bruscamente no vazio.



Wulfson chamou o guarda e correu para a escada, seus homens atrás dele, certo de que encontraria a porta do quarto da dama aberta e sua fuga.

Em seu lugar, encontrou-se com a espada do Gareth.

— O que está acontecendo aqui? — exigiu Wulfson.

— Para trás, senhor, a senhora não deve ser incomodada — advertiu Gareth, firmemente apostado.

Em um grande golpe, utilizando ambas as espadas como uma só, Wulfson arrancou a espada de Gareth das mãos, então um par de homens do dinamarquês se adiantaram a suas costas em posições de combate.

Wulfson apontou com as espadas o peito de cada um levando-os para trás junto a parede. Rorick fez o mesmo com Gareth na parede oposta.

— Não se atrevam a me atacar ou morrerão pelo esforço — advertiu Wulfson.

Pouco a pouco, com raiva, os homens levantavam seus braços em sinal de concordância. Wulfson deu um passo para trás, mas sustentou as espadas.

— Onde estão os criados, o falador do Rangor e seu séquito? O salão está vazio.

O rosto de Gareth ficou vermelho de cólera. Wulfson decidiu que era seu orgulho vencido.

— Nada está fora do lugar. Os servos atendem ao mensageiro de Alewith e aos homens. Enviei Rangor ao salão sob a ameaça de violência. Ele sem dúvida conspira nossos óbitos entre as ruínas da torre.

Wulfson franziu o cenho e retrocedeu afastando-se da porta do quarto. Ele assinalou a porta com a espada.

— A senhora?

— Segue melhorando ali dentro.

— Que mensagem enviou Alewith?

— Que milord deve chegar a tempo para o café da manhã de amanhã. Deve comprovar a saúde de sua afilhada, e, suponho, levá-la de retorno a Trent.

— Trent?

Gareth assentiu com a cabeça.

— Aye, de todos os lugares em que viveu Milady, Trent o brindou com a maior hospitalidade.

— Faz parecer como se ela tivesse vivido uma vida cigana.

Os lábios do Gareth se converteram em uma linha apertada.

— Uma cigana teria tido uma mais fácil.

Wulfson visualizou uma magra garota de cabelo negro e olhos azuis procurando aceitação para só encontrar a sociedade que dava uma patada em sua cara. Sua mandíbula apertou. Era uma cena que lhe era familiar. Tinha passado grande parte de sua própria juventude entre sua família de sangue que o



considerava uma praga e uma família de acolhida que tratava-o a contra gosto em troca de uma considerável soma de dinheiro.

Wulfson embainhou as espadas em suas costas.

— Avisem a milady. Ela deverá se apresentar quando seu tutor chegar amanhã. Em caso de que não o faça de maneira oportuna, eu me encarregarei de derrubar sua porta — Gareth abriu a boca para discutir. Wulfson desembainhou novamente e deixou a espada no alto — Seu tempo terminou, capitão. Gostaríamos de conhecer sua condição.

Wulfson girou sobre os calcanhares e encaminhou-se para a escada, seguido por seus homens, sentindo-se, apesar da aventura do dia, mais inquieto que antes.

Tarian voltou da porta e olhou Edith.

— Meu tempo acabou.

A ama sorriu, marcando as rugas ao redor dos olhos profundamente e da boca.

— *Nay*, querida, estão no tempo oportuno. Esta noite visitará o normando, e pela manhã, quando lhes perguntar se está grávida, poderá dar uma honesta resposta de ignorância.

— Mas...

Edith fez um gesto para que calasse.

— Pode levar meses para que algumas mulheres mostrem os sinais. Muitas mulheres nem sequer são conscientes. Para outras, é imediato. Temos tempo, meu amor, deve ser paciente e confiar em mim.

Isto não era algo para o qual Tarian foi educada. Com relação aos cavalos, espadas, e às tendências da moda é possível, mas nas coisas domésticas nunca foi.

— Como vou saber?

— Perderá as curvas, seus seios ficarão sensíveis e volumosos e serão tão suaves como são, o ventre se inchará dentro de dois meses que é quando o corpo se prepara para fazer crescer o bebê. Poderá enjoar pelas manhãs, embora possa durar todo o dia. Sua mãe, a pobre, passou muitos dias sobre uma bacia.

Tarian ficou rígida ante a menção da mulher que a pariu. Essa não era uma mãe. Sim a tinha dado a luz, mas depois a abandonou na sua vergonha. Edith tinha tomado Tarian sob seu cuidado, que tinha sido entregue a vários lares de acolhida, se não fosse por ela, não estaria viva. Tarian devia a Edie sua vida. E agora, uma vez mais, Edie vinha a seu resgate.

— Ele me assusta, Edie, eu nunca tinha temido a nenhum homem ou mulher em minha vida. — confessou.

— O que? A donzela guerreira teme a um simples homem?

Tarian tentou um sorriso, mas sentiu o tremor no queixo. Uma guerreira que era virgem, que não conhecia o medo ante nenhum homem na batalha, e a



simples ideia de um homem na cama produzia-lhe terror. Combinado com seu medo, isso a incomodou. Não era pessimista, mas não via outra saída para seu dilema.

Edith notou a inquietação, e tomou a mão na sua.

— O normando é viril, é forte, e suspeito que não teve uma mulher durante algum tempo. E se inquieta, mas devem estabelecer o ritmo, como o fariam com um garanhão. — Ela puxou Tarian, afastando-a da janela e entrando no quarto — Venha, vou preparar um banho de água de rosas, e logo a esfregarei com azeite.

— Rosas? Não é meu aroma, Edie.

— Aye, isso bem sei. Não desejará cheirar a cavalo no primeiro encontro em público, verdade?

Tarian sorriu com malícia, seu nervosismo relaxou.

— É uma mulher desonesta, Edie.

A velha riu e assentiu.

— É o que me manteve viva nestes setenta anos.

Depois do banho, Tarian admitiu:

— Eu gostaria de ter algo de sua experiência esta noite, Edie. Não sei o que fazer.

Edith colocar a colocar para fora os óleos e os linhos.

— A natureza os guiará.

Tarian deslizou-se da cama onde estava sentada.

— Não guiou com Malcor.

Edith se divertiu.

— Um homem que não pode se excitar com uma mulher como você não é um homem absolutamente.

— Que tipo de mulher sou eu? — perguntou Tarian enquanto dava a volta e servia-se de uma taça de vinho da mesa auxiliar. Embora isso não aplacasse o nervosismo que sentia até no ventre.

— Uma beleza sem igual, uma mulher com o cérebro de um homem e a vontade de uma rainha. É um prêmio entre todos os prêmios, Tarian. Nunca esqueça.

— Eu sou a filha de um homem considerado um miserável por seu rei e seus irmãos, uma pária da forma mais baixa. Não sou um prêmio.

Edith conteve o fôlego e se voltou a olhá-la com irritação.

— Nunca diga essa palavra em minha presença!

Tarian manteve-se e orgulhosa.

— O termo não me ofende como o fez uma vez, Edie. Sei dos meus pontos fortes e sei de meus defeitos. Eu não sou mais que uma mulher que tenta abrir caminho em um mundo de homens onde eles fazem todas as regras. Que mais posso fazer?



— Jogar melhor o jogo.

Tarian sorriu.

— Aye, e não sou uma professora de xadrez?

Cansado e ainda frustrado, apesar da excitação do dia, Wulfson subiu as escadas para o quarto muito bem equipado, que tinha reclamado para o tempo que estivesse ali. Era o único consolo que concederia a contragosto. Acostumou-se a um colchão fofo em uma cama resistente. Apesar da frustração, tinha conseguido dormir cada noite que posava a cabeça no travesseiro fino e suave. Embora ele tivesse oferecido compartilhar o quarto com eles, seus homens o faziam em camas, fora do corredor. “Era o melhor para sua segurança”, diziam.

A antiga fortaleza, embora fosse simples na construção, tinha fortificações dos quais poucas moradias grandes nesta terra podiam presumir. Ao contrário da maioria das casas dos senhorios ingleses, Draceadon se parecia mais a um castelo. O lugar tinha sido um refúgio nos últimos dois séculos não só dos rivais galeses, mas também dos nórdicos, e dos piratas irlandeses sedentos de sangue quando se escondiam terra adentro.

Aye, com a fronteira galesa não muito longe para o oeste, Draceadon havia visto muitas batalhas, e tinha sido um digno protetor para os povos. Mas Dunloc não tinha visto sua manutenção. Wulfson suspeitava que a fortaleza tivesse sido um espetáculo para a vista em seus dias de glória. Como estava, William ordenaria que fosse derrubada e em seu lugar se elevaria um castelo fortaleza. Era seu objetivo equipar a ilha com castelos para repelir os invasores.

Wulfson franziu o cenho. Durante a manhã, eles sem dúvida veriam mais soldados saxões, como nestes tempos Alewith não viajariam com pouco peso, embora não acreditasse que houvesse muita luta. O açoite do martelo do William era bem conhecido entre os habitantes do oeste e os do sul. Pisava nos calcanhares daqueles do norte das Umberland, mas Wulfson não tinha nenhuma dúvida do que aconteceria, seria igual no oeste.

Lentamente se despiu, e estava a ponto de fazer bom uso da água quente que estava do lado de fora, quando um suave golpe na porta do quarto o tirou de seus pensamentos. Só com calções, deu permissão para que entrassem.

Em lugar de seu escudeiro, Rolf, uma anciã, que sabia que era criada de lady Tarian, curvou a cabeça e se apressou para o aposento, com uma bandeja de comida, um odre de vinho, e um cálice de prata sólida. Ela se apressou a colocá-los na mesinha junto à chaminé apagada.

— Sir cavaleiro, seu jantar.

— Onde está meu escudeiro? — exigiu Wulfson.

— Ele permanece com outros no salão.

O moço estava sem dúvida em busca de uma garota para passar a noite. Com tantos homens perdidos no último ano, a mansão fervilhava com o sexo oposto. O menino pagaria por seus flertes. Wulfson aprofundou o cenho quando uma espetada de agudo desejo o golpeou a região lombar. Fazia meses desde sua última mulher. Faria bem em buscar um pouco de consolo para a noite. Aliviaria



algo no seu irritado temperamento. Sua ira se levantou. Não desejava nenhuma moça simples, mas a bruxa que vivia no corredor, era outra coisa.

Ele apostaria seu cavalo que era uma massa de espinhos e cactos na cama. Amaldiçoou e levantou a vista para ver a anciã que o olhava com olhos muito abertos. Amaldiçoou outra vez, tinha estado tão perdido em seus pensamentos que tinha esquecido sua presença. Este lugar, esta colina do Dragão e sua misteriosa dama, confundiam-lhe o cérebro.

—Vá embora — disse com cansaço Wulfson.

A anciã saiu apressada do quarto puxando a pesada porta que se fechou atrás dela.

Seus homens tinham tirado sarro com vontade quando se levantou da mesa principal com o prato intacto. Ele sabia que entendiam sua frustração e apatia ao definhar de braços cruzados enquanto os galeses estavam agitando suas espadas do outro lado da fronteira. Desde o momento em que chegou, parecia que sua presença e a razão de estar no Dunloc eram conhecidas por todos. Estava de mau humor esta noite, e não tinha vontade de seguir a graça com seus homens, retirou-se, renunciando ao jantar com eles.

Wulfson se serviu de um bom gole de vinho e quase esvaziou a taça. O sabor da especiaria do vinho quente o acalmava e logo estava terminando uma segunda taça. A carne de veado assada com verduras a fogo lento tinha um aroma apetitoso, acompanhada com o vinho, viu-se comendo o jantar com um entusiasmo recém-descoberto.

Limpo e satisfeito, passou a mão através da profunda cicatriz que tinha em torno do peito. As cicatrizes irregulares eram tão familiares para ele agora como as mãos e pés. Inclusive estava acostumado à dor na coxa direita. Nunca viveria um dia sem dor. Estava bem, porque recordava o perto que tinha chegado a vislumbrar seu criador no inferno. Quando chegasse sua hora, queimaria-se, mas nem um minuto antes.

— **A** isca foi lançada. — disse Edith em voz baixa, enquanto fechava a porta do quarto de sua senhora.

— E seu escudeiro?

Edith riu e esfregou as mãos.

— Um mulherengo, pode estar segura.

Tarian voltou a olhar ao fogo que ardia brandamente no braseiro. Deixou escapar um comprido suspiro nervoso.

— Quanto tempo levará às ervas para prepará-lo?

Edith riu de novo, a risada se converteu em um acesso de tosse da qual se recuperou rapidamente.

— Não muito, não muito. Vi o Cavaleiro com uma fome voraz — Edith fez um gesto para a cama. — Vamos, minha filha, deixe que a esfregue com a rosa de almíscar. Nenhum mortal suportaria a tentação.



Tarian tragou saliva, e pela décima vez no espaço de minutos questionou sua ação. Poderia produzir um desastre? Poderia machucá-la no ardor que a erva induzia? A reconheceria quando se encontrasse cara a cara? As mãos fortes de Edith trabalhavam em seus músculos tensos, Tarian relaxava. O aroma embriagador de rosa suave e almíscar não só a acalmou, mas sim também a fez consciente da mulher que era.

— O azeite a relaxará. Simplesmente ceda ante ele, permita que o corpo se afrouxe quando ele entrar em você, ou será incômodo. — instruiu Edith.

— Não é doloroso? — perguntou Tarian, empurrando-se para cima com as mãos para olhar sua ama.

Edith a empurrou de novo para a roupa de cama e passou o azeite nas costas e nas nádegas, e logo nas pernas.

— Só por um momento. Mas se relaxar somente sentirá uma agulhada.

Tarian processava a informação. Não poderia machucar muito, já que muitas mulheres pareciam desfrutar deste esporte. Ela se acomodou nos lençóis e permitiu que as mãos de Edith e a suave massagem a convertessem em um montão de mingau. Uma vez que estava envolta em lençóis quentes, Edith ajudou-a a sair da cama e a guiou para o tamborete baixo, diante de um espelho esfumaçado. Recolhendo uma escova, acariciou-lhe a cabeleira larga e grossa.

— Seu cabelo luz mais brilhante que o melhor ônix e a pele parece como leite fresco, como uma noiva toda ruborizada. Você tem curado muito bem. O normando não te reconhecerá.

— Esperemos que as ervas sejam o suficientemente fortes e que não se lembre desta noite absolutamente.

Porque se o fizesse. Todos se perderiam.

— Ele acreditará que tudo foi um sonho.

— Reze para que tudo saia bem — Um forte calafrio a percorreu, desta vez a aguilhoou na região lombar. Rezou por estar fértil e pediu que o Cavaleiro não a machucasse em sua avidez.

Edith riu de novo, esta vez mais forte.

— Assegurei-me de que esta noite não fosse um problema.

Tarian em pé, deixou cair à roupa ao chão. Edith sorriu enquanto olhava à senhora à sua proteção.

— Ele não é digno de você, meu amor.

Um calor atravessou pesarosamente o corpo de Tarian, que o azeite tinha esquentado de uma forma mais que agradável. Edith a ajudou a entrar em uma regata de seda e linho, parte de seu enxoval de bodas. Em uma repentina onda de pânico, Tarian agarrou o braço do Edith.

— Fique perto, Edie, pode ser que eu necessite.

A velha ama acariciou a bochecha de sua senhora.

— Não haverá nada que eu possa fazer minha menina. A natureza os guiará, e esta noite a semente do normando baterá em terra fértil. Só recorde de



relaxar. — acariciou a bochecha de Tarian de novo — É uma princesa guerreira. É o normando que necessitará de ajuda esta noite.

Com estas últimas palavras de sabedoria, Edith colocou de lado a tapeçaria que havia perto da cama e abriu a porta secreta.

Capítulo 6

Tão silenciosa como uma brisa, Tarian afastou a pesada tapeçaria da porta e se meteu no quarto do cavaleiro. Com as costas pressionadas contra a sólida madeira da parede, parou e conteve a respiração. Baixos gemidos de agonia a sobressaltaram deixando-a rigidamente imóvel. Uma maldição seguiu os sons de dor, os sons de um homem pego em uma armadilha incapaz de liberar-se. Um olhar rapidamente assegurou-lhe de que não havia outras pessoas no cômodo, exceto a figura que se agitava sobre a enorme cama. Tragou saliva com dificuldade e com cautela entrou no quarto.

No leve resplendor das velas pôde ver o cavaleiro normando, sir Wulfson, estendido e nu sobre a cama lutando com um demônio imaginário. Seu corpo brilhava com uma ligeira capa de suor, suas palavras eram uma confusão revolta de francês e outra língua que não entendia. Sua angústia mesclada com uma fúria selvagem a aterrorizava. Entretanto, aproximou-se. Examinou com os olhos sua grande forma. Embora Malcor tivesse sido muito musculoso, este homem era ainda mais impressionante. As largas linhas de seus braços e pernas se ondulavam em perfeita simetria enquanto seu corpo se agitava violentamente contra um agressor desconhecido.

Aproximou-se mais e ofegou. Gravada em seu amplo peito, a impressão de uma espada tão definida que poderia ser real, marcava-lhe da parte baixa do pescoço até a virilha. Tragou com bastante dificuldade desta vez enquanto seus olhos viajavam mais para baixo. Era bastante grande. O pânico começou a debilitar sua decisão. Como poderia receber sua semente se não podia tomar-lhe em seu interior? As coxas apertaram-se em rebeldia. Fechou os olhos ao imaginar a dor rasgando-a.

O corpo dele se esticou enquanto elevava os quadris, com os braços estendidos, mas pressionados contra o colchão como se alguma força diabólica derrotasse-o na cama. Deixou escapar uma forte maldição, depois um grito de dor agonizante.

Movida internamente para além de qualquer compreensão normal, Tarian se apressou para o lado da cama.

— Não estão em perigo, sir. — disse suavemente em galês — Não há inimigos aqui.

A pele dele encolheu-se sob as gemas dos dedos, mas seu corpo se tranquilizou. Ela continuou falando com ele suavemente na língua nativa de sua mãe. Inclinação sobre ele, com o comprido cabelo formando redemoinhos sobre eles como uma mortalha escura, Tarian sentiu, mais que isso, viu que ele abria os olhos. Com um rápido movimento, seu comprido braço serpenteou-lhe rodeando a cintura, e ao seguinte instante estava de costas com um homem furioso abatendo-se sobre ela e uma adaga pressionada contra o pescoço.



— Por favor, sir, não represento nenhuma ameaça — ela resmungou em francês.

Seus olhos selvagens a olharam, mas não a viram. Seus poderosos músculos tremiam a seu redor, mas não fizeram nenhum movimento mais. Era a poção, sem dúvida. Cuidadosamente, passou-lhe os dedos ao longo de seu braço direito, que mantinha a adaga contra o pescoço.

— Vim para dar-lhe prazer, cavaleiro do Rei — Como se fosse experiente e o fizesse somente pelo prazer de um homem, não vacilou na sedução. Sua vida dependia de seu êxito. Lentamente ondulou debaixo dele, e foi recompensada com uma imagem instantânea da ereção contra o quadril. Conteve a respiração, não esperando uma reação tão súbita para ela. Em uma exploração deliberada, arrastou os dedos pelos duros planos de seu antebraço até sua mão. Lentamente envolveu os dedos ao redor de seu punho e o separou do pescoço.

Seus olhos, ainda aturdidos, tinham perdido algo de sua ira, e embora seus músculos ainda tremessem, ela sentiu uma mudança em seu corpo. Voltando a cabeça, ela pressionou os lábios contra o interior de seu antebraço e trabalhou para soltar seus dedos do punho da adaga. Quando os dedos relaxaram, ela deslizou a arma de sua mão e a deixou cair ao chão.

Sob a luz tênue, ela esboçou o que esperava ser um sorriso sedutor e se arqueou contra ele. Um baixo retumbar se formou profundamente em seu peito, mas ainda a ele a observou com cautela. Ela elevou-se mais, desta vez pressionando os lábios contra a pele com cicatrizes na base de seu pescoço. O calor irradiou de seu corpo ao dela, e uma quebra de onda de energia a sacudiu. Ele amaldiçoou e a empurrou afastando-a, dando a volta para sentar-se na borda da cama.

O tempo parou para Tarian nesse momento. A vergonha a alagou e baixou o olhar ao colo. Duas vezes no prazo de um mês tinha sido rechaçada por um homem ao qual estava tentando seduzir. Estava realmente amaldiçoada? A incerteza, a falta de experiência e a vergonha desmantelaram sua determinação. Levantou os olhos que se uniram com os dele. Seu coração bateu-lhe como um martelo contra o peito, esticando-o. Um enxame de vespas zangadas zumbia violentamente no ventre. Não podia respirar.

Ele esfregou os olhos com os nódulos das mãos e sacudiu a cabeça antes de olhá-la por cima do ombro. Como se uma mão imaginária a empurrasse para diante, Tarian ficou de joelhos e lentamente desatou os cordões de seda de sua regata.

Os olhos verde escuro dele se abriram amplamente, depois se estreitaram. Ela esboçou um trêmulo sorriso, esperando que o visse como um sinal de que não lhe oferecia nada exceto a si mesma. Cuidadosamente, como um lobo receoso, olhou-a enquanto ela tirava a camisa do corpo. Embora ainda conservasse as cicatrizes de seu tempo passado na masmorra, desvaneceram-se o suficiente para que as tênues luzes das velas não fossem mais que sombras defumadas. Quando os seios ficaram nus, Wulfson assobiou uma larga rajada de ar. E pela primeira vez em sua vida o corpo do Tarian respondeu desse modo a um homem. Endureceram os mamilos e um fluxo corrente de calor inundou seu corpo. Um tremor de excitação espalhou-se amplamente através dela. A respiração acelerou, menos profunda, e embora não fizesse calor na habitação, um brilho infundiu por sua pele.



Nesse momento compreendeu o poder que uma mulher podia ter sobre um homem. Mas não se iludia. Um homem como o que nesse momento estava seduzindo só a permitia porque o tinha drogado. À clara luz do dia, com a cabeça limpa, duvidava que inclusive a sedutora mais ardilosa pudesse virar-lhe a cabeça se estivesse ocupado em outro assunto.

E era uma pena, porque era um homem muito notável. O comprido cabelo escuro não estava cortado à maneira normanda, mas mais à maneira dos homens do norte, emoldurando um rosto semelhante ao de um anjo torturado. Olhos de uma profunda cor esmeralda, emoldurados por escuras sobrancelhas oblíquas que nesse momento reuniam-se juntas em consternação. Um fino nariz aquilino com abas que se agitavam tão ligeiramente, como as de um lobo que sabia que seu inimigo estava perto, mas não queria afastar-se. Os lábios eram grossos e sustentavam uma promessa de destruição depois do prazer. Tarian trouxe com dificuldade e baixou mais o olhar. A visão desses lábios causaram-lhe estragos no corpo enviando um duro estremecimento cálido pelas costas. A única imperfeição em seus traços a emocionou, uma pequena cicatriz em forma de meia lua em seu queixo quadrado. Uma sombra de barba escura marcava sua cara onde cresceria se ele permitisse. Mas ela sabia que embora não barbeasse a parte posterior do pescoço, barbeava o rosto, e descobriu que gostava desse aspecto. Muitos saxões tinham sido despojados de sua glória, com as cabeças e caras barbeadas, principalmente para humilhá-los. Mas aquilo não importava, porque se preocupando com eles ou não, os normandos estavam ali para ficar, e guerrear de coração, Tarian usaria todas as armas de seu arsenal para ver a vitória ao final do dia.

Provando sua confiança, empurrou sutilmente os peitos para ele. Imediatamente este respondeu. Ela sorriu, sua confiança cada vez maior. Ele levantou uma mão cicatrizada e a pressionou sobre o peito direito dela. O coração saltou-lhe o no peito. Tarian fechou os olhos e mordeu o interior da bochecha para reprimir seu súbito pudor. A sensação de sua mão sobre ela não era desagradável. De fato, esquentava-lhe o corpo. As mãos do Malcor tinham sido frias, moles e cruéis, mas este homem era quente, duro e, no momento amável.

Ela apertou o corpo contra sua mão, e ele se virou para enfrentá-la completamente.

— Quem é você? — exigiu com a voz rouca, movendo-se pela cama para ela.

— Sou a mulher de seus sonhos que veio procurar um jogo mortal — moveu-se para ele e pressionou os lábios uma vez mais sobre a base de seu pescoço. Acariciou-lhe os braços e se pressionou mais forte contra ele. Embora ele não resistisse, tampouco participava. Entretanto a crescente longitude de sua masculinidade dava testemunho de que embora seu cérebro não a quisesse, seu corpo queria.

Tarian se aproximou, de modo que agora o calor do pênis se apertava contra seu ventre. Wulfson sibilou de novo, e desta vez não deixou nenhuma dúvida quanto ao seu desejo. Seus largos braços a puxaram para ele, e a sustentaram com a força de um braço de aço. Atirou o cabelo para trás para elevar-lhe o queixo para que seus olhos encontrassem a provocação dos dele.



— Então jogaremos, minha princesa de fadas. — Empurrou-a de costas sobre a grossa colcha e em uma repentina quebra de onda de fúria as suas mãos e lábios a devastaram.

Despreparada para seu ardor, Tarian lançou um grito de alarme.

— Não se faça agora de tímida, princesa. Terei o que tão arbitrariamente ostentou. — sussurrou contra seu peito.

O joelho pressionava entre suas coxas, abrindo-as. Um pânico repentino a encheu. Ele era grande e pesado, e poderia esmagá-la sob seu corpo. Sua grossa longitude pressionava ousadamente contra a coxa. Não deveria ser assim! Ela ia ser a sedutora, não a devastada.

Mas quando seus lábios capturaram um mamilo, e a mamou, ela ofegou de surpreso prazer. O calor inundou seus membros, colidindo na união das coxas. Com a mão direita percorreu sua cintura até os quadris, depois à coxa.

Suas palavras abafadas de paixão se perderam no entusiasmo por seu corpo. Em uma corrente de ardente paixão, consumiu-a palmo a palmo. E embora ela tentasse manter o controle, estava a sua mercê.

A mão dele se moveu entre suas coxas. A reação instintiva dela foi fechá-los. Pressionando as mãos contra seu peito quente, sussurrou:

— Suavemente, milord, suavemente.

Seus olhos brilharam, com o corpo tenso, e ela soube que exercia um grande controle.

— Trate-me com gentileza. — sussurrou de novo, e viu como suas feições se relaxaram. Deslizou os dedos entre seu espesso cabelo e colocou um pouco de lado, afastando-o. Para seu assombro, ele permitiu. Agora suas posições se inverteram. Seu comprido cabelo os envolveu. Lenta, deliberadamente, baixou os lábios aos dele, e se surpreendeu de encontrá-los quentes e suaves. Ele apertou os braços ao redor de sua cintura, e colocou para trás, movendo lentamente a cabeça. Seu cabelo varreu pelas bochechas e peito dele, e a fez soltar um comprido suspiro. Quando afrouxou sua presa, ela se inclinou de novo sobre seus lábios, e desta vez demorou. Um redemoinho de desejo percorreu-lhe o corpo. Quando ele abriu os lábios e sua língua percorreu a dela, gemeu. Sentiu sua ereção pressionando-a, mas não aumentou seu controle sobre ela. Lentamente explorou sua boca, saboreando-o, depois mordiscou-a. Sentiu por completo a masculinidade dele, com um doce vestígio de vinho na língua. Lambeu-lhe o lábio inferior. Ele gemeu, e desta vez deslizou as mãos da parte baixa das costas ao traseiro, os dedos afundando-se na carne, e embora doesse, também provocava um desejo primitivo nela. Pressionou acaloradamente os quadris contra ele e, com a insinuação de uma mulher, ondulou contra ele.

Aquilo foi demais para ele. Arrastou-a com seus braços e inverteu as posições.

— Não tenho forças para jogar galantemente — disse com voz rouca, enquanto seus lábios caíram sobre ela em um beijo voraz.

Tarian foi arrastada por sua paixão, e por seu próprio desejo de ser desejada. As mãos percorreram seus peitos, os grossos dedos brincando com os mamilos endurecidos. A sensação era nova e suntuosa. Gemeu e se arqueou mais



para ele. Seus lábios a queimaram ali, e gritou em voz alta. No momento foi arrastada pelo desejo dele e sua experiência, e não se importou. Como um marionetista, dirigia os fios de seu corpo, e ela permitiu-lhe.

Com um lento deslize, passou sua mão direita por cima do ventre dela e a deixou ali. Sua mão era tão grande que quando a estendeu a cobriu. Ela olhou para baixo para a impactante vista e o corpo inteiro estremeceu. Sua mão foi até mais baixo e quando seus dedos se moveram ligeiramente sobre seu suave montículo ela conteve o fôlego e o agarrou. Não esperava sentir-se tão viva, tão consciente de seu corpo, tão em carne viva. Teria Edie lhe dado a mesma poção em seu vinho? Ele pressionou a mão sobre seu monte, as coxas dela se estremeceram, e, com o corpo esticado tanto como a corda de um arco, ela esperou sem fôlego o que viria a seguir.

Com a ligeireza de uma pluma, passou-lhe as pontas dos dedos pelos lábios inferiores, e Tarian pensou que morreria de vergonha. Mas a emoção precipitou-se com um desenfreado desejo de mais. Deu-lhe mais. Esfregou a ponta do polegar contra o endurecido nó, a ação causou que o corpo se sacudisse contra ele, enquanto uma pontada quente disparava-se pelo ventre. Ela sibilou em um comprido suspiro, e exalou lentamente.

Deliberadamente ele moveu os dedos devagar para frente e para trás através da pele enrugada, e na esteira de sua carícia lasciva, ela se sentiu umedecer. Fechou os olhos, forçando-se a relaxar-se mais. Um suave gemido escapou de seus lábios quando ele pressionou a ponta do dedo mais firmemente contra essa parte lasciva dela, e renunciou a todo controle. Os lábios do Wulfson deixaram um rastro úmido de cada um de seus peitos para ficar na profunda fenda entre eles.

— Você me enfeitiçou. — murmurou roucamente contra sua pele, e uma vez mais Tarian sentiu algo remover-se em seu interior. Ele a ansiava. Quem era, o que era, não importava mais. Este homem a tocava como nenhum outro.

Enquanto as palavras saíam de sua boca, seu dedo deslizava pela úmida abertura e ela conheceu uma sensação sublime que nunca tinha imaginado que existisse. As cálidas dobras umedecidas de seu corpo se esticaram ao redor dele e pensou que morreria de prazer. Agarrou-lhe pelos ombros, arqueando-se contra ele, afundando as unhas em sua pele. Ele exalou o fôlego justo antes de pegar a boca a um mamilo enquanto movia o dedo dentro dela em um lento e delicioso movimento deslizante. Impotente, aferrou-se a ele, e com vontade própria, as coxas se abriram amplamente querendo mais dele, todo ele, enchendo-a. Mas ele a fez esperar. Fez chispar e arder seu corpo enquanto os dedos e lábios torturavam sua carne. Empurrou-a para um lugar que nunca tinha imaginado, e embora se sentisse como se estivesse à beira de um precipício e quisesse saltar e voar como as águias, pendia suspensa ali por um intenso desejo selvagem.

Ele sussurrava palavras que ela não compreendia em um rouco estímulo. Encaixando os quadris contra as coxas.

— Tome-me agora — ofegou, tratando de tragar ar.

Incorporou-se sobre ela, apanhando seu olhar.

— Agora — sussurrou ela entre respirações forçadas. Deslizou o dedo para fora de seu corpo fazendo-a gritar. Ele aproximou-a e sem ajuda dela, a grossa



longitude quente deslizou em seu interior. Arqueou-se contra ele e ficou sem fôlego. Mais pela comoção ante o sentimento alheio dele penetrando-a. Então gritou de dor. Rapidamente mordeu o lábio e fez tudo o que pôde para obrigar o corpo a relaxar. Afastaria sua inexperiência. Mas não poderia evitá-lo. Era muito grande para ela. Seu corpo virginal não estava preparado para ele. Deteve sua penetração, os quadris e os braços tremendo enquanto aguentava fora dela, mas ainda estando parte em seu interior.

Ela abriu os olhos para encontrá-lo olhando-a com certa confusão. O pânico formou redemoinhos ao redor dela. Saberria que era virgem se continuasse agindo como uma, e então tudo estaria perdido. Tomando uma profunda inspiração, afundou-lhe os dedos no cabelo e atraiu seus lábios para os dela, e se abriu mais amplamente para ele.

— Venha para mim, sir cavaleiro, me encha com sua glória.

Seus lábios esmagaram os dela e o grito enquanto ele empurrava através de sua virgindade se perdeu no beijo.

— Jesus! — gemeu ele contra seus lábios.

E uma vez que a barreira se rompeu entrou profundamente nela. O corpo se estirou para acomodar-se a sua largura, e apesar da dor e da comoção, o corpo umedeceu-se mais para ajudar à penetração.

Ela conteve o ataque repentino de lágrimas, sem entender a emoção. Não se permitiria questionar o que acabava de fazer. Pelo contrário, envolveu os braços ao redor do homem que mais lhe tirava o fôlego, e permitiu que ele a levasse a um território desconhecido.

Relaxou-se tanto como pôde, fechou os olhos, e deixou que o corpo respondesse como a natureza se propunha. E quando seu corpo finalmente se moveu ao compasso com o dele, não pôde dizer que fosse desagradável. De fato, o fogo que ele tinha provocado anteriormente voltava a arder em seu interior.

O poder dele, enquanto seus quadris ondulavam e formavam redemoinhos contra os dela, afastou todo vestígio de resistência. Era a encarnação do sonho de toda donzela. E por esta noite era o dela. Não queria pensar o que o dia seguinte poderia proporcionar.

Seus lábios varreram os dela, tomando-a e pondo-a a voar. Seu corpo se moveu a um novo nível de sensação, uma tormenta cresceu em seu interior, e embora tentasse obrigá-la a fugir ela não poderia. Ela sentiu o corpo dele acelerando, seus embates se fizeram mais rápidos, mais intensos, mais centrados. Ela apertou os músculos interiores ao redor dele e se arqueou. Ele gritou, sua voz espessa e cheia de paixão enquanto corria em uma feroz rajada selvagem, com uma força tão poderosa que ela sentiu sua semente quente no interior. Pendurou suspenso sobre ela, os traços tensos no rosto, a mandíbula apertada, o grande corpo sacudindo-se enquanto o dela espremia cada gota de fluído dele.

Com a culminação do fato, paralisou contra ela, os corpos escorregadios lânguidos enquanto cada um tratava de recuperar a respiração.

Tarian ficou imóvel enquanto seu corpo se esfriava, e se sentiu estranhamente insatisfeita. Wulfson rodou afastando-se dela e deitou sobre as costas, a coxa tocava a dela. O momento se arrastou lentamente. O tempo era



agora seu inimigo. Quanto mais ficasse, mais tempo teria o corpo dele para diluir a poção. Tinha que deixá-lo, e tirar todos os seus vestígios do quarto. Entretanto tinha a regata sob seu grande corpo. A semente quente e pegajosa se mesclava com seu sangue, que tinha secado entre suas coxas, e ele ainda não se movia. Finalmente, as profundas inspirações deram passo ao sono. E por alguma razão desconhecida, ela quis bater-lhe no peito e exigir saber como podia esquecê-la depois de uma experiência tão traumática.

Negou com a cabeça. Ele não entenderia, e inclusive se o fizesse ela duvidava que se importasse. Os homens raramente o faziam. Era melhor desta maneira. Sem enredo emocional para lamentar-se.

Enquanto Tarian se separava dele, foi detida em seco por um puxão de cabelo. Voltou-se para ele para defender-se, mas viu que tinha o cabelo apanhado sob seu ombro, não era sua mão que a apanhava. Cuidadosamente tirou a cabeleira escura de debaixo dele, mas franziu o cenho quando viu o tecido manchado de sangue da regata amassada sob as coxas dele. Não seria tão fácil de extrair.

Ele voltou a sonhar com suaves quadris movendo-se contra ele. Os peitos plenos de uma deusa apertados contra os lábios, exigindo sua atenção. Suaves gritos de prazer fazendo cócegas em sua orelha. Seu membro endureceu imediatamente, seu calor e peso preenchendo contra o quadril. Sorriu e se estirou para atrair o cáldo corpo. Só encontrou com ar. Em um instante, Wulfson sentou-se na cama para ver a ninfa escapando de seu lado.

— *Nay* — disse brandamente, e arremessou-a de volta em meio a seus gritos de angústia. Queria que seu sonho continuasse.

Rejeitado em algo mais que seu ardor, Wulfson a arrastou aos braços e a pôs de costas na cama. Os olhos procuraram os dela. Eram estranhamente familiares... Piscou para afastar a súbita nebulosidade na visão.

— Por favor, sir cavaleiro, rogo isso, deixe me ir.

Apertou-a de costas sobre os travesseiros, seu corpo não satisfeito com um amasso.

Os olhos varreram sua forma esbelta, descansando sobre as curvas feitas para o prazer de um homem. O pênis endureceu até doer. Deslizou um braço ao redor de sua cintura e a aproximou dos lábios. As costas dela se arquearam e os macios globos se estremeceram. Os bicos coloridos rosas eram largos e redondos, os mamilos recolhidos reagiram, não ao frio do aposento, mas a seu assalto.

— *Nay*.

— Por favor — implorou ela.

Ele captou a urgência em sua voz rouca, mas a urgência entre as coxas tinha prioridade. Pressionou-lhe as costas contra os travesseiros.

— Uma vez mais, minha doce princesa dos sonhos — Afundou os dentes em seu macio pescoço. Ela se arqueou contra ele, seu suave aroma de rosas sacudiu os sentidos.



Seus braços deslizaram ao redor do pescoço e Wulfson sorriu contra ela. Levantou a cabeça para olhar aos estranhos olhos de cor cristalina. Brilhavam com lágrimas, fazendo-os reluzir como gemas preciosas jogadas contra as praias brancas de Dover no sol da tarde. Seus peitos ondularam ante sua agitação, mas ele sabia que havia mais que isso. Ela não achava completamente desagradável seu acoplamento. Nay, ela lutava contra algum outro demônio, ele não era o culpado.

— Tem medo de mim? — perguntou brandamente.

Ela sacudiu vigorosamente a cabeça, não.

Ele apertou os lábios contra seu ombro nu e mordiscou sua suave pele.

— Então por que chora?

— Eu... eu não sei.

Ele fechou os olhos e apertou o nariz contra o suave lugar onde seu pescoço se unia com seu ombro, e passou os dentes pela veia grossa de seu pescoço.

— Fique aqui comigo. Não te faria mal. — Arrastou os dedos ao longo de seus braços até seu ombro, descendo por seu pescoço aos altos montículos de seus peitos. Olhou-a com assombrado silêncio enquanto sua pele se arrepiava e seus mamilos se endureceram. Ele se curvou sobre um mamilo e o chupou. Ela gemeu e se moveu por baixo dele.

Em um lento movimento, girou-a sobre seu ventre, mesmo que ela protestasse.

— Não te farei mal, princesa. Você vai chorar de prazer. — Baixou as mãos pelas delicadas curvas de suas costas. Franziu o cenho quando riscou com a ponta de um dedo o que parecia ser a cicatriz de uma chicotada. Seu dedo seguiu até as amadurecidas redondas de seu traseiro. Várias cicatrizes descoloridas mais atravessavam a suave pele ali. Apertou os lábios contra a grossa nádega.

Os quadris dela se pressionaram contra o colchão e seu afogado gemido de prazer animou-o. Em uma longa carícia reverente, as mãos alisaram as cicatrizes. Os lábios viajaram ao longo de suas costas. Deslizou o braço sob seu ventre e a pôs de joelhos. Sentiu tremer o seu corpo.

— Calma princesa — sussurrou contra seu traseiro. Sua essência almiscarada se elevou quando ele separou suas coxas e inalou profundamente. Não era um aroma que pudesse esquecer.

Pressionou os lábios ali e ela ofegou, afastando-se, voltando-se com os olhos arregalados.

— Isto não é decente! — exclamou.

Ele sorriu e a voltou a empurrar contra os travesseiros.

— Não há nada indecente em um homem amando o corpo de uma mulher. — Olhou para baixo ao pênis dilatado, depois a aprisionou com o olhar — Toque-me como a toquei.

Ela recuou mais nos travesseiros até que tropeçou com a cabeceira. Wulfson riu entre dentes, encontrando na sua inocência um sopro de ar fresco e



doce. Pegou-lhe pela mão e a pressionou-a contra ele. Aspirou fortemente ante a visão de seus delicados dedos lhe envolvendo. Os olhos se encontraram com o olhar surpreendido dela.

— Você está quente — apertou-lhe, e se ele não tivesse de joelhos seu gesto o teria posto sobre ela — É suave.

Ele se divertiu. Ela sorriu.

— Como veludo. — Ele fechou os olhos e se empurrou para dentro de sua mão. Lentamente ela moveu a mão para cima e para baixo, os quadris dele seguindo seus movimentos. Estava perto de ejacular quando ela parou.

Ele abriu os olhos, procurando sua face, e só encontrou um silencioso respeito.

— Você ainda deseja que eu a deixe ir? — perguntou.

Ela ficou de joelhos frente a ele.

— *Nay*. — exalou, seu suave fôlego fez cócegas em seus lábios. O sangue dele acelerou, como se fosse possível inchou ainda mais em sua mão. Nesse momento ele não pôde recordar ter tido jamais que exercer tão rígido autocontrole. Se ela não cedesse ante ele logo, não seria capaz de conter-se — Há tempo ainda. — Deslizou-lhe os esbeltos braços ao redor do pescoço e pressionou todo seu corpo — Não negarei o que está procurando. Tome.

Deslizando o braço ao redor de sua cintura, agarrou-a e a pôs sobre os travesseiros, onde a seguiu, e afundou o palpitante pênis em suas quentes e úmidas dobras quase chegando ao prazer nesse instante. Nunca tinha tido tal urgência em unir-se como tinha nesse momento. Ela gritou, mas ele sentiu o sangue acelerar enquanto se movia em seu interior.

— Venha comigo desta vez. — murmurou contra seu peito. Não se cansava de sua doçura. Ela era totalmente carnal. Sua pele era suave e sedosa, sua fragrância de rosas era como um banho em um manancial, mas sua essência o deixava louco. E o tesouro entre suas coxas era apertado, e quente, e atirava ele incessantemente ao profundo abismo escuro que era o puro paraíso.



Capítulo 7

Wulfson despertou com o ensurdecido som de Rolf enchendo o braseiro com carvão.

— Deixa de barulho! — assobiou Wulfson entre os dentes apertados.

Sentia a cabeça como se Tuold a atravessasse em correria, sua boca tão seca como os desertos da África e o pênis tão inchado que era doloroso. Agarrou o palpitante membro e fez uma careta. Estava cheio, mas também estava sensível.

Fechou os olhos e recordou o vago sonho de uma princesa que veio a ele durante a noite, oferecendo-se não uma, mas duas vezes. Esfregou a dolorida cabeça e estirou as pernas pela beira da cama, pensando que a dor de cabeça valia o sonho.

— Sir Wulfson? — perguntou Rolf em voz baixa — No que posso te ajudar?

Wulfson negou com a cabeça e fez um gesto para afastar o menino.

— Fora. Eu mesmo me ajeitarei como fiz na noite passada.

O menino, *nay*, o homem jovem, avermelhou e se moveu arrastando os pés.

— Milord, eu...

— Silêncio! Vá embora.

Nunca ninguém questionava a ordem de seu amo e o escudeiro se foi em um abrir e fechar de olhos. Wulfson se recostou na cama e apertou os olhos com a mão direita. O aroma suave de uma mulher chegou ao nariz. Abriu os olhos, e apesar dos embates de um milhar de martelos na cabeça, sorriu. Embora não pudesse recordar os detalhes, não era tolo. A essência de uma mulher se aferrava a sua mão e agarrou o pinto de novo. Sim, definitivamente usado. A outra mão se estendeu sobre o leito, acariciando os lençóis enrugados sobre o travesseiro e a agarrou. Pressionou-a contra o nariz: a fragrância de rosas se aferrava a eles. A mulher de seu sonho não era tão imortal como queria que acreditasse.

— Milord? — chamou Rolf da porta — Lorde Alewith e sua comitiva chegaram.

Wulfson franziu o cenho e lançou o travesseiro sobre a cama.

— Enviou aqui uma mulher na última noite?

Rolf franziu o cenho pela confusão.

— Sir?

— Uma mulher, o oposto de um homem, você enviou na última noite?

— *Nay*, senhor.

— Meus irmãos fizeram isso?

— Não que eu saiba, sir. Foram diretamente as suas camas depois da comida.



A confusão reinou na cabeça. Este lugar abatia feitiços sobre ele. Rechaçou a ideia.

— Traga-me água quente e envie Rorick para entretê-los até que eu desça.

Rolf assentiu com a cabeça e se apressou nas suas tarefas.

Como estava acostumado a fazer sob as piores condições, Wulfson aproveitou seu tempo. Havia dado a lady Tarian o tempo suficiente para recuperar-se. Tinha esperado duas semanas por este dia. Agora, poderia esperar, pois não daria a aparência de estar ansioso. Embora o tentasse, encontrou-se reprimindo-se para ir abaixo, e com uma antecipação que comparou com a emoção da batalha, sentiu a mesma sensação em sua ânsia para confrontar o enigma que o tinha obcecado estes últimos quatorze dias. Enfaixando-se com os cintos de couro para levar a espada na cintura e as duas curtas depois das costas, saiu do aposento, desejando chegar à reunião e terminá-la. Os ingleses eram um grupo ressentido quem tão logo o mataria onde estivesse, como também, esperariam até que encontrasse dormindo para apunhalá-lo pelas costas, a ele e a seus homens. Ele preferia qualquer dia nas ensolaradas costas da Normandia a esta mofado cobertor molhado de ilha.

Enquanto caminhava pelo estreito corredor entre os poucos quartos acima do salão, Wulfson apanhou a alta figura de Gareth revoando fora do aposento da dama. Thorin permanecia estoicamente frente em guarda, saudou com a cabeça, a mão descansando comodamente sobre o punho de sua grande espada. Seu enorme machado viking se assentava comodamente contra o quadril. Wulf soltou um resfolegar de admiração. Tinha visto voar cabeças dos ombros depois de encontrar-se com o grande machado de Thorin chamado Beowulf. Era um nome muito apropriado.

— Preste atenção à minha convocação, Capitão. Faça que sua senhora desça sem demora.

Gareth olhou imóvel para Wulfson.

— Tenho sua palavra de que não lhe farão nenhum mal?

— *Nay* — disse Wulfson, continuando pelo corredor até a escada circular que conduzia ao grande salão — Não a tem.

Um grande grupo de pessoas formava redemoinhos ali. Os Espadas de Sangue, junto com Rangor, seus amigos, vários aldeãos e o constante fluxo e vazante dos serventes. Apesar de tudo, Wulfson podia ver não só um alto e nobre saxão, que mantinha uma bem acalorada conversa com Rangor, mas também uma jovem nobre de não mais de dezesseis, seu comprido cabelo dourado apenas oculto debaixo da rede para cabelo. Seu sangue se esquentou. Pois ela não ela não usava a roupa na moda, pouco lisonjeadora das mulheres deste lugar, mas uma figura mais elegante, como as mulheres nobres na Normandia, com seu kirtle²⁰ colante.

O rugido de seus homens aumentou quando desceu o último degrau e Wulfson sorriu. Ele tinha uma fome repentina de sustento. Sorriu mais amplamente e esfregou a mão sobre o peito, sentindo a estranha sensação da cicatriz, vestígio de tantos anos atrás quando o diabo sarraceno chamuscou-lhe o peito com sua espada. A queimadura que nunca esqueceria, e a cicatriz que era um aviso

²⁰ Em inglês arcaico: saia ou vestido de mulher.



constante para estar sempre preparado. Todos os olhares se voltaram para ele quando se aproximou com arrogância do salão. Seus homens, como ele mesmo, estavam sempre vestidos para a batalha. O tempo de ócio com traje de cerimônia não era parte de sua dura vida. Ele e seus irmãos estavam sempre preparados para montar e procurar o inimigo e não estava cego ante o fato de que havia muito mais traidores em pé no antigo salão de Draceadon neste momento que em qualquer campo de batalha. Que assim fosse. Estava preparado.

Rangor deu um passo adiante, um sarcástico sorriso torcendo os lábios.

— Sir Wulfson, espero que o alojamento tenha servido bem.

— O suficiente — voltou-se para o alto saxão elegantemente vestido.

Inclinou a cabeça ao homem, quem, embora estivesse vestido com elegância e mantinha sua postura majestosa, também mantinha o cauteloso olho de um soldado.

Inclinou-se ante Wulfson enquanto Rangor fazia a apresentação.

— Desejo lhes apresentar o Lorde Alewith de Turnsly, Marlow e Sharpsbury, tutor da recentemente viúva Lady Tarian, e sua filha Lady Brighid.

Wulfson assentiu com a cabeça.

— Milord, por que viestes?

O rosto do ancião se ruborizou, mas não tropeçou em suas palavras.

— Vim para levar a minha pupila para casa.

Wulfson sorriu, um gesto que não significava simpatia. A moça de cabelos dourados, Brighid, conteve a respiração e levou a mão à boca quando seus olhares se enfrentaram.

— A senhora não deixará Draceadon.

A jovem ficou sem fôlego.

— Mas deve permitir que Tarian volte para casa!

— Silêncio, menina. — censurou Alewith. Levantou seus suplicantes olhos cinza a Wulfson — Meu perdão, minha filha esquece os modos.

Wulfson encolheu os ombros e se precaveu de que a garota era mais jovem do que ele tinha suspeitado. E embora alguns homens pudessem não ter escrúpulos em compartilhar uma cama com uma menina, ele não estava entre eles.

Uma vez que deixou a menina de lado, o nobre o confrontou plenamente. Wulfson o viu reunir sua coragem.

— Temo que não possa aceitar sua resposta. Tarian tem um lugar com sua família. Insisto em que a permita retornar comigo.

Wulfson passou por ele para sentar-se à mesa do senhor.

— Tenho muita fome esta manhã, sir Alewith. — Wulfson passou a mão para abranger seus homens, que se sentaram com ele à mesa no elevado do senhor — Por favor, sentem-se e comam a fim de poder discutir o assunto de sua pupila.



Alewith posou um amargurado olho sobre Wulfson, continuamente em Rangor, quem assentiu com a cabeça. Brighid estava sentada junto a Rhys, seu pai e seu tio rodeando-a do lado contrário.

Quando a comida foi colocada com pressa, Wulfson balançou a cabeça e espetou uma parte de ovo cozido de uma tigela com a faca de mesa. Quando estava a ponto de tomar um bocado, uma forte tosse na mesa o parou. Baixou o olhar ao padre Dudley, um homem mais que chato que recordava um terrier, constantemente latindo em seus calcanhares. Tinha-lhe feito, reiterados chamados para a liberação da Lady Tarian e Wulfson tinha-lhe feito ouvidos surdos ao homem toda vez.

Wulfson baixou a faca e a cabeça, embora ainda fosse capaz de ver tudo o que acontecia diante ele no salão. Sorriu para si mesmo e viu que os Espadas de Sangue faziam o mesmo. Uma vez que a oração foi dita, os homens cravaram com gosto. Enquanto mastigava lentamente, Wulfson observou a seus convidados por baixos de pálpebras entreabertas. Banhou o ovo em uma taça de leite e perguntou:

— Como é milord, que você e Rangor parecem ser a síntese da saúde, quando a maioria da nobreza da Inglaterra que caíra em Hastings e seus sobreviventes ainda mostram os sinais devastadores da guerra?

Alewith se engasgou com a parte de carne que tinha tragado. Resmungou enquanto sua filha batia-lhe nas costas. Levantou uma mão para parar seu assalto, enquanto recuperava o fôlego. Wulfson notou uma vez mais a riqueza de suas vestimentas e os anéis que levava. Embora não estava vestido com a exagerada elegância que Rangor parecia gozar, o nobre trazia posto justo à adequada quantidade para não ser chamado de fantoche. Os olhos cinza escuro do homem sujeitavam uma sagaz experiência detrás deles e era, decidiu Wulfson, mais perigoso que Lerwick, que levava postas suas emoções na manga de sua túnica como uma mulher.

Este último franziu o cenho, mas não disse nada, esperando sem lugar para dúvidas que Alewith mordesse o anzol. O que fez prontamente. Endireitando-se, o saxão sorriu com amargura.

— Sir Wulfson, posso assegurá-lo que lutei tão duro e durante tanto tempo como meus compatriotas mortos. Que tenha escapado da morte é uma prova não só da minha própria habilidade com um machado e espada, mas da lealdade dos homens que me rodeiam. Mas se deseja conhecer a pura verdade, a jovem dama a quem vim levar para casa protegeu minhas costas durante todos os dias. Não poderia pedir um guerreiro mais temível.

Wulfson se divertiu e se alegrou de não ter tomado um bocado da carne assada com a ponta da faca. Seus homens riram.

— Querem dizer, saxão, que essa migalha de mulher que encontramos em seu leito de morte nas entranhas desse casebre segurou uma espada contra William em Hastings? — perguntou com incredulidade Rorick.

— E antes disso, em Stamford Bridge! — provocou Brighid levantando-se.

Alewith lançou um sorriso indulgente à moça, mas logo a puxou de volta até a posição sentada antes de lhe dar um olhar de advertência.

Wulfson sorriu e esfregou o peito.



— Ela sem dúvida se encontrou com bretões covardes! Uma velha com uma vassoura levantada poderia havê-los afugentado completamente. — os homens de Bretanha tinham retornado a casa em desgraça por sua covardia no campo de batalha.

Alewith sorriu e assentiu com a cabeça. Ele se parecia com uma raposa que tinha atacado o galinheiro.

— Como não sei se nos converteremos em amigos ou inimigos, me absterei de elogiar a perícia de minha pupila não só com um arco, mas também com sua própria espada.

Wulfson soprou e arrancou de uma dentada outra parte de carne e mastigou. Deu uma olhada através da mesa para seus homens, quem todos luziam a mesma zombadora satisfação oculta que ele sentia.

— Poderia explicar por que Harold caiu em última instância.

Alewith ficou rígido e se inclinou sobre sua filha para falar diretamente com o Wulfson.

— Era um poderoso guerreiro e o favorito do povo. Era um homem respeitado em toda a Inglaterra.

Wulfson ficou em pé, tirando uma das espadas de dupla bainha das costas com ambas as mãos. Levantou bem alto entre os gritos das mulheres e os frios olhares dos homens, então a lançou através do salão, onde aterrissou com um brusco golpe na viga de suporte de madeira atrás do estandarte do dragão de ouro e safira pendurada sobre a grande chaminé. A velocidade do impacto rasgou o tecido pela metade.

— Harold está morto e William é o rei! — atacou Wulfson — Não escutarei mais choramangações a respeito de que nobre homem foi seu usurpador. Estive ali quando jurou a meu rei que ia manter o juramento de Edward a William para o trono da Inglaterra. Rompeu sua palavra e qualquer homem, grande conde ou não, que rompe seu juramento não é homem aos meus olhos!

— Não fariam um juramento se uma espada pressionasse firmemente seu pescoço, assim como a de seu irmão e sobrinho? — disse uma rouca voz feminina detrás dele.

O salão ficou silencioso como uma tumba e o cabelo no pescoço do Wulfson se levantou. Igualmente o pênis.

— Tarian! — Brighid gritou, mas o pai dela a segurou pelo braço antes que a menina poderia correr para a mulher que, Wulfson soube naquele momento, estava indo para testar sua coragem como nunca tinha sido testada antes.

Lentamente ele se virou, assim como todos os Espadas de Sangue. Quando a confrontou, a brusca inspiração de seus homens se mesclou, e inclusive a de seu tutor, mas mais forte foi o grito abafado que veio de Rangor. O som era uma mistura de admiração, temor e luxúria não correspondida.

O olhar do Wulfson apanhou o dela através da sala, e por um breve espaço de tempo, seu coração não bateu.

Ela era, em uma só palavra, fascinante. Como nenhuma outra mulher que alguma vez tivessem visto seus olhos. E, notou com um lacônico sorriso, que não



vestia como uma jovem viúva deveria estar. O comprido cabelo de ébano pendurava em grossas e onduladas ondas sobre os ombros e caía até os quadris brandamente largos. Fitas azuis, vermelhas e amarelas estavam trançadas em dois logos fios que percorriam um lado do rosto. E Jesus, que rosto. As sobrancelhas finamente arqueadas emolduravam uns brilhantes olhos cor safira que nesse momento mordiam com irritação, e se percebeu, com uma paixão que poucos homens poderiam corresponder. Seu pênis inchou. O nariz era pequeno e insolente. Os lábios cor vinho estavam cheios, o superior uma reminiscência de um arco de cupido, o inferior, inclusive apertado como estava agora, sensual.

Baixou o olhar. Levava um vestido azul de lã e linho ricamente bordado sobre uma túnica verde-mar. O sutiã estava passado os laços apertadamente, o tecido tenso sobre os cheios peitos arredondados. Ao redor de sua magra cintura pendurava um grosso cinturão de couro bordado, de que pendia uma espada embainhada. Grossos braceletes de ouro e prata rodeavam seus braços, dos pulsos até debaixo do cotovelo. Embora fossem adornos, eram também grossos, e suspeitava um escudo digno da delicada pele por debaixo. Com a mão esquerda acariciava o punho forrado de couro de sua arma, a qual podia dizer ainda com a distância entre eles que era uma peça de armamento de primeira qualidade. Os saxões eram armeiros de renome.

Wulfson sorriu calmamente, o sangue correndo loucamente por suas veias. A familiar excitação formava- lhe redemoinhos no ventre, como o fazia quando enfrentava um inimigo. Tinha vontade de ver que perita espadachim era antes de tendê-la na cama mais próxima. Mas conteve o desejo. Não só era uma mulher da nobreza, mas também estava marcada.

Os olhos se moveram dela para Gareth e Thorin, que estavam em pé atrás dela, vigiando-a de perto. O sorriso de Wulfson se alargou. A espera de duas semanas de duração havia valido a pena por esta magnífica vista.

Fez-lhe uma reverência e disse brandamente:

— Um juramento é um juramento, Lady Tarian.

Ela sorriu e cortou dizendo.

— Recordarei bem, milord cavaleiro. — olhou além dele, para Rangor, ele estava certo — Daria seu juramento para me liberar do açoite do chicote que teria me colocado a descansar tão cedo ao lado de meu recentemente defunto marido?

Wulfson se adiantou um passo, e quando chegou mais perto dela, os olhos percorreram seu rosto e sua figura. O corpo ia esquentando quanto mais se aproximava dela, e uma repentina sensação de familiaridade o ferrou. Parou junto a ela e inclinou a cabeça, observando cada característica sua. Inclusive sua voz soava familiar. Sorriu lentamente e viu um suave rubor rosado tingir- lhe as bochechas.

Fazendo uma curta inclinação, com voz rouca Wulfson se apresentou:

— Sou Wulfson de Trevelyn.

Ela fez uma superficial reverência. Irônica diversão franzia os carnudos lábios.

— Sou Lady Tarian de Dunloc.



— Isso ouvi — ficou olhando-a fixamente, incapaz de compreender sua beleza e o ar de sensualidade que era tão parte dela como esses notáveis olhos — Milady?

Ele estendeu seu braço como um nobre faria com sua dama. Os olhos de Tarian se entreabriram, mas estendeu sua mão e a pôs firmemente sobre o braço. Ele assinalou ao seu redor e enquanto se dirigiam à mesa do Lorde, Wulfson perguntou:

— Agora, me digam, de que açoite falava?

À medida que a deixava no lugar junto a ele, Tarian conteve um tremor. A poção tinha sido potente, mas ele suspeitava. Viu a faísca de reconhecimento em seus profundos olhos verde. O pânico surgiu do nada, apoderando-se de seu ventre e retorcendo-o. Mas tranqüilizou-se e o expulsou. O que mais a aterrorizava era a inesperada reação a ele, tão forte à luz do dia. O corpo se esquentou no mesmo momento em que ele pôs esses brilhantes olhos sobre ela, e a forma em que a revolveu com esses olhos fazendo-a sentir como se estivesse nua diante dele. Ela sabia bem o que passava por sua mente. As bochechas esquentaram-lhe de novo. O mesmo pensamento cruzou-lhe a cabeça. Tinha contido o fôlego, olhando-o de perto pelo mais leve sinal de reconhecimento dela, e para ouvir sua pergunta conteve o fôlego de novo. Ele parecia, entretanto, esperar sua resposta. O qual estava bem. Não podia permitir-se que ele o reconsiderasse.

— Mas, sir cavaleiro, você de todas as pessoas deveriam saber do que falo. — disse Tarian com doçura.

Wulfson sorriu, os dentes eram brancos e retos.

— Vejamos como se esgota o dia antes de dar-lhe meu juramento.

O cavaleiro tomou assento a seu lado, e ao tomar a faca de mesa, deteve-se e a olhou com olhos surpreendidos. As abas do nariz se abriram, e por um momento pensou que tinha captado seu perfume. Mas ela se preparou bem. O aroma de rosas da noite passada não era o habitual nela, agora usava um de violetas doces. Rezou para que não a reconhecesse.

Ela elevou uma sobrancelha.

— Sir? Cheirando sua presa como um lobo antes de matá-la? — o contínuo ruído na mesa se amorteceu com as palavras. Tarian olhou-o fixamente, seu olhar feroz — Eu gostaria de conhecer seus planos para mim.

Wulfson agarrou a faca da mesa de onde a tinha deixado. Aproximou-a do peito e voltou à ponta afiada para ela. O fôlego ficou apanhado na garganta, mas não se atreveu a mover-se. Em uma suave carícia, ele colocou o lado plano da ponta sobre sua mandíbula logo, pouco a pouco, descendeu por seu pescoço e ainda mais abaixo para as arredondadas ondas de seus peitos. Tarian permanecia rígida, entretanto, estranhamente quente. Tinha a intenção de matá-la aqui? Agora? Gareth poderia morrer tentando salvá-la, embora seu capitão e seus homens, que tinham ficado todos na entrada, eram guerreiros experientes e bem armados. Mais de uma cabeça rodaria se fosse assassinada. Sacrificaria o normando alguns de seus homens para matá-la agora, em público, quando podia esperar seu momento e salvar a vida de muitos?



Respirou profundamente, a lâmina lhe beliscou a suave pele. Seu olhar apanhou o seu, e não estava segura do que lia nessas profundas esmeraldas. Fogo, sem dúvida, mas era o fogo da perseguição, a antecipação do domínio absoluto sobre sua presa? Ou havia mais que isso? Porque ele era um caçador da espécie mais violenta, e ela sabia muito bem que sua paixão era tão feroz como suas habilidades de combate, pelas quais ele e seus homens eram célebres.

Os longos segundos se prolongaram, ela nem sequer se alterou. Ao contrário, pressionou-se contra a lâmina.

— Se tiverem vindo para me ver plantada ao lado do meu marido, faça agora e salve a todos nós da ansiedade da caça.

Ele franziu os lábios.

— Você me faz uma grave injustiça, Lady Tarian.

Ela elevou uma sobrancelha duvidando.

— Você está renunciando à perseguição antes que tenha começado. Eu pensaria que um guerreiro de sua índole estaria ansioso para provar a si mesmo.

Tarian sorriu e pressionou-lhe a coxa com a mão. Ele assobiou em um suspiro.

— Oh, mas sir cavaleiro, aí é onde se equivoca. Estive comprometida desde o dia em que nasci.

Seus olhos se entreabriram como se desse conta que não tinha todo o controle. Tomou vantagem e pressionou com mais firmeza contra a ponta da lâmina.

Embora sua mão se mantivesse estável, nem avançando nem se afastando dela, quando a ponta alcançou a sensível pele de seu peito no bojo pela pressão exercida por ela, sir Alewith fechou os punhos sobre o tabuleiro da mesa.

— Basta! Não a machuque! É minha pupila e eu gostaria de vê-la segura de volta o Turnsly.

Wulfson olhou atrás de Tarian para o homem que a tinha criado. Ela deslizou a mão por seu antebraço para descansar sobre o punho que sustentava a faca. Era a mesma faca que tinha pressionado-lhe o pescoço ontem à noite. As abas do nariz de Wulfson flamejaram, e todo o salão, olhou com grande espera seu próximo movimento. Ela sentiu mais que isso, viu Gareth a sua direita, e sabia que a menos que lhe desse o sinal ele não impediria sua estratégia. Ele tinha aprendido fazia muitos anos que o que poderia parecer um ato insensato estava frequentemente bem planejado, e que as artimanhas de uma mulher podiam fazer mais dano a um inimigo despreparado que qualquer lâmina.

Entretanto, sir Wulfson de Trevelyn não era como qualquer outro homem. Seus olhos encontraram com os seus e elevou uma escura sobrancelha. Soube nas vísceras que ele estava ali para desfazer-se dela, o porquê, exatamente, não estava segura, mas se lhe desse vantagem ele tiraria o máximo proveito dela.

— Eu sou a senhora aqui, e como tal tenho o direito de saber que razão tem seu rei em Dunloc.

— Estou aqui para me ocupar de seu bem-estar, entre outras coisas.



Ela afastou-se dele e voltou para a comida que ia compartilhar com ele.

— Estou bem, como podem ver. Por favor, vá e leve a essa praga do Rangor com você.

Wulfson negou com a cabeça e apunhalou uma parte de carne da tigela com sopa. Enquanto mastigava, olhava-a, os olhos bebendo cada polegada dela. Foi mais além do atrevimento. Sua arrogância era insuperável, e quando olhou ao longo da mesa, reconheceu que não era mais que a imagem dupla de seus homens. Esteve a ponto de soprar com desprezo, e se sentiu desgraçada por ter tido que procurar um normando para seu leito. Apesar de sua impressão à luz do dia, tinha-o desfrutado da noite passada. Quando tinha escapado de sua cama, sentiu uma sensação de perda a que não podia nomear. Quando retornou de novo ao seu quarto, Edith estava sentada na cadeira com a agulha na mão, um montão de lã no colo e um sorriso reconhecedor iluminando o rosto.

Tarian despertou várias vezes na noite com a ilusão de quentes lábios e fortes mãos acariciando-a no corpo. Frustrada pela paixão pelo normando, admitiu que queria experimentá-la outra vez. Pois não havia sentido nada parecido em toda sua vida. Entretanto, sentia que havia mais que isso. O corpo doía e não sabia como aliviá-lo. Instintivamente, soube que a resposta era deitar-se com o cavaleiro do salão. Cada vez que retirava o cobertor e se sentava na cama, o pulso se acelerava e a respiração fazia pesada, Edith a olhava com o presumido sorriso ainda estampado no rosto. Tarian atirou o travesseiro à anciã e ordenou- lhe que deixasse de olhá-la e visse sua cama.

Esta manhã, não podia olhar a sua ama nos olhos, e se vestiu com uma rapidez assombrosa, quase escapando do aposento para desabafar com Gareth.

O corpo se esquentou. E apesar de sua frustração, lançou ao sombrio cavaleiro um olhar de soslaio por debaixo das pálpebras e não pôde negar que era um mais que notável exemplar de homem.



Capítulo 8

Sua fome anterior foi invadida pela ansiedade e a excitação, e Tarian só bicou a comida. Os normandos devoravam cada bocado à vista. Enquanto comiam, Tarian decidiu deixar a discussão que estava por vir, para depois da quebra do jejum. Queria poder mover-se, não estar sentada entre dois gigantes normandos com seus homens fora de seu alcance. Ia implorar seu caso e fazer com que Rangor e Alewith retornassem a seus respectivos feudos.

Não era uma mulher que necessitasse do amparo de um homem, nem sequer a destes normandos.

— Como chegaram a aprender nossa língua? — perguntou Tarian casualmente ao Wulfson.

— Minha mãe era saxã. Passei um tempo em Dover com seu irmão quando era um jovem moço.

— Por que não com ela?

Wulfson franziu o cenho em advertência. Tarian compreendeu imediatamente e não insistiu. Bastardo como ela mesma era, poderia entender o desprezo de uma mãe por um filho impuro.

— Está grávida? — espetou Rangor por cima da mesa.

Tarian ficou rígida, assim como os cavaleiros que a rodeavam.

O calor subiu às bochechas de Tarian. Calor não de vergonha, mas sim de indignação. Ele não tinha direito a fazer-lhe tal pergunta. Mas quando olhou para Alewith em busca de apoio, só viu uma calma dúvida em seus olhos. Tragou a parte de pão que tinha mastigado e se endireitou.

— O tempo dirá.

Rangor se levantou e voltou para olhar fixamente para a cabeceira da mesa.

— Se não houver um herdeiro, então não tem nenhum direito aqui.

Mais que irritada por seus implacáveis exigências, Tarian se levantou igualmente. Suspenderia suas incessantes reclamações de uma vez por todas.

— Tenho direito porque Malcor me cedeu isso tudo em seu testamento.

— Um documento fraudulento, sem dúvida! Nunca deixaria suas propriedades para uma mulher!

— Onde está o documento, Lady Tarian? — perguntou Wulfson levantando-se também.

Ela levantou o olhar e o encarou.

— Em um lugar seguro onde nenhuma mão desonesta possa tocá-lo.

Wulfson assentiu, mas pressionou.

— Eu gostaria de vê-lo.

Tarian arqueou uma sobrancelha.



— Sabe ler?

Wulfson assentiu com a cabeça.

— Bastante bem — devolveu-lhe uma sublevação de sobrancelha — E você?

— Melhor que bem. Era a única maneira dos monges da Abadia de Turns me impedirem de causar mais distúrbios.

Satisfeito com sua resposta, Wulfson olhou para Rangor.

— O documento será apresentado e examinado para atesto de sua validade. Minha decisão será definitiva.

Rangor se aproximou rodeando de seus homens, um grande desprezo de choramingo retorcia os magros lábios.

— Embora o documento pareça autêntico, se não houver um herdeiro, segundo nossa lei ela deve renunciar ao castelo, às terras e ao título que o acompanham, a favor do varão seguinte vivo na linha de sangue. Eu sou esse homem. O único.

Alewith também se levantou e movimentou-se para estar ao lado do Tarian. Ele tomou suas mãos frias entre as suas. Antes que pudesse pronunciar uma palavra, Rangor avançou mais exigente.

— Passou um mês da morte do Malcor. Tivestes alguma perda²¹?

As bochechas do Tarian se acenderam. Cada homem, mulher e menino no salão esperaram sua resposta.

— Rangor! — vaiou Alewith — Preste atenção a suas maneiras!

Com a espada desembainhada, Wulfson estendeu o braço, com a ponta afiada da lâmina apontando ao coração de Rangor. Os saxões, devagar pararam a vários passos de Tarian. Os homens do Wulfson lentamente ficaram em pé, rodeando o agressivo saxão puxando também suas espadas. O coração de Tarian palpitava no alto da garganta diante do mortífero desdobramento. Elevou o olhar capturando o de Gareth, e leu neles seu respeito e admiração por estes cavaleiros de William.

— Desde a conquista, não há lugar aqui para os costumes cortesês, Alewith. — disse Rangor com desprezo — Nós ficamos em nossas terras por nossas unhas. — se voltou para Tarian — Me responda!

Tarian permaneceu em silêncio, o rosto firmemente composto.

— Nos diga, menina — insistiu Alewith brandamente.

Para ele, um homem que tinha sido mais generoso do que precisou ser, apesar da pequena fortuna que foi confiada para a ilegítima nobre, Tarian nunca poderia negar nada. Pouco a pouco, negou com a cabeça e mentiu.

— *Nay*, sir, não tive.

Rangor levantou as mãos para cima e girou sobre si mesmo. Os estreitos ombros se encurvaram, parecia estar absorto em seus pensamentos. Logo se endireitou e se voltou.

²¹ No sentido de menstruação.



— Não importa. A parteira explicou quão inconsistente uma mulher pode ser, sobre tudo com essas lutas combatidas a seu redor. Ainda há tempo.

— Não vejo nenhuma importância em qualquer caso, Rangor — disse Alewith. — Não tenho nenhuma razão para duvidar de Tarian e da validade do testamento — Levantou a vista para Wulfson, que ainda segurava a espada estendida para Rangor. — Respeitará William nossas leis e costumes, ou está empenhado em destruí-las também?

— William é um homem justo. Também é leal a aqueles que são leais a ele.

Alewith, Rangor e Tarian ficaram com a boca aberta pela absurda declaração. Tarian se voltou para ele.

— Como podem dizer semelhante coisa? Matou nosso rei, a maior parte da nobreza e incontáveis homens livres desta nação. Os irmãos de Harold, meus tios, junto com muitos de meus primos, caíram nesse dia. Seu duque não tinha direito de vir aqui. A Witan²² votou por unanimidade que Harold devia ser rei!

Wulfson embainhou a espada, um insulto a consequência da acalorada conversa.

— Edward prometeu o trono a William. Isso é tão consistente quanto um testamento. — Wulfson entreabriu os olhos — Como se sentiria, milady, se todos neste momento decidíssemos votar a favor de doar a Rangor este lugar? Isso faria dele seu? Ou preponderará a última vontade e testamento do senhor anterior?

— Não é o mesmo. — defendeu Tarian.

— É o mesmo, e se não sabe o que é melhor para você... — olhou Rangor e o desdenhou com sarcasmo —... nem o que é melhor para seu ilustre tio, estou aqui para velar pelos interesses de William, e para tal efeito, será para os que terão um melhor serviço.

— Não serei um peão no jogo de nenhum homem, nem sequer de um rei!

Wulfson se inclinou para ela e a advertiu:

— O jogo simplesmente acaba de começar, milady, e nem por um momento pensem que cruzei esse miserável canal e desgastei os cascos de meu cavalo para nada.

— Não serei tirada a força de meu lar!

— Isso está ainda por se determinar, mas... — os olhos se entreabriram e um pequeno sorriso curvou nos cruéis lábios — se você estiver grávida, suas possibilidades de sobreviver aqui podem melhorar. Se não for assim, então busque um marido imediatamente, pois necessitará de um.

— Fiz uma oferta por sua mão — disse Rangor, dando um passo adiante.

Tarian mal conseguia engolir. Tinha necessitado de cada farrapo de força de vontade e coragem que tinha para compartilhar a cama com um normando, mas Rangor de Lerwick? Seus lábios úmidos, pálidos olhos, cara picada de varíola e branca pele pegajosa o faziam tão indesejável em sua cama como uma enguia escorregadia. Iria ao convento antes de deitar-se com ele.

²² Nota PRT: conselho convocado pelo reinado anglo-saxão.



— Eu já lhe disse que não estou interessada no matrimônio com você — seus olhos se entreabriram e ela acariciou o punho de sua espada. — Irá me enganar outra vez, Rangor, e me atirar pelas escadas à masmorra agora?

O rosto empalideceu até a sombra de nata coalhada.

— Covarde — assobiou Alewith — Não acreditei no mensageiro quando me contou tal história.

— Não quis fazer-lhe nenhum mal. Era só uma maneira de dobrá-la aos meus desejos — defendeu-se Rangor.

— Teria morrido antes de compartilhar a cama com alguém como você, Rangor — cuspiu Tarian.

Os pálidos olhos de Rangor se gelaram.

— É tão miserável quanto seu pai. Nenhum homem a tomará!

Tarian ficou sem fôlego e esbofeteou o lorde saxão. Rangor agarrou-lhe a mão e virou-a bruscamente longe do normando. Girou-a e tentou tirar sua espada. Mas Wulfson antecipou o movimento. Com a velocidade do raio, alcançou-o passando por Tarian e estreitou o saxão pelo pescoço com ambas as mãos. Sacudindo-lhe, soltou Tarian e levantou Rangor até que deixou de roçar o chão. Os homens do Rangor acudiram conjuntamente, mas os normandos os detiveram.

— Põe gravemente à prova minha paciência, saxão — Wulfson apertou.

Gareth dirigiu-se furioso para eles, com a mão na espada, a cara vermelha e tempestuosa.

— Você é um miserável, Rangor — fervia Gareth — Diga essas palavras outra vez à minha senhora e racharei seu pescoço de orelha a orelha.

Os pálidos olhos do Rangor pulavam para fora, os pés chutavam e as mãos tratavam freneticamente de agarrar as de Wulfson, fechadas ao redor do pescoço. Fez sons lastimosos enquanto Wulfson continuava mantinha-o no ar. Os nódulos de Wulfson ficaram brancos quando se fecharam mais apertadamente ao redor do pescoço do nobre, e afiados sons explodiram da garganta fechada.

Tarian, junto com qualquer outra pessoa no salão, permanecia em silencioso temor. A grande força do normando e sua indiferença com a vida que estava apagando eram tão aterradoras como impactantes.

Como guerreira, Tarian reconhecia um inimigo mortal quando via um, e em suas vísceras sabia que Rangor iria até os limites da terra para possuir Dunloc e a ela. Por isso, devia guardar silêncio e deixar que a natureza seguisse seu curso, ou, como neste caso, permitir que o normando fizesse o que melhor faziam os normandos: matar. Mas também era uma mulher que via as consequências que seguiriam na sequência do assassinato de Rangor. Seus parentes galeses não só exigiriam responsabilidades ao normando, mas também se estenderia a notícia de que ela não tinha feito nada para detê-lo, e por isso seria um cúmplice. E isso não podia permitir. Necessitava de seus aliados para o oeste, para ter alguma vantagem frente a usurpação normanda. A opção de salvar a vida de Rangor não fazia porque era mulher ou uma doadora de vida, mas sim porque era uma mulher e uma guerreira que não tinha dificuldade em jogar de ambos os lados para sustentar o que era seu por matrimônio.



Quando o corpo do Rangor ficou inerte em mãos do normando, Tarian se adiantou e pressionou a mão sobre a de Wulfson.

— Por favor, sir cavaleiro, tenha piedade.

O olhar penetrante de Wulfson a atravessou como uma lança.

— Juro que se o permite seguir vivendo neste mesmo dia, será uma fonte constante de irritação para ambos.

Tarian assentiu com a cabeça e empurrou contra sua mão para que baixasse Rangor.

— Posso administrar — sorriu ao temível cavaleiro. — Você pode?

As mãos de Wulfson se abriram e Rangor caiu ao chão com um baque surdo. Tarian com calma considerou o normando. Seu frio olhar e mortal energia enviaram-lhe um calafrio de medo pela nuca que percorreu suas costas. Quando chegasse a hora deste homem apagar sua vida, faria com a mesma facilidade e indiferença como se sacudisse uma pulga da mão.

Ignorando a ofegante figura de Rangor no chão, olhou por cima da multidão reunida para o mordomo de Rangor, mas não o viu. Pelo contrário, o chorão Ruin, o repugnante criado de seu defunto esposo, ficou atrás de outros servos como o covarde que era.

— Ruin, traga seu corpo aqui e cuide de lorde Rangor — Tarian olhou para Wulfson e lhe fez uma reverência. — Estive muito tempo na cama e necessito de ar fresco. Se me é permitido, eu gostaria de ver meu cavalo e exercitá-lo.

Wulfson ficou olhando-a durante um bom momento antes de estender-lhe o braço.

— Permita- me acompanhá-la.

Tarian arqueou uma sobrancelha.

— Não quis dizer, em realidade, caminhar comigo como meu carcereiro?

Ele encolheu os grandes ombros e sorriu com um sinuoso meio sorriso.

— Não importa como interprete minha oferta. Fica como está. Se negar, poderá passar as horas do dia de hoje neste salão cheio de fumaça. A opção é sua.

Ela assentiu com a cabeça muito ligeiramente, e disse:

— É óbvio que sua mãe não te criou. Tem as maneiras de um porco.

A cor do rosto empalideceu e os lábios se apertaram em uma linha dura.

— É mais do que posso dizer de seu pai, Lady Tarian.

Ela reprimiu o impulso de esbofeteá-lo como havia feito a Rangor. Não duvidou que sofreria brutalmente em sua mão e embora tivesse um temperamento forte, não poderia suportar a humilhação que a causaria diante de seu povo. Ela pisava em um lago no inverno onde o gelo era fino como pergaminho e, se fizesse um movimento em falso, poderia encontrar-se se afogando nas profundidades geladas.

— *Touché*, sir cavaleiro. Nunca houve um par mais carinhoso que sua mãe e meu pai. Que descansem em paz.



Wulfson arqueou uma sobrancelha.

— Nunca disse se minha mãe vivia ou morreu.

Colocando a mão sobre seu musculoso antebraço, ela disse brandamente:

— Podia ver que estava morta por você em seus olhos. Se ela estiver realmente na terra ou sepultada em seu coração, não colherá o amor de seu filho.

Sua réplica não precisava uma resposta, e ele não ofereceu nenhuma. Ela se voltou então para fazer frente à multidão ainda aturdida. Os olhos se dirigiram a Alewith, logo à silenciosa, mas alerta Brighid, e, finalmente, ao seu guarda, a quem advertiu com o olhar. Ela iria testar as águas normandas nos seus termos e sem intrusões.

— Se não retornar depois de um tempo razoável, Gareth, alerte os galeses e Rangor, ele deve voltar em si — embora a voz tivesse uma nota séria, arqueou os lábios em um sorriso quando levantou a vista para o arrogante cavaleiro.

Ele ficou olhando com uma faísca de diversão nos olhos escuros. Se não podia vencê-lo com força bruta, enrolaria a sua maneira com astúcia. Ela inclinou a cabeça para as grandes portas duplas.

— Vamos?

Ele a conduziu através da multidão que se separou como o Mar Vermelho.



Capítulo 9

— Como foi, lady Tarian, que chegou a esgrimir uma espada? — perguntou Wulfson enquanto se dirigiam às imensas estábulos. Estavam, Wulfson os tinha observado com admiração no primeiro dia, em melhores condições que o salão. Era evidente que o antigo senhor tinha um bom olho para a cavalaria. As poucas éguas velozes procediam da melhor linhagem do deserto. Wulfson pensou no bem que seria a cruz do sangue mesclado com Tuold, um grande cavalo de batalha de herança espanhola.

Notou o modo em que o corpo de Tarian passou do lento passo fluido que desfrutavam enquanto deixavam o salão, à abrupta rigidez quando colocou a questão.

— Quando se nasce como a filha de um grande conde por meio da violação de uma abadessa, não só não tem Deus do seu lado, mas também tampouco o apoio da linha real. Há três recursos para uma mulher como eu. Encontrar um marido, que em meu caso levou todos os meus vinte anos para encontrar, porque apesar de minha ascendência, a maldição me acompanha, e mesmo com o dinheiro de um rei, só poderia apanhar aos mais indesejáveis dos cônjuges. Minha seguinte opção foi o convento, quando neste caso me olhavam como a própria ova do demônio e deixaram muito claro que minha ímpia presença não era bem-vinda dentro de suas sagradas paredes, de modo que, ao final, fiz o que tinha que fazer, armar a mim mesma com conhecimento e uma espada. Usando o que tenho para seguir vivendo — olhou-o e disse — Trata-se de sobreviver, não?

Impressionado, assentiu com a cabeça.

— Aye.

Ao entrar na larga estrutura se encontraram com os baixos relinchos dos cavalos. O pequeno homem estranho, Abner, que era o cavaleiro, aproximou-se correndo e fez uma reverência para Tarian e Wulfson.

— Milord, milady?

— Sele meu negro e o cinza da senhora.

Tarian olhou Wulfson com curiosidade, que devolveu-lhe o olhar.

— Eu tenho admirado em profundidade o seu ganhão de musculatura e ascendência espanhola. Seu único vício é a afeição para morder qualquer mão que se aproxima para afagar-lhe.

Tarian sorriu.

— Ele não é mau, só seletivo.

Wulfson grunhiu.

— Foi montado por uma mulher muito tempo. — a cabeça do Tarian estalou ao voltar-se, mas ele mostrou seu hipnótico sorriso e se aproximou mais dela — Precisa ser montado por um homem que rompa esse desagradável traço.

Ele se refreou, lutando contra o impulso de tomá-la entre os braços. Ela era tão letal como qualquer praga e uma mulher da nobreza para começar. Mas,



captou uma cheiro de seu perfume de violetas, e foi incrivelmente difícil de resistir...

O calor formava redemoinhos entre eles e, embora Tarian quisesse ignorar a influência do homem, não podia. Ele era tão apaixonado como o garanhão e a imagem de sua montaria, e não sobre o cavalo, esquentou-a.

— Uma mão que amedronte é uma mão que nunca ganhará a confiança.

Ele levantou a mão e arrastou os nódulos ao longo de sua bochecha, e brandamente disse:

— Eu nunca seria tão tolo para amedrontar a uma criatura muito excitável. A montaria perderia seu atrativo.

Tarian podia sentir o duro palpitar do coração contra o peito. Era a mesma sensação que tinha tido quando saiu ao campo de batalha nos York contra os vikings, a mesma sensação estimulante que havia sentido batalhando tão perto de Harold em Hastings. Ela superou o desafio de seu inimigo, pois isso era este homem.

Ela levantou a mão para sua bochecha, imitando seu gesto, sorrindo quando ele se sobressaltou.

— O garanhão se assusta com a égua?

Ele agarrou sua mão e abriu a palma. Pressionou a sensível pele dali contra os lábios e, como um garanhão faria quando monta uma égua, mordeu-a. Ela conteve o fôlego, mas em vez de afastar-se dele, pressionou mais firmemente a palma contra os dentes. O calor subiu das coxas para os seios, e essa sensação de formigamento que ele tinha provocado em seu corpo na noite passada retornou. Sentiu o bater das abas de suas fossas nasais. Separando os lábios, inclinou a cabeça para trás, expondo a suave pele do pescoço e Wulfson mordeu o anzol. Ele grunhiu baixo, atirou-se nela com força contra ele e afundou os dentes na carne dali. A sacudida de seu tato e a ferocidade disso a aturdiram. Tremiam-lhe os joelhos e se sentia como se convertessem em empapados salgueiros. Ele a puxou mais forte contra ele para evitar que ela desabasse a seus pés.

Introduziu a outra mão em seu cabelo e puxou sua cabeça para trás, obrigando-a a expor mais a garganta. Seus lábios estavam ardendo, sua língua lambia sua jugular e, sinceramente, ela pensou que se elevaria em uma baforada de fumaça, de tão quente que tinha o corpo.

— Você, milady, é uma viúva mais que desavergonhada.

Ela riu de suas palavras. Tarian nunca se apegou às regras da sociedade. Por que ia fazer o que, quando esse mesmo molde de sociedade a tinha expulso como se estivesse marcada com a varíola? Ofegante, mantivera-se firme entre seus braços, não querendo ser a única a retirar-se. Ela iria corresponder a este guerreiro de William, passo a passo, gesto a gesto e, se chegasse o momento de defender sua vida contra ele, não teria nenhuma dúvida em desembainhar a espada e lutar até a morte de um deles.

Levantou a cabeça, vendo os lábios inflamados por seu assalto. Seus peitos se sentiam pesados e ele sentiu que a agitação no ventre não se acalmaria. Seus olhos obscureceram, e ele a pegou com sua intensidade.



— Um juramento é o que deseja e um juramento te darei. Use suas artimanhas como desejar, lady Tarian, e terei prazer em tomar o que tão atrevidamente oferece. Mas minha lealdade é para com meu rei, em primeiro lugar, meus homens da Espada de Sangue, em segundo lugar e minha própria espada em terceiro lugar.

Ela riu de novo, esperando que o som silenciasse sua inquietação. Ele se encarregaria de sua morte, tão certo quanto os dois estavam em pé, independente de sua luxúria por ela.

— O que é o que pensa que ofereço?

Deslizou a mão de seu cabelo para seu pescoço, logo mais abaixo para descansar em seu seio esquerdo. Seu coração saltou pelo íntimo contato. Ele sorriu e passou o polegar pelo tecido franzido abaixo.

— Isto.

Ela lentamente negou com a cabeça e se distanciou dele.

— Isso nunca.

— Você mente.

— Não, não o faço. Sou uma nobre saxã. Meu tio foi o rei desta grande terra, meus antepassados reis e rainhas. Nunca ficaria com um simples soldado, e um normando muito menos.

Os olhos do Wulfson se entreabriram, mas assentiu.

— Acredito que possivelmente seja você que não conhece.

— Milord e milady! — Abner chamou enquanto guiava ambos os corcéis à área aberta onde eles se encontravam — Suas montarias estão preparadas.

Wulfson jogou a cabeça para trás, e sua risada ressonou nas vigas. Abner ficou inseguro e olhou a sua senhora em busca de orientação.

— Não se preocupe Abner, o normando está confuso.

O cavaliarço ajudou-a a montar, e isso incomodou Tarian. Mas ela não tinha outra opção. Não era de grande estatura, o suficiente para que pudesse alcançar o alto estribo dos arreios de ourives. Quando ia vestida com a flexível armadura, um assistente era ainda mais necessário. Franziu o cenho para Wulfson que, apesar do maior tamanho de seu garanhão que o dela, e sua grande estatura e peso com a cota de malha, montou sem esforço sobre o negro. Os olhos verdes dançavam de regozijo.

— Não vamos muito longe desprotegidos e sem meu elmo.

Quando Tarian montou, a pálida pele das coxas ficou descoberta por cima das meias de linho que ela simplesmente tinha amarrado um pouco abaixo dos joelhos. As sobrancelhas do Wulfson se dispararam para cima.

— Poderiam repetir o porquê Godiva²³, a anterior dama da Mercia, foi tão carinhosamente lembrada?

Tarian empertigou-se.

²³ Nota PRT: Refere-se à lenda segundo a qual Lady Godiva cavalgou nua pelas ruas de Coventry, Reino Unido.



— Aqui não é Coventry, e embora proteste por sua presença, estou vestida. Se tiver tal problema com meu traje e exposição de minha pele, não olhe.

Ele investiu seus arreios para frente.

— Não tenho esta aversão, mas pode se encontrar sendo a destinatária de uma atenção não desejada.

Ela agarrou as rédeas com uma mão e acariciou o punho da espada com a outra.

— Não tenho nenhuma dificuldade em utilizar esta segura espada para reprimir o insulto de um canalha.

Wulfson voltou a rir e o som arrojado foi além do limite.

— Parece-me que não é mais que uma gatinha que assobia com apenas afiadas garras para fazer valer sua postura. Perceberá que nós, os cães normandos, digerimos gatinhos para quebrar o jejum.

Ela riu da imagem.

— Se um rei teve fé em minha habilidade, também vocês deveriam tê-la.

Wulfson negou com a cabeça.

— Harold devia estar desesperado.

Ela franziu o cenho.

— Continua me insultando.

Ele se voltou e a olhou com o cenho franzido e uma expressão que desmentia suas palavras.

— Vou admitir que a princípio meu tio achou graça do meu pedido. Mas logo mudou de ideia quando um de seus guardas tomou liberdades comigo, e eu o corriji com minha espada. — A expressão do Wulfson não modificou. Ele não acreditava — Não me subestime, sir cavaleiro. Será sua ruína.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça.

— Considere sua séria advertência escutada.

Wulfson pesquisou a serena paisagem. Não se sentia confortável montando sem seus homens, mas não quis mostrar sua preocupação à mulher que cavalgava como um homem ao seu lado. O movimento da sela contra a virilha estava se tornando um obstáculo. Queixou-se, e o som não passou despercebido pela dama.

— Dói alguma lesão? — perguntou com ligeireza.

Seus olhos dançavam de alegria e ele soube nesse momento que estava conectada com ele. Sorriu. Ela intrigava-o mais que qualquer outra pessoa que tivesse conhecido em sua vida. Era uma dama, certo, suas maneiras, linguagem, educação e a linhagem gritavam. Mas era tão exótica e picante como as carnes temperadas que tinha chegado a desfrutar durante sua estadia na Península Ibéria, antes de sua captura e tortura. Depois de sua tortuosa escapada, ele e seus



companheiros das Espadas de Sangue se apressaram dessa ímpia terra para a Normandia, onde tinham se encontrado casualmente com William.

— Me diga, sir cavaleiro — gorjeou Tarian — todos homens são guiados pela espada entre suas pernas acima da espada entre suas mãos?

Wulfson tossiu por sua pergunta ousada, mas respondeu com sinceridade.

— Para alguns, o demônio entre as pernas de um homem toma todas suas decisões. Mas para outros, como eu e meus companheiros as Espadas de Sangue, embora prestemos atenção, não rege nossas ações ou nossas decisões.

— Por que se conhecem pelo nome de Espadas de Sangue?

Wulfson se enrijeceu com a pergunta. Não era um homem que conversasse muito, mas se encontrou desfrutando da conversa com a viúva. Embora ele nunca tivesse compartilhado sua horrível experiência com outro ser vivente, exceto com os oito homens que sobreviveram com ele.

— É o nome dado a um cavaleiro que ganha a vida com a espada.

Olhou para ele e pareceu estar satisfeita com a resposta. Enquanto desciam ao longo da estrada desgastada de Draceadon para o resto do mundo, a espessa folhagem de árvores delineava o bosque e as nuvens pareciam haver se escurecido o triplo. Wulfson deu um olhar para o céu.

— Chove sempre neste lugar?

Ela assentiu com a cabeça e, como o caminho se bifurcava, Tarian pôs o cinza na frente. Correu a toda velocidade passando Wulfson, que a amaldiçoou. A cabeça e o comprido cabelo negro se agitavam atrás como um escudo escuro. Wulfson estimulou o corcel e a perseguição começou.

Para sua grande frustração, não podia alcançá-la. O cinza, embora fosse um cavalo de guerra, era mais ligeiro e esbelto que seu grande negro. A besta não estava tampouco afligida com a armadura, e o peso da dama era como o de um carrapato. Quando trovejou na volta de uma curva fechada do caminho, praguejou em voz alta. Podia ver na seguinte meia légua abaixo e Tarian não estava à vista. Tinha sido enganado! Havia caído sob sua astúcia! A fúria se filtrava por cada poro dele. Não falharia com seu rei!

Ele puxou Tuold, com a mente avaliando rapidamente a situação. Se ela fosse adiante, estaria à vista. Uma vez que não estava, devia ter mudado de direção pouco depois de que girou pela fechada curva. Retrocedeu até onde o caminho mudava de direção e fixou o olhar no chão. A grama estava ainda molhada pelas últimas chuvas e, embora bem percorrido, os recentes redemoinhos de quatro grandes cascos ferrados o escureciam. Olhou para o espesso bosque para onde os rastros conduziam e decidiu que se ela podia ir através do bosque, ele também poderia. E quando pusesse as mãos sobre ela a estrangularia e poria fim a esta charada inútil. Sorriu sombriamente. Mas não antes que fizesse o que tinha querido fazer com ela desde o momento que pôs os olhos em cima dela essa manhã.

Tuold atravessou as baixas amoreiras e manobrou através dos carvalhos ingleses e freixos. Embora o bosque fosse espesso, não era tão intransitável como tinha pensado a princípio. Seus rastros eram claros e, sempre que tivesse luz e determinação, encontraria. À medida que aprofundava no bosque, freou Tuold e



escutou. Primeiro, só o trilar dos pássaros no alto perturbava a pesado ar, e logo sussurros entre os matagais como pequenos moradores que se apressavam a escapar de algum intruso. Então vozes. Galeses. Adiante e aproximando-se. Manteve-se silencioso e atento, tratando de decifrar o que se diziam. O brusco sussurro de uma flecha sobreveio tão perto de sua orelha direita que lhe fez um arranhão no ponta exterior antes de encontrar seu lugar no carvalho que tinha atrás. Desembainhou a espada, girando habilmente para a direção do assalto, amaldiçoando-se de novo por montar sem elmo nem acompanhamento.

A suave risada se filtrou na direção da flecha.

— Que tal para um gatinho? Sir cavaleiro? — a suave voz rouca que o interrogou lhe deu arrepio.

Seus olhos se entrecerraram e Tarian se materializou no bosque, arco em mão, a uns trinta passos diante dele. Diretamente em frente às vozes que continuavam aproximando-se.

Ele levantou um dedo aos lábios, indicando cautela. Ela inclinou a cabeça e os ouviu também. Em lugar do olhar de pânico que ele esperaria de uma mulher, Tarian sorriu e extraiu outra flecha. A suave brisa afastava seu comprido cabelo da cara, deixando ao descoberto suas altas maçãs do rosto nobres e, embora tivesse o olhar afiado de um predador, sua feminilidade era inegável. E a forma em que ela estava sentada escarranchada com as pernas meio nuas sobre o garanhão fazia que a mente de um homem vagasse com pensamentos dela o cavalgando dessa maneira. Wulfson soprou com desprezo. Não era de estranhar que tivesse sobrevivido no Hastings. Os guerreiros com os quais topou sem dúvida foram cativados por sua beleza, dando-lhe a oportunidade de atacar primeiro, e tão mortalmente precisa como era com esse arco, devia ter matado a numerosos normandos. Seu sangue fervia. Ela era uma *banshee*²⁴ disfarçada de deusa. Mas ele não seria influenciado por suas artimanhas.

As vozes cresceram em volume, e quando Wulfson refreou Turolde para fazê-lo retroceder a um lugar mais discreto entre dois enormes carvalhos, Tarian fez o mesmo. Seu cavalo recuou silenciosamente, misturando-se com a folhagem. Wulfson embainhou a larga espada à cintura, e logo extraiu aos gêmeos anjos da morte, Azrael e Sarel.

Os dedos agarraram os punhos recobertos de couro, as mãos moldando-se perfeitamente a cada contorno. Wulfson podia sentir a aceleração nos flancos do cavalo. Como seu mestre, o cavalo de batalha encontrava sua verdadeira paixão no fragor da batalha.

As vozes galesas irromperam-se na clareira, exatamente adiante. Ao mesmo tempo em que um cão de caça trotava por diante deles e se detinha diante de seus rastros levantando o focinho na direção de Wulfson, alertando aos galeses de sua presença, Wulfson arremeteu. Agarrou-se aos flancos do negro com as coxas, e o grande cavalo rompeu através das sarças e matagais, isolando-os na clareira e mergulhando entre meia dúzia de homens armados.

Espada em cada mão, Wulfson instou o garanhão para frente, seu poderoso grito de guerra sacudiu aos pássaros das árvores, os grandes e afiados cascos do grande cavalo limpando o caminho. Embora surpreendidos, os homens se uniram

²⁴ Nota PRT: é um ente fantástico da mitologia celta, que une a guerra e a morte.



e formaram rapidamente um círculo ao redor do solitário cavaleiro. Sem alterar-se, Wulfson se inclinou sobre o homem mais próximo a ele, e com um amplo arco do braço direito, separou a cabeça do homem dos ombros, seu grito silencioso de terror se perdeu para sempre. Uma espetada aguda de dor no ombro não dissuadiu Wulfson, e ele insistiu com o desafio, ambas as espadas encontrando-se com carne e osso em uma cadência repugnante. Quebrou o mutilado círculo e girou sobre si mesmo para voltar outra vez. Usando as pernas para dirigir Tuold, deu ao garanhão à ordem de elevar-se sobre as patas traseiras, e quando baixou, Wulfson fatiou o ar e depois a carne a ambos os lados dele. Agonizantes gritos encheram o opressivo ambiente, que só servia para estimular Wulfson. Estava nesse lugar onde tudo ao redor se reduzia à sobrevivência, a visão focada por completo no inimigo. O cavalo se levantou de novo, e desta vez fez uma meia pirueta, afastando com as patas os soldados de seu amo. Mas o grande cavalo tinha que baixar cedo ou tarde, e carregado com o peso de seu dono com a cota de malha, baixou antes, e no grosso da luta. Os homens se apinhavam sobre Wulfson, apesar de que estarem com partes do corpo cortadas. Quando pressionaram, Wulfson trocou de posição na sela, e em voz baixa ordenou a seus arreios:

— *Capriole*²⁵. — Tuold se ergueu sobre as patas traseiras e saltou para frente chutando com suas patas traseiras. O homem detrás dele gritou de dor— *À nouveau*²⁶. — O grande cavalo repetiu o movimento, foi suficiente para os fazer retroceder, mas se amontoaram de novo. Tuold lutou para manter aos homens na retaguarda, mas eram muito numerosos e bem armados.

Duas vezes Wulfson teve seu corpo transpassado. Mas a emoção da luta anulava qualquer dor associada com as feridas. As atenderia mais tarde. Com uma visão de túnel, não só manobrava ao redor de seus atacantes, mas também um a um, lentamente, despojava-os das extremidades. Quando Wulfson deu a volta na sela para acabar com o último deles, deu-se conta de que vários corpos que não havia tocado jaziam sobre suas costas, os olhos olhando para o céu, com flechas perfurando-lhes o peito.

Em apenas uma batida de coração, o último dos galeses se precipitou. Wulfson virou-se e juntou ambas as espadas como uma para cortar o homem pela metade, mas ele nunca chegou o suficientemente perto. O corpo de seu atacante se sacudiu bruscamente para frente e logo para trás, os olhos escuros ampliados com surpresa. Dobrou os joelhos e em seguida caiu de bruços no chão úmido diante dos cascos do garanhão, com uma espada profundamente enterrada nas costas.

Wulfson levantou a vista para ver lady Tarian que vinha para ele ainda montada, e quase sem fôlego. Um carregado manto de nuvens pairou sobre a espessura do bosque. O clarão de relâmpago arrancou através do céu cinza, seguido do forte choque de um trovão logo acima deles. Nem Tarian nem Wulfson se precaveram. Ambos sentados em seus cavalos, cada um olhando ao outro.

Respirando pesadamente, com o sangue empapando as espadas, os braços e pernas, Wulfson examinou o açougue. A metade dos homens estava morta pela espada, a outra metade pelas flechas. Ele olhou para cima, e atraiu o quente olhar da princesa guerreira. Ela não parecia sequer suar. Serenamente,

²⁵ *Cambalhota, em francês.*

²⁶ *Mais uma vez, em francês.*



estava sentada sobre seu garanhão, seu quiver²⁷ vazio e o arco perfeitamente guardado na capa de couro exatamente atrás do alto pomo da sela.

Ela assinalou aos mortos.

— Felizmente, milord, que eu tenha chegado em seu resgate, ou seu sangue empaparia a terra e não a desses vagos galeses.

— Por que fugiu, em primeiro lugar? — exigiu ele.

Lançou-lhe um sorriso por cima do ombro.

— Para provar que eu podia.

— Terei mais cuidado da próxima vez.

Tarian desmontou e caminhou para a sua espada. Tirou-a do morto e se inclinou para limpar o sangue sobre a túnica. Uma vez que a lâmina brilhou de novo, embainhou-a. Sem levantar a vista para Wulfson, moveu-se em torno dos mortos, passando por cima deles e erguendo-lhes os mantos e as túnicas.

— É desprezível roubar para um cavaleiro do reino — disse Wulfson com desprezo.

Tarian inclinou a cabeça para trás e lhe olhou com os olhos entrecerrados.

— Eu não sou um cavaleiro do reino, sir e embora possa parecer que estou procurando bugigangas, asseguro-lhes que não é isto — inclinou-se sobre outro homem e levantou a túnica para mostrar um uirapuru azul sobre um campo negro — É o que procuro. O brasão de meu padrinho. Não ficará satisfeito comigo.

Wulfson a olhava atentamente da sela.

— E, por favor, diga-me, quem é seu padrinho?

— Lorde Orwain, meio irmão da Rainha Hear.

— Rainha Hear?

— A esposa do Rei Rhiwallon.

Wulfson franziu o cenho. Os galeses estavam se encorajando. O raio riscou o céu tingido de negro, o próximo trovão mais perto que antes. Wulfson olhou para o céu.

— Vamos ficar empapados se não encontrarmos refúgio em breve, e não tenho nenhum desejo de ver ferrugem em minha malha. Conhece algum lugar próximo onde possamos esperar que termine esta tormenta?

Tarian sorriu e assentiu. Retornou para o cinza e Wulfson observou com diversão como fez um intento de montar o grande cavalo. Instigou Turoid para o par, e se tivesse sido um homem mais tímido, o brilho de seu furioso olhar o teria detido. Mas Wulfson de Trevelyn era diferente de qualquer outro homem. Ele desceu, e quando o fez, sentiu a primeira pontada de dor da recente ferida na perna. Recortados fragmentos dispararam à virilha. Não olhou para baixo. A ferida não importava agora, entretanto, teria que ser cuidada. Levantou Tarian pelos braços e quase a lançou em cima da alta garupa do cinza.

Sorriu quando capturou uma rápida imagem da penumbra baixa que lhe cobria os rosados lábios inferiores. Seu pênis ficou duro diante a visão, e embora

²⁷ Recipiente para flechas.



sua sede de sangue pela batalha tivesse abrandado, a visão com o que tinha sido atraído agitou-lhe outra paixão por completo.

Tarian puxou tanto como pôde as saias para cobrir pernas, ao mesmo tempo em que aplicava-lhe um furioso olhar. Wulfson baixou os olhos e ela sorriu.

— Por um momento não estive seguro se era só uma bonita acompanhante. Agora estou certo de que não é nada disso.

Tarian esporeou o cinza, sobressaltando-o, e se moveu passando por Wulfson e entrando no bosque. Wulfson se apressou em montar o negro, mas sentiu a força minguar da perna direita. Era a mesma perna que Ocba, o diabo do Sarracen, tinha-lhe posto em um volta de um banco de madeira como diversão durante um dia. Wulfson esteve desacordado por causa da dor insuportável. Quando despertou, tinha sido preso contra a parede. A única maneira de evitar que os braços se deslocassem era manter-se sobre a perna esquerda sã. Qualquer pressão sobre a direita lhe enviava ataques de agonia. Ainda caminhava com um definido manco, mas a dor era suportável. Só doía-lhe, ao que parecia, quando os invernos eram excessivamente frios e úmidos.

O relâmpago iluminou o escurecido céu com a intensidade da estrela em chamas que tinha visto com seus próprios olhos no ano anterior. Foi seguido por um trovão que destroçou-lhe o ouvido, e então os céus se abriram e a chuva desabou sobre eles.

Wulfson amaldiçoou, e instigou o negro a seguir o cinza.



Capítulo 10

Embora perdesse Tarian de vista mais de uma vez na investida da chuva, Wulfson foi capaz de seguir os rastros bem marcados do cinza. Tomaram de novo a direção de Draceadon, mas não estava muito preocupado. Estavam tão perto que se quisesse dar uma carreira poderia estar dentro da fortaleza enquanto o sol estivesse no alto, ao meio-dia. Mas era metódico quando se tratava de sua equipe, e sua cota de malha era uma posse mais que apreciada, que deu-lhe seu rei justo antes de partir o ano passado em Hastings. O próprio armeiro do William, Gilbert Fitz Hugh, tinha criado as únicas malhas negras. Só os mortos, guarda de elite do William, tinham a honra de levar essas obras protetoras. E Wulfson, junto com os Espadas de Sangue, faziam grandes esforços para preservar o presente. Não era só elaborada, mas fabricadas por uma perita mão artesã, a peça firmemente soldada tinha rechaçado muitas flechas e espadas quando a malha de outros tinham permitido passar.

Alegrou-se de ver o cinza de Tarian amarrado sob um abrigo anexo a uma antiga moradia de pedra. Wulfson franziu o cenho. De onde estava não podia detectar nenhum teto. De fato, a arquitetura parecia desconhecida. Os pequenos buracos em forma de cruz, que servia de janelas na desmoronada ruína, revelaram a estrutura. Enquanto que seu soberano era um católico devoto, Wulfson, tendo vivido um inferno, não estava seguro que algum deus tratasse com seu tipo de pessoas. Não tinha muita fé, nem nenhum temor.

Atou ao negro ao lado do cinza, e ao entrar nos limites escuros do desmoronado edifício ficou rígido, envolveu o punho da espada com a mão. Sempre cuidadoso quando entrava em uma sala, olhou à mulher através do chão de pedra lavrada que tinha conseguido iniciar um pequeno fogo na chaminé. Não jogou um olhar para o norte, mas supôs que havia um teto já que onde ela se encontrava estava seco, embora o grosso musgo verde crescesse ao longo da parede norte da estadia e os ramos da folhagem exterior cresciam através das rupturas no morteiro que se desmoronava. O espaço, embora aberto, era sufocante. Os olhos retornaram à imóvel ninfa que levava só uma úmida roupa verde musgo perto das chamas bruxuleantes. O sangue esquentou-lhe pela vista e uma vez mais, amaldiçoou sua debilidade.

— É seu objetivo nos expulsar daqui, com tanto calor?

Tarian levantou o olhar e sorriu, imediatamente ficou na defensiva. Não era qualquer sorriso. Nay, seu sorriso era a de uma mulher que acreditava muito no controle de si mesma e o homem que estava empenhada em destruir.

— Estou empapada até os ossos e se estiver tão preocupado com sua malha como disse, então dispa-se e aproxime-se para secar-se tão rápido como é possível com a ajuda do fogo.

Wulfson assentiu com a cabeça, e observou seu vestido e meias pendurando sobre uma cadeira para secarem perto do fogo. Também notou a forma em que sua úmida roupa se moldava às femininas curvas.

— Essa era minha intenção.



— É obvio que o era.

Desabotoou as bainhas das espadas e colocou-as de lado, mas as manteve perto. Olhou com receio para Tarian quando se aproximou. A úmida roupa se colava às suas curvas com tanto rigor que, embora o quarto medianamente fumegasse, o notável contorno de seus mamilos era inegável. O pênis inchou-lhe ainda mais.

— Não sou incapaz de me despir.

Tarian riu dissimuladamente e se aproximou mais.

— Teme meu tato, sir?

Wulfson sorriu, tirou a cota de malha e depois as meias.

Tarian lutou para manter a respiração a um ritmo normal, mas quando puxou o espartilho acolchoado e ficou só com sua camisa, cuecas e meias de linho, não pôde deixar de admirar sua figura. Quando tirou a camisa, conteve o fôlego. A vista da espada a fogo em seu peito à luz do dia era mais horrível do que tinha sido à luz das velas. A dor que devia ter suportado e ter sobrevivido, era digno de elogio. Resistiu à tentação de estender a mão e deslizar os dedos através da vermelha cicatriz, como se de algum jeito o livrasse da dor longamente suportada. Seu olhar se deslocou mais à frente do musculoso peito para seu plano ventre, então, por curiosidade feminina, a sua virilha. Ruborizou-se. O pleno levantamento de sua cueca não podia ser ignorado. Entretanto, seu olhar viajou mais abaixo para a irregular navalhada em suas meias. A mancha vermelha na coxa a alertou. Levantou o olhar até ele e prendeu a respiração. Suas narinas dilatadas faiscavam e os profundos olhos verdes ardiam como esmeraldas derretidas. Tinha a mandíbula tensa e os lábios diluídos pela tensão.

— Se não desejar ser montada por mim neste momento, senhora, sugiro que dê um passo atrás.

Tarian tragou saliva e assentiu, retrocedendo para o fogo.

Viu com calma fascinação como se sentava em um pequeno banco ao lado da chaminé e cuidadosamente secava a água da cota de malha com a camisa. A mancha vermelha na parte inferior da coxa se fez mais profunda em cor e volume.

— Como conseguiu a cicatriz no peito? — perguntou ela.

Deteve a fricção e lançou-lhe um duro olhar.

— A lembrança de quem sou.

— E quem é você? — perguntou, quase sem fôlego.

— Um cavaleiro bastardo de um rei bastardo, que mata sob suas ordens.

— Faz parecer tão nobre.

Wulfson a olhou enigmaticamente, mas seguiu com sua tarefa.

— E é.

Tarian se levantou, e lentamente começou a caminhar de cima para baixo pela pequena área.

— Veio me matar, não é verdade?

Quando não a respondeu, deu a volta e se aproximou dele.



— É porque sou uma Godwinson? — Wulfson levantou o olhar, seus olhos claros, sem esconder nada — O que teme seu rei? Que levante um exército em nome de meu tio e ocupe o trono da Inglaterra?

Wulfson assentiu com a cabeça, continuando, em voz baixa disse:

— A história tende a se repetir.

— Se William estiver tão preocupado de que a linha Godwinson eleve sua cabeça para governar, por que não vai atrás de meus primos Magnus e Godwine, filhos naturais de Harold?

— Escondem-se em Dublin. Mas anote minhas palavras, o dia que colocarem os pés na Inglaterra serão perseguidos.

Tarian levantou as mãos, e em um rápido movimento desembainhou a espada do saco que tinha pendurado em um gancho na parede. Tinha tido a intenção de entregá-la pelo punho ao normando, mas ele se levantou e armado com tanta rapidez que não pôde acreditar que um mortal pudesse mover-se tão rápido. Empurrou-a com força contra a parede, com uma espada no pescoço e a outra no ventre.

— Se fosse um homem, cairiam ao chão em duas metades.

Cravou uma das espadas na madeira detrás dela e tirou a sua da mão.

— É mais leve de peso que a de um homem.

Franziu o cenho.

— É obvio. Eu não poderia segurar o peso da sua mais de um minuto.

Ele sorriu e apertou totalmente seu corpo contra o seu.

— Aposto que não pode segurar todo o meu peso por mais de um minuto.

O corpo fumegou, e apenas com a regata a separando dele, Tarian ficou plenamente consciente de sua masculinidade. Levantou-se mais duro contra seu quadril, e embora tivesse percorrido esse perigoso caminho com ele justamente na noite anterior, o medo diante de suas intenções se apoderou dela.

As suas narinas flamejaram e soube que ele tinha apanhado seu aroma. Seus olhos se entreabriram.

— Considera-me um idiota, senhora?

Vigorosamente, negou com a cabeça, contradizendo o que ela sabia que era verdade. Lançou a espada ao chão e mantendo-a imóvel com a curta espada, a mão direita desceu por seu ventre até os quadris.

— *Nay*, não me viole! — gritou.

Os penetrantes olhos verdes de Wulfson prenderam os seus. Um suave brilho de suor lhe cobria o peito e o pescoço. Sentia-se como se estivesse a ponto de ser tragada por um selvagem redemoinho.

Pressionou a palma da mão sobre seu montículo, Tarian soprou com um suspiro. Não tinha nenhum controle dos quentes fragmentos de desejo transpassando-a como um relâmpago. A respiração aumentou em volume e seus peitos se incharam com mais peso. Não podia ignorar mais os primitivos fios que a uniam a este guerreiro que podia mudar a cor de seus olhos. Tinha despertado



algo em seu corpo na noite anterior, um desejo, uma fome como nunca tinha conhecido e não entendia. Fosse o que fosse, não podia negá-lo. Mas a faria mais poderosa para se controlar. Levantou-lhe a regata em lentos punhados, sem afastar seus olhos dos dela. Enquanto a malha abandonava as coxas, seu suave aroma almiscarado flutuou no ar entre eles. Fechou os olhos e inspirou brandamente. Quando os abriu, soube que ele sabia. Seu corpo tremeu de medo. Poderia acabar com sua vida agora?

O que fez depois a comoveu. Seus dedos se deslizaram por debaixo do tecido da regata e em um lento percurso simplesmente mergulhou-os na umidade.

— Jesus! — Ofegou e lutou contra o desejo de abrir-se mais para ele e pressionar-se mais intimamente em sua direção. Em lugar disso, apertou as coxas ao redor da mão e lhe agarrou dos ombros — Por favor, não me transpasse.

Seu dedo empurrou mais profundamente nela e Tarian não pôde reprimir o profundo gemido de prazer que escapou de seu peito.

— Rogue, Tarian. — disse enquanto pressionava sua orelha com os lábios. Sua língua a lambeu e os estremecimentos tomaram todo seu corpo — Quem a penetrou primeiro?

Com todos os músculos que possuía, combinado com a vontade de um poderoso guerreiro, Tarian o empurrou para longe dela. Quando se moveu através do quarto para a lareira, o olhou. Ele estava em pé com a espada levantada na mão esquerda, com o torso nu, a outra espada empurrando a cueca para sua liberação. A tinha deixado ir e ambos sabiam. Levou a mão direita ao nariz e aspirou seu aroma, o olhar nunca deixou o seu. Estremeceu-se, e agora, apesar do mel aplicado e o aroma das violetas que tinha preparado e aplicado em seu corpo, seu aroma natural se impôs ao resto.

— Almíscar de mel. Um aroma que, uma vez experimentado, nunca esqueceria. — Deu um passo mais perto dela, com os olhos brilhantes, não em luxúria ou paixão, ela percebeu, mas sim com fúria — O que está jogando, Tarian Godwinson, que deve me drogar, para logo se desdobrar sobre minha cama em meio da noite?

Acenou a cabeça negando.

— Não sei do que fala. Te conheci esta manhã.

— *Nay.* — disse brandamente. Embainhou a espada e voltou-se para ela. — Tire a roupa.

— O que?— exigiu indignada.

— Já me ouviu.

— Por quê?

— Por que pensa?

— É uma tentativa bárbara de exercer seu poder sobre mim?

— Sou o mestre aqui. Faça agora, ou prometo, você não gostará de como te tirarei isso.

Tarian tragou saliva, o ressentimento pela humilhação cavalgando-a.

— Me dê seu juramento que não me tocará uma vez que a retire.



Sacudiu a cabeça e parou na metade do caminho para ela.

— Eu juro que não declararei nenhum juramente para você. Retire.

Tarian olhou mais à frente do gigantesco cavaleiro onde Thyra, sua espada, ainda se projetava na parede de madeira, em seguida para as lâminas gêmeas do Wulfson perto de sua espada. Teria que passar pelo hábil cavaleiro para ter em suas mãos uma arma, e pelo que tinha sido testemunha não era rival para ele. Endireitou-se. Que assim fosse. Não seria a primeira vez que a veria nua. Mas, decidiu, seria a última. Por tudo o que tinha sido um alívio momentâneo, era o suficientemente inteligente para saber que era só questão de tempo antes que William voltasse a confirmar sua ordem de matá-la. Só havia uma alternativa. Mas enquanto isso ia demonstrar quem tinha poder sobre quem.

Esboçou com um lento sorriso sedutor, e como Salomé tinha dançado para o Herodes, lenta e sedutoramente Tarian levantou a úmida regata. Ao passar pelas coxas os olhos do Wulfson arderam mais brilhantes. Em sua cintura, ela ouviu um lento sopro emergir de seu peito, e quando a passou pelos seios, ele amaldiçoou. Quando a tirou pela cabeça, afastando o comprido cabelo e sacudindo os úmidos cachos nos ombros, viu seu corpo crispar-se e endurecer-se.

Por debaixo das entreabertas pálpebras sorriu ao cavaleiro. Aguentava tão erguido como um carvalho em uma tormenta brutal, sem fazer sequer uma careta. Tarian arqueou as costas e os seios fartos se sobressaíram para o normando, os mamilos duros e inchados. A barriga lisa revoava sob o quente escrutínio. O sorriso se aprofundou e passou as mãos pelos declives dos seios, roçando os topos com as pontas dos dedos. Ambos vaiaram o ar, ela pelo quente disparo de desejo que a carícia despertou e Wulfson, só o podia supor, da vista de seu próprio manuseio.

— Você gosta de ver minhas mãos sobre mim, sir cavaleiro? — perguntou Tarian corajosamente. Quando as olhadas se capturaram e chocaram, precaveu-se de seu grande peito subindo e descendo rapidamente — Você mesmo o tocaria para mim?

Wulfson gemeu.

— É luxuriosa. — disse brandamente, com a voz ainda mais baixa que seu profundo timbre normal.

Tarian desfrutava do controle que tinha sobre este homem enviado a destruí-la. Introduziu os dedos no comprido cabelo e levantou a massa por cima da cabeça. Assim, aguentou orgulhosamente em pé, cada ângulo, cada curva sua visível. Lentamente se virou e se girou de novo para confrontar completamente ao guerreiro que, precavendo-se, aproximou-se mais.

— Eu te agrado, milord?

— Agradaria a qualquer homem.

— Não é qualquer homem que desejo agradar.

Seus olhos se entreabriram.

— Não ponha seu olhar sobre mim, senhora. Irei deste clima úmido antes que passe muito tempo.

— Com minha cabeça em uma bandeja?

Aproximou-se ainda mais até ela e estendeu a mão para seu peito.



— Possivelmente sim. — disse ele num sussurro. Passou-lhe o comprido braço pela cintura e puxou-a para ele — Possivelmente não.

— Talvez, milord, desperte uma manhã para se encontrar com minha espada enterrada em seu peito.

Puxou ela com força contra o peito e baixou os lábios para os dela.

— Não tema. Há mais Espadas de Sangue de onde eu venho. Não pode derrotar a todos — antes que pudesse pronunciar uma palavra, os lábios desceram sobre os dela.

Wulfson disse a si mesmo que se oporia ao que ela tão descaradamente o oferecia, mas logo decidiu que não teria nenhuma utilidade. O corpo queimava muito para ser ignorado. E embora ela quisesse negá-lo, ardia apaixonadamente por ele. Sorriu contra seus lábios quando seu corpo ficou inerte entre os braços. Juntou-a mais perto desejando que houvesse ao menos uma cama na pequena estadia. Mas não havia, e embora tivesse tomado muitas criadas no chão ou na relva, não quis fazer com Tarian. A moça tinha orgulho. Era uma nobre dama de sangue real, que merecia algo melhor que um encontro rápido na terra ou no chão de pedra de uma abandonada ruína celta. E ao dar-se conta do que estava pensando, Wulfson soube que estava em maus lençóis.

Grunhiu, e quando estava a ponto de ajustá-la contra ele, ela deu-lhe uma dura joelhada na virilha. Grunhiu de dor, afrouxando os braços, e ela se foi. Quando levantou a vista através da neblina da dor, encontrou-se com a ponta de sua espada pressionada contra o coração. O sangue, que já estava acelerado, trovejou através dele como um garanhão em fuga. Ergueu-se em toda sua estatura, e embora lesse o assassinato em seus olhos ainda não fazia a ação. Ela estava magnífica em sua fúria, seu corpo pequeno, tão perfeitamente em forma, com um tom rosado pela excitação.

Uma tormenta mais feroz ardia em seus olhos e rosto. Mas não se deixou levar por ela. *Nay*, agora ia mostrar-lhe de uma vez por todas que se seu destino era morrer em suas mãos, então que assim fosse.

— Salvei sua vida. Isso não conta para nada? — ela perguntou.

Wulfson negou com a cabeça.

— *Nay*, acabou de tirar.

Pressionou-lhe a ponta no tecido da cicatriz grossa do peito.

— É um homem mais que arrogante, Wulfson de Trevelyn. Se não tivesse enchido a esses homens com minhas flechas, estaria sã e segura de volta a Draceadon desfrutando de uma tarde de descanso com a Brighid.

— Se eu não tivesse tirado suas vísceras daquele lugar, estaria morta neste momento.

Jogou a cabeça para trás e riu e essa foi só a distração que Wulfson necessitava. Deu uma palmada na lâmina afastando-lhe do peito, agarrando a mão de Tarian que a segurava, apertou. Gritou de dor, mas não soltou o punho. Retorcia-se contra ele, derrubando-os fora de equilíbrio. Wulfson não estava acostumado a um inimigo tão pequeno e escorregadio. Protegeu o que fazia dele



um homem quando a longitude da lâmina golpeou para baixo em sua luta por ela. Empurrou Tarian contra a parede e quando bateu na madeira com um duro golpe, Wulfson arrebatou-lhe a espada. Pressionou-a horizontalmente através de seu peito, logo a empurrou de novo à parede, mantendo-a completamente imóvel. Uma curva errada e a afiada lâmina a cortaria abertamente. Como estava, a borda superior fincava na tenra carne do topo de seu seio direito. Uma pequena gota de sangue perolada se abatia por cima do fio do aço, continuando, gotejou lentamente para um lado.

— Lady Tarian, você põe extremante à prova a minha paciência.

Seus olhos da cor do oceano brilhavam com fúria, e sentiu uma dor distinta levantando-se entre eles. Os olhos se ampliaram, e sorriu, apesar da extremamente precária posição em que se encontravam.

— Parece que sou um homem que não só desfruta olhando uma mulher tocar a si mesma, mas também gosto do jogo rude — Impeliu a espada detrás dela, onde estralou contra a parede do fundo. Antes que ela pudesse mover-se, introduziu os dedos em seu grosso cabelo e atirou para trás de modo que não podia fazer nada mais que lhe olhar nos olhos — Deseja continuar com esta farsa do gato e rato, ou quer ficar comigo aqui e agora?

— Nunca ficaria com um normando!

Suas palavras não o feriram. Sua negativa em deitar-se com ele sim.

— Ficou comigo na noite passada. O que mudou?

— Está louco se pensa que fui para você no meio da noite! Eu nunca faria uma coisa dessas! Sou uma viúva de apenas um mês.

Moveu as mãos através de seu cabelo, retirando suas mechas largas.

— É este o modo que uma viúva usa o cabelo? — Inclinou a cabeça para sua roupa no chão — É assim como vestem o luto?

Tarian permaneceu muda. Wulfson a estudou por um comprido tempo.

— Por que, depois que concordou, seu marido se negou a casar-se?

Se fosse possível que ficasse mais furiosa do que tinha estado momentos antes, ficou.

— Isso não é assunto seu.

Deslizou a mão por seu ventre e descansou justo por cima de seu monte. Sentiu-a sobressaltar-se, e resistiu à tentação de provar seu mel.

— Está grávida?

Tomando uma respiração profunda, respondeu-lhe com honestidade.

— Não sei — permaneceu imóvel, vigiando-a por qualquer pista se por acaso mentia — Acaso importa? Se seu rei decidir ver sua ordem original cumprida, o menino morrerá comigo.

Wulfson a atraiu para si, inclinou a cabeça, os lábios revoando por cima dos dela.

— Se for uma guerreira tão engenhosa, por que age como se ao final quando chegar a ordem colocará em minha mão sua espada para realizar o ato?



Levantou-se nas pontas dos pés e pressionou os seios contra seu peito nu. Seus músculos se esticaram.

— Eu nunca faria tal coisa, porque não acredito que seja capaz de matar uma mulher inocente e a seu bebê. — Mordeu-lhe o lábio inferior e se pendurou sobre ele. Ele afastou a cabeça, o sangue percorrendo seu lábio inferior. Tarian se pôs a rir — Meu marido me chamou Lilit.

Wulfson deslizou seu polegar pelo lábio inferior e viu o sangue ali. Lambeu-o.

— Quem é Lilit?

Tarian riu de novo, desta vez o som quase perto da histeria. Sacudiu-a e ficou sério, logo lhe olhou fixamente aos olhos.

— Lilit era um súcubo²⁸ de primeira ordem. — Entrecerrou os olhos e ela explicou — Lilit chegava aos guerreiros na noite, e enquanto fazia o amor com eles sugava-lhes seu vigor, e na manhã seguinte, eram inúteis no campo de batalha, onde sucumbiam a seu inimigo unicamente para reunir-se com ela em sua morte.

— Malcor tinha medo de você?

— Certamente, e tinha muito que temer.

— Tirou-lhe a vida?

— Era ele ou eu. Escolhi viver.

Wulfson se distanciou dela.

— Vista-se. A chuva diminuiu, e eu gostaria de retornar para o almoço. Tenho muita fome.

Tarian assentiu com a cabeça, e enquanto se vestiam notou outra vez a crescente mancha de sangue em suas meias.

— A ferida se inflamará se não cuidar.

— Me encarregarei disso.

Quando montaram e voltaram seus cavalos para Draceadon, encontraram-se com o longínquo trovão de cascos no caminho que conduzia para o oeste da cidade de Dunloc. Wulfson inclinou a cabeça para ela para montar detrás da ruína, e se apressaram para ver e não serem vistos.

²⁸ Nota PRT: Dizia-se do demônio, de aparência feminina a quem se atribuíam os pesadelos e o ato de copula com homens adormecidos.



Capítulo 11

Um punhado de soldados armados a cavalo trovejou diante da ermida, seguidos de pelo menos duas dúzias de soldados a pé. Se pudessem ser considerados soldados. Recordaram a Wulfson mais a brancos brincando de guerra. O leão de prata estampado no estandarte negro lhe era familiar, tinha-o visto em Hastings entre o exército saxão.

— É Rhiwallon — disse Tarian depois de que passassem as filas.

Wulfson franziu o cenho. Entre os homens de Rangor, a guarda de Tarian, e agora o detalhe do rei galês, os Espadas de Sangue, embora seu valor equivalesse a cinco homens, tinham sido severamente superados em número.

— O poderoso cavaleiro teme os galeses? — perguntou Tarian sarcasticamente.

Wulfson se burlou, voltando-se para ela.

— Temi-lhes antes no bosque?

Sorriu e negou com a cabeça, a larga cabeleira formava redemoinhos ao redor da cintura. Pela centésima vez nesse dia o sangue lhe acelerou ante a vista. Seu brio e exótica beleza lhe sacudiam cada vez que a olhava.

— *Nay*, mas deve admitir, sabendo que eu estava as suas costas, que havia pouco que temer.

Wulfson zombou uma vez mais e instigou a Tuold para adiante.

— Admitirei que, para uma mulher, tem talento com o arco.

— Ah! Posso acertar aos olhos de um javali a setenta e cinco passos.

Wulfson negou com a cabeça.

— Posso!

— Teriam que me demonstrar tal gesto. Mas por agora voltemos para Draceadon e escutemos o que Rhiwallon deseja de você.

— Quer que vá a Powys sob seu amparo.

Wulfson a esperou para ficar no mesmo ritmo, e em seguida disse:

— Não consentirei.

Encolheu-se de ombros.

— Não tenho nenhum desejo de sair de meu lar.

Wulfson a olhou bruscamente.

— É tão misteriosa para mim como qualquer mulher com a qual tenha me encontrado, Lady Tarian.

— Sou muitas coisas para muita gente, milord, mas não há mistério em mim. Eu quero o que toda mulher deseja. Um lar seguro para criar meus filhos.

— A segurança é difícil de garantir.



— Especialmente quando há um preço sobre a cabeça.

— Não há regras no campo de batalha.

Dedicou-lhe um sorriso que lhe agitou o pênis.

— Aye, disse sou plenamente consciente.

— Menosprezam um grave problema.

Dedicou-lhe outro encantador sorriso e inclinando-se para ele, disse brandamente:

— Não morrerei por sua mão, sir Wulfson.

Inclinou-se para ela, capturando seus olhos azuis escuros com os seus.

— Nunca se deve subestimar o inimigo. É o mais mortal dos defeitos.

Viu como aumentava a cor em suas bochechas.

— Aye, e é por isso que te digo o mesmo. Não esqueça.

Wulfson se recostou na sela e contemplou suas costas retas e o orgulhoso conjunto de seus ombros. Uma persistente agitação arranhava-lhe as entranhas. Tratava-se de um inimigo com o qual nunca se encontrou cara a cara. Nenhum que se formava para derrotá-lo. Pensava que entendia o funcionamento do sexo frágil, mas esta bruxa saxã o desconcertava. O pênis queimava-lhe com um calor que lutava para sufocar. Lilit tinha-a chamado Malcor. Pode ser que o conde a conhecesse mais que a maioria. A princesa guerreira era um demônio e tinha sonhado com seu encontro ou verdadeiramente esteve com ele em sua forma de demônio nada mais. Franziu o cenho profundamente. Encontrou não só sua força sendo posta a prova neste dia, tinha as feridas para demonstrar que tinha sugado-lhe seu habitual vigor. Se não era isso, teria utilizado o cérebro em sua máxima capacidade quando partiu sem o elmo e sem a segurança de sua guarda, se não estivesse Turolld tão expertamente treinado na arte da guerra, não teria ganhado a armadilha. Deu no cavalo um carinhoso tapinha no pescoço e foi recompensado com um bufo e sacudidas de sua grande cabeça negra. Aye, Turolld, como todas as montarias dos Espadas de Sangue, era da mais fina linhagem espanhola.

Os lábios tremiam em um meio sorriso. Tinham saído da Ibéria aquele dia fatídico com nada mais que suas vidas. O estado de ânimo azedou-se rapidamente com a ideia de que se Tarian não tivesse vindo para ele na noite, teria tido mais sentido a seu redor, teria sido mais capaz de sufocar os galeses sem ajuda, e com menor caos.

Entrecerrou os olhos, e tomou a decisão nesse mesmo momento de manter-se mais longe dela quanto humanamente fosse possível. Era mortal em sua traiçoeira forma feminina, e sendo um humilde homem, encontrou-se lutando contra um desejo desumano por ela.

Quando se aproximaram de Draceadon, a excitação cresceu em Tarian. A mensagem de seu parente galês, o Rei Rhiwallon, tinha sido recebida. E com a chegada do mensageiro e sua guarda, a farsa agora chegava a seu fim. Conteve um sorriso de oculta satisfação. O cavaleiro normando tinha estado muito certo em sua afirmação de que não havia normas no campo de batalha. Ela, de todas as



peçoas, entendia como as artimanhas de uma mulher podiam confundir a um homem e fazê-lo pensar mais de duas vezes e não com a cabeça sobre seus ombros. Inclusive Malcor em sua depravação não tinha sido imune a ela. Tinha-lhe nomeado herdeira única para tudo o que possuía. Esse único documento, aliado a William e seus Espadas de Sangue, seria sua salvação.

Aye, ela contava com o pedido de Rhiwallon para que fosse com ele a Powys, a fim de que pudesse recusar. Rangor defenderia sua causa e o normando negaria a ambos. Mas Tarian pensou que se pudesse convencer ao normando de dar seu juramento a Rhiwallon, Rangor e Alewith de que nenhum mal chegaria à sua pessoa, e que retornaria à Normandia em troca do compromisso de aliança com Rhiwallon, junto com a de Rangor e Alewith, certamente William consideraria tal oferta. Não era nenhum segredo que os galeses não tinham amor por William. Embora possivelmente ela pudesse intermediar uma aliança. Porque com o Rhiwallon viria o Reino do Powys e seu irmão o Rei Bleddyn do Gwynedd, com essa combinação William não seria capaz de resistir.

Aye, pisaria com muito cuidado. As vísceras de Tarian se viraram quando pensou nas consequências que pagaria se os normandos descobrissem que o mensageiro de William não retornaria tão cedo. Alguns de seus guardas o esperavam na entrada do Wycliffe Pass um pouco além da colina. Não seria prejuízo, mas ninguém daria a resposta do rei ao questionamento de Wulfson, a menos que, é obvio, William mudasse de ideia.

— Que traição está elaborando essa sua cabeça, Lady Tarian? — perguntou Wulfson sigilosamente mais perto dela. Tão perdida estava em seus pensamentos, que não se precaveu. Sua perna roçou contra a dele e apanhou seu olhar duro.

— Só me pergunto que intriga nos espera adiante.

Os lábios do Wulfson desenharam uma linha apertada.

— Rogo que todas as partes implicadas entendam o afeto que William tem por seus Espadas de Sangue, e também sua ira em caso de encontrar-se sem eles.

— Teme por sua segurança, milord?

— *Nay*, temo pela sua.

Tarian negou com a cabeça.

— Não te entendo. Em um momento sente inclinação para me por plantada no chão, e ao seguinte teme por minha segurança? Qual é?

Wulfson ignorou a pergunta, e foi assim, porque quando giraram a curva onde se levantava a fortaleza Draceadon, um igual ao seu, um gigante dragão negro, saía em aglomeração pelo muro exterior do castelo mais cavalos e soldados. Gareth, seguido por vários normandos, acabava de escapar e galopava para eles.

— Minha senhora. — gritou Gareth quando se aproximou, com a voz cheia de alívio.

Ela olhou atrás dele para ver o alto viking chamado Thorin e o outro cavaleiro, Rorick. Não podia ver seus rostos depois dos negros elmos, mas as apertadas mandíbulas revelavam sua ira.



— Wulfson! — disse Thorin, restando-se até eles — Tínhamos lhe dado por... — um olho atravessou a Tarian como uma lança — perdido.

Wulfson zombou.

— É pouco provável, meu amigo. Esperamos sob um teto que a chuva diminuísse. Diga-me o estado de ânimo dos galeses.

Rorick soprou, e olhou de Tarian a Gareth, logo depois de volta ao lotado pátio exterior.

— É o capitão da guarda do Rhiwallon. Falará só com você. Mas minha hipótese é que veio a procurar a senhora.

— Senhora, é melhor que vá com eles. — disse Gareth a Tarian.

Ficou rígida na sela.

— Não sairei daqui.

Gareth espreitou os normandos e com voz baixa implorou:

— Milady, o sangue está em jogo. Por seu bem-estar é melhor que vá daqui.

Ela urgiu a seus arreios para frente.

— Não deixarei Draceadon para Rangor. É meu. Ele pode ir para o seu primo! — O grande cinza saiu correndo a grande velocidade passando os cavaleiros. As maldições de Wulfson atrás dela, junto com seus homens e Gareth, trouxeram um sombrio sorriso aos lábios de Tarian. Não ia ser um peão no jogo deste homem. Era a senhora aqui, e herdeira ou não, a senhora ficaria!

Ao entrar no pátio cheio de gente, Wulfson notou que os galeses eram o suficientemente inteligentes para saber com quem tratavam. Separavam-se como se fosse o próprio rei. Seus homens estavam fora do grande salão, uma segurança das mais temíveis. Notou que os homens de Tarian, embora não ao lado dos Espadas de Sangue, estavam o suficientemente perto para uma disputa se ficassem juntos ou não. Entretanto, Rangor e Alewith davam firmemente apoio ao galês. Wulfson não se deixou enganar pela indecisão de Gareth. Melhor para Gareth parecer que dava apoio aos normandos que considerar-se completamente em desacordo com eles. Rangor e Alewith não eram tão inteligentes.

Wulfson franziu o cenho e se apeou, entregando as rédeas para Rolf.

— Sir Morgan, capitão do guarda do Rei Rhiwallon, deseja umas palavras com você, Sir Wulfson. — disse Rangor, dando um passo para frente, com os olhos cravados em Tarian. Wulfson deu um passo para ela para ajudá-la a desmontar, mas foi advertido com um agudo olhar. Em seu lugar, Gareth a assistiu. Wulfson retrocedeu e se voltou para o alto e moreno galês, Morgan.

Abordou Wulfson e ofereceu-lhe uma brusca inclinação de cabeça, dizendo em galês:

— Sou Morgan de Rhys, e viemos com a palavra de meu senhor, Rhiwallon de Powys. Solicito que tenhamos um momento em privado para falar.



Wulfson assentiu e se afastou da multidão, mantendo-se perto de seus homens, mas não o suficientemente perto para que alguém escutasse casualmente.

Quando se deteve, Morgan parou ao seu lado. Extraindo um documento selado de uma bolsa de couro que pendurava da cintura, entregou a Wulfson.

— Devo chamar meu escriba?

Wulfson negou com a cabeça.

— *Nay*, tenho conhecimento de letras. — Rompeu o selo de cera com o polegar, desenrolou o pergaminho e leu:

Saudações, sir, desejo que esta carta encontre o seu senhor, William Rei da Inglaterra e Duque da Normandia, bem. Confio igualmente que minha prima desposada com meu defunto primo de sangue Malcor, Lady Tarian de Dunloc, esteja bem, já que seu bom estado de saúde é de suma importância não só para mim, Rhiwallon Rei do Powys, mas também para meu irmão Bleddyn, Rei do Gwynedd. Temos tal afeto à senhora que suplico-lhes confiem seu cuidado a Sir Morgan e a seu guarda para voltar imediatamente para o Powys. Em troca de sua obediência, empenho meu apoio a William contra meus inimigos em caso de que se encontre em necessidade dela ao longo da fronteira com os Gales. Também lhes daremos escolta até ao sul de Colford, e ouro suficiente para vê-los retornar a Normandia como um homem rico. Também solicito que dêem instruções a meu primo Rangor de Lerwick para que garanta Draceadon para um eventual retorno da dama a seu lar.

Por minha ordem, Rhiwallon.

Enquanto Wulfson lia a ordem que o rei galês não estava autorizado a fazer aos vassalos de William, trabalhou em excesso para manter o autocontrole. A audácia do governante lhe assombrou. Queria à dama sob seu amparo pelas mesmas razões que William a queria morta. E Rhiwallon era ardiloso em suas palavras. Embora aludisse a uma aliança com o William em caso de que o necessitasse, faria com a condição de que os inimigos do Rhiwallon fossem os instigadores. E se seu próprio irmão decidisse atacar? A aliança cairia em água. Aye, já era hora de pisar com muito cuidado através deste pântano.

Sem dedicar ao capitão galês sequer um olhar, Wulfson se voltou para a multidão reunida integrada por normandos, saxões e galeses. Seus homens estavam alerta, preparados para defender ou atacar. Seus olhos se encontraram com os de Rorick, que estava mais perto. O grande escocês entendeu, e se moveu para o lado de Tarian, enquanto Thorin se moveu para trás de Gareth. Sentindo o que ocorria, Rhys, Ioan, e Stefan se afiançaram em suas posições e logo eram uma massa sólida de cavaleiros, soldados e nobres, com uma mulher solitária no meio. Wulfson amaldiçoou entre dentes e se voltou para Morgan.

— Discutiremos este assunto durante a refeição da tarde — não foi um pedido.

Wulfson se dirigiu a Tarian, e quando passou por ela agarrou-lhe o braço, arrastando-a com ele. Gareth deu um passo. Wulfson deixou cair o braço e se voltou.

— Ceda o passo, viking.



Os homens do Wulfson formaram uma barreira em forma de diamante a seu redor, e como um só se moveram pelo grande salão.

Em uma louca carreira para ver as mesas colocadas, os serventes pulavam como formigas, e Wulfson teve que admitir que estavam bem instruídos em suas funções. Ao cabo de um muito breve tempo todos estavam sentados: Wulfson com Tarian junto a ele, o capitão galês a sua esquerda, Alewith à direita de Tarian e Rangor relegado ao fundo, entre Thorin e Gareth. Wulfson assinalou para os outros Espadas de Sangue que deviam sentar-se entre os soldados galeses e os saxões, e manter olho atento sobre eles.

Os números estavam contra eles se uma facção decidisse pressionar o problema com o poder. Tarian ficou quieta e tranquila, mas Wulfson não esperava nada menos dela. Não só era formosa e capaz de empunhar uma espada e um arco como um homem, mas era cautelosa, uma que não se apressa em conclusões ou pressiona um problema antes que se maturasse. Estava certo de que estava tão intrigada como ele, e faria tudo o possível para manipular o atual clima ao seu favor.

Ocorreu-lhe enquanto olhava sua inclinada cabeça escura e escutava sua voz rouca que seria mais que uma apreciada esposa. Malcor era um tolo.

Uma vez que a bênção foi dita, Tarian não duvidou em perguntar:

— Assim, Morgan, Como estão meus tios Rhiwallon e Bleddyn?

Wulfson ficou rígido enquanto cravava uma parte de cordeiro assado com a faca de mesa.

O homem olhou ao Wulfson, que o ignorou, e disse:

— Ambos estão bem. Meu senhor Rhiwallon está muito ansioso por sua visita.

Wulfson esperou em silêncio sua resposta. Possivelmente não teria que ser o vilão aqui.

— Eu também estou desejando visitá-lo, mas não posso viajar neste momento.

Morgan franziu o cenho e deixou sua taça de lado.

— Me desesperaria dar tais notícias a meu senhor. Agradaria-me grandemente se retornasse comigo.

Delicadamente Tarian arrancou um pedaço de carne de primeira qualidade do trincheiro que compartilhava com Wulfson. Ao mastigar o bocado, negou com a cabeça.

— Escreverei a meu tio e explicarei-lhe minha situação aqui.

Morgan franziu o cenho e seu corpo se esticou.

— Recebi instruções de não retornar sem você, milady.

Tarian pôs-se a rir, o ligeiro e melodioso som atirou diretamente à virilha de Wulfson.



— Então, se for assim sinta-se em seu lar, sir Morgan. — olhou-o fixamente e disse- lhe em voz muito baixa e firme — Não vou deixar meu lar. Posso estar grávida e não desejo viajar. A visita terá que esperar.

— Milady — interrompeu Rangor do fundo da mesa. Tanto Tarian como Wulfson franziram o cenho. — Para perpetuar sua saúde, o melhor é que vá a Powys.

Tarian negou com a cabeça.

— Nay.

— Rangor tem razão — acrescentou Alewith.

Tarian se separou da mesa e se levantou.

— Este é meu lar e não vou ser expulsa dele. — Olhou para Wulfson e disse:

— Volte a seu rei e diga- lhe que não tem um inimigo em Tarian de Dunloc. Eu lhe darei um tributo e soldados em caso de necessidade. Empenho meu juramento.

Rangor assobiou em um comprido suspiro.

— O que ocorre se a fronteira for transpassada pelos normandos?

Lançou um enfatiado olhar ao fundo da mesa.

— Eu sou saxã e galesa, tio, mas meu rei é normando. O que me aconselham vocês?

— Aliar-se aos seus parentes de sangue!

Sorriu com ironia.

— Meus parentes de sangue estão mesclados com palha e folhas de York e Hastings. Minha mãe não pode suportar escutar pronunciar meu nome em sua presença. — Olhou para Alewith e Brighid — Meu tutor e a irmã de meu coração, embora me tratassem como um deles, não podem reclamar os laços de sangue para mim. — Voltou a olhar a Rangor — Não tenho parentes de sangue. Tenho Draceadon. Não voltem a me dizer que o deixe. Tenho o testamento e tenho a meus homens. É tudo o que necessito para defender minha causa.

Lançou um agudo olhar a Wulfson.

— Nenhum homem, nem sequer o rei, me tirará isso.

— Sempre existe o convento — interveio Thorin, e enquanto as palavras caíam dos lábios de seu homem, Wulfson sentiu uma chicotada fria através dos ossos. Seria uma catástrofe para esse corpo e essa mente ser retirada do mundo após umas pesadas túnicas negras de monja.

Tarian soprou em um comprido suspiro.

— Morda a língua, viking! Deus não quer ter nada a ver comigo, nem eu com ele!

— É uma blasfêmia! — chiou Rangor, com suas palavras ecoando as do Padre Dudley.



Tarian apertou os punhos e golpeou a parte superior da mesa. A ira formava redemoinhos como uma tormenta em seu interior. Sentiu a pele esquentar e os olhos saltar de sua cabeça.

— Blasfêmia? Meu pai capturou a minha mãe, uma abadessa, e então a violou em repetidas ocasiões durante um ano. Nem sequer o decreto de um rei pôde obrigá-la a que a liberasse! Estou marcada como as ovas do diabo! Não encontraria nada mais que ossos cansados de trabalhar para me arrepender dos pecados de meu pai. Não é vida para nenhuma mulher. Não vou tolerar isso!

Olhou a todos, com as mandíbulas afrouxadas, inclusive Wulfson, ao que parecia, estava emocionado.

Sorriu amargamente.

— Pensem o que farão. Mas não consentirei que ninguém dite como passarei o resto de minha vida. — Olhou para Wulfson e disse — E se sua espada encontrar um lugar de descanso em meu coração, esteja avisado, meus tios, embora eu desafie seu convite agora, não estarão agradados.

— Ficarei aqui até que tenha notícias de William. Sua palavra será definitiva. — Wulfson se levantou e falou com todo o salão — Aqui sou o senhor até novo aviso e decreto. — Olhou fixamente a Morgan e em seguida para Rangor — E a senhora ficará ao meu encargo até o momento em que o considere de outra maneira.

— Envie-a para Normandia e permita-lhe a William mantê-la como sua refém. — disse Rangor chegando ao redor.

Tarian ofegou em estado de choque.

— Nunca!

— Aye, resolveria o problema, Wulf — interview Thorin.

— Deixe que William envolva com ela. Se encarregará de seu futuro. — concordou Rorick.

O pânico rasgou-se através dela. Era a solução definitiva, a que tinha mais sentido. Todo mundo recebia o que queria. Todos menos ela. Tarian olhou para Wulfson e encontrou seu olhar contemplativo.

— *Nay!* Não irei a Normandia!

— Então, case-se comigo, Tarian. Não é incomum. — adului Rangor.

Movendo-se com a velocidade de um gato, Tarian girou, estirando sua espada e ficou de prontidão.

— Já te disse isso várias vezes. Nunca me casarei com você!

Como Wulfson não disse nenhuma palavra, Rangor encorajou-se.

— Tenho riquezas, Tarian. Combinadas com Dunloc teríamos mais que a maioria dos reis!

Desafiante até o final, Tarian energicamente negou com a cabeça e apontou a espada para ele.



— Vamos resolver isto aqui e agora, Rangor — Fez um gesto para sua espada. — Se me derrotar casarei-me com você. Mas e se eu ganhar? — sorriu — Sairá hoje daqui e não retornará jamais.

Rangor sorriu de orelha a orelha e se inclinou em uma reverência.

— Será um prazer — olhou para Wulfson — Não a machucarei.

Muito furioso com ela, o normando assentiu com a cabeça e retrocedeu.

— Limpem o salão. — ordenou ele.



Capítulo 12

— *T*arian! Não! — gritou Brighid, enquanto rodeava o cavalete. Golpeou o móvel com o quadril e gritou de dor.

Tarian tratou de mover-se para ela, mas parou quando, para seu assombro, aquele que Wulfson tinha chamado Rhys se apressou em ir ao seu lado e, com a cortesia de um rei, ajudou-a a ficar em pé. Esquecendo a sua irmã adotiva, a garota se ruborizou profundamente e permitiu ao belo cavaleiro ajudá-la. Rhys parecia ser o mais jovem dos normandos, e o mais tranquilo.

Tarian elevou a vista para Wulfson, que franziu o cenho. Essa deve ser sua expressão favorita, decidiu.

— Coloque-se de lado e esqueça-se dela — disse Wulfson em francês ao cavaleiro.

Sua recompensa foi um olhar duro, mas Rhys não se moveu.

— Milord, tem as maneiras de um porco — disse Tarian.

— E você o caráter de uma vespa — replicou ele, para logo dar um passo atrás e estender o braço para a zona limpa. — Minha dama guerreira, o lugar é seu.

Com a espada na mão, Tarian não esperou que Rangor se preparasse. Sem prévio aviso, golpeou-lhe no ombro com a palma da lâmina. Um suspiro coletivo percorreu a sala, e logo começaram a correr as apostas.

Rangor não se amedrontou. Tirou sua espada e se agachou, movendo a lâmina para baixo para fazê-la perder o pé, mas Tarian era mais experimentada que isso. À medida que a espada ia se aproximando dela, saltava para evitá-la. Ao voltar para o chão, girou-se e devolveu-lhe o golpe, surpreendendo a Rangor sem equilíbrio e cortando no processo uma liga de couro.

Ele grunhiu, elevou-se em toda sua altura e, com ambas as mãos em punho em um gesto decidido, avançou para ela.

Wulfson permaneceu em um silencioso assombro enquanto observava à ninfa dançar e girar em torno do saxão, mantendo-o perto só para deixar-lhe atacar e falhar, e ela aproximando-se e acertando. Era pequena, ágil e ardilosa como uma raposa.

O suor escorria na testa de Rangor e, apesar de que a dama guerreira parecia sem fôlego, era ela quem mantinha a compostura.

Rangor começava a distrair-se pelo frenético zelo de possuí-la. E Wulfson não podia culpá-lo. Enquanto a via empurrar, golpear e esquivar com essa precisão mortal, seu sangue se acelerava. Imaginou fazendo o mesmo com ele, só que sem roupa e sem espada.

A frustração de Rangor, e agora sua humilhação, tomaram controle sobre sua luxúria pela mulher. Wulfson deu um passo para o círculo. Rangor se lançou contra Tarian e sua perna golpeou no canto de um cavalete. Ela perdeu o equilíbrio



e Rangor atacou. Wulfson moveu-se para empurrá-la longe do perigo, mas se encontrou detido pelo musculoso braço do Thorin.

Tarian rodou sobre o cavalete e saiu pelo outro lado, golpeando Rangor nas costas antes que ele se desse conta do que ela acabava de fazer. Ele bateu precipitadamente e com um estrondoso golpe e, quando tratou de dar volta, o pé dela estava sobre o peito e a espada lhe pressionando a veia vital do pescoço.

O salão rompeu em aplausos e Wulfson sentiu uma espécie de alívio que não sabia que estava aguentando. Percebeu o olhar sábio do Thorin, e o viking afrouxou o braço murmurando:

— É uma vergonha. Rangor podia ter nos economizado muito tempo aqui.

Tarian manteve a espada pressionada contra a garganta de Rangor.

— Perdestes, tio. Espero que mantenha seu juramento — retrocedeu um passo, afastando a lâmina. — Vá embora daqui e não volte a sujar minhas portas outra vez. Já não é bem-vindo. — embainhou a espada e lhe deu as costas para olhar ao Wulfson — Como estive, milord, para uma gatinha?

Wulfson sorriu e esfregou ligeiramente o peito onde a ferida formigava.

— Nada mal, mas você lutou contra um filhote de cachorro.

Os olhos de Tarian faiscaram de brilhante fúria. O rubor flamejou em cada ponto de seu corpo e ele não conseguiu recordar ter observado jamais uma vista tão magnífica em sua vida. Recordava a essas éguas selvagens da Ibéria, negras como o carvão, importadas dos desertos de Terra Santa. Cheia de fogo e majestade. Aye, não se deixaria domar por nenhum amo. Com ela faria falta uma mão paciente e amável, mas firme, mas antes disso tinha que confiar. Franziu o cenho. Confiança era algo que ele não podia oferecer-lhe.

Brighid rompeu o encanto, correndo para os braços de sua irmã adotiva, chorando como nenhuma mulher deveria. Parecia que a garota ia desfazer-se em um atoleiro de lágrimas e Tarian a afastou calando-a, e logo se foram do salão.

Rangor permaneceu entre seus homens e os do Rhiwallon.

— Meu juramento é minha palavra — disse a Wulfson. — Mas, por direito de sangue, tenho direitos sobre esta propriedade.

— Farei William saber.

Rangor fez uma breve reverência e disse:

— Defenderei minha causa em pessoa, e tenham por seguro que informarei de seu próprio desejo pela dama.

As palavras do Rangor bateram em Wulfson até a medula e, apesar de que não deveria haver se importado, pois sabia que seu rei tinha a máxima confiança nele, irritou-lhe que seu desejo pela dama guerreira fosse evidente para os outros. Sorriu duramente e olhou aos que esperavam uma resposta de sua parte.

— Sou um homem, Rangor, e ela é uma mulher atrativa. — em seguida olhou para seus homens e perguntou — Há algum entre vós que não tomaria o que ela lhes oferecesse?

Rorick sorriu e Thorin riu entre dentes, sacudindo a cabeça. Stefan permaneceu junto a Ioan. Ambos negaram com a cabeça. Quando o olhar de



Wulfson se encontrou com a do Rhys, o mais jovem dos cavaleiros, cujo sorriso era tão amplo como as portas da fortaleza, voltou-se para o irritante lorde.

— Somos todos uns cães! Trate de informar a William por todos os meios desta inédita aflição.

Dando as costas a Rangor, Wulfson falou com o Alewith, quem permanecia em silêncio enquanto avermelhava. Wulf assentiu.

— Minhas desculpas, senhor, mas esta provocação merecia uma explicação honesta.

Alewith assentiu e permaneceu em silêncio.

Wulfson dirigiu a atenção para o capitão galês.

— Como a senhora o convidou a permanecer até que mude de opinião, pode ficar, mas seus homens devem partir. Será acolhido com hospitalidade no salão esta noite, mas deverá entregar suas armas — antes que Morgan pudesse respondesse, virou-se para Alewith. — Seus homens também.

Ambos deram um passo à frente, balbuciando com raiva diante do pedido.

Wulfson levantou as mãos pedindo silêncio.

— Em caso de que haja um ataque do exterior ou o interior e seus serviços sejam requeridos, devolveremos as armas a seus homens. Em caso de que se requeira sua ajuda.

— Isto é absurdo! — queixou-se Alewith.

— Então fique à vontade para levar seus homens e sua filha para Turnsly imediatamente. Não vejo necessidade de sua presença aqui.

Alewith não recuou.

— Não têm nada a temer em mim, normando — disse assentindo para Wulfson. — Se podem desculpar um velho que se preocupa com sua responsabilidade, é por isso que estou aqui.

Wulfson riu entre dentes.

— Você tem razão em tudo — acrescentou sombrio e lançou ao lorde um olhar — Deponham suas armas ou abandonem Draceadon.

Alewith apertou a mandíbula, mas inclinou-se e desembainhou a espada entregando o punho a Wulfson, que a aceitou. Os homens seguiram seu lorde, e os Espada de Sangue acumularam um grande arsenal de espadas, adagas e tochas. Quando Wulfson se voltou para Morgan, o galês se inclinou, fez chocar suas esporas e deu um passo atrás.

— Voltarei para Powys com meus homens — virou-se e abandonou a sala, chamando a seus homens para que o seguissem.

Wulfson olhou por cima da cabeça do Alewith para o Thorin e Rorick, que permaneciam perto.

— Voltaremos a ver os galeses outra vez, não tenho nenhuma dúvida. — disse Rorick.

Wulfson assentiu. Deveriam tomar todas as precauções.



Alewith se desculpou e abandonou a sala, Gareth se retirou também. Com o salão vazio de todos aqueles nos que não podia confiar, Wulfson chamou o servente que estava mais perto.

— Traga cerveja para meus homens. — disse inclinando a cabeça para a mesa diante da lareira apagada — Vamos, Espadas de Sangue, devemos discutir os acontecimentos deste singular dia.

Uma vez que os homens se reuniram a seu redor, Wulfson falou-lhes dos sucessos do dia, assegurando-se de não esquecer o importante fato que os vagueadores dos quais ele e a dama se desfizeram levavam cores galeses, galeses que estavam relacionados com a infame dama guerreira.

— Diz que a dama acertou a sua orelha a mais de quinze metros? — perguntou Ioan, incrédulo.

Wulfson tocou a ferida e logo se virou para mostrar a todos.

— Aye, vejam vocês mesmos. Não é mais que um arranhão, como ela pretendia.

— E matou ao último que ficara com sua própria espada nas costas? — perguntou Stefan cético.

— Aye, ela a lançou do cavalo. Foi um tiro perfeito. Golpeou o patife justo entre os ombros. Foi ao chão como um saco de nabos.

— E diz que abateu a outros cinco com o arco? Uma flecha no coração de cada um deles? — perguntou Rorick.

— Aye, estava muito ocupado me defendendo, mas quando tudo acabou contei cinco com flechas no peito, e um com uma espada nas costas.

— Não acredito! — exclamou Rhys — Nenhuma mulher é capaz de semelhante façanha!

Stefan deu uma cotovelada em seu amigo.

— Inclusive Thorin com um olho pode ver que ela tem as habilidades de um guerreiro experiente. Só observar como brincou com Rangor.

Com a menção de seu nome, todos os olhos se voltaram para o viking.

Thorin arranhou o queixo, apalpando a cicatriz em forma de meia lua que todos levavam. Wulfson sabia que o viking tinha a mente como uma armadilha de aço e, apesar de levar um tapa-olho, isso não diminuía sua ferocidade como guerreiro. Se não fosse o caso de fazê-lo ainda mais consciente das coisas.

— No que está pensando Thorin? — perguntou Rorick.

— Que este lugar se transformou em um lodaçal de intrigas. Infelizmente, não pudemos chegar uma semana mais tarde. Nossos problemas estariam mortos e enterrados.

Wulfson franziu o cenho diante as palavras. Embora seu amigo dissesse a verdade, o pensamento de encontrar a mulher que tinha visto esse dia, a mulher que tinha enfeitado seus sonhos na noite anterior, morta, era inquietante. Tinha a vitalidade de dez homens. Era uma criatura incrível que deveria ser deixada em liberdade, não enjaulada nem assassinada.



— Jesus! — amaldiçoou em voz alta por seus pensamentos.

Cinco pares de olhos se cravaram nele.

Os olhos de Thorin se estreitaram.

— O que te aflige Wulf? Impregnou-se da moça tão profundamente em tão pouco tempo?

— *Nay* — negou Wulfson, sacudindo a cabeça. Decidiu passar para um tema mais seguro. — Não posso discutir o óbvio. Acredito que, quanto mais tempo permanecemos aqui, mais perto estaremos do desastre. O conde normando do Hereford, William Fitz Osborn, tem as mãos ocupadas mais ao norte, e esse saxão louco do Earl Edric, apesar de que prometeu lealdade a William, sei que dorme com os galeses. Haverá mais derramamento de sangue. Logo.

— Eu digo que a enviemos para William — interveio Ioan.

Todos exceto Wulfson assentiram em acordo.

— Os galeses nos rodeiam como abutres. Manter a dama aqui é como informar carne fresca a um sabujo. Parece que ela poderia muito bem ser a faísca para um choque entre galeses, saxões e normandos. — disse Rhys.

— William não quer lutar com eles, mas em caso de que continuem pressionando sofrerão um reverso, e perderão muito do que tanto os tem custado conseguir. William aproveitará cada palmo de terra que possa. — disse Rorick, para logo acrescentar — E não pensem nem por um momento que Rangor não irá com seus parentes galeses antes de ir com William.

Wulfson não podia rebater as palavras. Olhou ao silencioso Stefan.

— O que pensa, Stefan?

— Acredito que deveríamos ir daqui com a dama e levar-lhe a William.

Wulfson negou com a cabeça.

— Ele não quer essa responsabilidade. Ele já tem como refém seu único tio sobrevivente estes últimos anos. A medida faria com que ele parecesse temeroso dos Godwinson. Além disto, aos galeses pareceria que ele fez o primeiro movimento. William cortaria o braço com o qual sustenta a espada antes de mostrar qualquer sinal de debilidade. *Nay*, Normandia não é a solução — fez uma pausa. — Ao menos, não ainda.

— Se formos ficar aqui, Wulf, — disse Thorin — então necessitamos de mais homens. Não somos suficientes. E este lugar, em ruínas, não suportará um assalto mais.

Wulfson se afastou um passo da chaminé e contemplou a situação.

— Se não houver atraso, Warner deverá voltar nos próximos dias. E com ele, mais homens — olhou para seus companheiros. — Enviei uma mensagem a Rohan para que ele e Manhku respondam ao chamado. E que tragam mais homens com eles.

Thorin sorriu.

— A última vez que vi Du Luc, estava mais nervoso que um moço com sua primeira mulher. Sua mulher deveria dar a luz no final do verão.



— Quando começamos esta viagem juntos, teria apostado meu cavalo e minha espada que de todos nós ele seria o último a ser carregado como um cordeiro por uma mulher — riu Stefan.

Um servo interrompeu-os levando uma bandeja cheia de taças de cerveja para a mesa. Cada homem agarrou uma. Wulfson levantou a sua taça e disse:

— Um brinde por Rohan e Isabel. Que seu primeiro filho seja um moço forte!

Uma segunda taça seguiu, e logo uma terceira e uma quarta.

Tarian derrubou-se ensopada em sua cama. Só depois de prometer não voltar a desafiar um homem com espada foi capaz de acalmar Brighid o suficiente para colocá-la na cama e agora, depois de embalá-la como Edith fazia quando ela era um bebê, olhava Brighid adormecer, enrolada na confusão de lençóis.

Percebendo o suscetível estado de humor de Tarian, Edith se manteve afastada da dama enquanto passeava. Como fez a tímida empregada Brighid.

Tarian dedicou a sua irmã adotiva um último olhar, e então parou de repente. Emoções que não sabia que tinha se debatiam em sua cabeça e em seu coração, e eram essas emoções que se negava a reconhecer é que tinham causado tanta raiva.

Como se atrevia esse normando a recuar e a permiti-la lutar com Rangor? O que teria decorrido se por acaso o barão a tivesse superado? Realmente não significava nada para aquele porco? Depois desse dia? Jesus! Tinha-lhe salvado a vida! E a maneira pela qual a havia tocado nas ruínas. O calor avermelhou-lhe as bochechas ao reviver sua carícia. Tinha-a surpreendido, para ser sincera. Mas ele a tocara como se fosse um vestido usado? Sentou-se no duro assento de pedra da janela e olhou para fora, quase esperando vê-lo na penumbra crepuscular, com os punhos apertados e olhando-a fixamente.

Nay, isso significaria que se interessava por ela, e era evidente que não estava!

Bateu os punhos contra o batente.

— Argh!

— Tarian? — chamou Brighid da grande cama.

Aproximou-se da garota, fazendo um gesto à ama que apareceu no canto para que se fosse, e a animou a continuar dormindo. Quando sua respiração relaxou, Tarian voltou para a janela e, mais tranquila agora, olhou para fora. O grande bosque de Dunloc se estendia frente a ela, para o longe. A sua direita, onde não alcançava ver do seu mirante, havia grandes extensões de terra cultivada. A terra era rica, e Dunloc tinha sido em seus dias uma próspera comunidade agrícola. Umás três léguas do outro lado da colina, em outros tempos, o povo esteve fervilhando de um eclético conjunto de artesãos. Vidreiros, ourives e artesãos do cobre, alguns dos melhores tecedores da terra... todos chamaram Dunloc de lar. A multiplicidade de cores extraídas do solo dos arredores estava em alta demanda. Aye, o lugar tinha potencial para converter-se em um dos grandes contribuintes da Coroa, mas Malcor tinha descuidado não só da magnífica fortaleza do Draceadon, mas também do povo e da sua gente. Preferia passar o tempo na



corte Inglesa, depois na de William, e depois nas pequenas cortes galesas antes da conquista. Sua posse maior, Briarhurst, um lugar ao norte onde foram se casar, era magnífica. Mas Malcor se afundou em Draceadon. Ali tinha sido feita prisioneira, e ali ficaria.

À medida que seu olhar voltava para a escura muralha observou entre as tochas não só muitos dos homens de Rangor rondando, mas também os de Morgan. Olhou ao longe entrecerrando os olhos, e viu Gareth e seus homens completamente armados, e eles também pareciam preparados para algo.

Duvidou se descia e descobria por si mesma, o que era tudo. Apesar de ter apreciado ter provocado Rangor mais do que já o tinha feito, sabia que não seria prudente fazê-lo. Ele apareceu por entre os estábulos, com um moço guiando seu cavalo, e depois do barão chegou Morgan. Pareciam estar em meio a uma conversa profunda. Ao mesmo tempo, os dois olharam para acima e a descobriram olhando-os. Ela franziu o cenho, mas não se afastou.

Então estavam tramando algo, não?

— Estarei no salão se me necessitarem, Edie.

Antes que a ama pudesse pronunciar uma palavra, Tarian saiu do quarto e desceu ao salão seguindo o ruído dos normandos provocando alvoroço. Em silêncio, lançou vários nomes horríveis contra eles e continuou descendo as escadas.

Quando alcançou o último degrau, cada olhar normando estava fixo nela e suas vozes se apagaram até emudecer. Sorriam todos de uma vez, e depois franziram o cenho. O que havia lhes dito o cortês cavaleiro? O calor aumentou-lhe nas bochechas.

— Conta fofocas como uma jovem e revela segredos que não são seus para contar? — exigiu de Wulfson ao entrar no salão.

Os homens sorriram ainda mais se pudessem. Então ele tinha lhes falado de seu pequeno encontro, não?

— Diverte seus homens com o fato de que quase te atravesso sem nem sequer me alterar?

Quando todos os olhos se abriram de assombro, Tarian se ruborizou ainda mais.

— Isso é o que lhes contastes, não?

Wulfson sorriu e negou com a cabeça lentamente.

— Falei-lhes de sua destreza com o arco e a espada. Deixaria-me falar das demais virtudes que descobri hoje em você?

O queixo dela caiu. Mas o que não esperava era ver seus homens franzirem o cenho para ele. Wulfson levantou as mãos em uma rendição fingida para eles.

— Foi ela que insistiu em que nos despíssemos e secássemos as roupas junto ao fogo. Não pude fazer menos que obedecer.

Ela caminhou em sua direção e golpeou-lhe o peito. Ele a olhou, assombrado de que se aproximasse assim. Não se importou.

— Você, patife! Não aconteceu assim!



Ardiam-lhe as mãos pelos golpes, mas não deixaria que esses homens pensassem que era uma libertina.

— Como ocorreu, então? — perguntou determinado.

Ela entreteceu os olhos e permaneceu imutável.

— Estávamos encharcados até os ossos, e sua malha estava se oxidando. Era a melhor maneira de conservá-la. Não é minha culpa se não pode manter os olhos em sua cabeça ou guardar suas mãos para você mesmo!

Wulfson riu entre dentes e assentiu.

— Confesso isso, — voltou-se para seus homens — posso lhes afirmar, a dama se assegurou de que não houvesse flertes.

Tarian conteve o fôlego perguntando-se por que não tinha contado toda a verdade. Ele virou-se para ela.

— Satisfaz-lhes essa confissão?

Assentiu duvidosa.

— É suficiente — e por alguma ímpia razão, que ele tratasse de proteger sua honra muito a agradou. — Vi Rangor e Morgan falando fora do estábulo e seus homens armados. O que está ocorrendo?

— Rangor, como já sabe, prepara-se para abandonar o lugar. Morgan se negou a entregar as armas durante sua estadia aqui, e sem mais opções para ele e para seus homens, também se vai.

Então ali ficavam os normandos, seu guardião e o punhado de homens que lhe acompanhavam. Assentiu com a cabeça para o líder normando.

— Muito bem, sir Wulfson. Muito bem feito.

— Teria lhes permitido permanecer armados e dar-lhes a oportunidade de atacar a qualquer momento?

— *Nay*, era um elogio, não uma brincadeira. Não confio em nada nos galeses. — olhou aos brilhantes olhos — Tampouco confio em você. Se eu tivesse mais homens, teria-lhes dado a mesma opção.

Ele jogou a cabeça para trás e riu, e seus homens uniram-se a ele.

— E contrariar a William?

Pondo as mãos nos quadris, ela assentiu.

— *Aye*, o rei não pode tomar a seu capricho algo que não é dele.

— A Inglaterra é dele, milady. Ignorar esse fato põe-na em uma situação comprometedora. Assim como dirige seu cavalo para um lugar sólido, deveriam guiar a mente para William. É forte, está decidido, e não será negado!

Ela se aproximou, com os narizes quase se tocando.

— Nem eu.

— Para uma mulher que tem tudo a perder e nenhuma maneira de conservá-lo, lady Tarian, gaba-se muito — disse Thorin atrás dela.

Tarian se virou.



— Não me gabo! Só digo a verdade. Não há razão para que seu rei interfira! Conferi-lhe juramento. Que mais quer de qualquer saxão?

— Garantias — disse Thorin.

— Meu juramento não é minha garantia?

— Seu tio conferiu juramento, jurou sobre a cruz, e olhe o que aconteceu — disse Thorin negando com a cabeça.

Tarian riu pela comparação.

— Meu tio não teve mais remédio do que fazer o juramento. Se não, estaria apodrecendo nas vísceras do castelo de Rouen. Não nos compare. As situações não são as mesmas.

— Estaria vivo, assim como milhares de normandos e de ingleses — defendeu-se Thorin.

— Posso-lhes assegurar, sir cavaleiro, como alguém que passou um tempo em uma horrível masmorra, que não é vida absolutamente. Preferiria morrer no campo de batalha por aquilo no que acredito que morrer de maneira lenta e miserável nas mãos de um bárbaro bastardo!

Enquanto falava, Thorin observou as caras de cada um dos homens próximos a ela endurecer-se como rocha esculpida. Wulfson agarrou-lhe o braço e a fez enfrentá-lo.

— William é um bastardo, disso não há dúvida, mas não é um bárbaro.

Ela puxou o braço para soltar do agarre.

— Então, o que ele está me fazendo não é uma forma de tortura? Estamos esperando que seu homem dite se devo morrer! E se estivesse grávida? Tomaria sua vida também?

A mandíbula do Wulfson se esticou, mas Tarian defendeu sua causa.

— Seu rei, meu rei, não é um homem compassivo. Ofereço-lhe tudo e ele me joga isso na cara. Não posso ganhar — afastou-se dos homens e se virou para enfrentá-los. — Não vou entregar minha espada só pela dúvida — os olhos posaram em cada cavaleiro da sala. — Vocês também sofrerão perdas, garanto-lhes isso!

Eles se mantiveram firmes, os cavaleiros normandos enfrentando à solitária saxã, e viu em seus olhos que sabiam que ela dizia a verdade. Um impasse. Perderia a vida, já que eles não desafiavam seu rei. Ela sorriu, e riu quando todos retrocederam pela surpresa.

— Embora que Rangor jure, não sou uma bruxa. Mas sou uma guerreira, e estou decidida a ver meus filhos crescerem até converterem-se em homens.

Os cavaleiros permaneceram em silêncio. Para romper a tensão, deu uma olhada à perna do Wulfson.

— Têm preferência por alguma madeira em particular?

— Madeira?

— Não curastes sua perna.

Wulfson negou com a cabeça, não estava muito preocupado.



— *Nay*, não houve tempo com a agitação de hoje.

— Sabe como costurar a ferida? — perguntou Tarian duvidando que, inclusive se soubesse, gostassem de fazê-lo.

Seria doloroso sem importar quem segurasse a agulha.

— Farei eu. — disse Rhys, avançando um passo — Mas necessito de um fio forte e de uma agulha.

— Aha! — disse Wulfson afastando um passo do jovem cavaleiro — Já vi a porcaria que fizeram ao pobre loan no mês passado. Farei eu mesmo antes de permitir que esses punhos me toquem. Fiquem tranquilos. Rolf dará uma olhada quando terminar com os cavalos.

— Venha aos meus aposentos e farei eu — disse Tarian irritada, dando as costas aos homens para voltar para o seu quarto.

Não era por preocupação que ela se ofereceu para costurá-lo, *nay*, seguiria insistindo com o caso. Em privado. A tensão tinha lhe posto os nervos no limite e o comportamento, normalmente amistoso, tinha sido posto a prova. Sentia-se como caminhando por uma passagem estreita sobre o mar revolto.

Abriu a porta de repente, esquecendo-se de Brighid. Edith se levantou da cadeira, deixando cair o bordado. A ama de sua irmã deixou cair seu próprio bordado, e Brighid murmurou algo ininteligível.

Tarian chamou a sua ama com suavidade.

— Onde estão a agulha e a linha? — o cenho de Edith franziu em dúvida — Um homem necessita que lhe costurem a perna. Onde estão?

Edith se levantou e foi para o grande móvel de gavetas, e tirou uma embaixo. Procurou dentro e tirou uma cestinha.

— Quer que eu faça? — perguntou Edie.

— *Nay*, farei eu — Tarian se moveu e tomou o cesto de suas mãos.

Enquanto voltava para a porta do aposento que tinha deixado entreaberta, o cavaleiro apareceu.

— Volte para salão, por favor. Minha irmã dorme e não queria incomodá-la.

Wulfson ficou em silêncio e imóvel durante um momento.

— Em meus aposentos, se não tiver objeção, lady Tarian. Embora não tenho muita modéstia, eu não gostaria de estar sentado entre a multidão do salão só de calções.

Tarian duvidou por um momento. Olhou por cima do ombro de Edith, que tinha o mesmo sorriso de sabedoria em seus lábios que teve a noite passada e essa mesma manhã. Tarian deu meia volta.

— Muito bem, mas a porta permanecerá aberta.

Wulfson se colocou para um lado e afastou o braço para que ela passasse.

— Certamente.

Tarian passou junto a ele atravessando o salão e parou às portas de seu quarto.



— Como sabia que é aqui onde durmo? — zombou ele.

— Esta é o único aposento que tem uma cama o suficientemente grande para suportar seu peso — replicou ela.

Ele sorriu e empurrou a porta para abrir-lhe espaço e, quando entrou, a noite que tinha passado ali a invadiu como se a estivesse revivendo. Sua essência enchia a habitação. Cheirava a especiarias, com um pingo de sândalo e couro.

Fiel à sua palavra, Wulfson não fechou a porta, mas seu escudeiro Rolf fez isso ao entrar.

— Sir, disseram-me que precisava de mim?

O menino parou em seco quando Tarian se virou para ele. Perplexo, olhou para seu amo.

— Sir?

— Quem te disse que precisava de você?

— Thorin, ele disse que você... — Rolf olhou para Tarian, que inclinou a cabeça e arqueou a sobrancelha interrogativa. Foi o suficientemente inteligente para ruborizar-se sob seu olhar. Voltou-se para seu amo tragando com força. — Ele sugeriu que poderia acabar com uma espada no pescoço e que eu deveria cuidar de suas costas.

Wulfson jogou a cabeça para trás e riu despreocupadamente. Tapeou ao menino nas costas, quase lançando-lhe contra a parede.

— Vá com o viking! Posso me defender só.

Rolf fugiu da habitação, fechando a porta com força ao sair. Wulfson se virou para Tarian, que permanecia imóvel junto à chaminé apagada.

— O viking fez bem ao mandar o escudeiro. Um movimento em falso, normando, e cortarei-lhe o pescoço.

— Como fez com Malcor? — seus olhos faiscavam.

— Aye, como fiz com Malcor. — assinalou um banco — Fica de calções para que possa dar uma olhada.

Assentiu e enquanto se despiu, Tarian começou a tirar as coisas do cesto. Mas precisava de água fresca. Chamou uma criada do salão, que levou-lhe um balde de água quente e outro de água fria, além de tecidos limpos. Quando Tarian voltou para a habitação, lembrou que efetivamente o cavaleiro se despiu até não ficar mais que com os calções. Ele estava de costas, e ela avistou uma ferida aberta justo por debaixo do ombro direito. Viu também as profundas cicatrizes de um açoite. Sem pensar o que fazia, pressionou um dedo contra uma que lhe atravessava a omoplata. Seu corpo enrijeceu.

— Como aconteceu isto?

— O mesmo que você. Um bárbaro bastardo.

Ela passou o dedo até a parte baixa das costas, onde uma cicatriz ainda mais profunda lhe marcava a pele.

— E esta?

— Ibéria, lutando contra os sarracenos.



Tocou a ferida aberta essa mesma manhã, e ele estremeceu.

— Terá duas mais para expressar sua batalha contra os galeses rebeldes.

Ele se virou, cravando os olhos nos dela. Ela elevou a mão e pressionou a palma contra seu peito, apoiando-a sobre a pele cicatrizada.

— Me diga a verdade, como te fizeram isto?

— Já te disse isso. Um aviso de quem sou.

— Quem se assegurou de que alguma vez não esquecesse?

— O homem pelo qual me pagaram para que matasse.

— Fez isso? – ele arqueou uma sobrancelha — Destruí-lo?

— Aye, com a ajuda de meus irmãos. Todos levamos a marca.

Ela seguiu subindo e tocou a cicatriz em forma de lua crescente do queixo.

— E isto?

Segurou-lhe a mão e a levou lentamente para os lábios. Em lugar de beijá-la, afundou os dentes na palma. Ela chiou e se afastou dele.

— Minha mente está exausta e meu corpo fatigado. Não haverá mais perguntas.

Um servente bateu na porta e, quando lhe deram permissão, entrou e deixou os baldes de água no chão perto do banco, junto com outro balde de água fria na mesa lateral. Tarian dispensou-a e assinalou o banco.

— Sente-se. Olharei primeiro seu ombro.

Do momento em que limpou a ferida até o que cortou o último fio depois do último ponto, ele não moveu nem um músculo. E a mão dela não vacilou nem tremeu. Era fácil quando estava de costas para ela. Mas quando firmou o corpo entre suas trabalhadas coxas para conseguir um ângulo adequado para costurar a maior das duas feridas, imediatamente sentiu seu corpo endurecer e sua virilidade pressionando-lhe o lado. Imobilizou-lhe a coxa e olhou-o, com a agulha preparada, para alertar-lhe contra qualquer movimento, mas as palavras ficaram presas na garganta. Os olhos verdes ardiam e as narinas se agitavam, e ela se sentiu como uma lebre na mira de um lobo.

— Sir, por favor, não posso me concentrar se me olhar assim.

— E eu não posso me concentrar com você entre minhas coxas assim.

— Mas... este é o melhor ângulo.

— Insinua que Rolf teria tido que assentar entre minhas pernas para me costurar adequadamente?

O calor subiu em suas bochechas.

— Eu... ele... Nay, teria sido muito desagradável para você, seguramente — se recolocou entre seus joelhos. — Me deixe coser a ferida.

Ele assentiu, mas os olhos não se moveram dos seus. Ela afastou o olhar apressadamente e se dedicou ao trabalho. Inclusive quando estava cuidando de seu ombro, ele ficou absolutamente imóvel. Mas podia sentir a tensão nele, e a ereção não tinha abrandado. De fato, tinha aumentado. Quando se inclinou um



pouco para dar o último ponto, o corpo estremeceu. Mas não de dor. Lentamente, ela se sentou mas não se atreveu a mover-se. O coração pulsava com força contra o peito, e a respiração saía em curtas exalações. Com os olhos muito abertos, olhou-o. Seu intenso olhar enviou-lhe cálidas ondas de desejo através da pele. Quando ela pressionou a mão contra a coxa para equilibrar-se, ele suspirou com força.

Levantou-lhe o queixo com dois dedos.

— Lady Tarian, — disse com voz rouca — testa minha paciência e meu desejo mais que nenhuma outra mulher que eu tenha encontrado. Suplico-lhe que, se não me quer manter na ponta da espada constantemente, não me toque como o acaba de fazer. Sou um mero mortal e encontro muita dificuldade em resistir.

— Realmente? — respirou e se aproximou mais plenamente para ele.

Ele suspirou em um fôlego, e ela pôde sentir sua avultada longitude contra os seios. Fechou os olhos separando os lábios durante o mais breve dos segundos, rememorando a deliciosa sensação de tê-lo em seu interior. Abriu os olhos e gritou quando suas mãos se lançaram em volta dela e de repente se encontrou escarranchada sobre a perna sã de maneira pouco pudica, com os lábios pairando sobre ela. As respirações eram cálidas, o ar era quente e a pele era cálida.

— Não brinque comigo, milady. Siga com seu jogo e você vai se encontrar sobre suas costas com as saias arregaçadas e comigo enterrado até o punho dentro de você.

Acelerou-lhe o pulso. Era isso o que ela queria! Ofegou diante do lascivo pensamento. Os olhos fizeram contato com os dele. Lambeu os lábios ressecados. Ele grunhiu, puxando-a mais perto. Sua virilidade pressionava contra o ventre e sua coxa nua empurrava contra a úmida abertura. Ela reprimiu um gemido e se recompôs, lutando contra o irrefreável desejo que esse homem inspirava nela. Os dedos pressionaram seus braços.

— Continue fazendo coisas como essas, Tarian, e acabará de costas — murmurou.

Sem fôlego, pendurou-se de seus braços, utilizando cada grama de sensatez que possuía para não mover-se para ele. Só o tecido de suas meias separava o que os fazia homem e mulher.

— Como pode me tratar com tanto abandono quando seu rei quer minha cabeça?

— Meu rei não é estúpido — disse com suavidade, descendendo os lábios para ela — E nem eu.

E então a beijou.



Capítulo 13

Tarian se esticou em seus braços, querendo desesperadamente fundir-se com ele e permiti-lo levá-la àquele lugar novamente em um apaixonado impulso. Mas, disse a si mesma que se permitisse essa vez, então haveria outra e outra, e...

Ele se acalmou, e quando o fez, seus lábios se ergueram dos dela, os profundos olhos verdes procuraram intensamente seu rosto.

— Como pode Tarian, se sentar tão quente e cremosa sobre minha coxa nua quando sabe o porquê estou aqui?

Ela ofegou, sua pergunta a impactou. Mas sua resposta a surpreendeu ainda mais.

— Tampouco sou uma tola, milord cavaleiro.

Os olhos dele se abriram amplamente e o sentiu crescer contra ela.

— O que está dizendo?

Ela pressionou a mão contra seu peito e sentiu o forte golpear de seu coração.

— Não sou uma mulher promíscua, sir cavaleiro.

Os braços dele se apertaram ao redor de sua cintura.

— *Nay*, não é.

— Apesar dos pecados de meu pai e de que forcei Malcor a casar-se comigo, não sou malvada.

Ele passou o nariz ao longo de sua bochecha chegando a seu pescoço, inalando-a.

— *Nay*, não é.

— Tenho sentimentos como qualquer outra mulher.

Os dedos dele se deslizaram por seus seios, moldando-os com as mãos. Ela se arqueou contra ele e gemeu. Seus lábios se afundaram no pescoço e seus quadris se moveram contra ele. Fechou os olhos, desfrutando de seu ardente toque. Durante tanto tempo só tinha existido, nunca conhecendo o verdadeiro significado da vida, a luxúria, a paixão, não até que ele a tocou. Ansiava-lhe tanto como ansiava a vida.

— Tenho sentimentos como qualquer outro homem, Tarian. Quero você, aqui e agora. Entregue-se a mim.

— Eu... eu... — Não podia dizer as palavras. Estremeceu, e pressionou as mãos contra seu peito — Eu...

Ele sacudiu a cabeça e desatou os calções. Em pé com ela nos braços, baixou a roupa íntima e voltou a sentar no banco, levando-a com ele, onde ficou escarranchado. Sua dureza cálida e suave se deslizou contra a suave carne interior das coxas. Ela soprou um suspiro e o olhou. Os olhos dele brilhavam de



paixão, seu corpo estava tenso, esperava só o sinal para avançar. Pelo sangue de Deus, ela o queria. Queria-o enchendo-a como na noite passada, como fez em seus sonhos, como tinha imaginado antes sob a chuva.

Sentia-se como se estivesse à beira de um grande precipício, e que se saltasse não haveria nada debaixo dela para agarrá-la exceto as escarpadas rochas ou os redemoinhos das profundas águas. Mas a queda seria liberadora, estimulante, diferente de qualquer outra experiência, e se sobrevivesse, seria mais forte por aquilo.

Tarian fechou os olhos e se arqueou contra ele, seus quadris empurrando um pouco para frente.

— Olhe para mim, Tarian — ordenou brandamente. Ela manteve os olhos fechados, assustada com o que pudesse ver. Ele a levantou ligeiramente, e disse outra vez — olhe- me enquanto entro em você.

Os olhos bateram as asas abrindo-se, e foi como se a noite passada nunca tivesse acontecido. Estava tão nervosa como uma virgem, mas a diferença de uma virgem, a emoção e a excitação zumbia atravessando-a, talvez tanto porque conhecia o sublime prazer que o corpo dele poderia dar ao dela.

Com os olhos escuros cheios de paixão e promessa, baixou-a brandamente sobre ele, e quando se deslizou plenamente em seu interior Tarian se deu conta que tinha o desejado sempre.

Ele estremeceu pela primária satisfação enquanto a enchia lentamente. Nunca deixou de olhá-la no rosto. Os olhos dela se abriram amplamente ante a sublime sensação dele enchendo-a. Conteve o impulso de fechar os olhos e só lhe permitir levá-la voando, mas não podia deixar-se ser tão vulnerável.

— Tarian. — sussurrou — Quando estiver preparada.

O suor umedeceu-lhe a frente, e ela sabia que exercia um grande controle para não galopar com ela escarranchado. Ante esse pensamento, ela sorriu.

— Tive uma visão hoje de nós dois montando juntos desta maneira. — No momento que fez essa confissão lamentou.

Ele sorriu e moveu- se em seu interior. Pegou-a com a guarda baixa, e ela fechou os olhos e absorveu cada sensação como se fosse a última vez. Um agudo puxão de lamento a excitou. Seria a última vez: se permitisse sucumbir aos desejos, então a controlaria. E não podia permitir o luxo de ser manipulada pelo desejo... ou qualquer outra força.

— É uma safada, Tarian Godwinson.

— Aye e você é perigoso.

O pênis se arqueou em seu interior e sentiu seus músculos abraçá-lo. Soprou em outro fôlego.

— Estou preparada, milord. Vamos montar.

Galopou com ela. Demorou só umas poucas tentativas em sincronizar com ele, e quando o fez, sentiu como se o corpo se fosse romper. Pendurou-se em seus largos ombros, suas mãos seguravam os quadris, movendo-a para cima e para abaixo, adiante e para trás, e enchendo-a tanto, tocando-a em um lugar tão profundo em seu interior, que cada vez que o fazia tinha que conter um grito.



Seus lábios pressionaram contra a garganta, e seus dentes morderam-lhe a pele. Seu corpo empurrava dentro e fora dela com a força de um aríete, e em meio de tudo isto, ela perdeu o fôlego, perdeu o controle, e experimentou uma sensação tão sublime que quase se deprimiu pela intensidade daquilo. Os olhos se abriram de repente e o olhou com surpresa. Ele sorriu tensamente e incrementou seu ritmo à medida que ela se derretia em torno dele em uma quebra de onda de desejo atrás da outra.

Sentiu a mudança nele. Seus dedos cravaram-lhe o traseiro, sua respiração ficou menos nítida e mais superficial. Seus olhos se estreitaram. Tarian cravou-lhe as unhas nos ombros enquanto se pendurava desesperadamente, e apertou os músculos ao redor dele.

— Jesus! — gritou com dureza.

Empurrando forte e alto em seu interior, encheu-a com sua semente. Ela apertou as coxas com força lhe rodeando, querendo cada pedacinho daquilo.

Exaustos eles se abraçaram. Ela lambeu os lábios secos e ele virou seu rosto para baixo e a beijou profundamente, a língua umedecendo a dela. Ela se recostou e se pressionou em seu abraço, moldando-se contra ele, querendo sustentar-se em sua força para sempre.

Ele se flexionou em seu interior, e ela teve um espasmo contra ele, tirando-lhe o fôlego.

Seu beijo se aprofundou, e pressionou sua testa contra a dela.

— O que acaba de me acontecer? — ofegou ela, ainda tratando de voltar para a terra.

— Uma liberação completa. É similar ao que acontece com um homem.

Ela se acalmou e lhe olhou, com os olhos interrogantes.

— Vocês sentem o mesmo?

Ele sorriu mais amplamente.

— Aye, é a melhor sensação do mundo.

Ela franziu o cenho, sentindo de repente como se tivesse cometido um engano colossal. Não no ato, mas em experimentar e com vontade de mais.

Passou os nódulos das mãos pelo lábio inferior.

— O que incomoda?

Mordeu-lhe a mão, agarrando-lhe um dedo entre os dentes. O corpo dele se elevou contra ela, e perguntou-se em quanto tempo ele estaria preparado de novo. Passou a língua por sua pele, sentindo-se bastante puta. Sexo, decidiu, não era algo para ser sussurrado detrás de portas fechadas, mas algo para ser gritado aos quatro ventos. Abriu a mão dele cheia de cicatrizes e calosidades e pressionou os lábios contra sua palma. Ele suspirou em um forte suspiro. Ela levantou o olhar e sorriu-lhe flertando.

— Ouvi que há mulheres que acham o ato de mau gosto. Este certamente não foi.

Os intensos olhos não se separaram dos dela.



— Foi desagradável com Malcor?

Tarian ficou rígida, e seu estado de ânimo de paqueradora se dissolveu imediatamente. Usou a ruptura de seu estado de ânimo para retirar-se dele. Lentamente ficou em pé, e quando se deslizou fora, grunhiu. Ele estendeu a mão, mas ela se afastou, sentindo-se de repente extremamente vulnerável.

— Por favor, não me pergunte sobre meu marido morto. Causou-me grande dor e humilhação. Quero deixar esses tempos para trás.

Wulfson ficou em pé agarrando um tecido e limpando-se, depois subiu os calções.

— Me perdoe.

Tarian ficou em pé um longo momento e olhou-o vestir-se. Lutou com as conflitantes emoções e sentimentos em um redemoinho louco no interior do coração e da cabeça. Não se arrependia de seu encontro com o cavaleiro, apesar de tudo. Se a matasse nesse momento, só tinha lhe dado um prazer que nunca tivera sonhado que existisse e isso por si mesmo justificava o fato. *Nay*, não teria remorsos. Mas não podia continuar.

— Sir, parece que me pegou em um momento de fraqueza.

Atou os calções a cueca e a olhou.

— Você lamenta?

Ela respondeu honestamente.

— *Nay*. Não, mas, por favor, não me pressione de novo. Não tenho desejos de me converter em sua amante. — Ele franziu o cenho, mas assentiu — E quero te pedir que não compartilhe com seus homens o que acaba de ocorrer.

— Não sou um patife, senhora.

— Não queria dizer que fosse, é só isso, bom, os homens têm tendência a cacarejar suas conquistas.

Wulfson se inclinou, depois deslizou o casaco pela cabeça.

— Seu segredo está a salvo comigo.

— Obrigada. — Tarian agarrou o cesto de costura e saiu da habitação.

Quando Wulfson voltou para o grande salão seus homens o olharam como se pudessem ver os pensamentos em sua cabeça. Franziu o cenho. Zangado consigo mesmo, com a situação, mas sobretudo zangado com a bruxa galesa. Era um guerreiro experiente cujo autocontrole, apesar de ser provado regularmente, nunca tinha esgotado, mas a cada momento encontrava sua vontade a prova e rota pela dama. Amaldiçoou-se por sua fraqueza por ela. Tinha ficado sob sua pele no momento em que tinha posto os olhos sobre seu sujo corpo ensanguentado nas entranhas desse lugar, e ela continuava perseguindo-o, de tal modo que apostava sua vida, vindo em seu quarto durante a noite e seduzindo-lhe a vontade. E o que era o que acabara de acontecer? Sentiu esquentar o sangue nas veias e o pênis subir. *Jesus!* Não poderia haver resistido a ela nem pelas vidas de seus homens!

— Digam o que pensam. — bramou enquanto enchia uma taça de cerveja.



O grande salão tinha começado a encher-se para o jantar.

— Por favor diga, Wulf, o que te atormenta? — disse Rorick, enchendo sua própria taça vazia. Wulfson deu um olhar ao Gareth, que se aproximava com seus homens.

— Não é nada que um tempo longe daqui não cure —perguntou-se se seria verdade.

A refeição aguardava apenas a dama do castelo. Wulfson franziu o cenho quando, longos momentos depois, foi informado de que ela se retirou para a noite.

Sua carranca se aprofundou na manhã seguinte quando ela não fez aparição, e depois de três dias mais de negativas a presidir sua mansão. Perdendo os estribos, por fim Wulfson subiu as escadas e irrompeu por sua porta. A menina Brigid gritou, igualmente a criada Edith e a outra criada. Entrou no quarto.

— Onde está? — exigiu.

Edith ficou em pé, e por seu uma criada olhou aos olhos sem vacilação.

— De quem fala, milord?

— Lady Tarian! Onde está?

Edith sorriu.

— Não está no salão?

As têmporas de Wulfson palpitararam com a infusão de sangue. Deu um passo mais perto.

— Não pôs um pé no grande salão nestes quatro últimos dias. — Baixou a voz para ameaçar — Onde está?

Edith levantou as sobrancelhas com fingida surpresa.

— Suspeito que saiu para montar então, milord.

— Sem companhia? — exigiu, incrédulo.

Edith riu.

— Você de todos os homens sabe que ela não requer o amparo de um homem.

Wulfson virou sobre os calcanhares e se precipitou para fora da habitação, baixando as escadas, fora do salão, para o estábulo. O cinza dela estava em sua casinha. A fúria cresceu. Havia flutuado? Poderia culpá-la? Ficaria ele, em sua posição, esperando a sentença de morte? Embora Warner ainda não tivesse retornado, não estava muito preocupado, já que podia estar esperando uma maré adequada para cruzar o canal. Entretanto, Wulfson sentiu um mal-estar morder e arranhar seu ventre.

O mal-estar se intensificou quando Gareth, seguido por vários de seus próprios homens, encontrou a Wulfson em pé furioso no estábulo.

— Onde está ela? — exigiu Wulfson.

— Não está aqui? — perguntou o guarda, surpreso.

Os olhos de Wulfson se estreitou.



— Não me façam de bobo como já fez a criada. A senhora não está no torre e não está aqui. Seu cavalo come sua aveia matutina.

A cor desapareceu do rosto do Gareth, e Wulfson soube que não mentia.

— Ela... dormi diante de sua porta cada noite. E tenho outro homem postado durante o dia. Ela não saiu.

— E não escalou pela janela tampouco! — espetou Wulfson.

Zangado voltou de novo para o quarto da dama. Se tivesse que chicotear sua ama para tirar a informação o faria. Mas quando chegou, ela também havia desaparecido. A frustração foi tão completa que pensou que a cabeça se partiria em dois engolindo-o. Levantou as mãos em frustração e se voltou para Brighid.

— Me diga onde está ou pregarei você nas portas da torre até que o faça!

A menina gritou, o que não só fez que Gareth corresse à habitação mas também seu pai e vários de seus homens. A mandíbula de Wulfson se apertou com tanta força que pensou que se quebraria em pedaços.

— Deixe-a. — ordenou Alewith, cobrindo a sua filha nos braços. Os olhos ardiam de indignação — Não tem influência no que Tarian faz.

Thorin falou brandamente com a garota.

— Nos diga onde está. Sua vida está em jogo.

— *Nay*, não lhes direi isso! Sua vida está mais em jogo aqui! — Voltou os assassinos olhos azuis sobre Wulfson.

A frustração, a fúria e o medo estavam engalfinhados em uma feia batalha no ventre.

— Com o risco de sua própria vida, me diga onde está. — disse Wulfson ameaçadoramente.

Alewith a empurrou para trás dele e manteve-se firme.

— Toque-a, e haverá um inferno que pagar. Não lhes entregará Tarian.

— Não tenho desejos em machucar a menina, milord, mas ela me dará o paradeiro da dama ou passará um tempo no calabouço até que o faça.

— Quem é o bárbaro bastardo agora, Sir Wulfson? — perguntou Tarian, entrando no aposento a pernadas, com o arco e a aljava pendurados no ombro.

Cada pessoa no quarto se voltou, enquanto um suspiro coletivo de alívio escapava de todos. Mas nenhum tanto quanto Wulfson. Negaria até a morte que sentia uma sensação de prazer em vê-la, e não tinha nada a ver com sua falha diante de seu rei. A alegria cantava no duro coração. Ela era um espetáculo para a vista, como sempre. Suas bochechas acessas de cor vermelha e seu cabelo uma massa selvagem a seu redor, adornada com festivas cintas entrelaçadas. Sua vestimenta informal para a caça só acentuava toda sua feminilidade.

— Joga um jogo perigoso, milady, não só com sua própria vida, mas também com a dos outros — disse Wulfson, dando um passo mais perto dela.

Seu aroma de violetas flutuava ao redor de suas narinas, divertindo-o e torturando-o ao mesmo tempo. O pênis se encheu, e se não tivesse plateia teria cedido à ansiedade que sentia por ela.



— Não jogo no amor e na guerra, sir.

Ele forçou um sorriso contido.

— Já não é permitido abandonar a torre ao menos que tenham minha permissão ou o de um de meus homens.

— E se não o fizer?

— Então voltará para o lugar onde nos conhecemos.

Tarian assentiu, e se voltou para a multidão do quarto.

— Poderiam me deixar ter umas palavras em particular com sir Wulfson?

Estavam em pé, todos eles, incluindo os cavaleiros dele, como se acabasse de lhes pedir que cortassem a mão direita.

— Gostaria de tê-lo feito mais cedo ou mais tarde. — Ela foi para a porta e moveu o braço para o corredor— Agora, por favor.

— Minha senhora... — começou Gareth.

Ela levantou a mão em uma posição de alto.

— O terrível cavaleiro não tem razão para me temer. Dou-lhes minha palavra que não danificarei um cabelo de sua cabeça.

Thorin e Rorick sopraram enquanto saíam da habitação, e as sobrancelhas de Gareth se elevaram.

— Vá, Gareth.

O coração do Wulfson pulsava no peito com a velocidade do martelo de um ferreiro. Logo que fechou a porta, estava sobre ela, pressionando-a contra ele.

— Não jogue comigo, Tarian. — disse mecanicamente.

Não podia deixar de afundar a cabeça em seu cabelo e aspirar seu aroma. O sangue corria quente através dele, e sentiu que perdia o controle ante o voraz desejo por ela.

Sabia que ela sentia uma sensação parecida. Seu corpo se esquentou sob suas mãos. Afundou os dedos no cabelo, desarrumando-lhe as cintas, e forçando-a a olhá-lo.

— Não sou um rapaz que se deixe governar por meu pênis.

Empurrou-lhe e ficou no centro do aposento.

— Não sou uma menina com quem joga.

— Por que se escondeu de mim nestes últimos quatro dias? — ficou imóvel ainda, assustado de que se aproximasse não fosse capaz de controlar os desejos de seu corpo.

— Não estive escondida, estive doente.

— Mentira.

— *Nay*, não minto. — Ela se voltou e pôs o arco e aljava sobre a arca perto da chaminé, depois se voltou para enfrentá-lo — O que esperam de mim? Que me sente aqui neste quarto e deixe passar as horas esperando a mensagem de seu rei? Diga-me agora, veio aqui com o único propósito de me tirar a vida?



Não podia responder-lhe. Por sua falta de resposta, ela sabia.

— Não é homem suficiente para me dizer isso, mas é suficiente homem para satisfazer seus desejos comigo? E logo não terá escrúpulos em me matar se seu senhor ordenar-lhe isso?

Ele ficou em silêncio.

Ela começou a andar pelo chão.

— Que classe de homem é para fazer uma coisa tão terrível? Não tem orgulho? Nem convicções?

Ele ficou em silêncio e assumiu. Não podia responder em defesa. Ela dizia a verdade. E sentiu como se pertencesse a uma fossa.

Ela se aproximou dele e agarrou sua mão direita pressionando-a contra o ventre.

— E se um menino cresce aqui? Matarão um inocente bebê?

Wulfson puxou a mão, mas ela a apertou.

— Me diga agora, faria, se seu rei ordenar-lhe isso?

Uma fúria repentina surgiu nele, uma raiva diante a situação e uma raiva ante seu rei por pedir tal coisa a ele, um homem honrado. Empurrou-a contra a parede, os dedos afundando-se em seu ventre.

— Não posso ir contra meu rei!

Ela pressionou as mãos contra a dele. As lágrimas brilharam nos olhos.

— É assassinato, Wulfson. Assassinato.

Tirou a mão e se separou dela, e como se cada demônio no inferno o perseguisse saiu correndo do quarto. Chamou seus homens de armas e deu a Gareth a ordem de não perder de vista à escorregadia senhora.

Preocupado como nunca tinha estado em sua vida, Wulfson descarregou sua ira, luxúria, e confusão sobre os homens. Apesar de que só fosse uma prática, foi a cada um como se fossem seu inimigo jurado.

Quando pôs Rhys de joelhos, Thorin e Rorick agarraram Wulfson pelos ombros e lhe empurraram apartando-o. Wulfson gritou com fúria, sacudindo-o. Voltando-se para eles, estava esgotado. Sua luta se foi. Lançou suas espadas ao chão.

— Não posso assassinar uma mulher grávida.

Seus homens moveram a cabeça.

Olhou a cada um deles com os olhos entrecerrados.

— Me digam que podem. Digam-me isso e lhes entregarei este maldito lugar para o seu comando.

Enfrentou o olhar com Thorin, que permanecia em silêncio, depois com Rorick, Stefan, Rhys, e finalmente Ioan.

— Mande-a para a Normandia — disse Thorin.



Wulfson se inclinou para recolher suas armas, enquanto as embainhava negou com a cabeça.

— Para que algum outro possa fazer a ação? Deve haver outra maneira.

— Agora não sei o que se pode fazer, Wulf — disse Stefan. — Principalmente se ela carrega o filho do conde. O sangue dos reis galeses e um rei saxão? *Nay*, ela seria mais ameaça ainda.

Nenhuma opção era adequada para manter a vida da dama. E com um pressentimento temeroso, Wulfson sabia que no momento que pusesse os olhos sobre Warner saberia quais seriam as palavras de William.

— Vamos, patrulhemos este miserável lugar.

*T*arian olhou os cavaleiros trovejarem da muralha para Dunloc. Deslizou a mão pelo ventre, e se perguntou se um bebê estava nesse momento crescendo em seu interior.

— Tomará mais que um par de dias para ver se a semente deu fruto, milady — disse Edith detrás dela.

Tarian se voltou para a criada e sorriu-lhe cansada.

— Não sei o que fazer, Edie.

— Eu digo para voar daqui. A Powys, onde estaremos a salvo.

— E renunciar a Draceadon?

— *Aye*, valem a pena sua vida e a de seu filho por este montão de escombros?

Tarian olhou pela janela para o lance de bosques e as terras circundantes.

— Que vida terei em Gales? Como uma refém?

Edith ficou atrás dela. Pressionou as mãos sobre o cabelo de Tarian e alisou-lhe a larga cabeleira.

— Sei que é a última coisa que deseja, Tarian, mas deve dar mais pensamento a Rangor — Tarian ficou tensa. — Me ouça, menina. É nobre, tem fortes aliados em Edric, ele se tornará conde, ele irá protegê-la, e tem o ouvido de dois reis galeses. Tem vários bastardos com seu nome e é viril. Não a deixará querendo meninos.

Quando Tarian não respondeu, Edith continuou:

— Malcor era malvado, e se pôde se deitar com ele, então por que não com o Rangor, que em sua retorcida maneira a deseja sobre todas as mulheres, e que não a fará mal?

— Se carregar um filho do normando não haverá dúvidas sobre meus direitos aqui.

— *Aye*, entre os saxões, sim, mas e o rei normando? Mais uma razão para te ver eliminada.

— Usarei meu dinheiro para comprar mais homens.



Edith deixou escapar um comprido suspiro.

— Permita que minhas palavras fervam a fogo lento em sua mente. Verá que tenho razão.

Tarian sacudiu a cabeça e continuou olhando através de suas amplas terras. Mas sabia em suas vísceras que Edith, que nunca dizia uma palavra apressada, dizia a verdade.

Olhou a forma encurvada da criada. Aye, Edith dizia a verdade, mas Tarian ainda tinha dados na mão para lançar. Seus homens esperavam interceptar Warner, que estava sem dúvida de volta a Inglaterra da Normandia. Independentemente do decreto do rei, o tempo era seu aliado. Ela iria segurar o cavaleiro até o momento em que Wulfson se tornasse incontável, depois ela trocaria sua vida pela do homem dele. Tão segura estava de que Wulfson não sacrificaria um de seus homens pela vida dela que era capaz de formar uma estratégia diferente com a cabeça clara, diante da pequena possibilidade de que estivesse equivocada.

O jantar passou em relativa calma. Um pesado silêncio pairava sobre eles, e mesmo quando Alewith ou Brighid trataram de iniciar uma conversa, os normandos, assim como Tarian e seus homens, ficaram calados. Os servos sentiam o estado de ânimo, e os aldeãos que se sentavam no outro extremo do salão também.

Muito preocupada, Tarian se desculpou e foi para a cama cedo. Wulfson a seguiu, retirando-se ao seu próprio aposento pouco depois. Sentia como se o peso da nação se estabelecesse firmemente sobre os ombros, e não tinha nem a mínima ideia de como remediar os males desse lugar, e, se tivesse que admiti-lo, os machucados que tinha no coração. Despiu-se, e quando Rolf entrou com cubos de água fumegante, despediu-se do escudeiro e preparou seu próprio banho. Não queria interagir. Talvez só sem distrações pudesse idealizar uma solução que satisfizesse a todas as partes envolvidas. Uma vez limpo, caiu sobre a cama e ficou olhando ao teto com as mãos debaixo da cabeça. Não estava mais perto da solução do que tinha estado quando subiu as escadas para seu quarto.

Nem mesmo desde sua época em Jubb, na prisão sarracena onde ele e seus companheiros das Espadas de Sangue tinham forjado um pacto de vida e quase a perderam, tinha estado tão pensativo.

Era um homem de poucas palavras e toda ação. Tinha aprendido numa tenra idade a não esperar nada de ninguém, aquilo só servia para decepcionar, e a decepção doía. Seus homens e seu cavalo eram sua família, e nunca havia sentido o impulso por outra companhia que a deles.

Os olhos azul oceano de Tarian flutuaram em sua mente, sua suave risada e sua tenacidade. Fascinava-o em todos os níveis. A reação física cada vez que a via era tão forte e inegável quanto o sol se levantava cada manhã. Não podia controlar isso mais que à lua e as estrelas, e em todos seus vinte e seis anos de vida, nada o tinha assustado mais.

Fechou os punhos sobre os lençóis e rodou ficando de lado. Fechou os olhos e se perguntou, se orasse a Deus, ela se materializaria?



De certo modo, o fez. No pesado ar do quarto, captou um sopro de aroma de rosas. Agarrou o travesseiro próximo à cabeça, e fechando os olhos o levou ao nariz e inalou profundamente. O pênis inchou-se, e gemeu enquanto a familiar dor que o provocava começava a crescer dolorosamente. Não se deixava enganar. O perfume das rosas fazia uma pobre cobertura de seu natural aroma de mel. Mas por quê? Por que tinha ido para ele, um estranho enviado para destruí-la? Pensava adular um caminho para seu coração? Amaldiçoou-a. Ela o tinha enrolado em cada pensamento! Amaldiçoou de novo, dessa vez odiando a si mesmo. Ela o tinha usado bem, e tivera sucesso em suas manobras. Ele era apenas um caminho para ficar com o controle! E ele, tolo cego, não a tinha visto vir!

Atirou o travesseiro e se sentou na cama. Percorreu o aposento com o olhar e se deteve na grande tapeçaria à direita da cama. Levantou-se e foi até ela, desenganchando a ponta inferior, e a levantou.

Só encontrou uma parede de pedra e madeira. Pressionou as mãos sobre um bloco, então moveu os dedos para detrás e diante, procurando qualquer sinal revelador de um trinco. A frustração cresceu quando não pôde encontrar um caminho que ele estava seguro que era uma passarela secreta. Agarrou a vela da mesa próxima ao leito e a sustentou perto do chão, e sorriu. O rastro de um pequeno pé no pó lhe revelou seu segredo. Agora, mais determinado que nunca, trabalhou o perímetro até que finalmente ouviu um pequeno rangido. Empurrou com ambas as mãos enquanto o ar frio se formava redemoinhos aos pés. Ele vestiu suas cuecas e deslizou através da abertura, seguindo os rastros pelo corredor escuro ao que sabia era o quarto do senhor.

Durante um comprido momento ficou em pé do outro lado da porta secreta que conduzia ao quarto dela. Sabia que não estava sozinha, que as duas donzelas e sua irmã adotiva dormiam no aposento com ela. Mas poderia certificar-se se o passo era acessível a partir de seu quarto. Pôs a vela no chão e encontrou o entalhe da mola da porta bem acima da madeira. A porta se abriu em silêncio. Ficou em pé imóvel e escutou esperando vozes. Só lhe chegaram suaves roncões. Empurrou mais, depois deslizou atrás da tapeçaria e ao aposento pouco iluminado. As pesadas cortinas do leito estavam afastadas para permitir o fluxo do ar, e Tarian estava de lado, frente a ele, dormindo.

Brigid estava do outro lado da cama. De onde ele estava, podia vê-la dormir. As donzelas estavam sobre catres aos pés da cama, ambas mais velhas e roncando com as bocas abertas. Deu um passo para mais perto de Tarian. Podia ver seu rosto à tênue luz das velas. Sua testa estava franzida como se algo desagradável infestasse seus sonhos. Seus lábios se moviam como se murmurassem um segredo. Deu um passo mais perto. Ansiava tocá-la. Mas não o fez.

Longos momentos se passaram. Ficou pregado ao chão, sem afastar nunca os olhos dela. Ela gemeu, e quando deslizou a mão até o seio ele conteve o fôlego. Ela se arqueou, como se a mão de um homem a acariciasse, suaves gemidos escapavam de seus lábios. O sangue dele esquentou e a ânsia em tocá-la tornou-se insuportável.

— Wulfson. — exalou seu nome em sonhos.

Ele deu um passo mais perto, a ponto de perder o controle, mas conteve-se, a tortura de estar tão perto dela e não poder tocá-la o destroçava. Deu um passo



para trás, e se voltava para mergulhar de novo na passagem secreta, deu uma última olhada ao leito, e ficou gelado. Uns olhos brilhantes o olhavam através da luz das velas. Antes de perder tudo, meteu-se no passadiço e fechou a porta detrás de si.

Não encontrou o sono até o canto do galo, e parecia como se só tivessem passado uns minutos quando Rolf despertou.

— Está doente, sir? — perguntou o escudeiro.

Wulfson resmungou.

— *Nay*, por que o pergunta?

— Nunca permanece tanto na cama.

Wulfson rodou até a beira da cama, os pés nus tocaram o tapete. Olhou para a tapeçaria e seu coração parou. Ali, incrustada na parede, havia uma flecha com plumas safira e ouro. Pôs-se a rir, e Rolf olhou-o como se estivesse louco.

— Poderia comer um cavalo! Peça aos serventes preparem um baque te para romper o jejum, então desgastaremos o calçado de nossos cavalos hoje.

— Sir?

— Quero conhecer este lugar como se tivesse nascido nele. Há lutas em nosso futuro e desejo estar preparado.

Quando Wulfson baixou ao grande salão, surpreendeu-se de ver Tarian, mas não o demonstrou. Fez-lhe uma seca reverência.

— Milady, parece descansada.

— *Aye*, mais que outros.

Ele sorriu, depois se sentou a seu lado.

— *Touché*.

Depois de que a comida foi abençoada, Tarian anunciou:

— Eu gostaria de acompanhar você e seus homens na patrulha de hoje, e quando chegar o momento em que pratiquem seus exercícios, eu gostaria de participar também. Muito especialmente, desejo treinar o Silversmith a mover-se como faz seu cavalo no campo de batalha. Tenho muito o que aprender.

Os homens bufaram, e Tarian os ignorou. Wulfson parecia como se estivesse sufocando com o ovo cozido que acabava de morder.

— Não estou brincando — disse ela.

Ele tomou um comprido gole de hidromel e tragou, depois a olhou, incrédulo.

— Não levarei uma mulher para montar conosco.

— Estão inseguros de sua virilidade? — Ele franziu o cenho profundamente, e ela sabia que tinha uma oportunidade — Estarei com armadura completa e elmo como você. Ninguém se dará conta.

— Eu me darei conta.

— Não se olhar para outro lado.



— Nay, não é seguro. Morgan e seu tio estão à espreita sem dúvida.

Ela negou com a cabeça.

— Nay, não estão. Morgan voltou para Powys e Rangor está a caminho de Winchester.

A mandíbula de Wulfson caiu.

— Como sabe disso?

— Pagando bem a meus espiões. — Quando ele não falou, continuou — Não me subestime, sir. Minha vida e propriedades estão em jogo. Quer que eu fique sentada de braços cruzados permitindo aos destinos determinar o curso de minha vida?

— Lady Tarian — disse Rhys do fundo da mesa. — Por minha parte não teria aversão a montar com você. De fato, estou ansioso de vê-la em ação. Parece-me que os contos que Wulfson conta sobre sua destreza são um pouco exagerados para aceitá-los.

— Não foi testemunha de sua habilidade com Rangor? — perguntou Brighid, incrédula, do outro lado da mesa.

Tarian sorriu à menina que, sabia, tinha fraqueza pelo belo jovem cavaleiro.

— Talvez pudesse ensinar-lhe a administrar uma espada. — disse Rhys sorrindo, e sem apartar o olhar de Brighid, trespassou uma parte de carne com a faca e a mastigou significativamente.

Brighid se ruborizou, e Alewith aclarou garganta.

Tarian sorriu a Wulfson, que fulminava seu homem com o olhar. Tarian pressionou a mão sobre a dele, e ele estremeceu.

— É só uma mão, sir, não há necessidade de ficar nervoso.

Ele apertou a coxa contra a sua e voltou os ardentes olhos para ela.

— Brinca com fogo, Tarian, não me pressione. Estou em meu limite.

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Então um vigoroso dia na sela é o que está na ordem!

— Melhor um banho frio no lago — resmungou entre dentes.

Tarian se negou a examinar o seu humor sombrio.

— É possível se arrumar. A água é clara e limpa e mais refrescante depois de um dia com este insuportável calor.

Os olhos escuros de Wulfson arderam dentro dela. Baixou os lábios em sua orelha.

— Isso é um convite?

Seu quente fôlego acariciava-lhe a bochecha e Tarian sentiu a debilidade por ele rodeá-la como uma cálida manta em uma fria noite invernal.

— O lago está ali para o prazer de qualquer um.

— Você nada?



— O suficiente. Suponho que você é um perito.

Ele sorriu seu humor restaurado.

— A Normandia tem vastas praias de areia branca, onde treinamos os cavalos na água salgada. É bom para suas patas. A areia constrói o músculo e a resistência. Depois de um comprido dia, a água é um alívio bem-vindo. Com as mortais marés, se a gente não for um forte nadador pode afogar-se.

— É belo o seu país?

— Aye. E o clima é mais acolhedor.

— Esta é uma primavera anormalmente cálida, com mais chuva do que o normal. Acha a área tão desagradável?

Olhou-a fixamente durante um bom momento.

— *Nay*. Justamente o contrário. Acho a paisagem e as vistas locais prazerosas. — Sustentou-lhe o olhar, e ela sentiu um bater de asas no ventre.

— Tem uma amante dama esperando sua volta?

A cor desapareceu do rosto do Wulfson e ele recuou.

— *Nay!* Sou um solteiro pela vida.

— Não quer meninos e uma esposa para te ajudar com seu patrimônio?

— Para ter algum, requer-se uma esposa.

— O que tem de mal em uma esposa?

Wulfson voltou para sua comida.

— Não quero uma choramingona rabugenta me irritando a cada passo. Sou um cavaleiro de William. Meu lugar é onde me envie.

Tarian ficou tensa.

— Sua percepção de uma esposa está turvada por aquelas que não possuem a honra em sua posição de esposa.

— O que tem você, Tarian? Deseja voltar a se casar?

Ela sorriu.

— *Nay*, não quero um marido choramingão e rabugento me irritando a cada passo.

Ele riu, mas sua cara ficou de um modo mais sério.

— Não sei como acabará isto, mas se eu fosse você, procuraria um marido de alta linha, preferivelmente um nobre normando, e lhe daria filhos o mais breve possível.

— Por que um normando?

— Porque os saxões estão perdendo suas propriedades a um ritmo alarmante. Como sabe, William não tem grande confiança neles. Seria mais sábio mesclar seu sangue.

Tarian considerou suas palavras, e se deu conta de que tinha razão. Rangor não era a resposta.



— Tem algum digno normando nobre em mente?

Wulfson franziu o cenho profundamente, e se afastou dela.

— *Nay.*

A refeição terminou com um ligeiro bate-papo e brincadeiras, mas as palavras de Wulfson haviam tocado uma fibra sensível nela. Um nobre normando? Era tão óbvio, por que não tinha pensado nisso? Não sabia se poderia suportar casar-se com um normando. Deu um olhar de soslaio ao cavaleiro normando com o qual tinha tido mais intimidade que a maioria dos casais casados. Se pudesse lhe responder, talvez houvesse esperança. Suspirou profundamente.

Os acontecimentos giravam para fora de seu controle, e estava começando a sentir que não teria êxito. Separou-se da mesa e ficou em pé. Os cavaleiros, junto com cada homem sentado, levantaram-se. Tarian inclinou a cabeça para Wulfson.

— Me reunirei com você e seus homens em breve no pátio — separou-se dele antes que pudesse discutir. — Gareth veja que meu cavalo esteja arreado para a batalha.



Capítulo 14

Wulfson não estava disposto a esperar a dama. Seus homens se divertiram com ele por ceder, ele culpava a Rhys. Enquanto montavam, parou a meio impulso e observou assombrado a pequena forma com malha e elmo que avançava para eles com o óbvio passo de uma mulher. Seus homens pararam todo movimento e a observaram em choque enquanto avançava para eles. A longa cabeleira negra formava redemoinhos pelas costas até a cintura, limpando qualquer dúvida sobre o sexo da pessoa sob a malha. Este era de brilhante prata como também era seu elmo, do qual pendia uma viva pluma que se agitava a cada passo. Sua espada, atada a um cinturão de couro, pendia do estreito quadril, o arco estava pendurado às costas e a aljava cheia de flechas pendurava da mão direita. Parecia toda como um guerreiro e se movia com a suave graça de um.

— Em todos meus anos nunca tinha visto uma mulher com cota de malha — disse Thorin, assobiando baixo.

— William deveria utilizá-la como portadora de seu estandarte, o inimigo estaria muito surpreso para atacar — disse Ioan, com um sorriso em sua voz.

— Pelo sangue de Deus! — amaldiçoou Wulfson — É uma distração. Como podem consentir isto? Fará com que nos matem!

Seus homens sorriram amplamente, e ante o abrupto da novidade, e também por incomodar Wulfson, não a desmotivaram. Gareth a jogou sobre a sela como se o tivesse feito cem vezes antes. Sua familiaridade com a dama guerreira incomodou Wulfson. Afastou o pensamento como se fosse uma abelha zumbindo.

Ela refreou o cinza para cima e o esporeou para que avançasse. Quando estava a certa vantagem, impeliu as rédeas e se virou de volta aos seis cavaleiros, que estavam sentados em seus corcéis evidentemente chocados.

— Venham, rapazes, vamos procurar problemas neste dia. Tenho desejo de luta! — gritou-lhes Tarian, para logo esporear seu cavalo.

— *Jesus!* Está louca! — murmurou Wulfson. Voltou-se para seus homens e os ameaçou — E eu estou louco por permitir isto! Se se meter em problemas não me olhem para ajudá-la. É problema dela! — agitou as rédeas do cavalo negro e saiu como um trovão atrás de sua longínqua silhueta, com seus homens pisando-lhe os calcanhares.

Colocaram-se em uma curta falange²⁹ de dois, com Tarian rompendo a formação no meio. Não era o que Wulfson tinha pretendido, mas parecia natural fazê-lo assim. Thorin e ele, que levavam o estandarte real, cavalgavam juntos, com Tarian atrás deles. Rhys ia com Rorick, Stefan e Ioan fechando a marcha. Nessa formação poderia ser facilmente rodeada por eles em um quadrado.

— O povoado de Dunloc está a quinze quilômetros da bifurcação do caminho para a esquerda. — disse Tarian a Wulfson.

Ele assentiu, já sabendo a localização exata do povo. Continuaram em silêncio, sem a conversa normal e a camaradagem de seus homens. Sabia que

²⁹ Hist. Grega: Formação de batalha da infantaria.



seu silêncio não provinha só pela presença do Tarian, mas sim porque eram extremamente conscientes do perto que estavam da fronteira galesa. Permanecer em silêncio, mas alerta os manteria vivos.

Tomaram o desvio no caminho e continuaram a passo ligeiro, os cavalos e os homens sentindo a aveia da manhã. E Wulfson teve que admitir que a combinação do poderoso galope do formidável corcel que montava e estandarte de William ondeando com arrogância no ar a seu lado e o saber que a mulher mais bela do reino cavalgava atrás dele, alisava seu ego enormemente. Aye, sentia-se como se fosse o herói conquistador da terra.

Quando o pequeno povoado apareceu pela esquerda frente a eles, Wulfson atijou as rédeas de seu cavalo nessa direção e marchou em câmera lenta. Tinham evitado o povo deliberadamente desde a primeira patrulha mais de uma quinzena atrás ao não receber uma cálida acolhida por parte dos ásperos populares. Não é que Wulfson sentisse aversão pelos taciturnos saxões, mas não queria se envolver em batalha com mulheres e anciões que só tinham vassouras e foices como armas. Isto não era que fosse uma provocação e considerava um açougue desnecessário. Assim evitaram o lugar. Mas hoje, o sol brilhava com força no céu azul e sentia curiosidade pelo povo, assim tinha permitido a expedição. Também admitiu que queria avaliar o terreno quanto aos habitantes e o que sentiam pela dama que tinha matado seu conde.

Desde o primeiro momento em que os primeiros aldeãos puseram os olhos sobre eles, Wulfson teve um mau pressentimento. O ódio ardia como o fogo em seus olhos e não se mostravam tímidos em seu desprezo. E apesar de que o lugar fervilhava com atividade, mostrava-se à beira da miséria. Muitas das estruturas estavam queimadas até os alicerces e outras não tinham coberturas, e as poucas que tinham estavam em um lamentável estado de reparação.

— A negligência de Malcor é óbvia — disse Tarian a Wulfson. Vários dos aldeãos elevaram a cabeça e a olharam boquiabertos — Não tinha consideração por esta gente. Considerava-lhes atrasados.

— Não somos caipiras atrasados! Somos artesãos! — gritou uma mulher atrás deles.

Wulfson ficou rígido.

— Silêncio, lady Tarian. — acautelou Wulfson.

Viu os olhos de muitos dos transeuntes ampliarem-se. Amaldiçoou em silêncio. Os rumores correriam como o fogo.

Uma vez que chegaram ao pequeno lugar através da principal rua comercial, Wulfson abrandou seus passos, reagrupando seus homens em uma formação mais fechada.

— Por que vocês estão lentos? — perguntou Tarian.

— Silêncio — disse Wulfson, com tom severo e baixo.

— É a bruxa do Draceadon! — gritou alguém por entre a multidão.

— A que vai com cavalo cinza!

— Assassina! — uma tormenta de gritos estalou.



Wulfson amaldiçoou de novo e, imediatamente, os escudos se elevaram, com os homens formando um quadrado de amparo ao redor de Tarian. Como uma unidade, com a mesma conduta que ela tinha visto da sua janela, avançaram de frente e para o lado de fora, do perigo. Confundido pela proximidade dos cavalos e pela maneira em que estes se moviam, Silversmith pulou nervoso.

— Quietos menino — acalmou-o Tarian — Quietos.

Um míssil de fruta podre golpeou Tarian na parte posterior do elmo. Antes que pudesse reagir, seguiram-lhe rochas, partes de madeira e algo que os aldeãos tivessem ao alcance da mão. As toscas armas ricochetearam contra os escudos dos homens, mas vários conseguiram golpear Tarian.

O coração acelerou-se, não com excitação a não ser com ira e frustração, e também com tristeza. Essa era sua gente e eles não a queriam! Encaixaria alguma vez em algum lugar?

— Bastarda filha de um estuprador! Fora daqui! E leve os seus porcos normandos com você!

Tarian se encolheu por dentro, mas no exterior manteve a calma, as costas erguida, os olhos olhando para frente e a mão firme. Tinha ouvido esses insultos toda sua vida, tinha aprendido a viver com isso. As maiores das vezes não lhe faziam mal, mas hoje batiam fundo. E ali estava, em um lugar no qual pensava que a receberiam bem, só para descobrir que mais uma vez não era bem-vinda. Os pecados de seu pai. Seria sua vida tranquila alguma vez?

Como os mísseis se dirigiam já não só a ela, mas também aos cavaleiros, Tarian olhou para Rhys a sua esquerda. Ele, como outros, não parecia muito preocupado. Não olhou em sua direção, já que seguia focado na crescente multidão.

— Calma milady — advertiu com suavidade — Mantenha o passo e não rompa a formação.

Ela assentiu e teve uma sensação de poder entre estes homens que nunca tinha experimentado. Estavam tão bem treinados, suas habilidades aperfeiçoadas para ser letais, soube que não importava o que os aldeãos fizessem, não seria ferida sob o amparo destes homens. E com esse conhecimento jogou os ombros para trás, levantou o queixo e varreu com o olhar a seu redor, cruzando olhadas com eles, desafiando-os a negar seu direito a estar ali.

O nítido assobio de uma flecha esteve a ponto de alcançá-la na cabeça, mas se afundou no pescoço de Silversmith com um consistente impacto. O cavalo relinchou de dor e escavou para trás, com os cascos batendo contra as ancas traseiras do cavalo de Wulfson. O cavalo de batalha não retrocedeu, mas Silversmith veio desajeitadamente para baixo, e ela pôde sentir o pânico do garanhão. Manobrou-o com perícia, tratando de acalmá-lo. O animal empenhou-se de novo. Tarian manteve uma mão firme sobre as rédeas, mas quando outra flecha passou assobiando, desta vez afundando-se no grosso couro da sela de Wulfson, o cinza sacudiu a cabeça e Pegou um pedaço. Estalando em pânico, ele fugiu, forçando seu caminho entre o cavalo de Wulfson e o corcel do Rhys, quase subindo sobre os grandes cavalos para fugir do ataque. Wulfson tomou as rédeas quando Silversmith bateu contra ele, mas o animal não quis saber. Sacudiu a cabeça uma e outra vez, e as rédeas escaparam das mãos de Tarian. Segurou-se



ao puxador para equilibrar-se uma vez que o garanhão saiu da formação em um galope desbocado atravessando a praça e, quando os aldeãos a rodearam brandindo suas vassouras e seus forcados, empinou-se outra vez. Apesar de Tarian se segurar, teve que brigar pelo controle e encontrando as rédeas, puxou-as para cima. Mas ele tomou a embocadura de novo e, sob um repentino bombardeio de fruta podre, verduras e pedras, o cavalo relinchou de terror, saltando e empinando-se pelo pânico de desfazer-se de seus atacantes. A multidão enlouquecida o pressionou até que seus corpos tocaram-lhe as pernas e o cavalo ficou tremendo completamente aterrorizado.

Um musculoso braço a alcançou de entre a multidão e a atirou da sela. Silversmith fugiu apavorado pela multidão. Mas Tarian estava preparada para lutar e, ao tempo que caía, desembainhou a espada. E, apesar de aterrissar de costas sobre o chão, as manobrou para lançar curtas estocadas encontrando carne. Um homem gritou de dor e mais mãos a alcançaram, arrancando-a o elmo emplumado e uma manopla, ela empurrou e lançou estocadas até que a maioria deu marcha ré e se afastaram dela.

De sua posição mal pode ver Wulfson e seus homens tinham encurralado a multidão, obrigando-os a permanecer imóveis ao mesmo tempo em que os afastavam dela. Oscilando pelo lado, Wulfson deu a volta e, ao passar a seu lado, ela se estirou e ele a segurou pelo braço, elevando-a atrás dele. Aterrissou com um sonoro golpe nas ancas traseiras do cavalo negro, mas estava disposta a suportar isso por ter sido o centro da atenção da furiosa multidão. Rapidamente os aldeãos estiveram o suficientemente sufocados e Wulfson, com ambas as espadas desembainhadas, assinalou ao gigante ruivo que parecia ser o cabeça.

— Cesse seu ataque imediatamente ou se preparem para conhecer seu criador! — gritou.

Tuold permaneceu perfeitamente imóvel, sem que a horda de furiosos caipiras tivesse efeito nele. Inclusive Tarian podia sentir a firmeza das ancas abaixo dela preparadas para atacar assim que seu senhor lhe desse o sinal.

— Tenho autoridade aqui por decreto do Rei William. Se me desafiarem, desafiam a ele! Ele trata com dureza aos traidores, como eu. Qualquer outra ação contra mim ou meus cavaleiros constitui um ato de traição!

— Não escolhemos esse bastardo como rei! — gritou uma mulher.

Um nabo voou da multidão, golpeando ao Thorin no peito. Ele não se vacilou.

— Entregue-nos bruxa para que possamos queimá-la!

— Assassina!

A raiva formou redemoinhos grosseiramente e se elevou até uns limites que ela não tinha experimentado jamais, de forma que Tarian não pôde conter a língua mais tempo.

— Silêncio, todos! — gritou de onde estava sentada — Não sabem do que falam! Chamam-me bruxa quando seu lorde Malcor era um desviado! — olhou para a multidão por cima do ombro de Wulfson — A quantos de seus filhos arrastou para a colina? Quantos deles não voltaram alguma vez?

Um atordoante silêncio a respondeu.



— Chamam-me bruxa? O que era ele então?

Desceu-se do lombo do Turoid. Ouviu Wulfson amaldiçoá-la com força para que voltasse, mas ignorou-o para dirigir-se à multidão. Ele se moveu para segurá-la pelo braço, mas se desfez dele. Enfrentou com raiva as pessoas que tinha esperado servir e em troca, ser servida.

— Não sou sua inimiga. Sou sua libertadora. Não matei o conde a sangue frio, lutei por minha vida contra ele nessa masmorra dos horrores. Era ele ou eu. E escolhi viver!

Girou-se para o gigante ruivo.

— Que classe de homem são vocês para atacarem uma nobre saxã?

Seus inquietantemente familiares e pálidos olhos se estreitaram, olhando através de Tarian para os cavaleiros atrás dela.

— Que tipo de homens são esses? — ele a desafiou, assinalando com seu pau para os cavaleiros — Se murmura que vieram para acabar com o Dunloc e tomar tudo para eles.

— Isso, meu bom amigo, está a ponto de ver.

Ela entrou entre a multidão.

— O conde Malcor descuidou de Dunloc e sei por que vi. Este lugar está em ruínas. E enquanto encontrar a sua admirável lealdade por ele, será diferente agora. Apesar de seu desvio conheceu o valor ao dar a mim, sua viúva, o título daqui. — subiu sob uma carroça derrubada e então pôde olhar sobre o mar de rostos. Raiva, frustração e medo lhe vieram à frente. — Agora sou sua senhora, não os normandos nem Rangor — estendeu os braços com as palmas para cima e os implorou. — Entretanto, peço-lhes uma oportunidade para trazer de novo a prosperidade a Dunloc.

Olhares vazios responderam à súplica.

— Quem é o juiz aqui?

— Morreu em Stamford Brigde!

— Ninguém o substituiu?

O homem ruivo elevou seu pau.

— Sou Ednoth, meio irmão bastardo de Malcor. Sou o líder aqui.

— Reze para que as semelhanças familiares sejam superficiais, Ednoth. — disse Tarian assentindo.

Seus olhos se alargaram antes de estreitar-se.

— Não me insulte com suas acusações.

— Então me devolva o favor.

Ele assentiu sutilmente.

— Há feridas profundas aqui. Elas não irão sarar durante a noite — olhou além dela para os cavaleiros, que mantinha as espadas apontando e preparadas.

— Aye, sir, a Inglaterra ainda sangra — ela se voltou para Wulfson, que olhava apenas a multidão. — Nos deixem partir agora e, quando o clima estiver



mais moderado, poderemos falar de construir nosso futuro aqui — olhou para Wulfson, que embainhou a espada da mão esquerda e depois a ofereceu.

— Içou-a outra vez e a colocou atrás dele.

Ela examinou a multidão. Apesar de que o humor havia se acalmado, havia ainda em seus olhos muito ódio manifestadamente para ela e os homens que a acompanhavam. Não podia culpá-los. Tinha sentido o mesmo, e as promessas de uma mulher com seu histórico teriam feito pouco para acalmar suas inquietações.

Sem mais nada a dizer, com uma precisão impressionante e sem dizer uma só palavra, os seis corcéis retrocederam ao mesmo tempo em um só ângulo, afastando-se dos aldeãos, que se afastaram sabiamente para deixar passo os magníficos cavalos. Não até que estivessem claramente fora do alcance de qualquer lançamento é que fizeram girar os corcéis sobre suas patas traseiras em unísono e galoparam para Draceadon. Não se pronunciou nenhuma só palavra quando chegaram ao caminho. Mas podia sentir a tensão da raiva no corpo de Wulfson.

Querida negar que o incidente tivesse sido culpa dela, mas não podia porque a verdade era óbvia. Silversmith, tão experiente como era, não estava acostumado a outros cavalos e as formações estreitas. A flecha em seu pescoço tinha sido o catalisador. Tinha muito a aprender, como ela, na arte da guerra. Tarian temia pelo bem-estar do cavalo, mas sabia que voltaria para o lugar onde se alimentava. Resignada ao seu lugar no tumulto, Tarian não engatou conversa com nenhum dos homens. Tão focados estavam eles no retorno que provavelmente esquecessem sua existência. Deixou escapar um comprido suspiro e tratou de relaxar, mas não pôde. A volta a Draceadon foi extensa, incômoda e silenciosa.

Ao tempo que chegavam ao pequeno vale que precedia à magnífica fortaleza, Gareth e vários de seus homens chegaram trovejando da muralha exterior. Quando viram o contingente de cavaleiros, frearam o passo.

Tarian viu a preocupação nos olhos do Gareth antes de poder ouvir sua voz.

— Seu cavalo, milady, voltou ferido por uma flecha? Está ferida? — perguntou ao vê-la montada atrás de Wulfson, os olhos percorrendo seu corpo em busca de alguma ferida.

— O único dano na dama é sua mente em pensar que possuía a habilidade suficiente para cavalgar conosco. Não fará isso de novo. Quase a matam e colocou meus homens em perigo. — soprou Wulfson.

— Os aldeãos de Dunloc aglomeraram-se contra nós. Silversmith foi atingido por uma flecha e estalou em pânico — disse ela com suavidade.

Gareth assentiu e instigou as rédeas para girar seu cavalo. Quando se aproximaram do comprido caminho para Draceadon, os populares os olharam passar em silêncio. Tarian sorriu, tratando de acalmar seus medos, mas foi recompensada com olhadas gélidas. Uma compreensão gelada a percorreu. Apesar do isolamento de Malcor, tinha sido o lorde aqui, igual ao tinha sido seu pai antes dele e o pai deste antes até Alfred o grande, e essa gente considerava-os estranhos, tanto ela quanto os normandos.

Quando atravessaram as muralhas, mais aldeãos de Draceadon ficaram olhando-os. Não havia sorrisos nem gritos de boas-vindas, só triste resignação e



desconfiança. Era a servidora do diabo, pulando com os demônios normandos. Seu comportamento audacioso se voltando contra ela. Essa gente não queria uma princesa guerreira que tratasse com os invasores, eles queriam um líder sensato que observasse e interpretasse seu papel.

Tarian lutou contra quem queria ser e quem precisava ser. Sua vida de moça estouvada era tudo o que conhecia. E apesar de que podia ter perdido muito por ter sido rechaçada, o lado positivo de sua vida era que tinha tido liberdade sem precedentes. Não se esperava dela mais que se comportasse sem vergonha alguma. A compreensão a atordoou. Lutar era tudo o que sabia fazer. Lutar por seu lugar no mundo, lutar por respeito, e agora? Lutar para sobreviver. Mas se ela se conformasse, perderia sua liberdade.

Para ser lady ali ainda teria que lutar, mas se queria ganhar a guerra precisaria renovar suas táticas. Sua mente galopou e se perguntou se seria prudente procurar como marido um nobre normando. As pessoas do lugar já não confiavam nela como antigamente: trazer um normando, um homem que não teria simpatia por nenhum saxão, só serviria para ampliar o fosso. Suspirou com força. Era Rangor a resposta? Estremeceu-se com força apesar do calor que sentia sob a cota de malha. Rangor era repugnante e não acreditava que conseguiria se deitar com ele. Mas mais que isso, perderia sua liberdade, já que ele seria um marido exigente.

Enquanto subiam pelo desgastado caminho para Draceadon, Tarian não teve mais remédio que aferrar-se à cintura de Wulfson para não escorregar da garupa do magnífico cavalo. Se Wulfson tinha estado rígido, agora estava tenso como o aço temperado. Sorriu. Talvez a desejasse, este cavaleiro normando, mas não se preocupava muito com ela. Isto era bastante impróprio, porque se deu conta de que gostava muito disso.

Quando pararam frente ao estábulo, Tarian não esperou que a ajudassem a desmontar. Escorregou pelo flanco esquerdo do corcel e correu para Silversmith, que estava preso a um poste soprando, suas patas e o lombo úmidos e tremendo. Felizmente, a flecha não se incrustou na parte carnuda do pescoço, mas sim tinha atravessado limpamente perto das crinas. Despojando-se de seu único *gauntlet*³⁰, Tarian rompeu a flecha perto da base emplumada e, com uma mão tranquilizadora sobre seu pescoço, falou-lhe com suavidade enquanto agarrava a ponta da flecha e extraía o eixo.

Examinou a ferida e, apesar de que podia necessitar um ponto ou dois, soube que o garanhão não toleraria isso.

Wulfson se aproximou com raiva, arrancando seu elmo e jogando-o para Rolf.

— Como bem sabe, um cavalo mal treinado pode causar a morte a seu dono.

Ela olhou seus tormentosos olhos verdes e assentiu.

— Uma vez que estiver recuperado, desejaria que ensinassem a ambos seus movimentos. Nunca antes vi algo tão bonito.

As sobrancelhas do Wulfson quase se elevaram até a raiz dos cabelos.

³⁰ luva forte e rústica com punho largo e comprido usada por cavaleiros.



— Meus cavalos e meus homens treinaram durante anos. Não é algo que ocorra da noite para o dia.

— Sou uma estudante paciente e disposta a trabalhar duro.

Ele permaneceu em silêncio durante uns momentos, e ela conteve o fôlego rezando para que não a repelisse. Em lugar disso, ele perguntou:

— Está ferida?

— O quê? — disse piscando.

— Por sua queda e pelo ataque. Está ferida gravemente?

— *Nay*, consegui mantê-los no limite com minha espada.

— Foi uma loucura permitir-lhe viajar conosco hoje.

— *Nay*, era uma lição que precisava aprender, Sir Wulfson.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— O povo deste condado. Não tinha nem ideia de quão profundo corre o ódio que sentem por mim. Sei qual é minha posição entre eles e sei o que devo fazer para ganhar sua confiança.

— Tarian...

Ela negou e pressionou os dedos contra seus lábios. Ele se enrijeceu.

— Não diga isso, Wulfson. Sou Tarian de Dunloc. Como você disse antes de me levar, seu rei não é estúpido. Tem mais a ganhar comigo viva do que morta. Já o verá.

Agarrou-lhe a mão e a atraiu mais perto dele.

— Ele não está aqui. Não compreende plenamente a situação.

— Então, como capitão de sua guarda, assegure-se de que esteja plenamente informado.

Ela deu um passo atrás e desembainhou sua espada, cruzando-a sobre o peito.

— Sir Wulfson, ponho minha vida completamente em suas mãos. Espero que não falhe comigo.

Ela deu meia volta e foi examinar seu cavalo.

— *Ela* em maneiras para impregnar fundo em um homem, não é, Wulfson?
— disse Rorick atrás dele.

— Sei do fundo de minhas vísceras que ela diz a verdade. Mas William poderá vê-la? — disse sem lhe desmentir.

Rorick deu-lhe um tapa no ombro.

— Como disse a moça, traga ele aqui.

Wulfson olhou para seu amigo e negou com a cabeça.



— Sabe tão bem como eu que uma vez que William tomou uma decisão não voltará atrás.

— Não pagaria para estar em sua pele, meu amigo. Em seus olhos há luxúria pela dama, e não posso culpá-lo, mas posso te advertir. Não beba muito do manancial. Deveria conter-se ou pode ser que acabe se afogando nele.

Wulfson não pôde discutir com ele.

— Aye, levarei em conta seu conselho.

Wulfson estendeu as rédeas de Turoid a Rolf para que o esfriasse e se foi para o estábulo, onde sabia que estaria a dama atendendo a seu cavalo. Estava no outro extremo da construção, relaxando a besta. Wulfson permaneceu atrás e observou a maneira em que falava brandamente com o garanhão, e a maneira em que as orelhas do cavalo se agitavam para frente e para trás, como se entendesse suas palavras. O corpo esquentou-se sob a cota de malha e sentiu como o membro ficava rígido. Tinha-o enfurecido. Quase tinha saltado de Turoid quando a viu cair entre a multidão. Mulher estúpida! Ela o frustrava. A maneira com que provocava e rechaçava seu desejo deixava-o completamente no limite. Nunca havia conhecido nenhuma mulher que invadissem tanto seus sonhos como suas horas de vigília. Mas, principalmente, ela o surpreendeu. Era inteligente, bonita, impetuosa e apaixonada e como ele, tinha aprendido a sobreviver em um mundo que os repelia. Que tivesse sobrevivido e prosperado era uma façanha assombrosa.

Ao final do comprido corredor do estábulo, levou o cavalo já tranquilo e o atou, então começou a escová-lo. Desaparecendo na cavalaria mais próxima, que estava vazia, apareceu momentos mais tarde sem a cota de malha.

Uma mão invisível empurrou Wulfson pelas costas para ela. Não resistiu. Ao aproximar-se, o cavalo cinza lançou a cabeça para o lado esquerdo e Tarian o acalmou. Estava em cima de um tamborete e parecia estar enfaixando a ferida.

— Ele vê você como uma ameaça, sir, por favor afaste-se —ordenou-lhe Tarian suavemente.

Wulfson retardou seu avanço, parando-se a vários passos deles.

— A primeira e mais importante lição que deve aprender um verdadeiro cavalo de batalha é a confiar em seu mestre — disse ele tranquilamente.

Não pôde evitar embeber-se da visão frente a ele. O sol do crepúsculo aparecia por entre as vigas do teto, os raios dourados em torno dela, iluminando essa larga cabeleira que pendurava sobre seus ombros e as costas em espessos e exuberantes caracóis. Nunca tinha visto um cabelo tão abundante e espesso, ou tão negro. As mulheres normandas eram mais pálidas de pele e mais altas. Essa moça era pequena e ligeira como um cano, mas com curvas femininas.

— Ele confia em mim — disse ela com o mesmo tom.

Wulfson começou a retirar malha. Fez lenta e tranquilamente para não agitar o cavalo. Rolf se encarregaria de limpá-la. Quando ficou com as meias de linho, as botas e o espartilho acolchoado, moveu-se lentamente para eles.

— Os cavalos reagem de duas maneiras quando são ameaçados. Ou lutam ou escapam. A maioria foge. Um verdadeiro corcel guerreiro permanecerá e lutará, mas só se confiar em seu mestre.



Tarian olhou para Wulfson por cima do lombo de Silversmith.

— Está insinuando que meu cavalo não confia em mim?

— Não teria arrebatado na histeria se o fizesse.

Suas sobranceiras se franziram e pareceu medir suas palavras.

— Como ganho então a confiança de meu cavalo?

— Sendo firme, consequente, e não enviando sinais confusos. Também deveria treiná-lo com regularidade em situações onde sentisse a necessidade natural de fugir, e então freá-lo com sua perícia e ensiná-lo que não há perigo, até que isso seja natural para ambos. Deverá sentir sua segurança e sua força. Se não o fizer, fugirá.

Wulfson estava do outro lado de Tarian, com o cavalo separando-os. Deslizou uma mão pelo firme pescoço do animal, tocando com suavidade o buraco onde esteve atravessada a flecha.

— Não é uma ferida ruim. Que bálsamo usou?

— Uma mescla que Abner fez. Ele tem plena fé nela.

— Stefan é nosso perito em cavalos. Tem mais ampolas e potes de bálsamos e unguentos que uma parteira. Eu deixaria que desse uma olhada. Seu pai tem um grande ganhão além do Rouen, e está muito versado no conhecimento equino.

— Seu pai?

— Seu pai adotivo. O conde d'Everaux. O pai biológico do Stefan não o reconheceu.

— Como ele é tão seguro então?

— Para ele é como olhar-se em um espelho. Não há dúvida de quem o gerou.

— O que houve com seu pai? Você é parecido com ele?

A mandíbula do Wulfson se esticou.

— Só o vi um par de vezes em toda minha vida, a última na minha volta a Normandia depois da conquista. Procurava os favores de William através de mim.

— Recompensou-lhe seu rei?

— Nosso rei o despachou assim que voltei para a Inglaterra.

— E sua mãe, Wulfson? O que fez ela que fosse tão cruel para que não pudesse perdoá-la?

Seu corpo se esticou com a pergunta. Uma raiva longamente reprimida aflorou. Nunca tinha falado de sua mãe com ninguém, nem sequer com os Espadas de Sangue. Ninguém tinha ousado perguntar. Mas quando olhou os olhos da cor do oceano de Tarian não viu desdém nem desprezo: só viu uma mulher perguntar com delicadeza sobre seus sentimentos. Sentimentos! Ora! Conteve uma replica mordaz. Em vez disso, e porque não queria fazê-la fugir dele, respondeu honestamente.



— Se suicidou pouco depois do meu nascimento. Era melhor que viver com a desonra de um mestiço saxão bastardo.

— Sinto muito, Wulfson.

— Não tenha pena de mim.

— Não tenho. Só lamento que não tenham tido o amor de uma mãe para cuidar de você — sorriu com delicadeza e atendeu ao seu cavalo. — Minha mãe, inclusive se tivesse desejado morrer, nunca teria tirado a vida. É um pecado mortal contra Deus. Temia ao inferno mais que a humilhação de me ter.

— Você a visita?

Tarian negou e se inclinou sobre o pescoço do cinza, dando toda a toda a atenção à ferida.

— *Nay*. Viajei a Powys, há muitos anos, para me encontrar com ela. Negou-se a me ver. E, como já sabe, meu pai está morto.

— *Aye*, eu sei — Wulfson se perguntou sobre o homem que tinha gerado semelhante mulher. Sweyn Godwindson nunca tinha mostrado respeito pelas leis dos homens. — Alguma verdade no rumor de que fosse filho de Canuto?

A cabeça do Tarian saltou para trás e seus olhos se estreitaram.

— *Nay!* Apenas outra mentira sobre ele! Nasceu como rebelde e morreu como viveu, na vergonha!

Agitou a cabeça com tanta violência que seu cabelo derramou-se sobre o pescoço de Silversmith. Wulfson não pode resistir alcançar e tocar esses espessos e brilhantes fios. Aproximou-se e a atraiu para ele meigamente.

— Seu pai era um tolo, senhora, sua mãe muito orgulhosa e seu defunto marido o maior imbecil de todos.

Ela quase se pendurou no pescoço do animal e resistiu quando puxou-a para aproximá-la.

— Tudo isso é certo, mas se as estrelas não se alinhassem como o fizeram, não teria tido a liberdade que tenho para desfrutar deste dia.

Assentiu, compreendendo perfeitamente.

— *Aye*, para um pária, as regras da sociedade não se aplicam.

Ela lambeu os lábios e o sangue do Wulfson se acelerou diante a vista.

— *Aye*, a sociedade espera de nós que rompamos com as tradições e o decoro — sorriu e se inclinou sobre o cavalo para deixar seus lábios apenas a um suspiro dos seus. — E por isso temos mais liberdade que nossos irmãos legítimos mais estimados.

— É por isso que aceitou se casar com Malcor?

Ela endureceu e tentou se afastar, mas ele a manteve presa. A contra gosto, respondeu:

— *Aye*, ele era a chave para a jaula do matrimônio. Ele, de seu jeito perverso, era tão pária quanto eu. Seu desvio era algo de se esperar. E por isso, as pessoas o evitavam. — sorriu sombriamente. — Como não tinha interesse pelas mulheres, minha liberdade estava garantida. Por isso nunca me casarei com



Rangor ou qualquer homem como ele. Insistiria em se reafirmar como meu verdadeiro marido, e isso é algo que não posso tolerar.

— O que tem contra William? É um senhor feudal, Tarian. Reclama servidão, lealdade e a aceitação por parte de todos seus súditos e sua palavra é lei.

Ela sorriu e inclinou-se para ele, suas travessas covinhas provocando-o.

— Renderia tributo a meu rei, sempre e quando ele me promettesse lealdade.

Wulfson balançou a cabeça pela audácia de sua petição. Para alguém que estava a mercê de William, reclamava-lhe o que ele reclamava de seus súditos. E, apesar disso, Wulfson se deu conta de que era o mesmo para ele. Se seu rei não o respeitasse não permaneceria leal para quem serviria com sua vida, Wulfson partiria em busca de um rei mais digno.

Procurou seus olhos claros e encontrou uma honrada verdade neles. Uma vez mais, pensou em quanto absurdo seria se seu rei destruísse essa mulher simplesmente por razões de sangue. E sabia no mais profundo de suas vísceras que Warner traria a ordem de avançar. E assim como, sem dúvida, Wulfson soube que teria que ir a Normandia para defender o caso da dama em pessoa. A ideia instalou-se em sua mente, mas não em seu coração.

— No que pensa, sir cavaleiro? — perguntou com suavidade, pressionando-se contra ele.

— Em quanto eu gostaria de te beijar.

Seu sorriso se alargou e timidamente bateu os cílios largos e negros.

— Tem minha permissão.

Não teria podido resistir ao que ela o oferecia mesmo se tivesse tentado. Deslizou a mão por seu pescoço, perdendo os dedos entre sua lustrosa juba, e a levou até ele segurando a base de sua cabeça. O contato lançou uma sacudida forte como um raio para sua virilha. Seus suaves lábios se abriram sob os seus, doces e tenros como um casulo fresco. Aproximou-a mais, querendo mais dela. Silversmith relinchou e mordiscou o flanco de Wulfson, mas não o suficiente para detê-lo.

Tarian não sabia o que tinha o normando que a fazia sentir como uma moça nervosa. Possivelmente era parte dela. Apesar de tudo, ele havia se sentido atraído para ela por ela, não por tudo o que veio ou não veio com ela. Nunca tinha sido cortejada ou havia cortejado, de fato, desenvolveu-se mais rapidamente que a maioria e, pequena como era, a maioria dos homens a temia.

O beijo a surpreendeu por sua gentileza. Jamais pensou que o cavaleiro assassino poderia ser tão suave. Entretanto seus lábios eram lentos e minuciosos, e ainda assim, deixava-a sem fôlego. O jovem corpo se esquentou, os seios incharam e essa familiar dor associada a ele se estendeu pelo corpo. Só poderia ser sufocada de uma maneira, e apesar do muito que o desejasse, tampouco ia permitir que dissesse que era a amante de um normando.

— Milord, — sussurrou contra seus lábios — faz com que me esqueça de meu cavalo.



— Você me faz esquecer mais do que isso — disse com suavidade, deixando-a ir.

Ela voltou a prestar atenção em Silversmith e disse:

— Deixarei que Ednoth venha a Draceadon. Ele é a chave para meu êxito aqui.

— É o meio irmão bastardo de seu marido. Pensa que terá seu apoio?

Ela assentiu e começou a trançar a crina que cobria a ferida.

— Não possui nada. Eu o levantarei dando-lhe um lugar aqui.

— Haverá tempo para isso mais tarde, Tarian, quando as coisas estiverem resolvidas.

Cravou-lhe o olhar, o estado de humor mudando de suave e contemplativo para a raiva.

— Refere-se a uma vez que esteja morta ou me permitirão permanecer com vida?

Seu rosto se escureceu e se afastou um passo dela.

— Não faça isto mais difícil do que tem que ser.

Ela desceu do tamborete e se aproximou para enfrentá-lo diretamente.

— Difícil? Estamos falando de minha vida! Quanto mais difícil poderia ser?

Ele permaneceu em silêncio e franziu o cenho ao olhá-la. Ela quase podia ver seu cérebro funcionando.

— Possivelmente, milady, deveria considerar uma viagem a Normandia.

— *Nay!* Nunca abandonarei este lugar!

— Permaneceria com vida.

— Preferia morrer que passar o resto de minha vida como prisioneira de William.

— Pode ser que não haja outra saída, Tarian. Pense sobre isto — ele se voltou e se afastou, deixando-a com muito sobre o que refletir.

Não se ofereceria como refém a William. Uma vez em seus domínios não seria mais que uma prisioneira, ou tal e como tinha ouvido, não lhe permitiria os luxos da corte, mas sim seria trancada e esquecida. As masmorras de Rouen estavam cheias de rebeldes saxões. *Nay*, lutaria por seu direito a viver em suas terras, e preferia morrer pelo esforço. Com as ideias claras, voltou para a tarefa de atender a seu cavalo e, uma vez terminado, levou a sua cavalaria e o alimentou.

Quando Tarian conseguiu recolher sua cota em um pacote que pudesse carregar de volta ao seu quarto, Gareth se aproximou. Tomou a cota de suas mãos, e ela a entregou com muito prazer.

— Onde está seu elmo?

— No chão de Dunloc, junto com uma *gauntlet* — admitiu com asco.



Franziu o cenho e agradeceu que não a interrogasse mais sobre o tema. Em lugar disso, enquanto caminhavam de volta à fortaleza, Tarian disse com suavidade:

— Ele me falou que quer me levar a Normandia.

— Isso é o que o viking me sugeriu também.

Mantendo a calma, Tarian disse imperturbável:

— Lutarei contra ele, Gareth. Não irei.

— Aye, ir significaria um cativeiro seguro ou a morte.

— Não há notícias de que Warner haja voltado da Normandia. Minha suspeita é que as marés nos foram mais favoráveis que a ele.

Gareth sorriu amargamente.

— Uma pequena bênção. Nossos homens seguem esperando sua volta.

Tarian se sentiu reconfortada por isso. O tempo era seu aliado, ou poderia ser o anjo de uma morte certa. Cada manhã, ao despertar permanecia quieta em sua cama e escutava seu corpo procurando sintomas de gravidez. Edie ria dela, dizendo-lhe que seria necessário mais tempo para começar a notá-los. Mas emocionalmente estava à beira do abismo. Desejava desesperadamente um filho. Outro pensamento a atravessou. O que aconteceria se ela estivesse grávida e o rei reclamasse o bebê como refém? Apesar da calidez do final do dia, o pensamento de deixar levarem seu bebê gelou Tarian até os ossos. *Nunca!*

Quando entraram no salão o encontraram transbordante de vida com música, homens e viu a cerveja fluindo. Teve que sorrir quando vários dos aldeãos pararam e ficaram boquiabertos por seu traje. Estava vestida como um cavaleiro. Meias, túnica e espartilho acolchoado.

Quando seus olhos se cruzaram com os dos normandos reunidos ao redor de uma mesa redonda jogando ao que pareciam ser jogo de dados, eles riram a gargalhadas. Seu humor desapareceu.

— Em guarda, homens! — riu Thorin — O mais temível cavaleiro da Inglaterra se aproxima!

Não só os normandos riram com estrépito, mas também vários dos saxões se uniram a eles. Ela se deu conta de que, apesar de que Wulfson, que se sentava junto ao fogo, não ria, tratava de esconder o sorriso. Seus olhos se estreitaram.

Enrijecida, Tarian se negou a ser arrastada por seu mau humor e ser o centro de suas brincadeiras. Gareth fez gesto de aproximar-se deles, mas Tarian o deteve.

— Não engate conversa com eles, Gareth, só os incentivará.

Sem mais comentários se retirou ao seu quarto, onde quase desabou sobre a cama.

— Tarian? — disse Brighid, apressando-se em ir a seu lado — Está ferida?

— *Nay*, só fatigada. — disse bocejando — Me deixe descansar um momento e me unirei a você e aos bufões da Normandia depois de me banhar.

Brighid desatou-lhe as meias e as tirou.



— Tarian, pensa que é prudente montar a cavalo assim?

— Por que não deveria? — disse abrindo um olho.

— O que ocorre se estiver grávida?

— O que aconteceria se estivesse?

— Poderiam machucar a você mesma ou ao bebê.

Tarian fechou os olhos e relaxou sobre os suaves tecidos.

— Edith diz que não e até a segunda metade da gravidez quando a mulher deveria retirar-se. Sou saudável e o bebê estará protegido.

— Deveria ficar com você, Tarian.

— Eu agradeceria. — disse aguentando isso um bocejo — Agora, me deixe dormir.

A última coisa que recordou foi Brighid tirando o espartilho, antes que os sonhos a levassem ao longe. Sonhou com um leão dourado, espreitando a um igualmente dragão dourado, e com um magnífico lobo negro observando-os do bosque. O fogo do dragão chamuscou o leão, mas em algum momento o leão ultrapassou o dragão e afundou suas presas no lombo do dragão.

O lobo entrou em combate para salvar ao dragão, mas no último momento se voltou para o dragão e juntos, o leão e o lobo, rasgaram-no lançando seus pedaços pelos quatro cantos da ilha como mensagem de que inclusive o dragão dourado não poderia superar o poder do leão e do lobo combinado.

Tarian despertou sobressaltada. O aposento estava escuro, com apenas uma vela iluminando o lugar.

— Seu banho está preparado, milady — disse Edie de sua cadeira no canto.

Tarian se espreguiçou e acenou com a cabeça.

— A imundície do dia me aderiu — mas não fez esforços para mover-se da cama.

Edith se aproximou dela e ajudou-lhe a tirar roupas e quando Tarian se afundou na morna água com sabão, suspirou e relaxou.

— Deseja comer aqui ou embaixo? Receio que os normandos converteram o salão em um antro de libertinagem e celebração.

Tarian se endireitou dentro da tina.

— É?

Edith segurou o cabelo de Tarian e assentiu.

— Seus homens não aceitaram bem o insulto do normando viking. Houve uma provocação de jogo de dados e logo uma competição de pulsos.

— E?

Edith sorriu.

— Gareth esvaziou-lhes os bolsos consideravelmente, mas os normandos o recuperaram depois nos pulsos.

Tarian franziu o cenho.



— Gareth não foi rival para seu Wulfson.

— Morda a língua. Ele não é meu! Ficaria do lado de seu rei e me assassinaria em um batimento de coração.

— Talvez.

Tarian se afundou na tina, refletindo sobre sua posição. Se ficasse em seu quarto pareceria que estava se escondendo dos normandos. Se baixasse ao salão seria sem dúvida o centro de mais chacota. Encolheu-se de ombros. Enfrentou coisas piores.

— E o que fizeram Alewith e Brighid durante as competições?

— Parece que o cavaleiro Rhys tem um olho posto em sua irmã adotiva, e seu pai pensa animá-lo.

— De verdade?

— Parece-me que vê vantagem de um genro normando.

— E o que acontece com seu noivado com David? — disse Tarian sentando-se na tina.

Edith negou com a cabeça.

— O menino se mandou com seus pais para a Escócia.

— Quebrou o contrato? Quando ocorreu? Por que não soube nada?

— Receberam a notícia no dia que chegaram. Acredito que Brighid não está muito chateada.

— Mas é inocente, o cavaleiro se aproveitará dela. Então já não terá oportunidade de um matrimônio adequado. Vista-me, Edie, para que possa interceder por seu bem.

Tarian desceu tranquilamente para um selvagem frenesi de música, risadas e, alguns diriam, de libertinagem. Tanto os normandos como seus próprios homens estavam se divertindo com as damas da mansão. Entre eles, Alewith estava sentado com Wulfson ambos absortos em uma partida de xadrez. As bandejas de comida enchiam as mesas e vários cães se serviam delas. Seus olhos percorreram o perímetro do comprido salão procurando sua irmã e alcançou um vislumbre de sua saia azul ao atravessar as grandes portas. Tarian se apressou a segui-la, mas foi freada por Thorin.

— Deixe. Rhys é um jovem honrado.

Seus olhos se estreitaram.

— Sua versão de honra, sir cavaleiro, e a minha têm diferentes significados.

Deixou-o para trás e ele não tentou pará-la. Ao abandonar o vestíbulo, Tarian procurou freneticamente pela muralha e, para sua inquietação, não viu nem a sua irmã nem ao cavaleiro na fosca luz.

— Brighid? — chamou enquanto seguia procurando pelo muro.

A noite tinha caído e o habitual barulho da muralha estava inquietantemente silencioso. O pânico aflorou. O que aconteceria se ele tinha conseguido convencê-la? A arruinaria em encontrar um marido entre a nobreza.



Apressou-se em ir aos estábulos esperando encontrá-los ali. Quando chegou sem fôlego em frente a entrada aberta, escutou a inconfundível risada de uma donzela, seguida por uma profunda e masculina voz. Tarian avançou em silêncio para a escura estrutura. Duas silhuetas estavam ao fundo, fora da cavalaria do Silversmith. O garanhão relinchou, e Tarian conteve o fôlego quando Brighid acariciou a frente do cavalo.

— Tarian o criou desde que era um potro.

— Tem muito que aprender — disse Rhys, estendendo a mão para acariciar o cavalo.

Silversmith mordiscou-lhe a mão e Brighid riu.

— Não gosta muito de homens.

Tarian viu o cavaleiro deslizar as mãos ao redor da cintura de Brighid e tirá-la para afastá-la do animal, só para pressioná-la contra a parede mais próxima.

— E você, doce Brighid? Também acha desagradáveis os homens?

Tarian avançou para eles sem esforçar-se por ocultar sua presença.

— Prefiro a alguns mais que outros.

Sua cabeça baixou até a dela, e Tarian estava certa de que havia dito:

— Você me prefere?

— Ela não! — disse Tarian, apressando-se sobre eles.

Brighid ofegou, mas o normando permaneceu tranquilo, suas mãos descansando com muita familiaridade na cintura de sua irmã.

— Afaste as mãos dela.



Capítulo 15

Rhys assentiu e deu um passo para trás. Tarian sabia que não tinha nenhum medo dela, mas que o cavaleiro não queria parecer um completo canalha na frente de Brighid, cujo rosto se tornou da cor de uma maçã outonal.

— T... Tarian — balbuciou a jovem, afastando-se do normando. — Só saímos para ver como ia seu cavalo.

Tarian ficou com as mãos nos quadris e os fulminou a ambos com o olhar. Rhys, embora fosse o mais jovem dos cavaleiros, tinha uns anos mais que Brighid e, ela sabia, bem experiente.

— Vai muito bem. Lorde Alewith sabe o que fazem?

Rhys riu baixo e perguntou:

— Que estamos juntos, lady Tarian?

Tarian arqueou uma sobrancelha.

— É óbvio por suas doces palavras e ações para minha irmã. Ela não é nenhuma criada que possam enfraquecer com suas palavras poéticas. É inocente e seguirá sendo assim para seu marido.

Rhys assentiu de novo e deu um passo mais longe da garota. Brighid olhou-o, e depois para Tarian, desta vez com uma insolente réplica.

— Eu não sou mais noiva desse covarde do David. E, doce irmã, não deveria recordá-la que estou perto dos dezesseis anos? Ora, eu sou praticamente uma solteirona!

Tarian entendeu os sonhos de romance da menina e tomando pela mão a atraiu para si.

— E uma virgem. Não esqueça. Leva-se apenas uma vez, Brighid, e você poderia encontrar-se levando um bastardo de um bastardo. Nosso destino é bastante difícil, não adicione mais de nós à Inglaterra quando pode impedi-lo.

Arrastou a sua irmã para trás dela e, enquanto saíam do estábulo, Alewith e Wulfson quase se chocaram com elas. Alewith lançou um olhar para Brighid, e em seguida para Tarian e olhando mais à frente Rhys, que caminhava para eles com a segurança de um homem que acabara de derrubar um veado de oito cabeças com uma só flecha no coração.

Alewith franziu o cenho.

— O que aconteceu aqui?

— Nada, papai! Juro-lhe! — exclamou Brighid, jogando-se nos braços de seu pai. — Fui eu quem sugeri vir aos estábulos.

Wulfson olhou com raiva atrás deles para seu homem, quem saiu à luz das tochas que havia fora da estrutura.

— Fui eu quem fiz a sugestão — disse Rhys corajosamente.



Os olhos de Tarian ficaram mais estreitos. Por que ele mentia? Mas a resposta era simples: não queria que Brighid parecesse uma namorada diante de seu pai. Seus olhos se encontraram e ela assentiu. Nesse momento ele quase se redimi. Mas não o suficiente.

— Minhas ordens foram claras, sir Rhys.

Rhys bateu os calcanhares junto e fez a Wulfson uma curta reverência.

— O meu perdão. — Em seguida caminhou a grandes pernadas de volta ao salão.

Alewith olhou mordazmente a Tarian.

— Sua palavra de que não presenciou nenhuma ofensa contra ela.

Tarian assentiu com a cabeça.

— Meu juramento. Estavam simplesmente tendo uma conversa fora da baia de Silversmith. Nada mais.

O alívio inundou a cara do Brighid e sorriu.

— Vamos, papai?

Jogou uma olhada para Wulfson.

— Amanhã, depois do jantar, verei-o de novo na mesa de xadrez. Prepare-se então para perder seu cavalo!

Alewith partiu rapidamente com sua filha, deixando Wulfson e Tarian completamente sozinhos.

— Não está apavorado? — perguntou sarcasticamente Tarian.

Wulfson arqueou uma sobrancelha escura.

— De quê?

— Do mais temível cavaleiro da Inglaterra!

Ele sorriu e riu de boa vontade.

— Thorin só se divertiu com você. Tem bastante criatividade dentro da torta cabeça dele.

— E você, senhor, é um safado por permitir isso.

Ele voltou a sorrir.

— Vamos, você esteve em piores embates.

— Isso não significa que eu goste disso — agarrou uma das tochas e retornou ao escuro estábulo.

Wulfson a seguiu.

— Advertirei a meus homens, então, para manter seus humores para si mesmos se isso te contrariar.

Ela parou e girou rapidamente, quase chocando a tocha em seu peito. Ele deu um passo atrás.

— Aprecio sua oferta, mas não a quero. Se advertir a seus homens fará parecer que ambos somos fracos. É isso o que deseja?



Deteve-se por um momento e meditou a resposta, finalmente assentiu.

— É sábia para alguém tão jovem, Tarian.

— Assim foi como sobrevivi.

Ela se voltou e se dirigiu para o extremo mais afastado do estábulo, para seu cavalo. Fixou a tocha na base de um candelabro na parede e logo entrou na baia, falando-lhe em voz baixa. A luz era débil, mas não queria correr nenhum risco aproximando a tocha de um animal ferido. Um movimento em falso e o estábulo estalaria em chamas.

Pelo contrário, ela entreabriu os olhos, e com a luz que havia, esfregou-o ligeiramente com os dedos e o estimulou, contente por sentir que havia nenhum calor nessa área. Ela o limparia de novo pela manhã e o cobriria com bálsamo fresco. Voltou-se para o Wulfson e perguntou-lhe:

— Como estão as suas feridas?

— A que está em minha coxa me dói enormemente.

Sua preocupação despertou e disse:

— Notei que seu andar era mais lento. Há muito calor nela?

Ele assentiu com a cabeça.

Tarian suspirou e deixou a baia, segura de que seu cavalo estava em vias de recuperação. Agarrou a tocha do candelabro e fez gestos ao cavaleiro para que a seguisse.

Quando entraram no salão, embora ainda houvesse gente ao redor, o ruído diminuiu. Ela se aproximou de Stefan, que estava sentado com seu homem, Ioan, junto ao tabuleiro de xadrez. Ele olhou para ela e parou, assim como os outros homens que perceberam sua presença. Ela assentiu e disse:

— Enviaria Rolf com o bálsamo que usam em seus cavalos? O usado para as feridas abertas.

Stefan olhou dela para Wulfson, quem permaneceu em silêncio, mas com um brilho perceptível no olhar. Stefan sorriu e assentiu lentamente.

— É obvio senhora. Onde deveria levá-lo?

— Ao meu quarto.

Passou junto a ele e estava na metade das escadas quando se voltou para encontrar Wulfson em pé com seus homens, todos eles sorrindo, incluído Rhys, que ostentava um sinuoso sorriso. Não necessitava de um arauto para explicar o que todos pensavam que ocorreria em seu quarto. E ela estava mais que certa de que não aconteceria. O sonho de sua sesta ainda pesava em sua mente, e cada vez que o recordava, uma frieza a inundava. Estabeleceu-se nela que havia uma grande probabilidade de que não só seus dias no Draceadon estivessem contados, mas também seu tempo na terra.

— Não há necessidade de temer por seu cavaleiro. Dou-lhes meu juramento, como cavaleiro mais temível da Inglaterra, que não o farei mal esta noite.



Voltou-se e se dirigiu para seu aposento, só para encontrar-se com umas ouriçadas Brighid, Edith e Noelth, a criada de sua irmã.

— Tarian — exclamou Brighid, deitando-se em seus braços. — Me perdoe!

Tarian tranquilizou a moça e se dirigiu com ela ao aposento.

— Não há nada que perdoar, Brighid. Entendo muito bem o atrativo dos normandos. Não pense nem por um momento que não senti o puxão por mim mesma. Mas devemos resistir! Vieram me matar!

— Sir Rhys nunca faria tal coisa! — defendeu a garota.

— Aye, faria, não esqueça que sua lealdade não é para a Inglaterra, mas para seu Rei.

Tirou a jovem de seus braços e passou por ela para a bandeja de roupa buscando agulha e fio. Brighid soltou um soluço, e se dirigiu a sua criada por consolo. Tarian apertou os dentes e virou-se, bandeja na mão, para ver o gigantesco normando enchendo a soleira. Fez gestos para que entrasse.

Ele negou com a cabeça.

— Acredito que não.

Exasperada, disse:

— Não é como se elas nunca tivessem visto um homem de cuecas. Entre e dispa-se, a fim de que possa ver a ferida.

— *Nay*.

Ela se manteve firme. Voltou-se e depositou a bandeja em uma mesa próxima e o encarou.

— Então sofra com isso.

Ele fez uma ligeira reverência e, dando um passo fora da soleira, dirigiu-se pelo corredor para seu quarto.

— Homem teimoso! — mas não o seguiria.

Nay, não estaria a sós com ele. Já tinha dado muito de si mesma, não lhe daria mais.

Edith recolheu a bandeja e lhe disse:

— Vou atendê-lo. Onde está a ferida?

— No exterior de sua coxa direita. Costurei-o faz vários dias. Acreditei que estaria perfeitamente cicatrizado por estas datas, mas ele diz que causa-lhe grande desconforto. Temo uma infecção.

Quando Edith saiu do aposento, Rolf apareceu com uma jarra de bálsamo.

— Leve ao quarto de seu senhor, ele espera por isso — disse Tarian.

As sobranceiras do Rolf se uniram pela confusão, mas fez o que tinha lhe mandado. Fechou a porta atrás dele e se deu conta de que estava morta de fome.

— Noelth, me traria uma bandeja de comida, por favor?

A criada inclinou a cabeça e saiu apressadamente do quarto. Brighid se aproximou dela da cama.



— Está cansada, Tarian.

Tarian se afundou na grande cadeira de Malcor, subindo os pés debaixo dela.

— Estou. A preocupação está começando a cobrar seu preço. Temo a cada momento que William chegará em seu grande corcel e me matará com sua espada. E depois desta manhã, tenho medo de que as pessoas de Dunloc lutarão igualmente por esse direito.

— Ouvi o que aconteceu. Quem é esse Ednoth, afinal?

— É o meio irmão de Malcor. A semelhança é inegável. Não sei se o conde do Llewellyn o reconheceria.

— Modificaria as coisas se o fizesse?

Tarian se encolheu de ombros.

— Talvez. Como o filho ao lado, ele poderia esperar receber a herança de Briarhurst pelo menos. Mas eu tenho o testamento de Malcor.

— Briarhurst é a jóia do feudo. Não entendo sua fascinação por esta antiga fortaleza lúgubre. Eu gostaria de derrubá-la e construir um castelo digno de uma rainha! — olhou fixamente para Tarian e pressionou a mão sobre o plano ventre, e sorriu — Mas se for a portadora do herdeiro, então, Ednoth não tem direito a nada.

Tarian tragou saliva, não gostava da posição em que se colocou ela mesma. Uma coisa era ferir esse horrível tio Rangor, mas ela não tinha conhecimento de um irmão. Se Malcor simplesmente se foi de Draceadon, não haveria conflito para ninguém. Suspirou. Se Malcor tivesse sido um homem completo com seu dever, nenhum deles estaria preocupado se viveria para ver outro pôr-do-sol inglês.

— Tenho medo de que um menino possa complicar as coisas para mim, Brighid.

Brighid caiu de joelhos e juntou as mãos em um gesto suplicante diante ela.

— Fuja daqui! Iremos a Turnsly e dali, pode se esconder em qualquer feudo do papai. Ou ir ao norte a Escócia, onde não há medo de William.

Tarian inalou profundamente e colocou uma grossa almofada atrás das costas, fechando os olhos.

— Não posso Brighid. Seria covarde.

— Melhor ser um covarde e viver que um valente e morrer. Não poderia suportar a ideia da vida sem você! Por favor! Pense nos outros se não pensa em você.

A mão de Tarian deslizou ao ventre plano, com os olhos subindo à altura dos azuis cristalinos de sua irmã adotiva.

— O que dizer do menino que possa levar? Este lugar é seu por direito de sangue. Deveria deixá-lo sem ele?

Quando a mentira deixou seus lábios, Tarian sentiu outra pontada de culpa. Enquanto que era legítima herdeira, por vontade de Malcor, o menino não o era por sangue. Mas o que importava? Se casasse de novo, não seria esse menino herdeiro de tudo o que era dele? Respirou profundamente. O correto era conceder



Briarhurst a Rangor, pois era a sede do condado, mas se o fizesse, as pessoas questionariam seus motivos, se houvesse um menino, então ele seria aos olhos do mundo, herdeiro legítimo de tudo.

Fechou os olhos.

— Brighid, me deixe sozinha. Canso-me de falar. Deixe-me dormir.

Pareceu-lhe só um momento até que amavelmente foi sacudida para despertar.

— Milady — chamou Edith brandamente. — Venha e coma, há comida à sua disposição.

Pouco a pouco Tarian despertou, e havendo certamente comida, comeu avidamente.

— A ferida estava infectada? — perguntou a Edith enquanto bebia uma taça de vinho.

— Não me permitiu vê-la.

Tarian negou com a cabeça.

— Cavaleiro tolo. Acabará com um coto na perna.

— Ele pediu que você fosse uma vez que tivesse comido.

Tarian quase se engasgou com a parte de carne que mastigava.

— Não irei!

— Também negou a ajuda de seu escudeiro.

— Não serei cutucada pela culpa de cuidar dele. Se não for o suficientemente homem para despir-se e permanecer sentado em meu quarto, então não deve estar sofrendo muita dor. Ele virá para mim em meus termos, quando a dor for insuportável.

Terminou sua comida, despiu-se e se afundou nas suaves roupas frias do leito. Mas os sonhos uma vez mais a incomodaram sem cessar. Desta vez era Wulfson, nu e estendido ao seu lado na grande cama, suas ásperas mãos deslizando-se pelo corpo e descansando sobre o inchado ventre. Beijou-a ali e seu filho se moveu com força sob sua mão. Ele a olhou nos olhos, o amor ardendo brilhantemente neles. Quando baixou seus lábios para beijá-la no ventre de novo, ele moveu sua outra mão de trás das costas o brilho de uma lâmina brilhou no sol da manhã. Ele a baixou.

Tarian despertou gritando. Aterrorizada e respirando tão fortemente que quase se sufocou, não podia obter suficiente ar. Brighid, Edith, e Noelth trataram de tranquilizá-la, mas não podia acalmar-se. Balançou-se para frente e para trás na cama abraçando o ventre, enquanto quentes lágrimas corriam pelas bochechas.

Um golpe soou na porta pouco depois. Edith se apressou para ela e Tarian ouviu a profunda voz de Wulfson. Ela gritou e se deslizou contra o cabeceira.

— *Nay*, não o deixem entrar!



Wulfson não acatou a ordem. Abriu passo ao lado da criada e entrou no quarto. As mulheres ficaram sem fôlego com seu estado de nudez. Levava só suas cuecas. Ele retirou as pesadas cortinas que rodeavam a cama e parou em seco. Os selvagens cabelos de Tarian formavam redemoinhos ao seu redor e seus azuis olhos muito abertos estavam vermelhos e brilhavam com lágrimas. Agarrava um travesseiro contra seu ventre e negava lentamente com a cabeça. Tinha o aspecto de uma louca. Mas, mais profundo que isso, era um profundo sentimento de medo. Como um animal ferido. O coração derreteu-se um pouco então. Levava seu orgulho como sua honra, como uma barreira protetora contra o mundo. Ele entendeu, ele tinha vivido ele próprio, mas ela jogava em um mundo de homens e ele não podia culpá-la por seu medo e seu colapso. Apertou a mandíbula. E ele só acrescentava ao seu sofrimento. Enviaria outro mensageiro para dar pressa a Warner. E ele iria invocar um caso diferente ao seu Rei.

Aproximou-se dela e ela gritou, apertando-se mais forte contra a cabeceira.

— Não te farei mal, Tarian — ele a tranquilizou.

Ela negou com a cabeça, mas, pouco a pouco, viu retroceder o medo de seus olhos.

— Ela tem medo pelo bebê —ofereceu Brighid.

Wulfson ficou rígido e não gostou da opressão no estômago diante da ideia de que Tarian levasse um filho de outro homem.

— Ela está? Grávida? — perguntou, olhando a criada esperando a resposta.

A anciã encolheu os ombros.

— Talvez. Outro par de semanas e saberemos com certeza.

Wulfson grunhiu e voltou para Tarian, que, embora ainda apertasse o travesseiro contra ela, havia relaxado o suficiente para não parecer como parte da cabeceira de madeira esculpida.

Voltou-se para as três mulheres que revoavam como moscas ao redor do leito.

— Vão para a sala, desejo umas palavras em particular com a senhora — as três ficaram boquiabertas — Não tenho intenção de machucá-la. Agora vão e fechem a porta!

Elas saltaram pelo seu tom e, quando ouviu fechar a porta, voltou-se para Tarian. Ela tinha se mudado para a outra borda da cama.

— Por que estava gritando?

Ela fechou os olhos, logo lentamente os abriu.

— Um pesadelo.

Ele exalou um comprido suspiro.

Lutou com o desejo de consolá-la, embora soubesse que não poderia lhe oferecer nenhuma promessa. A palavra de William era definitiva e a menos que Wulfson desafiasse seu Rei e pusesse preço pela sua cabeça, não podia fazer nada mais que obedecer. A ideia disso o colocou doente. Não era um assassino. Era um soldado, encontrava-se com seus inimigos cara a cara no campo de



batalha. Não ia às escondidas e se escondia nas sombras só para cravar uma adaga no coração de uma mulher nobre. Era uma maneira covarde, não a sua.

Passou a mão pela boca e queixo.

— Tarian...

Ela negou com a cabeça.

— Não, não faça promessas que não possa cumprir. Deixe-me.

Ele assentiu com a cabeça e se retirou. Quando abriu a porta do quarto as três mulheres caíram sobre ele. Brighid gritou quando sua mão roçou o duro ventre, e as duas criadas gorjearam como colegiais. Ele as ignorou e caminhou lentamente pelo corredor até seu aposento. E a cada passada a ira crescia. Sua frustração, e seu senso de certo e errado: em suas vísceras, soube que o que seu Rei o tinha pedido estava errado.

*P*assou os dias seguintes longe de Draceadon. Ele e seus homens, com um punhado dos de Gareth, patrulharam as terras afastadas. Não tinha mentido quando disse a Tarian que gostava da paisagem. O tempo tinha chegado a ser muito mais agradável, e descobriu que gostava do clima ensolarado e suave inspirado com chuvas ocasionais. As colinas eram exuberantes e verdes, abundantes recursos, e embora as pessoas fossem ásperas e em ocasiões adversas, foram rapidamente controlados.

Quando voltaram no quarto dia, Wulfson se surpreendeu ao ver Tarian trabalhando com o cinza e Thorin, a quem tinha deixado a cargo, instruindo-a na antiga arte grega de manobras da cavalaria. Franziu o cenho, sentindo uma pequena pontada de ciúmes por ser seu amigo que ensinasse à dama o que tinha pedido a ele. Olhou-a, ainda surpreso por seu descarado traje. Levava postas botas de couro, meias de lã, uma única camisa e um espartilho acolchoado de suave pele. Quando ela tirou sua espada e, com as pernas, ordenou ao cinza parar, desviou e empurrou primeiro para um lado, e depois para o outro.

O garanhão ansioso por sua parte saracoteou como um siri de lado a lado. Thorin gritou-lhe.

— *Nay, nay, nay!* Não pode ensiná-lo a parar com suas mãos para depois com suas oscilações com a espada dar-lhe outra ordem com suas pernas.

— Não fiz isso!

— *Aye*, fez. Seu traseiro estava levantado da sela enquanto suas pernas pressionavam e as esporas se cravavam nele. Você o confundiu. Ele deve confiar em suas ordens, Tarian, ou se assustará quando você necessitar de sua calma mais que tudo.

Wulfson franziu o cenho diante da familiaridade com que Thorin falou com ela. Insistiu ao negro para adiantar-se e Tarian levantou a vista de Thorin, que estava colocando as pernas na posição adequada para parar e manter o cavalo.

Thorin se virou e seguiu seu olhar.

— *Aye*, voltaram! — E falou com todos os homens — Encontraram galeses espreitando nos arbustos?



Wulfson desmontou. Rolf rapidamente tomou as rédeas, junto com o elmo e as gauntlets. Wulfson jogou para trás o capuz e passou as mãos pelo úmido cabelo.

— Uns poucos, mas correram como covardes que são. — Olhou além de Thorin para Tarian, que estava sentada em silêncio sobre seu cavalo — Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça.

Wulfson não podia pensar em nada mais expressivo a dizer-lhe, então, perguntou a Thorin:

—Warner voltou?

— *Nay*, mas o bastardo Ednoth veio duas vezes para falar com você.

Pôde ver o corpo de Tarian ficar rígido. Ela se apeou e se dirigiu para Wulfson, levando seu cavalo com ela.

— Reclama o condado. Eu nunca apresentaria o testamento até o momento em que retornasse. Garanto-lhe que é válido. Não só Edith e esse patife Ruin testemunharam com suas assinaturas, mas o Padre Dudley também. Todos eles podem ser trazidos como testemunhas pessoais.

— Primeiro você tem que apresentar o documento.

— Tenho ele aqui, e com gosto o apresentarei, mas se não se importa eu gostaria que o assunto fosse tratado em privado.

Wulfson assentiu com a cabeça.

— Não vejo mal nisso. Antes preciso de um bom banho. — Sorriu e piscou um olho para Thorin. — Como a senhora da mansão, não é sua tarefa providenciar o banho de todos seus hóspedes?

Ele viu como a cor inundava suas bochechas. Sorriu mais amplamente. Ela inclinou a cabeça o suficiente para reconhecê-lo.

— Me encarregarei de meu cavalo e depois do seu banho. — Girou sobre os calcanhares e se dirigiu aos estábulos, com as costas tão rígidas quanto sua espada.

Thorin riu e lhe deu uma palmada nas costas.

— É melhor homem que eu, Wulf, para lutar com esse gato selvagem. Juro que é uma estudante ativa, mais uma distração também.

Wulfson só pôde assentir com a cabeça, porque não estava certo de que, se falasse, suas palavras não fossem interpretadas como um desafio para seu amigo. E uma coisa que os homens nunca tinham feito era brigar por uma mulher. Compartilhar? Em abundância, mas nunca brigaram por uma e Wulfson descobriu que definitivamente disputaria sobre esta. Tinha passado os últimos quatro dias na sela, com nada mais que pensamentos de um tipo completamente diferente de subida, e o único rosto que apareceu em suas fantasias e sonhos de noite foi o dessa bruxa de olhos azuis, Tarian Godwinson.



Capítulo 16

Quando introduziu seu dolorido corpo dentro da tina de madeira de água quente e sabão, Wulfson não pôde evitar um profundo suspiro.

— Ah, é o céu.

Durante um comprido momento se reclinou na grande banheira, com os olhos fechados e a cabeça contra o respaldo, permitindo que o calor da água se filtrasse nos cansados músculos. As feridas estavam cicatrizando, e faria com que Tarian cortasse os pontos das costas e da perna. Sorriu. Se fosse lento e cuidadoso, poderia seduzir a dama para que se despojasse de suas roupas para unir-se a ele na cama. Quando abriu os olhos e encontrou-a franzindo o cenho, suas esperanças se desvaneceram.

— Senhor, tenho muitas tarefas que necessitam de minha atenção. Assim, por favor, endireite-se de modo que possa te banhar e terminar a tarefa.

Ele fez o contrário, continuou inclinado e a criticou com seu sarcástico olhar.

— Você parece bem.

Ela se aproximou e inundou uma grossa esponja na água perto de seus pés, continuando, pôs uma barra de sabão nela e esfregou energicamente até que saiu espuma.

— Estou bastante bem.

— Bom o suficiente, eu vejo, para tomar lições de Thorin.

— Ele tem a paciência de um santo — levantou uma escura sobrancelha. — É mais do que posso dizer de alguns normandos que conheço.

Ele não rejeitou sua brincadeira.

— Você não me deu uma oportunidade. Sou um professor de considerável habilidade.

— Dei-lhe uma oportunidade. Você demonstrou que só têm um único objetivo, e que é para seu Rei. Aceitei. Agora aceitemos que não quero mais flertes com você.

Agarrou-lhe a mão e atirou dela para ele enquanto se sentava na banheira.

— Quer flertar com Thorin, então?

Seus olhos se arregalaram com genuína surpresa. Retirou bruscamente o braço do seu agarre e se sentou sobre os calcanhares.

— É o que pensa de mim? Uma puta de acampamento que viverá com qualquer homem por uma bagatela ou um bocado de comida?

Wulfson podia sentir o batimento do seu coração contra a parede do peito. O ciúme agarrado ao intestino. Não podia tirar da cabeça a visão de Tarian arqueando-se debaixo do Thorin. Olhou-a sem pestanejar, com vontade de acreditar nela, mas conhecia as mulheres muito bem.



— Que me classifique da mesma índole que a de outras mulheres só solidifica minha decisão. — Ensaboou a esponja um pouco mais e se mudou para as suas costas. Ele sentiu tocar a ferida que tinha costurado. — Os fios têm feito seu trabalho. Cortarei-os antes que a pele cresça sobre eles.

— Há tesouras no baú — disse ele em voz baixa, apontando para lá.

Sobressaltou-se quando ela passou os dedos pela cicatriz de novo, não por dor, mas sim pelo tato. Era um tolo, disse a si mesmo, um idiota por considerá-la como qualquer outra mulher. Era impossível que fosse, porque era diferente de qualquer outra que tivesse conhecido ou que alguma vez conheceria.

— Os pontos são frágeis, vou molhá-los, assim serão mais fáceis de cortar.

Wulfson apertou a mandíbula, sabendo que toda esperança de um tenro momento entre eles se fora. Ela o tinha abandonado, e embora entendesse seus motivos para agir assim, não feria de maneira menos profunda. Uma vez que o banho estava completo, disse a ele que se levantasse, e ele o fez a contragosto. Não podia ajudar a seu engrossado membro, pois embora ela não pudesse querer-lo, seu desejo por ela não foi reprimido. Ouviu seu suave ofego, e tinha um humor tão azedo que reduziu a importância.

— Está a salvo de mim, Tarian, ignore.

Ela se apressou em secá-lo, e uma vez feito, assinalou-lhe a cadeira que tinham mais perto. Ele envolveu o tecido ao redor da cintura e se sentou.

Quando se aproximou dele com as tesouras seu olhar se centrou sobre ela, e viu o medo em seus olhos. Seu intestino se retorceu, como se tivesse alguma enfermidade. Amaldiçoou em voz baixa e se levantou.

— Não te farei mal esta noite! *Jesus!* Não me olhe assim!

Ela assentiu com a cabeça, e fez um gesto para que ele se sentasse. A contragosto, sentou. Sua mão era suave com a tesoura, não sentiu nem sequer uma espetada quando ela cortou e tirou os fios do ombro. Viu o rubor em seu rosto quando aproximou um tamborete e pressionou-lhe as coxas para abri-las. A dureza se acalmou, mas com seu toque na coxa mais perto do que o faria um homem, encorpou-se.

— Ignore — disse ele.

Olhou-o, e ele se sentiu aliviado ao ver um brilho em seus olhos.

— Será difícil, é muito intruso.

Mas se instalou entre suas coxas como tinha feito há quase duas semanas, e como tinha ocorrido então, ele levantou-se contra seu flanco. Wulfson apertou os dentes e sofreu o inferno de tê-la tão perto, mas não poder tocá-la.

Ela retirou a roupa e olhou a limpa cicatriz e logo voltou seu rosto para ele.

— Está curado.

Ele assentiu com a cabeça.

— Aye.

— Mas...? — entreabriu os olhos e viu sua armadilha emergir em seu rosto — Nunca se infectou!



Ele sorriu, envergonhado.

— Você me descobriu. Era um truque para estar a sós com você.

— Você não tem honra!

— Nunca reclamei nenhuma.

Ela sacudiu a cabeça e rapidamente se ocupou dos pontos. Uma vez que estava terminado, tentou afastar-se dele, mas Wulfson a atraiu para seus braços com uma mão suave. Quando ela se voltou, com os olhos muito abertos, ele negou com a cabeça.

— Não te farei mal, nem vou tentar te seduzir — seu pênis se moveu ao dizer as palavras, e os dois retiveram o fôlego. — Minhas desculpas, parece que não posso me controlar quando você está perto.

Ela tremeu em seus braços, e ele quis acreditar que era porque a fazia sentir o mesmo calor que ele sentia.

— Tenho que te fazer uma pergunta — disse ele em voz baixa.

Assentindo lentamente com a cabeça, Tarian, disse:

— Pergunte.

— A última vez que estivemos assim, fiz algo que a desagradou?

A cor alagou suas bochechas, baixou seu olhar e logo se afastou. E negou com a cabeça, sem olhá-lo.

— Você me agradou enormemente. — Ele sussurrou, afastando o cabelo da face e virando-a para ele — Como nenhuma outra antes. Assim não acredite que te comparo com outras mulheres. Está acima de todas elas.

Os olhos dela se umedeceram.

— Por que me diz essas coisas?

— Porque é a verdade.

— *Nay*, como pode dizê-las quando uma noite te encontrarei perto de minha cama com sua adaga na mão?

Ele ficou rígido e falou com muito cuidado.

— Já te disse uma vez que meu Rei não era um idiota. Confio nele para tomar a decisão correta com base em toda a informação que apresentei a ele.

— Mas, como poderia? Seu homem se foi faz um mês!

— Enviei-lhe outro mensageiro, Tarian.

Seu corpo ficou rígido, mas viu um abrandamento em seus olhos.

— Você fez isso? Por quê?

Sua larga cabeleira caía para frente, ele a afastou.

— Porque acredito que te destruir seria uma injustiça para todos nós.

Seus luminosos olhos brilharam a luz das velas.

— Realmente crê nisso? — perguntou em voz baixa.

Ele assentiu com a cabeça, retirou-a de seu colo e se levantou.



— Aye, acredito. Agora, vá daqui antes que te mostre o homem violento que posso ser.

Não hesitou em abandonar o quarto. E ele se alegrou com isso. Sua coragem foi mais uma vez empurrada à beira do abismo. Não sabia quanto tempo poderia suportar tê-la tão perto de sua mão e não perder-se nela.

Tarian quase tinha acabado de trocar de roupa quando alguém bateu na porta. Edith abriu e Gareth apareceu na soleira. No momento em que viu seu rosto, soube que Warner tinha sido detido e que a notícia não estava a seu favor.

— Avance Gareth. Feche a porta e tranque com ferrolho.

Assim o fez, e enquanto ele se aproximava deu-lhe a notícia.

— A ordem está vigente. — Não era uma pergunta, mas uma declaração da verdade. Seu guarda empalideceu e assentiu. — O que fez com o normando?

— Nossos homens o detiveram além de Wycliffe. Não sofreu danos, o que não posso dizer de sua guarda. Dois homens morreram, um está ferido com gravidade e ficaram três para dominar o cavaleiro e seu escudeiro. Têm uns inchaços, mas sobreviverão.

— Wulfson enviou outro mensageiro a William. Com mais informação, assim como uma súplica mais forte. Temo que seu Rei se enfurecerá por não acatar sua primeira ordem e Wulfson perderá seu favorecimento, e ao fazê-lo, não terei nenhuma possibilidade.

— Milady — declarou Edith — deve fugir para Gales, onde será bem-vinda, ou para a Escócia, onde não há normandos.

Tarian assentiu com a cabeça, embora não fosse uma decisão fácil de tomar, era seu dever sobreviver. Se Deus quisesse, estaria de volta. Seu coração desejava ficar aqui. Um nó apertado formou-se em seu ventre. Lenta e dolorosamente subiu até a garganta.

— Gareth, prepare-se para deixar este lugar. Sairemos durante a noite. Faça que os homens saiam, de dois em dois, em silêncio para não levantar suspeitas. Edie, verifique que estejamos aprovisionados, mas não muito, para não chamar a atenção. Demoraremos uns dias e logo nos reuniremos com quem sobrou e escaparemos sob o manto da noite. — Mordeu o lábio inferior — Lorde Alewith deveria ser informado da situação. Ele dará conhecimento esta noite que ele e Brighid voltarão para Turnsly um dia depois de amanhã. Pedirei aos homens que se reúnam conosco além da encruzilhada de Shrewsbury. A partir daí nos moveremos para oeste, e esperemos ter bastante vantagem sobre os normandos.

— Aonde iremos? — perguntou Edith retorcendo as mãos.

— A Gales, mas Edith, deve ficar aqui. A viagem é muito perigosa, e os normandos nos seguirão. Uma vez que esteja resolvido mandarei chamá-la.

— Nay, vou com você!

Tarian tomou-a pelos ombros e a sacudiu.

— Ficará aqui! Não quero sua morte em minhas mãos. — Tarian abraçou a anciã, muito emocionada — Por favor, Edith, não faça isto mais difícil para mim.



A velha chorava em seus braços, mas assentiu com a cabeça.

— E nenhuma palavra a ninguém, sobretudo Brighid ou Noelth.

Quando Wulfson desceu ao salão encontrou que ali barulho e calor. Muitas pessoas se amontoavam no interior, a maioria em busca do jantar. A senhora da casa era muito generosa com as provisões, mas depois da exibição em Dunloc, vários dias antes, não podia culpá-la. A forma mais rápida para comprar a lealdade de um homem era enchendo-lhe a barriga.

Quando o vigia gritou que se aproximavam cavaleiros, as tripas de Wulfson caíram aos pés e o temor o alagou. Era Warner, e sabia que as notícias não seriam boas. Seus homens saíram atrás dele. Um sorriso rachou a cara de Wulfson.

— Rohan! — gritou e se dirigiu para o cavaleiro, que, quando viu Wulfson e os outros Espadas de Sangue, instigou seu cavalo ao trote. O corpulento africano, Manhku, estava ao seu lado.

Quando Rohan e Manhku desmontaram, os cavaleiros riram e lhes deram uma palmada nas costas a cada um. Pela primeira vez desde dezembro estavam como tinham sido durante anos, uma força conjunta mais que formidável a ser considerada.

— Tenho um filho! — gritou Rohan — Um filho saudável e vigoroso!

Os homens deram uma ovação, e mais palmadas nas costas e felicitações seguiram. Como um se moveram para o grande salão.

— Abram os barris de vinho, pois esta noite celebramos! — notificou Wulfson aos serventes.

— Como está passando sua senhora? — perguntou Thorin, com o rosto quase dividido pela metade com seu sorriso.

— Ela está bem. O bebê chegou mais cedo, mas não lhe deu nenhum problema. É um lutador.

Stefan deu uma palmada em suas costas e riu entre dentes:

— Como sua mãe!

— Não duvido que no próximo ano terão outro! — riu entre dentes Wulfson — Como chamaram o menino?

— Stephen Geoffrey William du Luc.

— É um nome muito digno, meu amigo — disse Wulfson, mais que feliz por seu companheiro.

Rohan sorriu, tirou o elmo e o jogou em seu ruivo escudeiro.

Os olhos do Wulfson se alargaram.

— Russell, é quase um homem.

O moço sorriu.

— Em dois anos terei minhas esporas.

— Acredito que não, moço — disse Manhku em seu forte acento francês.



— Manhku, como vai a perna? — perguntou Rorick, colocando taças de vinho em suas mãos.

Com as taças cheias e uma na mão de cada homem, Wulfson a elevou por cima da cabeça.

— Pelo Rohan du Luc, seu novo filho e sua esposa, Isabel!

Os homens gritaram e beberam.

Uma vez que estavam sentados juntos e se acalmaram um pouco, Wulfson perguntou:

— O que retém Warner?

Rohan franziu o cenho.

— Não está aqui? Saiu dois dias antes de nós.

Os homens se olharam, perplexos. Então falou Wulfson.

— Ele não gosta de perder tempo, sobretudo quando leva uma mensagem de William.

— Aye, parecia ter pressa em voltar a você. Perdeu muito tempo esperando que baixassem as marés na Normandia para vir. Disse que tinha uma mensagem urgente para você.

— Disse o que era?— perguntou Rhys.

Rohan negou com a cabeça e terminou seu vinho. Um criado rapidamente o reabasteceu.

— Nay, não disse, mas não parecia contente.

Rhys imitou o semblante carrancudo de Wulfson. Rohan olhou para os homens, logo depois de volta a Wulfson.

— O que está acontecendo, Wulf?

— Bebam e comam, depois informaremos o que ocorre aqui.

Rohan olhou para os homens e todos sacudiram as cabeças.

— Trouxe meio esquadrão de homens comigo. Todos cavaleiros, além de quatro escudeiros, que, embora acreditem que estão preparados para a batalha, eu os usaria só como último recurso. A que inimigos nós enfrentaremos?

— Os galeses, para citar primeiro, o tio da senhora do casarão, para nomear o segundo. — Rorick olhou ao redor do salão. Vários dos homens da Lady Tarian os olhavam, não muito felizes com os recém chegados. — E a guarda da dama, o terceiro.

— *Jesus!* Estão rodeados pelo inimigo e, entretanto, todos parecem se moverem confortavelmente.

— É uma trégua incômoda.

— Vamos, conte-me sobre a intriga deste interessante lugar. Fui negligenciado estes últimos meses. Tenho sede de uma boa briga.

Wulfson espantou os criados, e os homens formaram um estreito círculo.



— A dama de Dunloc é nada menos que a filha ilegítima de Sweyn Godwinson com uma abadessa do Gales.

— Como é isso? — perguntou Rohan surpreso.

— Há uns vinte anos, o bárbaro sequestrou a abadessa de sua abadia e durante um ano a manteve como refém. Lady Tarian é o resultado.

Rohan sacudiu a cabeça.

— É lamentável.

— *Aye*, por isso ela é sobrinha de Harold e seu marido morto, o conde Malcor, está relacionado com todos os malditos Reis galeses que existem, e pode estar grávida, o menino estará vinculado aos galeses como esteve seu pai.

Rohan assentiu com a cabeça. E quando o fez, seu rosto ficou tenso.

— William?

— Quer que todos os rastros de todos os Godwinson sejam eliminados.

— *Jesus!* Assassinar uma mulher da nobreza?

Todos os homens assentiram.

— Está grávida? — perguntou Rohan.

— O tempo dirá. Mas as coisas se tornaram mais complicadas, e acredito que William age de forma precipitada. Enviei Warner com uma mensagem pedindo reconsideração quando me inteirei de suas conexões galesas. Rhiwallon de Powys já enviou um comboio para buscá-la. Ela se negou a ir.

— Sabe por que estão aqui?

Wulfson assentiu lentamente.

— Quando chegamos, estava às portas da morte na masmorra, eu estive inclinado de fazer ali a ação, mas...

— Quando conhecerem a senhora compreenderão — abonou Thorin.

Wulfson negou com a cabeça.

— *Nay*, foi mais que isso. Seu tio por matrimônio, Rangor de Lerwick, elogiou sua genealogia. Fez parecer como se estivesse grávida, e que se a prejudicássemos, sentiríamos a ira dos galeses em nós.

— Crê nisso?

— *Aye*, acreditava então, e acredito mais agora. Tenho todas as razões para suspeitar que os galeses reunirão uma força para tirá-la daqui. Aliaram-se com o diabo Edric. Eles a querem por todas as razões que William não a quer. E enquanto todos nós aspiramos guerrear, não acredito prudente lançar William em uma guerra total contra os galeses neste momento.

— Onde está ela agora? — perguntou Rohan, obviamente intrigado.

Wulfson inclinou a cabeça sobre seu ombro para a escada.

— Ali acima, sem dúvida, tramando a forma mais fácil de me separar a cabeça dos ombros.

— Então Warner levava a resposta de William?



Todos assentiram. Rohan assobiou e negou com a cabeça. Logo levantou a vista e deixou cair o queixo. Todos se voltaram quando Tarian descia para o salão em toda sua glória, com a espada presa a seu cinturão de couro.

Ioan deu uma cotovelada em Rohan.

— Ela empunha a espada como um homem.

— E dispara uma flecha com mais precisão que todos nós juntos — disse Rhys.

— Lutou ao lado de Harold em Stamford Bridge e Senlac Hill — adicionou Stefan.

— Wulfson — disse Rohan solenemente — tem meus mais sentidos pêsames.



Capítulo 17

Tarian quase perdeu o equilíbrio quando baixava ao salão e viu o novo afluxo de cavaleiros. Poderia o pesadelo em que se converteu sua vida fazer-se ainda mais sombrio? Continuou para a quente, úmida área, e forçou um sorriso quando Wulfson e seus homens, junto com os novos rostos, levantaram-se.

Wulfson deu um passo adiante, como se fosse lhe oferecer seu braço, mas vacilou. Em seu lugar, Thorin fez a honra. Colocando a mão no musculoso antebraço, Tarian sorriu- lhe graciosamente acima para o seu agradável rosto. Seu comprido cabelo loiro era tão glorioso como o de qualquer mulher, e seus olhos castanhos profundos viu mais que os dois da maioria dos homens. E como seus irmãos de armas, ele usava a mesma cicatriz em forma de meia-lua no queixo, e ao aproximar-se de mais cavaleiros e de um enorme gigante de ébano, deu-se conta imediatamente de que também tinham a mesma cicatriz no queixo. Mais Espadas de Sangue? O que vinculava esses homens com tanta força?

— Lady Tarian, apresento-lhe Lorde Rohan de Alethorpe, Dunleavy, e Wilshire, e seu par, Sir Manhku — introduziu Thorin.

Tarian estendeu a mão, e Rohan a tomou entre as suas. Sua força e calor inundou-lhe os sentidos. Era tão enigmático como outros, havia algo diferente, algo especial, algo sombrio e sobrenatural em todos eles. Coletivamente, recordavam aos demônios a cavalo. Pressionou-lhe seus lábios na mão quando fez uma breve reverência.

— Sinto-me honrado em conhecê-la, Lady Tarian.

Ela devolveu seu gesto com uma curta reverência.

— Como eu a você.

Manhku clareou a garganta e a olhou como se esperasse que ela arrancasse os cabelos e saísse correndo gritando. Pelo contrário, sorriu para ele e estendeu-lhe a mão.

— Sir Manhku? Um nome interessante. — Torpemente, tomou a mão e pressionou seus lábios contra a pele, logo a soltou e precipitadamente retrocedeu.

Ele assentiu com a cabeça e retumbou:

— Milady.

Tarian riu, divertida por seu comportamento arisco.

— Asseguro sir cavaleiro, que não mordo, embora seja conhecida por cortar uma ou duas cabeças.

Voltou-se para Wulfson.

— Está tão cansado que não pode fazer as apropriadas apresentações? — antes que lhe permitisse responder, Tarian se voltou para o Thorin — Sir Thorin, mostre sua nobre criação. Acompanha-me à mesa? Estou esfomeada.



Seu fluído de paquera foi recompensado com um espesso cenho de Wulfson. Embora desempenhasse o jogo, a fim de não atrair nenhuma atenção indevida para si ou a seus homens.

Quando Lorde Alewith se aproximou com sua filha, Wulfson se levantou e fez a ronda de apresentações. Brighid olhou fascinada as marca na cara do africano.

— É rude encarar, Brighid — disse Tarian em voz baixa.

Brighid se sacudiu e se apressou a pedir-lhe perdão. Sentou-se em frente a ele, junto a seu pai. Os trincheiros foram colocados, e quando Wulfson pediu a bênção, Alewith falou:

— O padre Dudley teve que sair para Silsby.

— Silsby? Mas isso é um povoado fronteiriço, um dia e meio a cavalo de distância. Necessitamos dele aqui — queixou-se Tarian.

De todas as testemunhas do testamento, ele era o mais importante.

Alewith sacudiu a cabeça.

— Houve uma epidemia, foi chamado para benzer as tumbas.

Tarian olhou para Wulfson, que tinha insistido em mantê-la em seu assento da esquerda.

— O padre Dudley foi testemunha do testamento de Malcor. Não está aqui para dar testemunho.

— Está Edith e o outro que mencionou?

Os olhos do Tarian se entreabriram quando captaram a figura de Ruin enquanto colocava um trincheiro de cordeiro em uma das mesas inferiores. Não confiava nele. Mas ele não mentiria. Não com o padre Dudley como testemunha.

— Ruin, criado do Malcor, em quem não confio. É leal a Rangor. Deveria ter enviado-o com ele. Essa sempre foi minha intenção.

— Depois da comida veremos o documento.

Tarian assentiu e inclinou a cabeça para o alimento. Estava morta de fome, e preocupada e temerosa de que sua marcha fosse descoberta. Captou o olhar de Gareth várias vezes durante a comida. Ignorou a folia dos cavaleiros. Não estava interessada em suas conquistas passadas. Estava voltada para a sua sobrevivência. Só queria acabar com a comida, validar o testamento e retornar ao seu aposento para preparar-se para a fuga. Mas isso não foi assim.

O sentinela avisou que alguém se aproximava.

Tarian apartou o trincheiro, surpreendida pelo visitante tardio. Ficou em pé, os homens também o fizeram, e esperaram.

Um grosso arbusto de cabelo vermelho delatou o visitante. A princípio pensou que Rangor tinha retornado, mas a roupa puída, disse o contrário. Era o meio irmão bastardo de Malcor, Ednoth. Para um homem que não tinha nada, entrou no castelo como se fosse o senhor por direito. Na maioria dos dias sua arrogância não teria incomodado, mas hoje, quando se sentia mais vulnerável do



que alguma vez houvesse estado, incomodou-se. Sua mão se moveu para o punho da Thyra. A grande mão quente de Wulfson cobriu a dela.

— Calma, milady, não mostre a mão tão rápido. — advertiu Wulfson em voz baixa.

Olhou-o, surpreendida, e encontrou seus olhos brilhando com travessura. Ele assentiu com a cabeça, tão sutilmente que não estava segura de havê-lo visto. Apresentou seu braço e a conduziu à poltrona do senhor e a sentou-a sobre ela, manteve-se em pé a sua direita e esperaram o homem que, uma vez que a viu sentada na cadeira do senhor rodeada de cavaleiros normandos, diminuiu o passo consideravelmente.

Ednoth se deteve diante Tarian e fez a adequada reverência para ela.

— Lady Tarian.

Para alguém cujo estômago estava batendo cheio de tensão, Tarian sorriu serenamente e balançou a cabeça.

— Ednoth. O que te traz a Draceadon?

Ele olhou para Wulfson, que estava informalmente ao seu lado e logo o olhar percorreu o círculo de cavaleiros atrás deles.

— Vim a expor minha reclamação como legítimo herdeiro de tudo o que era do conde Malcor.

O coração do Tarian pulsava com força contra o peito, mas de forma lenta, com a voz uniforme lhe perguntou:

— O que te dá direito a fazer tal reclamação?

— Sou o filho do conde Llewellyn. Seu único herdeiro varão sobrevivente. Tudo o que foi seu agora é meu, por nossas leis.

Tarian assentiu com a cabeça.

— Te escuto, Ednoth, mas esquece três fatos fundamentais. Em primeiro lugar, nenhuma investigação estabeleceu que o conde Llewellyn te reconhecesse oficialmente. — Ele abriu a boca para protestar, mas ela sustentou a mão em alto, com a palma aberta para ele — Me deixe terminar.

Ele deu um passo atrás e assentiu, mas a palidez se avermelhou enormemente.

— Em segundo lugar, ainda não se confirmou se levo um herdeiro. Mas mesmo que não leve, tenho um testamento válido, assinado pelo conde Malcor, o padre Dudley, minha criada Edith, e o criado de Malcor, Ruin. O documento afirma que tudo o que pertencia ao conde Malcor voltará para mim, sua legítima esposa, com sua morte.

— Mas você o assassinou! — gritou Ednoth.

O salão ficou em silêncio, e Wulfson deu um passo adiante.

— Verificou-se, Ednoth, que a vida da dama estava em perigo. Fez o que qualquer pessoa faria. Defendeu-se. Não escutarei mais denúncias de assassinato!

Ednoth empalideceu.



— Insisto que as testemunhas se adiantem e falem, e como irmão de sangue do Malcor, exijo ver o documento!

— Ednoth, — disse Tarian com paciência — não entende. Não tenho nenhuma obrigação legal de mostrar as testemunhas ou apresentar o documento. Não tem nenhuma reclamação.

— Isso é uma fraude! — gritou Ruin da multidão.

Tarian ficou sem fôlego, e Wulfson inclinou a cabeça a Rhys para que apanhasse o arrogante.

Arrastou Ruin chutando e chiando para eles. Tarian ficou em pé.

— Que mentiras vomita agora?

Ruin entreabriu os olhos perigosamente. Olhou de Tarian para Gareth, que estava à sua esquerda.

— Ela não assassinou o milord, — assinalou com o comprido e ossudo dedo ao Gareth — foi ele, seu guarda. Estava ciumento e não podia suportar que meu senhor a tocasse!

Gareth se aproximou silencioso, furioso pela ridícula acusação, mas Tarian virou e desceu para enfrentar Ruin.

— É um mentiroso de primeira ordem, Ruin. Malcor era tão retorcido como você, e quando não pôde estar à altura da oportunidade me bateu. Agarrou minha espada e a pôs em meu pescoço, assim extraí a adaga de seu cinturão e fatiei-lhe o pescoço. Não ponha a culpa onde não pertence.

Tarian se voltou para Wulfson, logo depois retornou para a multidão.

— Escutem a verdade. Malcor era um perverso, tinha a alma retorcida. Conseguia prazer infligindo dor. Foi Ruin quem prometeu aos meninos do povo que se viessem ao salão e se sentassem com o conde, seriam generosamente recompensados.

Levantou a vista para Wulfson.

— Edith dará testemunho de que Malcor estava por uma vez em seu salão julgado quando fez os monges elaborarem o documento. O padre Dudley confirmará a afirmativa — voltou-se para Gareth — leve-o ao lugar onde desfrutava tão bem seu amor. E deixem que repense a verdade.

Gareth tomou Ruin, que gritava como uma mulher quando o levaram. Tarian voltou à atenção para o Ednoth.

— Não tem direito. Se persistir, levarei minha reclamação ao Rei. Não assombre minha porta de novo, a menos que esteja disposto a aceitar sua sorte aqui.

Sua fúria era visível, mas pelo bem de sua vida, Ednoth lhe fez uma leve reverência e se retirou.

Tarian se voltou para Wulfson.

— Por favor, venha ao meu quarto, e mostrarei-lhe o documento. — Olhou atrás dele para os seus homens — Traga-os com você.



O grande aposento diminuiu muito em tamanho, tão cheia de enormes cavaleiros. Tarian se dirigiu para o seu grande baú e levantou a tampa, logo deslizou um painel secreto para um lado. Ali, enrolado com o selo intacto do conde, estava um pergaminho, e ela o entregou a Wulfson. Ele o tomou e se moveu a uma pequena mesa onde um candelabro iluminava o cômodo.

Ele olhou para ela.

— Rompa o selo e veja por você mesmo. — disse ela.

Assim o fez, e à medida que lia, seus homens o rodearam. Estava em latim, dando testemunho e marcado pelo padre Dudley, Edith, e Ruin.

— Onde está sua criada? — perguntou Wulfson.

— Estou aqui, milord. — disse Edith, oscilando a cabeça e adiantando-se.

— Qual assinatura é a sua? — perguntou-lhe Wulfson enquanto assinalava o documento.

Ela apontou a única escrita crua.

— Apreendi menina à letra que meu nome começava. Utilizei-a só um punhado de vezes em minha vida. Mas essa é minha marca. O padre Dudley elaborou o documento e o padre Michael nos leu. — levantou isso a vista para o Wulfson e continuou — Foi desejo do conde Malcor que milady tivesse tudo.

— Por quê? Porque foi obrigado a casar-se com ela na ponta de espada?

Edith se iluminou com um sorriso ardiloso.

— Milady recordou-o que queimaria no inferno por seus pecados na terra. Não tinha todo o coração negro. Viu a justiça em fazer o correto por ela quando ele tinha feito tanto mal em tão pouco tempo. Ele implorou-lhe por sua promessa de pagar uma esmola se morresse antes que ela.

Wulfson arqueou uma sobrancelha.

— E ela o fez?

Edith riu.

— *Nay*, ela nunca prometeu a ele e nada foi comprado. Ele foi a semente do diabo. Os fogos do inferno são muito bons para o dano que fez.

Wulfson se voltou e olhou fixamente Tarian.

— Por que mentiria seu criado?

Ela se divertiu.

— É o que faz. Tem ressentimento por mim desde o dia que cheguei aqui. Já não tinha controle sobre Malcor. Eu não permitia que os moços fossem trazido aqui. Ruin é tão retorcido como foi meu defunto marido.

— Está segura que Ednoth nunca foi reconhecido por Llewellyn?

— Malcor nunca mencionou Ednoth. Todos os documentos relativos ao condado se encontram em Briarhurst a dois dias de cavalo daqui. — E quando mencionou a localização dos documentos ela decidiu seus planos.

Iriam ali primeiro, recolheriam-no e, continuando, iriam para o oeste de Gales.



Levantou a vista para Wulfson.

— Com sua permissão, eu gostaria de enviar um punhado de meus homens imediatamente para garantir o castelo. Temo que Rangor possa ter suas próprias intenções sobre os documentos. Devia ter previsto isto anteriormente.

Ela observou Wulfson pensando em sua solicitação. Ele assentiu com a cabeça.

— Enviarei vários de meus homens de apoio.

Tarian não se atreveu a discutir. Não só era a desculpa perfeita para liberar ao Draceadon de seus homens e aumentar os seus, mas sim deixaria a vários dos homens do Wulfson fora do caminho. Daria instruções a seus homens que logo que se apresentasse a oportunidade, deviam desarmar aos cavaleiros e considerá-los reféns. E quantos menos homens de Wulfson houvesse ali, menos iriam atrás dela.

— Obrigada.

Wulfson enrolou o pergaminho e o entregou de novo a ela.

— Volte a selar isto.

Ela tomou.

— Farei, mas há outras duas cópias se por acaso esta desaparecer misteriosamente.

Ele arqueou uma sobrancelha, sem estar seguro se ela quis dizer como uma ameaça. Ofereceu-lhe um sorriso.

E assim, no dia seguinte quando o sol rompeu o horizonte do oeste, dez dos homens do Tarian partiram com dois dos cavaleiros que sir Rohan havia trazido com ele. Seus homens tinham recebido instruções para desarmá-los, desmontá-los e mantê-los até que ela se reunisse com eles. No momento em que os deixassem ir e eles voltassem para Draceadon, ela estaria muito longe.

Lorde Alewith também deixou Draceadon, com Brighid e, poderia dizer, para a infelicidade de Rhys. Mas era o melhor para a menina. Alewith se reuniria com eles dentro de quatro dias no Briarhurst.

Tarian estava tão nervosa como um camundongo, e encontrou dificuldades para agir como se tudo fosse normal. Os olhos de Wulfson sempre pareciam estar sobre ela, mas quando se voltava para confrontá-lo estava ocupado em outra coisa. Encontrou sua paciente instrução na equitação inquietante. Muitas vezes, quando a tocava para mostrar-lhe o adequado movimento das pernas ou a forma correta das rédeas, sua pele tocava a dela e queimavam.

Cada vez que a ajudava a montar em Silversmith, suas mãos atrasavam muito tempo na cintura. No último dia antes de sua fuga, enquanto esfregava seu garanhão, Wulfson entrou no estábulo e pressionou-lhe as costas contra os grossos montes de palha fresca, e a rogou.

— Não posso pensar em nada mais que sua pele contra a minha, Tarian. Não posso dormir porque persegue meus sonhos. Alivie esta dor que sinto por você.



O corpo doía-lhe por ele, mas não queria ceder à paixão por esse homem. Lutou contra o que havia entre eles tão cruelmente como o fazia contra seu inimigo no campo de batalha. Porque sabia que se cedesse, a destruiria.

Ele era implacável. Naquela que ia ser sua última noite no Draceadon, Tarian pediu um banho quente. À medida em que deslizou na água aveludada e reclinava a cabeça para trás, fechando os olhos, houve um tumulto na porta.

— Milord, milady está indisposta neste momento! — disse Edith com aspereza.

— Nos deixe — disse Wulfson.

Tarian ficou sem fôlego, e se voltou com os braços cruzados sobre o peito para ver os olhos de predador de Wulfson penetrando-a da soleira. Entrou, e apesar dos gritos de Edith para que se fosse, empurrou-a para fora, fechou a porta e passou o ferrolho.

Quando se voltou para Tarian, apoiou-se contra a grossa porta, um premente sorriso torcia seus generosos lábios.

— A tortura está além de minha resistência, Tarian. Dê-me o que procuro.

Ela se recostou na tina, e sorriu como a megera que se sentia.

— Se não fizer isso, vai me estuprar? — Lentamente, ele negou com a cabeça — Então me deixe.

Negando com a cabeça outra vez ele se separou da porta e se dirigiu lentamente para ela, como se estivesse espreitando a um precavido passarinho. Ela o ignorou e continuou banhando-se. Em um sedutor movimento lento, ensaboou a esponja, e estendeu a perna direita pondo os dedos na beira da tina. Inclinando-se para diante, esfregou a espuma em lentos redemoinhos. Quando terminou com essa perna, lavou a outra da mesma maneira.

Viu que ela a observava, e apesar do desejo torturá-lo, a sua pele tinha esquentado mais que a água. Endireitou-se e arqueou as costas, subindo o braço e ensaboando-o.

Um agudo ofego do cavaleiro deixou sua pele mais quente. Ela pegou seus brilhantes olhos na luz das velas e sorriu.

— Como se sente sir cavaleiro, está tão desesperado por algo que você não pode ter que te corrói as entranhas?

— Torturante. — disse com voz pastosa.

Ela sorriu de novo e levantou devagar. Seus olhos se arregalaram ao tamanho de punhos. Como se estivesse sozinha, ensaboou os seios, e ofegou em um suspiro enquanto corria o suave linho pelos mamilos. Estavam cheios, sensível, e apertados. Os olhos de Wulfson se entreabriram. Pouco a pouco, negou com a cabeça, e logo baixou as mãos ao ventre e logo às coxas.

— Pare, Tarian, — sussurrou com voz rouca — pare, ou não serei responsável por minhas ações.

Ela sorriu e tomou a jarra de água limpa, e em um lento derramar a verteu pelo corpo, arrastando a espessa e cremosa espuma. Wulfson estava tão quieto como as paredes que os rodeavam. Saiu da tina, só a um palmo dele, e tratou de



alcançar os tecidos de linho dobrados a seu lado. Sua parte inferior roçou-lhe a coxa, e isso foi a faísca que o pôs em chamas. Agarrou-a pelos quadris e a atraiu nua contra si, sem mover as mãos de onde a tocava. Tarian ficou sem fôlego, mas não se moveu. Sentia sua quente longitude contra suas costas. Estava tão rígido como o aço, e sabia que ele travava uma tremenda batalha.

E ele não era o único. Sua paixão pelo homem que a segurava igualava-se à dele. Recostou-se contra ele, arqueando as costas, e mordeu os lábios para não gritar. As coxas estremeceram, e nunca tinha desejado nada tanto quanto a esse homem nesse momento. Mas não podia. Ele podia mantê-la em sua cama durante toda a noite, enchendo seu corpo uma e outra vez.

Ao pensar nisso um gemido escapou da garganta.

— Renda-se para mim, Tarian. — sussurrou roucamente contra seu ouvido.

Seu hálito quente agitou-a ainda mais.

— N... não posso — suspirou.

Girou-a em seus braços e agarrou-lhe uma mecha de seu cabelo, atirando-o para trás, obrigando-a a fazer contato visual com ele.

— Não pode ou não quer?

A outra mão deslizou baixando até seu traseiro, onde os dedos cavaram em sua delicada pele, pressionando-a com mais força contra ele. Ela fechou os olhos e afastou a visão dele tomando-a, como tinha feito naquela noite havia quase um mês, e a substituiu com o sonho dele afundando a sua adaga profundamente no seu ventre. Ficou rígida e sentiu a investida quente das lágrimas nos olhos. Sacudiu a cabeça e afogou um soluço.

— Por favor, Wulfson, não faça o que há entre nós mais difícil do que possa ser.

Seu rosto estava retorcido pela ira e paixão, mas viu em seus olhos que ele tinha entendido. E esse fato, sabendo que ele sabia tão bem quanto ela que poderia e devia ser o único que tirasse sua vida se William insistisse, deu-lhe a força para afastar-se dele. Deixou-a ir, e ela envolveu o lençol ao redor do corpo úmido.

— Por favor, vá. — disse ela em voz baixa.

Ele foi sem hesitar. Quando a porta se fechou atrás dele, Tarian se afundou no chão, o desespero enchendo cada parte de seu corpo, o coração mais especialmente. A dor se fez tão pesada que a respiração ficou difícil. Edith estava ali ao seu lado, e a deslocou até a grande cama.

— Tudo sairá bem, Tarian —acalmou-a acariciando-lhe a bochecha — Não matará a mãe de seu filho. — Pressionou a mão no plano ventre do Tarian — Em dois meses sentirá o movimento.

Tarian olhou a sua ama com os olhos chorosos.

— Como sabe que estou grávida?

— É cedo, admito isso, mas já mostra os sinais.

Tarian se sentou na cama e sacudiu a cabeça.



— Não me sinto diferente.

Edith sorriu.

— De verdade?

Ela negou com a cabeça.

— *Nay*, não me sinto.

— É normal a fadiga? Seus seios estão sensíveis ao tato? E durante os dois últimos dias recusou seu prato da manhã. — sorriu — Mas sobretudo, seu fluxo não chegou este mês.

E embora o pensamento do menino devesse ter agradado Tarian, não o fazia. Tinha sido concebido sob o mais falso dos pretextos, e nunca conheceria o amor de seu verdadeiro pai. Um pesado cansaço se apoderou dela nesse momento, e Tarian cedeu a ele.

— Desperte-me em quatro entalhes de vela, Edith. Então vamos fugir.

Wulfson não podia dormir. Cada som, cada rangido, cada chamada da coruja o irritava. Passeou pelo quarto, e cada vez que se girava tornava-se cada vez menor. Cada vez que olhava a tapeçaria desejava deslizar-se através dela e chegar ao quarto de Tarian. A fim de tê-la entre os braços e fazer amor. Mas ela não o queria, e não podia culpá-la.

Amaldiçoou, bebeu mais vinho de que devia, e quando o odre estava vazio, encontrou-se com a vela na mão atrás da porta secreta de sua habitação. Ia e vinha, sua luxúria travando uma colossal batalha com seu melhor julgamento. Por último, retirou-se.

Levantou-se antes do amanhecer, dirigindo-se ao salão, passeando entre seus homens que roncavam.

Enquanto estava em pé olhando a lareira, de repente ficou rígido. Olhou ao seu redor e não viu nenhum dos homens de Tarian. Gareth não tinha dormido em sua porta. Os cabelos de sua nuca arrepiaram. Correu pela escada ao quarto da dama e abriu a porta.

— Tarian? — gritou.

O silêncio se uniu a ele. Entrou no aposento, e seu aroma se filtrou em seus sentidos, mas sua cota de malha e sua espada não se encontravam!

Um profundo sentimento de pavor encheu tão completamente Wulfson que ele não podia respirar. E não tinha nada a ver com decepcionar ao seu Rei.

Deu meia volta, fugiu do quarto e correu escada abaixo, gritando:

— Levantem-se! Levantem-se! Às armas! A senhora fugiu!

Tarian cavalgou, literalmente, por sua vida. Com seus homens atrás dela e Gareth ao seu lado, sentia-se invencível se por acaso topassem com alguém, exceto Wulfson e seus cavaleiros. À medida que o sol apareceu sobre o horizonte ao leste, um severo frio infiltrou-se profundamente em seus ossos. O medo do que



ele faria se a apanhasse antes que cruzassem a fronteira galesa a aterrorizava. Mas mesmo sabendo do ele que era capaz não aliviava a dor no coração. Em alguma parte do caminho, apesar de tudo o que tinha acontecido, tinha cultivado mais que afeto pelo áspero cavaleiro.

Seu ventre se agitou de tal maneira que lhe deu vontade de vomitar. Não era pelo bebê, mas sim pelos nervos, a dor e o remorso. Quando atravessaram o estreito passo que os conduziria ao Briarhurst, a vontade de vomitar a dominou. Não tinha estômago para romper o jejum, assim Tarian se inclinou à direita da sela e permitiu que a ruína desaguasse de seu corpo.

— Milady — disse Gareth na penumbra do amanhecer. — O que te ocorre?

Tarian acenou-lhe e sacudiu a cabeça. Estimulou Silversmith para avançar mais rápido. Podia sentir os olhos de seu capitão sobre ela, e a vergonha de seus atos a abrangeu. Se ele juntasse as peças, ela não sabia se poderia voltar encará-lo. Mas se convenceu que sua gravidez garantiria o que Malcor prometeu-lhe. Mas, sobretudo, o menino lhe oferecia sua melhor oportunidade para sobreviver à ira de William.

Parando uma só vez, empurraram os seus cavalos até o limite. Ao cair da noite, os animais sopravam fortemente, e Tarian sabia que se não descansassem logo seria inútil no dia seguinte.

— Existe um velho monastério druida a várias léguas adiante. Um riacho corre perto, acamparemos para passar a noite — disse Tarian ao Gareth.

Quando se aproximaram do lugar, a noite havia caído há muito tempo. Havia rumores entre os homens, que o monastério estava enfeitado pelos druidas que foram assassinados ali séculos atrás. Mas Tarian ignorou. Apesar dos séculos que tinham passado desde seu abandono, ainda estava intacto. Alguns diziam que os druidas do bosque o viam como uma espécie de santuário e durante os tempos sombrios se aventuravam no bosque e o cuidavam.

Uma grande cruz celta se elevava na parte dianteira, como uma sentinela assinalando a todos os que viajavam perto que se tratava de uma terra sagrada. Em lugar de medo, um profundo sentimento de serenidade encheu Tarian, e sabia que estaria a salvo aqui.

Os cavalos foram cuidados, os homens alimentados e os sentinelas destacados. Estariam de novo em marcha muito antes que os primeiros raios do sol anunciassem o novo dia. Mas, cansada como estava, Tarian não podia encontrar o sono. Revolveu-se no chão, procurando uma posição cômoda. Ajustando o cinturão da espada, ela acendeu uma tocha no fogo baixo e em silêncio se dirigiu para a estrutura. Sentia o espírito do lugar rodeando-a e levando-a adiante, convidando-a a explorar.

Abriu o pesado portal de madeira, as dobradiças rangendo sob seu peso.

— Milady — disse Gareth às suas costas.

Voltou-se para ele e sorriu. A preocupação estava gravada em seu rosto. Ele tinha envelhecido dez anos desde sua chegada a Draceadon. Parecia uma eternidade.

— Volte a dormir Gareth, só estou saciando minha curiosidade. Nenhum mal me acontecerá lá dentro.



Seus lábios ficaram franzidos, como se fosse discutir, mas ele assentiu com a cabeça, e em vez de voltar para a sua esteira, encontrou um assento em um próximo banco de pedra. Ela continuou seguindo para o interior do prédio, e a sensação de serenidade a encheu outra vez. Aproximou a tocha de um antigo candelabro na parede e se sentiu aliviada ao ver que acendia. Introduziu-se ainda mais no lugar, e logo que podia distinguir um altar de pedra no outro extremo do lugar. Vários bancos de pedra, como bancos de igreja, se espalhavam pelo interior. Altas janelas permitiam entrar a suave luz da lua. E embora não tivesse relação com Deus, incrustou a tocha em um velho abajur de metal em pé e se sentou no banco mais próximo. Juntou as mãos olhando para cima, fechou os olhos, e pela primeira vez desde que era uma menina, rezou.

Sua tranquilidade foi interrompida pela rouca chamada de Gareth às armas. O trovão dos cascos sacudiu a terra sob seus pés. Permaneceu imóvel, e o pavor encheu-lhe cada parte do corpo. A pele arrepiou nos braços e nas costas. O ventre estremeceu-se pela nervosa excitação, e embora tivesse aguentado e lutado em York e Hastings, pela primeira vez em sua vida Tarian sentiu o frio vento de morte formar redemoinhos perto dela.

Era Wulfson, e não estava ali para queixar-se de que ela não se despediu.

O pânico a agarrou com afiadas garras, rasgando suas entranhas. O medo, a angústia, a ira e o desespero lutavam pelo domínio. Ela tirou sua espada e correu para a porta.

Abriu-a para encontrar Gareth bloqueando o caminho e um furioso Wulfson sobre seu negro garanhão, as duas espadas apontando ao coração do Gareth. Um exame rápido do campo revelou seus homens ainda no chão onde jaziam, rodeados de cavaleiros armados.

— Terá que passar sobre mim, senhor, para chegar à senhora — disse Gareth, a voz áspera e firme.

A face de Wulfson se endureceu em pedra.

— Não seja tolo, capitão, reduziremos seus homens como refugos impróprios para os cães. Saia do caminho.

— Terá que matar a todos nós! Não retornarei com você! — disse Tarian, tratando de dar um passo para lado do Gareth, quem se negou a permitir seu passo.

— Lady Tarian, está disposta a sacrificar as vidas de seus homens pelo que ao final será uma batalha inútil?

— Acredita Sir Wulfson, que somos tão toscos que vários de seus Espadas de Sangue não encontrarão seu final aqui também? É esse seu desejo?

Encolheu-se de ombros com indiferença.

— É sempre uma possibilidade. Agora entreguem suas espadas, e viverão todos.

— Nós viveremos? Isso me inclui? Pode garantir que salvará minha vida?

Tuold jogou sua cabeça como se respondesse por seu mestre.

— Posso garantir sua vida esta noite — respondeu solenemente Wulfson.



— Mas não amanhã?

Recostou-se na sela e olhou-a cautelosamente, e em seguida para Gareth.

— Eu solicito umas palavras em particular com sua senhora, capitão.

— *Nay* — exclamou Gareth.

Wulfson embainhou as duas espadas e desmontou, mas manteve a mão no punho da espada.

— Dou-lhe meu juramento que nenhum mal lhe chegará por minha mão ou por qualquer de meus homens — olhou para Gareth depois a ela, e Tarian sentiu que seus joelhos enfraqueciam. — Uma palavra. — Apontou para trás — Em particular.

Tarian lutou contra o pedido. Tinha-lhe dado seu juramento que não lhe faria mal, mas mais que isso, seus homens estariam a salvo, e conhecia o suficientemente bem Wulfson de Trevelyn para saber que cumpriria com seu juramento. Pôs a mão sobre o ombro de Gareth.

— Falarei com ele. Gritarei se necessitar.

Ela retrocedeu para o monastério. Wulfson a seguiu e fechou a pesada porta atrás dele, jogando o ferrolho. Quando começou a confrontá-la, ela pôde ver o furioso brilho de seu verde olhar e sentiu um medo atroz.

Ela levantou a espada.

— Não continue. Diga o que precisa e depois vá.

Seus lábios se torceram em um mortal sorriso e se aproximou dela com a cautela de um lobo.

Ela tomou uma posição defensiva e levantou a espada.

— Eu o matarei — sussurrou.

E ela sabia que o queria dizer.

Continuou seu caminho para ela, sem duvidar nem uma vez em seu passo. Lançou seu elmo ao chão e tirou as manoplas, lançando-os para aterrissar ao seu lado. Desabotoou as bainhas duplas e continuou para ela. Deixou-as cair ao chão. Tarian retrocedeu até um banco que topou com a parte posterior das pernas.

— Não te darei outra advertência. Pare!

Quando Wulfson desembainhou a espada, Tarian atacou. Com ambas as mãos, segurava o punho de sua espada e a açoitou contra sua mão, embora não o bastante forte para derrubar a espada do pulso. Ele a amaldiçoou e embora tivesse usado o lado plano da lâmina ela o feriu. Levantou o olhar para ela e entreabriu os olhos.

Tarian deu a volta e saltou de um banco a outro, atravessando-os correndo enquanto Wulfson a perseguia. Voltou-se para entrechocar sua espada com a dele quando arremeteu contra ela. Saltou em grande altura, a lâmina passou com pequena margem perto do tornozelo. A fúria em cada centímetro dela. Oscilou um olhar de costas à medida que saltava para o banco seguinte.

Por seu tamanho e a cota de malha que levava Wulfson era ágil, mas ela era mais, sua malha estava colocado junto à sua cela e só usava meias de lã,



roupa íntima, uma túnica e espartilho acolchoado. Ela manobrou ao redor para obter um ângulo do qual pudesse atirar um golpe em seu flanco. Ele esquivou o ataque com a espada, o aço golpeando ruidosamente o dela, entorpecendo-lhe as mãos.

— É hábil, milady, — disse Wulfson, e se moveu para ela — mas não o suficientemente perita — Equilibrou-se para uma estocada e ela virou como um ciclone, descendendo sua lâmina para apanhar a dele antes que atravessasse sua perna.

Escapou dele, pondo vários bancos entre eles. O peito arfava pelo esforço, as mãos inchadas, e quando olhou-o e viu a diversão em seus olhos se deu conta de que só tinha brincado com ela todo esse tempo. Se tivesse querido vê-la morta tinha sido trespassada como um porco. A fúria se levantou.

— Faça já, me libere desta tortura! Atravesse-me!

Quando gritou-lhe as palavras ela o acusou. Ele derrubou sua espada na dela com tal força que pensou a despedaçaria pela metade. Tropeçou além dele para o chão de pedra. Rodou enquanto ele se aproximava dela. Agarrando sua espada do chão, e, voltando-se, saltou e se agachou, disposta a lutar por sua vida.

Só via sangue nos olhos. A humilhação e a ira nublava seu julgamento. Ela o atacou novamente e mais uma vez ele desviou-se. Dessa vez a agarrou pela parte de trás do espartilho e a fez girar, agarrando a mão que segurava a espada.

Atraiu-a duramente contra o peito. Agora ambos respiravam pesadamente.

— Constantemente prova minha paciência, Tarian de Dunloc. Pare este jogo e retorne a Draceadon comigo!

Veementemente negou com a cabeça.

— Nay! Não irei!

Apertou-lhe a mão até que ela gritou e deixou cair a espada. Retirou-lhe o cabelo para trás de modo que arqueasse suas costas e empurrasse seu peito contra o dele.

— Aye, irá. — Seu rosto estava a poucos centímetros do dela, e sabia que não só sua fúria se elevava, mas também sua paixão.

Podia senti-lo contra ela. Lutou contra ele, sabendo o que estava por vir, e determinada que não ocorresse. Porque se dobrasse à sua paixão, se perderia totalmente nele.

— Termine com minha vida, então, porque não voltarei voluntariamente com você.

— Não te deixarei ir!

— Não podem me reter!

Ele deixou cair sua espada ao chão.

— Virá comigo, Tarian. Não vou deixar você morrer.

E seus lábios esmagaram os dela em um furioso beijo que apagou todo pensamento coerente dela.



Tarian o arranhou. Ele grunhiu e a levantou contra a parede, seus lábios nunca deixando os dela. Ela não podia respirar nem podia detê-lo. Pois o coração e a alma não queriam. Nesse preciso momento de sua vida renunciou a seu rígido controle, e ao fazê-lo abriu-se a si mesma, expondo-se, mais vulnerável do que alguma vez se permitiu estar antes. Rompeu-se e cedeu a sua paixão por esse homem, tal como ele tinha quebrado e exigido dela o que ambos desejavam. Com a rendição chegou-lhe uma avassaladora urgência por possuir e ser possuída que nunca tinha experimentado em nenhum nível. Era tudo ou nada com esse homem, e queria dar-lhe tudo, ainda que significasse perder tudo no final.

Ele puxou suas meias de lã e suas roupas íntimas. Quando não cederam, frustrado, as arrancou. O ar frio se formou redemoinhos através da pele quente. Moveu os dedos pelos calções, quando se afrouxaram, ela trabalhou na roupa íntima. Desfez os laços, logo rasgou suas cuecas, e o sentiu quente e grosso contra a coxa.

— *Jesus* — ele sibilou.

Levantou-a em seus braços e pressionou-a mais apertado contra a parede. Em um veloz golpe entrou nela e ambos gritaram pelo impactante prazer. Ela se pendurou em seus braços durante o que pareceu uma eternidade. Os olhos escuros perfuraram os seus e sentiu o movimento da Terra nesse momento. Ele afastou o cabelo dela da bochecha brandamente com os dedos. Seus lábios pairaram sobre os dela.

— Partirei dentro de três dias para a Normandia. Não permitirei que meu Rei te destrua, Tarian. Encontraremos a maneira.

As lágrimas brotaram quentes dos olhos.

— Obrigada — sussurrou.

Então ele a tomou. Ele a levou em uma selvagem e pecaminosa subida da qual não estava segura se alguma vez se recuperaria.

Sua paixão era tão potente e tão violenta como a batalha de Hastings. Saxões contra normandos. Homem contra mulher, guerreiro contra guerreira, que se uniram como um só, unidos como Deus queria que o homem e a mulher estivessem. Uma onda selvagem de sensação enroscada dentro do ventre golpeou como um relâmpago e se desdobrou em seu interior. Tarian gritou quando as selvagens ondas se estrelaram contra ela. Sua pele corou e suas extremidades tremeram. Com os olhos muito abertos, ficou olhando Wulfson. Seus olhos cravaram os seus apaixonadamente, e observou seu rosto quando ele também encontrou essa sublime liberação. Sacudiu-se com força contra ela, empurrando-a alto e vigorosamente.

— Tarian! — gritou roucamente, enterrando os lábios contra seu pescoço quando os espasmos lhe sacudiram o corpo.

Aceitou-o, suas ondas apaziguando-se com ele.

Durante um comprido momento ficaram conectados como um só, os fôlegos pesados e os corpos suados tentando recuperar-se da violência do encontro. Pressionou a frente contra a dela e disse brandamente:

— Não posso me mover.

Ela apertou os lábios aos seus, e disse em voz baixa contra eles:



— Nem eu.

Girou-se com ela, ainda em seu interior, caiu de joelhos, e rodou com ela com os braços em suas costas. Tarian gemeu. Ainda estava dentro dela e ainda cheio. Tinha o corpo em carne viva e receptivo. Pressionou os quadris mais estreitamente para ele.

— Não está saciada?

Ela recostou-se nos cotovelos, sorriu e negou com a cabeça.

— *Nay*, Wulfson, nunca me saciarei de você.

Puxou-a pela nuca com sua grande mão e levou os lábios aos seus.

— Nem eu de você.



Capítulo 18

Fortes golpes na porta, seguidos pelos gritos de Gareth, separaram-os. Wulfson se levantou, levando-a com ele.

— Temos que ir — disse suavemente.

Rapidamente, os dois se vestiram e se prepararam para aparentar decoro. Os danos na roupa eram reparáveis. Tarian, vestindo-se, parou e olhou para Wulfson. Desejava desesperadamente acreditar no ele que havia dito antes de tomá-la. Saber que não planejava nenhuma artimanha, ou jogos de palavras ou mãos. Mas não podia deixar de perguntar a si mesma. Esteve sozinha toda sua vida e se apoiava sempre em seu próprio julgamento para sobreviver.

— Dizia a verdade sobre ir a seu Rei em meu nome?

Ele parou enquanto ela ajustava as meias e a olhou, perplexo. Via a preocupação em seus olhos. Os lábios se suavizaram com um sorriso e tomou seu queixo na mão.

— Olhe para mim — deslizou o polegar por seu lábio inferior. — É mais que valiosa, Tarian. Para os galeses, os saxões e para esse cão de Rangor. Irei a William para explicar-lhe o quanto valiosa é para ele. Viva.

Tarian conteve um calafrio diante as palavras. Será que ele poderia pensar o quão valiosa seria quando se inteirasse da detenção do cavaleiro Warner? A ira frustrou seu estado de ânimo. O que ele queria que ela fizesse? Aguentar e permiti-lo chegar com sua sentença de morte na mão, quando podia evitar isso? Qualquer um faria o mesmo. Não queria morrer!

— Tarian — gritou Gareth — Saiam agora ou jogarei a porta abaixo!

— Detenha-se, Gareth — gritou Wulfson — Eu levo a sua senhora!

Tarian levantou o olhar para Wulfson, sem saber se a metia na boca do lobo, ou se certamente tinha a intenção de advogar por sua vida. Terminou de vestir-se e contemplou-o impaciente.

Ele sorriu e estendeu o braço para ela.

— Vamos, *chérie*³¹, vamos acabar logo com isso.

Enquanto se apressavam para a porta que parecia como se fosse romper em qualquer momento, Tarian perguntou ao Wulfson:

— O que eu digo a eles?

Ele sorriu e se inclinou para beijá-la. Seus lábios estavam quentes, e ela só quis fundir-se nele e permitir que ele tomasse o controle. Estava tão cansada de estar sempre com olho atento, olhando atrás e à frente, sempre um passo adiante. Ele sorriu contra seus lábios e sussurrou:

— A verdade.

³¹ Nota PRT: em francês: querida.



Ela concordou, mas sua própria culpa a assaltou. Teria que contar a Wulfson sua traição e a ideia atacou-lhe o estômago. Agora não. Pouco a pouco exalou. Mas logo.

Wulfson abriu o ferrolho da porta e Gareth quase caiu para dentro. Tarian sorriu e sentiu o calor nas bochechas.

— Estou bem, sir Gareth. Passaremos a noite aqui e voltaremos para Draceadon ao amanhecer.

Seus olhos se arregalaram. Ela se apressou a evitar mais perguntas.

— Quero que pegue um punhado de homens, vá a Briarhurst e informe ao Alewith da mudança de planos. Também confiarei a você os documentos dali. Traga-os para mim em Draceadon.

Ele abriu a boca para discutir, mas ela o parou com a mão.

— *Nay*, as coisas mudaram. Vamos agora para que possa dizer-lhe onde encontrar os documentos.

Uma vez que os normandos se tranquilizaram e o acampamento recuperou a ordem, Tarian levou Gareth à parte.

— Os documentos podem ser encontrados na capela. Há um fundo falso sob o primeiro banco da direita. Não dêem aviso a ninguém, nem sequer a Alewith. Estes documentos valem mais que todo o Danegold³². Deve pegá-los, Gareth, muito está em jogo.

Ele balançou a cabeça e olhou além dela, para onde sabia que estava Wulfson.

— O que te prometeu o normando para te fazer retornar a Draceadon?

Ela tomou uma respiração profunda e exalou lentamente.

— Minha vida.

Gareth franziu o cenho, olhando-a fixamente e, depois, para o normando.

— O matarei se mentir.

— Voltará para a Normandia para defender meu caso diante do Rei. Não poderia pedir mais.

— E o que acontece se William recusar?

Tarian fechou os olhos e se sentiu atravessada por um choque de onda de náuseas. Por um momento, vacilou sobre os pés e Gareth a agarrou quando se inclinou para um lado.

— Milady, está indisposta?

Apoiou-se nele, de repente sentindo-se enjoada e fatigada. Não tinha comido e esteve correndo por sua vida, e agora tudo caiu sobre ela. Pressionando o pescoço com a mão, balançou a cabeça.

— Muito, Gareth, muito.

Seus joelhos se afrouxaram debaixo dela e se não a tivesse segurado teria caído no chão.

³² Danegold: elevado tributo dinamarquês imposto para pagar os vikings.



Wulfson observava o intercâmbio entre o Tarian e seu guarda, e os ciúmes o rasgaram. Foi uma emoção nova para ele, e uma que ele, no mínimo, não gostava. Como um homem que tinha um rígido autocontrole, tinha descoberto que quando se tratava de Tarian Godwinson o perdia severamente. Embora soubesse que não havia nada romântico entre ela e seu capitão, queria ser o homem a quem ela se dirigisse em busca de ajuda. Franziu o cenho, perguntando-se o que seria deles, juntos. Não havia futuro, só o aqui e o agora, e uma vez que William fosse convencido de ter piedade dela, ele seguiria adiante. Um pensamento repentino ocorreu-lhe. E não lhe caiu nada bem. Em suas vísceras, sabia que se podia convencer a William que valia mais viva que morta, seu Rei insistiria em levá-la para a Normandia e residir ali como refém. Ele ainda detinha seu tio Wulfnoth, o filho mais novo de Godwine, depois destes longos anos. William não tinha nenhuma intenção de deixá-la em liberdade. Morreria na Normandia. Wulfson sabia que Tarian faria o mesmo, e isso o entristeceu enormemente.

Ela não pertencia a um sombrio castelo na Normandia, onde sua força vital não poderia prosperar. Murcharia e morreria, como uma flor sem o brilho do sol. Continuou olhando-a falar com seu capitão e aceitou que essa sentença, ao menos, a manteria com vida.

Saltou para eles quando a viu desmoronar-se. Gareth apanhou seu inerte corpo, ao mesmo tempo em que Wulfson a alcançava. O guarda elevou sua pequena forma nos braços e olhou para Wulfson.

— Minha senhora está doente, deixe-a aos meus cuidados — virou-se e se dirigiu com ela ao interior da velha ruína.

Wulfson olhou-o fixamente enquanto retrocedia.

— O que acontece, Wulf? — perguntou Rohan a seu lado.

Wulfson tomou um comprido fôlego e o deixou escapar. Olhou a seu amigo e soube que se alguém podia entender o que sentia, seria Rohan.

— Quando Lady Isabel se converteu na única coisa nesta terra que devia possuir a todo custo?

Rohan jogou a cabeça para trás e riu. Deu-lhe uma palmada nas costas de Wulfson, e quando Wulfson não achou que a pergunta fosse divertida, Rohan se acalmou.

— Soube no momento que a vi, parada só naquele vazio salão empunhando a adaga contra o peito como se com uma só mão pudesse derrotar ao William e o seu exército, que era meu destino. O meu orgulho e o bom senso levaram muito mais tempo para dar-se conta disso.

Wulfson assentiu com a cabeça.

— Soube quando vi Tarian na masmorra. Obcecou-me desde então. Não posso fazer que a sensação desapareça. É pior que a tortura em Jubb, que o inferno de uma prisão.

Rohan assentiu com a cabeça, mas um cenho de preocupação turvou a frente.

— E William?



Wulfson amaldiçoou e deu um murro no ar.

— Não posso desafiar o meu Rei! Mas eu a quero — começou a caminhar para cima e para baixo cavando uma pequena vala diante de Rohan — Temo que se puder convencê-lo de que vale mais viva que morta, insistirá em levá-la a Normandia, e ali ficará.

Rohan assentiu com a cabeça e apertou o ombro do Wulfson.

— Pelo menos estará viva.

— Não é uma existência digna para alguém como ela. Tenho medo do que ela faria. — Wulfson passou os dedos pelo comprido cabelo — Tenho pavor de que não haja uma solução aceitável para ambas as partes.

— Talvez um marido normando funcionasse — sugeriu Rohan. — Se ela estiver grávida, necessitará de um pai para o menino.

A ideia de Tarian deitada com outro homem, normando ou não, fazia Wulfson sentir como se tivesse recebido uma patada de Turolde no estômago. Ele olhou duramente para o seu amigo. Rohan se manteve em silêncio e deixou que a verdade assentasse em Wulfson. Que assim fosse. A vida sobre a liberdade, com ou sem um marido normando: assim seria para o Tarian Godwinson. Pois sua liberdade significava uma ameaça direta para William. E essa não era uma opção.

Wulfson recusou-se a pensar nela levando um menino de Malcor. A ideia o enojava. O que acontecia se o menino saísse de pele pálida e cabelo vermelho, e se tornasse alguém tão perverso como seu pai? O estômago ficou rolo lento em náusea com um nó diante da visão de Tarian sob os gostos de Malcor, ou pior, a enguia de Rangor. Por ela, rezou que não estivesse grávida. Se William a permitisse viver, então o menino também seria um refém, e mais ameaça que sua mãe. As crianças tinham uma maneira de desaparecer, ou adoecer e morrer misteriosamente. Por muito que não desejasse que estivesse esperando, por suas próprias razões egoístas, desejava pelo bem dela que não estivesse grávida. Apesar do que tinha sido uma educação terrível para ela, Tarian seria uma mãe feroz, protegendo seu bebê com sua vida.

Um repentino broto de emoção se ergueu nele. Não tinha conhecimento de nenhum bastardo que tivesse deixado para trás, mas sempre tinha jurado que jamais ignoraria seu próprio sangue. Não tinha substância para pai, mas se ocuparia do menino como pudesse, tal como um pai devia fazer.

E assim resolveu o destino de Tarian Godwinson em seu coração. Ela viveria sua vida fora da Normandia esperava-se, com um marido que pudessem respeitar, e não só em um calabouço como refém. E embora devesse alegrar-se desse pequeno consolo, não conseguiu.

Muito tempo depois que seus homens se deitaram e seus roncos encheram o fresco ar da noite, Wulfson permanecia acordado, com as mãos atrás da cabeça e olhando as estrelas. O olhar se centrou em uma estrela em particular. Era a única no céu com um resplendor laranja. Seus olhos vagaram através do céu, mas sempre voltavam para a mesma estrela, e sentando-se percebeu que era a luz da constelação de Draco. Sorriu. A força do dragão dominava o céu.

Voltou-se e olhou a porta aberta do monastério, onde Gareth se deitou. Esteve tentado a exigir a Gareth que recuasse, mas tirou isso da cabeça. Já tinha



recebido mais de alguns conhecedores olhares de seus homens, assim como olhares de irritação de Tarian. Não quis dar-lhe mais motivos sobre o que refletir. Não a incomodaria.

Antes que se aventurasse de retorno a Draceadon, Tarian viu Gareth e um punhado de seus homens, junto com o Ioan e Stefan, montar e dirigir-se para Briarhurst. Timidamente ela disse a Wulfson de suas ordens para desmontar os homens que ele tinha enviado com seu contingente. Ele só franziu o cenho e avisou Rohan, que lhe sorria do outro lado do campo. Mais tarde, agradeceu-a por não prejudicar seus homens.

Enquanto o dia transcorria e o trajeto ficava mais árduo e em um ritmo mais lento, Tarian tentou em várias ocasiões explicar a Wulfson por que tinha detido Warner, assegurando-lhe que estava ileso e que ela estava, certamente, esperando um filho. Mais que isso, queria dizer-lhe que o menino era dele, mas temia não só sua ira, como também a ira de William, a ira de seus parentes galeses e o furor de seu próprio povo. Um bastardo normando concebido sob o pretexto de passar-se como o herdeiro de um condado inglês não a iria agradar ninguém. Apesar de seus subterfúgios, não podia evitar sentir-se um pouco feliz de que o menino fosse de Wulfson. Sua semente era tão viril como ele e o menino seria muito forte. Deu-se conta que guardava tenros sentimentos em relação ao pai do menino.

Deixou escapar um comprido e pensativo suspiro. Era verdade. Seu coração doía por ele.

— O que formiga sua mente, Tarian? — perguntou Wulfson, freando o negro para igualar seu ritmo.

Silversmith agitou a cabeça, não se importando do outro garanhão tão próximo. Mordeu Tuold, que ignorou o assalto. Tarian reprimiu o cinza.

— Smith! Tenha boas maneiras! — ele sacudiu a cabeça, como dizendo que as maneiras não contavam com os cavalos normandos, mas tranqüilizou-se, embora ela pudesse sentir seus músculos tensos debaixo dela.

— Seu Rei não mudará de ideia.

Wulfson franziu o cenho.

— Me escutará.

— Me atirárá em um calabouço com meu tio.

— Eu o suplicarei que te encontre um nobre normando como marido, Tarian. Não será tão terrível.

Lançou-lhe um olhar furioso. Como assim, podia passá-la a outro homem?

— Estou cansada de que tomem decisões em meu nome.

— Penso em seu bem-estar, mulher! Todos os nobres de ambos os lados da fronteira galesa defenderão sua causa.

— Aye, farão, porque veem meu valor. É sem dúvida a razão pela qual seu Rei queira me ver morta.



— Tem um exército, Tarian! É obvio que te vê como uma ameaça. Não é cego. Acrescente a isso a linhagem de seu pai e a de seu marido morto e você é de grande valor para os inimigos de William!

Ela negou com a cabeça, não querendo ver o conjunto disso.

— Nunca fui de valor para ninguém até que me casei com Malcor e pudesse levar seu filho. Agora tenho muitos pretendentes!

— Terá mais. Tome um marido normando como pai para o menino que possa levar.

— Nay! Nunca me casarei com um normando. Os normandos mataram toda a minha linha paterna! Como podem esperar uma coisa dessas de mim?

O rosto do Wulfson tornou-se um granito. Olhando para frente, disse:

— Quando Gareth voltar partirei para a Normandia. Dentro de dois meses no máximo, você terá sua resposta.

E se William seguisse insistindo que ela morresse? Permaneceria aqui, uma desafortunada vítima de suas artimanhas? Olhou o rosto de pedra de Wulfson, e seu coração se suavizou por ele. Ele também estava contra a parede. E sabia de coração que ia advogar por sua vida. Que a pedisse que tomasse um marido normando dizia-lhe que se importava com o que acontecesse com ela. Embora sua parte feminina se sentisse ofendida. O fato que pudesse entregá-la a outro homem doía-lhe profundamente.

Mas, se fosse honesta consigo mesma, que opção tinha sobre o assunto? Era a melhor solução em sua mente, para o caso de que William cancelasse sua ordem de matá-la. Mas ela nunca iria para a Normandia, sob nenhuma circunstância. Quando se casasse de novo, escolheria o seu marido. Nem seu Rei, nem seu senhor, nem Wulfson, ninguém mais que ela faria a escolha. E com a resolução tomada, sentiu-se melhor preparada para fazer frente a sua precária situação.

Quando contornaram o pico da colina para o muro exterior do castelo era muito depois do anoitecer, então Tarian deu um empurrão. Os caminhos estavam bem marcados e as tochas brilhantes. Não queria passar outra noite no duro chão. O esgotamento quase se apoderou dela e se alegrou quando os fortes braços de Wulfson ajudaram-na a desmontar.

Rolf levou os cavalos. Enquanto caminhavam para o salão, tudo estava em silêncio, à exceção de Edith, que a esperava com os braços abertos.

— Querida filha. Vamos, vamos, que deve estar esgotada — apertou a mão no ventre do Tarian e brandamente perguntou — Como está o menino?

Wulfson endureceu ao seu lado. Olhou sua face de pedra e o coração deixou de pulsar durante um comprido momento.

— Eu... eu não estava segura, mas Edith parece pensar...

Não terminou a frase. A tormenta que mostrava seu rosto era muito para o estômago. A culpa a assaltou e se sentiu estúpida e envergonhada.

Ele fez uma breve reverência.



— Suponho que devo felicitá-la— inclinou-se de novo e se afastou a grandes pernadas pedindo comida.

O pensamento de colocar qualquer alimento no estômago fez que sentisse refluxos.

— Desejaria me encharcar em um banho quente, Edith.

E assim ela retornou ao seu quarto e se despiu, esperando até que a tina estivesse cheia, e ali ficou até que a pele ficou fria e enrugada. As emoções formavam redemoinhos em seu coração com a força de um torvelinho. Sentia falta do cavaleiro que estava embaixo no salão, desejava ser a senhora do lugar, ter finalmente um lugar ao que pudesse chamar de lar, um espaço em que ela pertencesse, onde ninguém pudesse questionar seu direito a existir, desejava seu bebê. E não sabia como agir para poder ter tudo.

Olhou para Edith e disse em voz baixa:

— Meu caminho era tão claro fazia um mês. Agora me sinto como um navio sem vela em um mar turbulento. Não sei o que fazer.

Edith a enxaguou e secou com um lençol quente.

— Tudo sairá bem, filha. Tenha confiança em você e no cavaleiro.

Quando Tarian enroscou-se na grande cama, seu único pensamento era dos fortes braços do Wulfson rodeando-a. Queria que sua calidez a acalmasse para dormir e queria despertar em seus braços enquanto a beijava e acariciava o corpo até essas excitantes altitudes quentes de novo. Ao fechar os olhos, seu último pensamento foi de seu aroma, enquanto seus lábios mamavam seus tenros seios e suas mãos a acariciavam atrevidamente.

Wulfson permanecia olhando ao teto, raiva, frustração e desejo o conduzindo à loucura. Desejava Tarian, mas a ideia de que levasse um filho de outro homem o rompia por dentro. Como poderia tocá-la? Deu-se a volta e golpeou com os punhos o travesseiro. Tinha importância?

Desde a primeira vez que tinha posto os olhos sobre ela existia esta possibilidade. Por que agora o incomodava tanto? Rodou saindo da cama e, como tinha feito duas noites antes, passeou acima e abaixo pelos pequenos limites. O olhar caía sobre a tapeçaria cada vez que passava por ali, e cada passo aproximava mais dele e dela.

Por que não o havia dito? Será que ela pensa em poupá-lo? Não sabia como seu corpo doía por ela? Que desafiava ao seu Rei por ela!

— Sangue de Deus! — jurou — Não posso suportar esta agonia! — agarrou uma vela da mesa, dirigiu-se à tapeçaria e a tirou-a da parede. Não haveria mais barreiras. Queria Tarian Godwinson e a teria tanto tempo quanto pudesse.

Encontrou o fecho e soltou a porta. Respirou fundo e passou através dela. Ele teria seu caminho! Deteve-se a meio caminho de seu quarto. Mas ela pensaria o mesmo? Seguiu adiante para descobrir.



Quando Wulfson empurrou para um lado a tapeçaria, ouviu um grito feminino. Levantou a vista para ver Edith sentar-se no colchão. Ele levou os dedos aos lábios, e ela calou.

— Não estou aqui para machucá-la — disse rispidamente.

Mas ele iria levá-la da cama onde dormia. Pois ele não iria se deitar no mesmo leito onde tinha estado alguma vez com Malcor. A criada não o questionou e permaneceu silenciosa.

Passou um comprido momento antes que Wulfson se aproximasse da cama. Quando o fez, afastou para um lado o cortinado e ficou olhando para a beleza adormecida. O comprido cabelo negro estava em uma grossa massa ao seu redor, os lábios rosados estavam separados pelo sonho e largas pestanas negras varriam a cremosa suavidade do rosto. Os seios subiam e desciam por debaixo da suave regata de linho. O olhar viajou mais abaixo para seu ventre. Era plano, e sabia que passariam meses antes que ela começasse a mostrar a gravidez. O pensamento do menino de Malcor crescendo dentro dela o desagradou muito. Mas, teve que admitir que poderia ser o único trunfo que ela tinha.

Não podia, nem em seus sonhos mais selvagens, pensar que William assassinaria uma mulher nobre grávida. De fato, Wulfson sabia que não faria. Uma vez que a notícia corresse através de todo o país haveria um alto preço a pagar. Marcaria William como um malvado chefe militar, e isso era a última coisa que desejava seu Rei. Wulfson se ajoelhou a seu lado na cama e pressionou a grande mão no ventre, com os dedos estendidos através dela, cobrindo-a. Quando suas mãos apertaram as dele e seus quadris se moveram, ele olhou para baixo aos suaves olhos azuis.

Ela sorriu e ele se perdeu.

— Você me enfeitiçou — disse ele em voz baixa enquanto se deslizava contra ela e tomando-a em seus braços a beijou como se nunca a tivesse beijado antes.

Ela se fundiu nele e ele a levantou nos braços. Moveu-se para a porta pela qual acabava de chegar e atravessou o escuro corredor com a luz de seu quarto o guiando.

Breves instantes depois estava deitado, nu sobre o leito, pele com pele, coração com coração, e ele não parecia ter suficiente dela. Como um faminto se alimentava dela. Seus seios estavam cheios e, quando pressionou os lábios sobre eles, ela suspirou. Retirou-se, pensando que a tinha ferido, mas ela apertou as mãos em sua cabeça e moveu os quadris debaixo dele.

— *Nay* — sussurrou — Tome tudo de mim, Wulfson, tudo de mim agora.

— Se tomar esta noite, Tarian, tomo por todo o tempo que estivermos juntos.

— Terá que ser suficiente.

Os lábios descenderam e o aceitou com avidez. O corpo se inflamou debaixo do dele. Todo o seu ser esquentou-se rivalizando com a forja de um ferreiro. Os dedos se afundaram profundamente em seu cabelo e seu jovem corpo arqueava sob o dele e ele não podia consumi-la o suficientemente rápido. O beijo ficou mais profundo, suas coxas separaram-se. Suas mãos desceram pelas costas, apertando-o mais fortemente contra seu corpo. Quando seus dedos se



estenderam para o traseiro, ele quase derramou sua semente sobre ela. Gemeu, contendo o fôlego quando sua mão acariciou sua longitude.

— Não posso esperar *chérie*, quero você agora — disse com voz rouca sobre seus lábios.

— Então, não esperem mais. — sussurrou ela.

Deslizou a mão ao longo de sua coxa e quando pressionou a palma da mão em seu monte foi a vez dela gemer de prazer. Estava quente e úmida. Deslizou um dedo através do duro nó e ela gritou. Deslizou o dedo para trás e para frente contra o ponto de seda. Seu corpo se esticou com paixão, seu peito se encheu.

— Mais — suplicou ela.

E ele lhe deu mais. Deslizou um dedo no interior de sua sedosa umidade.

— Wulfson — gemeu, seu nome fluindo dos lábios em uma lenta cadência sensual.

Ele roçou o túrgido mamilo com os lábios e enquanto movia lentamente o dedo dentro e fora dela, amamentou-se ao mesmo ritmo tortuosamente lento. Ele sentiu sua pele quente, seguida por um sensual fluxo. Sua mão envolvida firmemente ao redor dele, e no mesmo sensual movimento lento, o bombeava.

Foi muito para ele. Solto-a só para agarrá-la pelos punhos e levantar-lhe os braços sobre a cabeça onde as sujeitou com uma mão, e então lentamente a preencheu. Foi puro paraíso natural. Apertou a mandíbula e fechou os olhos, saboreando a quente e premente umidade dela. Seu aroma de mel e violetas formavam redemoinhos a seu redor e era mais embriagador que cinco odres de vinho. Perdeu um pedaço de si mesmo nela nesse momento, e soube que em todo o tempo que ele vivesse nunca encontraria outra mulher que o mudou como ela fez.

Afundou-se mais profundamente, e se uniu a ele, empurrada por impulso, golpe por golpe, e, como no monastério, ele sentiu a mesma tormenta formando-se dentro dela, esse duro ataque de prazer que ele sabia que iria consumi-la.

— Wulfson — exclamou ela — seu corpo retorcendo-se e reboando grosseiramente debaixo dele.

Ele ainda segurava as suas mãos, mas quando ela afundou os dentes em seu ombro dele ele se liberou dentro dela em uma dura e violenta explosão, e ela o seguiu, gritando seu nome uma e outra vez. Cada vez que gritava, tomava outro pedaço de seu coração.

Quentes, suados e ofegantes, eles ficaram entrelaçados como um só, as ondas de paixão indo de um estrondo a uma lenta maré baixa. Assim caíram em um profundo e exausto sono.



Capítulo 19

Quando a cotovia começou sua serenata matutina, Tarian se levantou, sabendo que teriam que encarar o mundo. E desejava desesperadamente não fazer isso.

Pressionou um beijo sobre os lábios de seu cavaleiro e ele se moveu para ela.

— Wulfson, vamos cavalgar para o norte, longe da Inglaterra.

Seus fortes braços se envolveram ao redor dela e suas mãos pressionaram seu traseiro. Ela se deleitou com a calidez da pele dele contra a sua. Suas cicatrizes não a incomodavam, na verdade, faziam-no parecer o mais viril dos homens aos seus olhos. Riscou cada uma delas com a gema dos dedos. As bochechas se ruborizaram quando recordou o conhecimento carnal que tinham adquirido um do outro.

Compridos e grossos dedos afastaram uma mecha de cabelo de sua bochecha, e ela sentiu o inflado aumento dele contra ela. Ela olhou dentro dos olhos verdes brilhantes. Estes se enrugaram nos cantos com seu sorriso. Seu coração bateu descontroladamente contra o peito e seu estômago deu um giro lento. Seu sorriso mudava tudo nele. Considerando que normalmente ele tinha o aspecto de um anjo sombrio e petulante, um sorriso o transformava no mais bonito dos homens.

— Não podemos fugir de nosso dever, *chérie*. Vamos enfrentá-lo e o vencê-lo. Dou-lhe meu juramento.

Ela se levantou sobre os cotovelos e o beijou, depois olhou profundamente nos seus olhos.

— Sabe que seu rei não mudará de ideia.

Wulfson rolou sobre ela. Seus olhos procuraram o rosto dela ele disse lentamente:

— O que acontece se você tiver razão? O que ocorre se, sabendo disto, fugirmos a Escócia? O que faremos então? Não posso me casar com você. Não tenho nada para oferecer.

— Não quero um marido. Quero viver.

— E o que ocorrerá quando eu encher sua barriga com pirralhos? E meus Espadas de Sangue, os homens aos que emprestei juramento, venham me buscar assim como a você? — negou com a cabeça — *Nay*, Tarian, não viverei essa vida. Nem você fará isso. Dou-lhes minha promessa: Veremos isto solucionado a nosso favor.

— Promessa?

Os braços se apertaram ao redor dela e ele se inclinou para beijá-la.

— Minha promessa é meu juramento.



E ela soube que ele acreditava de coração que havia dito a verdade. E por isso, pela primeira vez além de Gareth e Edith, deu sua confiança a outro.

Apressou-se para fora da cama antes que Rolf fizesse ruídos para entrar. Apesar de que não estava envergonhada por sua união com Wulfson, não queria que houvesse mais fofocas entre os serventes e aldeãos do que já havia. Tinha aprendido com sua escapada a Dunloc que devia mostrar certa correção para ganhar confiança da gente, e as escapadelas amorosas noturnas com o Lorde normando residente poderia fazê-la pouco atrativa para eles. Assim, com cuidado, deslizou-se da cama em meio de suas chamadas para que retornasse e percorreu o caminho para o escuro corredor que ia para o seu quarto, onde Edie esperava ansiosa.

Quando finalmente desceu, Tarian se surpreendeu de ver que Wulfson e seus homens permaneciam no salão. Ele se apressou em ajudá-la e sentá-la na mesa. Notou que seus homens os olhavam com expressões vazias.

— Esperamos você para romper o jejum, Tarian.

Ela sorriu para ele e pensou como ele era atencioso, mas quando os aromas dos pratos flutuaram para ela, de repente perdeu o apetite. E embora não tivesse comido mais que uns poucos bocados no dia anterior, Tarian não pôde suportar a sopa. O estômago fazia ruídos embaraçosos, e sentiu como se subisse à sua garganta. Olhou para Wulfson, cujos olhos arregalaram. Apressou-se em ajudá-la a chegar a uma área mais reservada do salão. Pressionando o pescoço com a mão, Tarian sacudiu a cabeça.

— Isso passará.

Ele franziu o cenho e seu olhar caiu sobre a cintura, e ela soube que ele não estava contente, pensando que era o filho de Malcor.

— Eu... Wulfson, se não se importar, eu gostaria de ir ver Edie para que faça um elixir que arrume meu estômago.

Ele assentiu e lhe apresentou o braço, escoltando-a ao seu quarto.

Quando voltou a pernadas ao salão se encontrou com cada conjunto de olhos normandos sobre ele. Olhou-os com cenho muito franzido e contou-lhes o que todos suspeitavam.

— Parece que a senhora está grávida.

— Enviará aviso a William? — perguntou Thorin passando uma jarra de hidromel a Wulfson.

Wulfson negou com a cabeça.

— Quando Gareth retornar, irei a William eu mesmo para defender o caso da senhora.

Seus homens se reuniram perto, deixando fora os outros, e como sempre faziam quando uma situação surgia, uniram suas cabeças para procurar a melhor solução.

— Eu vou levar apenas Rolf e dois de vocês à Normandia. — explicou Wulfson — Temo que deixar este lugar indefeso atrairá os abutres. Muito foi ganho



para perdê-lo. — olhou para Thorin — Deixo a saúde da senhora e o bem-estar da fortaleza em suas mãos, irmão.

O viking acenou com a cabeça. Wulfson olhou para seus homens.

— Não parece correto cavalgar tão leve. Sinto falta das brincadeiras de Warner e sua espada capaz.

Rhys olhou para seus amigos.

— Alguma desgraça deve ter ocorrido.

Durante um comprido momento os cavaleiros ficaram silenciosos, e cada um tratou com seu pesar pela perda de um dos seus.

Rorick sacudiu a cabeça e disse:

— Há uma esperança ainda de que o malandro tenha sobrevivido. Tem um dom com as damas, e essa língua suave que tirou a maioria de nós de desagradáveis situações. Não vamos desistir dele ainda!

— E esteja seguro, sua mensagem não foi o que vocês gostariam de ter ouvido. Mas seu segundo mensageiro não retornou, Wulf. Tenhamos esperança que William veja o engano de assassinar a uma mulher nobre com um filho — refletiu Thorin em voz alta.

Rohan concordou e tomou um grande gole de hidromel.

— Estou de acordo. Wulf, uma vez que apresente tudo William vai abrandar.

Wulfson esvaziou a jarra.

— Aye, vai ceder somente se ela for a Normandia como sua refém.

Todos se entreolharam, sabendo perfeitamente o que isso significava.

— Eu tomaria minha adaga contra ela antes que ela apodrecesse em uma masmorra normanda — disse Wulfson brandamente.

E com estas palavras uma escura nuvem pairou sobre o salão.

— Case-a com um conde normando — sugeriu Ioan.

Wulfson negou com a cabeça.

— Ela não quer um marido normando.

Rohan deu-lhe um tapa nas costas e disse:

— Nem sequer a você, Wulf?

Wulfson balançou a cabeça.

— Decerto! Sou um solteiro de vida. Nunca me casarei!

Rorick provocou.

— Nem sequer por amor?

— Amor? O que significa essa palavra? Não tenho nenhum conceito dela. Luxúria e paixão, aye, são um bom casal, e posso me relacionar bem com elas, mas é isso suficiente para cimentar uma relação de por vida? Nay, não acredito. E não quero estar preso debaixo de uma moça da qual me cansarei. O sofrimento do jugo do matrimônio me deixaria louco.



Rohan bateu-lhe nas costas.

— Saberá que é o amor quando ele te acertar.

— Respeito Lady Tarian como um guerreiro e uma sobrevivente, nada mais.

Rohan voltou a bater-lhe outra vez.

— Se você pensa assim.

Wulfson fez uma careta e se afastou de seus homens.

— Aye, penso. Não vamos mais conversar sobre amor e matrimônio, faz meu estômago revirar — ficou em pé e disse — Vamos, alardearemos que há ouro para cada homem ou mulher que saiba algo do nosso companheiro de armas!

Algum tempo depois, Wulfson e seus homens partiram para Dunloc. Como quando entraram no povo anteriormente, encontraram-se com olhares ásperez e insultos, mas desta vez sem ataque. Os camponeses estavam subjugados, mas cautelosos. Wulfson entendia seu ressentimento. Mas não os trataria com indulgência. Ele acreditava de coração e alma que William era o rei legal e defenderia o trono com seu último fôlego.

Deteve-se em uma esquina, e de cima do cavalo, chamou os cidadãos.

— Sou Wulfson de Trevelyn, cavaleiro de William. Venho em busca de meu cavaleiro Warner de Conde. Ofereço ouro pela informação sobre sua localização — ele olhou para o grupo que se reuniu. — Também ofereço a morte a qualquer um que a tenha feito mal.

A multidão resmungou e murmurou. Eles não encontravam com seu olhar, mas se mantiveram em silêncio formando redemoinhos ao redor, sem estar seguros sobre como responder.

Ele continuou:

— Entenderei que qualquer ataque sobre qualquer de meus homens como um ataque a William. Nem ele nem eu daremos um passo atrás. Venham a Draceadon com sua informação e eu garanto sua segurança e o ouro. Só procuro o meu homem.

Esporeou Tuold e seus homens o seguiram. Eles passaram o dia alertando a cada aldeia para oferecer informação sobre Warner e a recompensa de ouro. No momento da volta a Draceadon, Wulfson enviou adiante mensageiros aos povos e aldeias ao redor da que poderia ter sido a rota de volta do Warner desde o Alethorpe. Estava confiante de que, se havia informação que conseguir, o ouro poderia fazer mudar mais que um pouco de fidelidade.

Cansados e abatidos, os homens entraram no grande salão com um humor sombrio. O sol havia afundado há muito tempo para além do horizonte ao oeste e havia pouca gente ao redor. Apesar de sua preocupação por Warner, Wulfson sentia que uma tensão diferente o enchia. Tinha a virilha dura, e a cavalgada não tinha feito nada para sufocar seu apetite pela mulher que tinha chegado para atormentar cada momento que estava acordado. Tomou um grande gole de vinho e esvaziou um prato de veado assado, mas sua fome não foi satisfeita. O olhar varreu para cima, para a escada, e o sangue acelerou-se.

— Ela é como a febre que não se pode aplacar — disse Rohan, vindo se sentar junto a ele.



Wulfson concordou e sacudiu a cabeça.

— Ela está em meu sangue, Rohan, não posso tirá-la.

Rohan o acotovelou

— Vá para ela e desfrutem do tempo que têm. Eu mantereí aos homens ocupados e os recordarei que inclusive nosso poderoso rei tem sua fraqueza com sua Mathilda.

Wulfson levantou o olhar para o Rohan.

— Aye, Tarian é minha fraqueza e temo que seja minha morte.

Rohan sorriu, os lábios se torceram com um humor ácido.

— Seu primeiro dever é para com nosso rei. Sei que tomará a decisão correta quando chegar o momento.

Wulfson tomou outra taça de vinho.

— Aye, e me matará fazer isso.

Com o coração pesado e arrastando os pés, Wulfson deixou seus homens com um humor sombrio e caminhou a pernasadas pelas escadas como se fosse a encontrar-se com a força. O coração, as vísceras e a mente giravam em uma selvagem e frenética batalha sobre dever e conveniência. Não sabia o que fazer, mais do que sabia pela manhã.

Franziu o cenho quando encontrou seu banho preparado, mas não Rolf esperando- lhe. Um pequeno movimento na cama capturou seu olhar, e seu sangue esquentou.

— Boa noite, milord — disse Tarian, caminhando devagar para ele — Senti sua falta nas últimas horas. Por que perdeu tempo?

O corpo se acelerou, e não pôde esperar para arrancar-lhe a roupa e pressioná-la contra os lençóis. Mas quando se dirigia para ela, deteve-o com uma mão levantada.

— Nay, tomará banho primeiro, porque sei que você e seus homens não gostam de suportar a imundície do dia. Venha e me deixe ajudá-lo.

Tentou aproximá-la para ele, mas ela foi ágil e se afastou.

Enquanto ele se acomodava na água quente e espumada, perguntou:

— Como está?

Ela tomou a esponja e a ensaboou. Sorriu brandamente e capturou seu intenso olhar.

— Melhor. Edie fez um tônico calmante. Parece que tem feito efeito. Ela diz que com o tempo a indisposição passará.

Wulfson não pôde responder, no fundo do coração rasgava-se por que ela levava o filho do Malcor.

Ela pressionou os seus dedos frios sobre as sobrancelhas e alisou-lhe o cenho.

— O que preocupa você? — perguntou brandamente.



Ele agarrou seus dedos e os levou aos lábios.

— Eu temo por sua saúde. Isso é tudo.

Ela sorriu delicadamente, e o gesto tirou-lhe fortemente seus mais profundos sentimentos. Perguntou-se, se as coisas fossem diferentes, se poderia criar o filho de outro homem. Quando pensou em Malcor e em sua perversão, as tripas retorceram-se porque imaginava que uma semente tão insidiosa como a sua tivesse chegado a terreno fértil em uma mulher tão maravilhosa. Não estava bem. E nas vísceras sabia que cada vez que olhasse o menino veria o pai, e fazendo isso não daria ao menino o que necessitava. E a vergonha o encheu. Tinha acreditado que era um homem melhor que isso.

— Edie diz que as mulheres que têm indisposição tendem a ter bebês mais fortes. Se isso for certo, meu filho será o conquistador do mundo.

Wulfson franziu mais o cenho e ela notou.

— O menino desagrada você? — perguntou.

Não pôde mentir para ela.

— O pensamento do moleque do Malcor crescendo dentro de você desagrada. Sim.

Ela se sentou em um banco perto dele e começou a lhe ensaboar a cicatriz do peito.

— Se fosse seu, estaria descontente da mesma forma?

Sua cabeça disparou para trás e ele a olhou com os olhos entrecerrados.

— Seria um bastardo, e um bastardo não me agradaria. Não tenho nada que oferecer ao menino, Tarian, Não tenho terra, nem lugar ao que chamar lar exceto onde encontro meu colchão cada noite. Não tenho habilidades paternas. Tenho meu cavalo e minhas espadas. Isso não é suficiente para criar um menino — depois sorriu, tomou sua mão e roçou os lábios em seus dedos. — Mas se alguma vez desejasse um menino, não desejaria ninguém que não fosse você como sua mãe.

Ele viu lágrimas formar-se e derramar-se descendo por suas bochechas. Ele estendeu a mão para ela, mas negou com a cabeça e se afastou dele. Levantou-se da tina e foi para ela. Tomando-a entre os braços, pressionou-lhe os lábios no topo de sua cabeça.

— Meu perdão se minha sinceridade a ofendeu.

Ela moveu a cabeça contra seu peito e olhou para ele. Ele mal podia detectar a cor de seus olhos, de tão grossas eram suas lágrimas.

— *Nay*, Wulfson, não há ofensa. Sua confiança em mim como mãe de seu filho era algo que não esperava.

— Como pode não ver isso?

Ela tragou um suspiro e sorriu através das lágrimas.

— Nunca pensei que merecesse nada, e agora você está aqui e diz que só eu sou o suficientemente digna para dar a luz a seu filho. Sinto-me honrada.



Ele baixou os lábios para os dela e a beijou. Quando se moveu para trás, teve o desejo encarregar-se dela e de sua sugestão de fugir para Escócia. Ali, sem tormentos, ele poderia manter sua barriga cheia de filhos. Mas sabia que não podia. Liberou-a e deu um passo atrás.

— Venha, vejamos logo meu banho para que possamos — sorriu abertamente — brincar.

Não estava ainda seco quando a levantou nos braços e a jogou sobre a cama. Arrancou-lhe a regata do corpo, e a visão de seus seios cheios e rosados enviou-o a um espiral sexual. Deslizando a mão sobre a magra cintura atraiu-a para si, suas costas se arquearam e seus peitos impulsionaram-se no frio ar da noite. Ele fartou-se dos flexíveis montículos. Seu curto fôlego e a forma como suas mãos arranhavam suas costas disse-lhe que a estava lhe dando prazer corretamente. Como sempre acontecia com ela, ele não podia entrar nela o suficientemente depressa. Ele nunca quis relaxar e saborear seu corpo, não, até depois daquele primeiro empurrão desesperado no qual se desfazia.

De um só golpe entrou nela. Os corpos ascenderam e ficaram suspensos enquanto cada um saboreava o sentimento, a sensação, a deliciosa união que nunca encontrariam em outro. E então, a doce e selvagem ondulação como a natureza requeria. O dar e receber do fazer o amor.

— Wulfson! — gritou Tarian, e quentes lágrimas umedeceram suas bochechas.

Wulfson a agarrou fortemente entre os braços e sussurrou:

— Nunca tenha medo, *ma chère*, sempre a protegerei.

Ele encontrou a liberação em seguida e soube que poderia morrer por ela.

Tarian ficou durante um comprido momento nos braços de Wulfson. Seus suaves roncoss e seu batimento estável de coração lhe disseram que ele dormia. O turbilhão de emoções fez estragos dentro de seu coração mais uma vez. Estava tão dilacerada que não sabia nem como começar a pensar em sair da situação. Seu primeiro pensamento foi proteger a todo custo ao menino que levava. Seus desejos e os do Wulfson estavam em segundo e terceiro lugar. Depois deles, nada nem ninguém importava.

Estava jogando um jogo mortal com um rei que não tinha remorsos a respeito de varrer seus adversários. E William via sua linhagem como um inimigo. A mais extremamente real ameaça contra seu reino, se escolhesse utilizá-lo. Não podia culpá-lo. Ele tinha assassinado seu querido tio. O rei de ouro a quem toda a Inglaterra tinha querido e adorado. Foi-se. Para nunca voltar.

Jamais poderia amar e adorar William. Mas poderia respeitá-lo como seu soberano, e prometer sua fidelidade a ele. Não era uma idiota. Ele era o rei agora, e isso continuaria assim.

Tarian rodou sobre si mesma e pressionou a bochecha contra o homem que, de muitas mais formas que William, tinha a sua vida em suas mãos. A emoção mais uma vez mexeu tão profundamente, que ela mal conseguia respirar. E se perguntou sobre toda essa ataque. Sempre tinha mantido os sentimentos enterrados profundamente e, embora desejasse confiar neste homem, tinha medo



de que seu juramento a seu rei pudesse finalmente triunfando sobre qualquer coisa que houvesse entre eles.

Possivelmente a agitação emocional era pelo bebê. Deslizou a mão para baixo, para a tensa cintura. Suspirando fortemente, elevou o olhar para ver uns sonolentos olhos verdes olhando-a. Elevou-se para ele e beijou-o, sabendo em suas entranhas que o tempo compartilhado corria para seu fim. E isso arrasava seus sentimentos de forma insuportável. Mas, decidiu que poderia lhe confessar seu papel na ausência de Warner. Embora só fosse para acalmar-lhe a mente, e sobretudo para acalmar a si mesma. Iria fazê-lo entender.

Quando o galo cacarejou, Tarian deslizou da cama e retornou ao seu quarto, chamando Edie.

— Preparem uma cesta. Desejo levar o meu senhor cavaleiro ao lago para passar o dia. Peçam que Rolf prepare nossos cavalos.

Enquanto retornava ao aposento de Wulfson, sorriu e o encontrou, sorrindo amplamente nu da cama.

— Vista-se. Tenho um lugar especial que quero compartilhar com você este dia.

Enquanto saíam de Draceadon, o dia não podia ser mais perfeito. Céu azul, brancas nuvens esponjosas e o ar mais temperado. O lugar que ela tinha em mente o tinha encontrado por acidente, durante seu segundo dia em Draceadon. Tinha fugido para ali em várias ocasiões para afastar-se de Malcor e do fedor da perversão que parecia se agarrar a ele.

Sorriu para Wulfson, que por uma vez não estava vestido com sua armadura, mas estava mais bonito com as escuras meias de lã, uma suave túnica de linho verde debaixo de um espartilho tachado de couro suave. Só sua larga espada o acompanhava, assim como o fazia a sua. Mas o lago era isolado e não muito longe, e Edie conhecia sua localização.

— Não está muito mais além, milord — enquanto rodeavam um estreito caminho, um espesso bosque de árvores parecia bloquear o caminho, mas Silversmith se moveu com facilidade através dele e ali, do outro lado, simplesmente sob uma aveludada e verde encosta, uma lagoa transparente como cristal, como o recipiente onde se derrubava a água fria do manancial de montanha, saudou-lhes. Era reservado, contudo, havia apenas uma suficiente abertura no espesso bosque de árvores que os rodeavam para deixar caminho aos raios de sol.

Ela sorriu para Wulfson e seu sangue aqueceu. Ela iria convencê-lo a se despir na água, e incentivá-lo que fizesse amor com ela na aveludada ribeira. Poderiam comer, dormir uma sesta e fazer amor. E então confessaria tudo.

Ataram os cavalos em uma árvore próxima e Tarian estendeu umas grossas colchas de pele. Olhou para cima para encontrar-se com Wulfson olhando-a com um grande sorriso no rosto.

— Venha aqui, moça.



Negou com a cabeça, jogando uma paquera. Dando um passo para trás, despiu-se rapidamente. Riu quando os olhos dele se alargaram, e quando ele se lançou para ela gritou e fugiu dele mergulhando na água fria e clara. Quando saiu à superfície, esquadrinhou a ribeira buscando-o, esperando que estivesse aí, mas não havia nenhum sinal dele.

Fortes braços a agarraram por detrás e ela gritou outra vez, mas desta vez ele a silenciou com os lábios. Tarian não pôde fazer nada mais que envolver os braços ao redor de seu pescoço e afundar-se com ele na água. Ele a agarrou pelos braços, caminhou a pernas para a ribeira, apoiou-a sobre as peles e sob o suave sol da manhã fizeram amor. E ela nunca se sentiu mais amada.

Enquanto permaneciam nus na borda, alimentou Wulfson com partes de carne e queijo. Beberam vinho e adormeceram sob o quente sol.

Pouco se disse, não eram necessárias as palavras. Seus corpos falavam por eles.

Enquanto jazia com a bochecha apoiada em seu peito e riscava com dedos preguiçosos sua cicatriz, Wulfson clareou a garganta e ela imediatamente ficou quieta.

— Tarian, — disse suavemente — espero que Gareth tenha retornado quando formos daqui. Como sabe, vou a Normandia imediatamente quando ele voltar.

Ela assentiu, não desejando olhá-lo nos olhos, por medo do que poderia ver.

— Eu peço que você considere vir comigo.

Ela enrijeceu. Olhou para ele e, em seguida viu o desespero silencioso em seus olhos.

— Eu... poderia não retornar nunca. — respirou.

Ele balançou a cabeça e ela se separou dele.

— *Nay*, Wulfson, preferiria morrer a ser um refém de William. Meu tio foi um refém durante anos.

Ele se sentou.

— Pode ser o único caminho.

Ela foi teimosa.

— Nunca deixarei a Inglaterra!

Ele concordou com a cabeça e a atraiu aos braços. Mas ela não queria seu consolo. Queria que lhe devolvessem sua vida, queria sua liberdade, viver em paz com seu filho e com o pai. E com uma impactante compreensão, soube que tudo ia ser só um sonho.

Wulfson pressionou a mão em sua cintura. Isto a surpreendeu. Não lhe importava o menino, ela sabia.

— Pense em seu filho, Tarian, se você não pensa em si mesma.

Apartou-lhe a mão e ficou em pé. Tirou a regata pela cabeça e depois a saia.



— Eu penso em meu filho! Permitiria que seu filho crescesse em uma prisão sem esperança de liberdade? Ou pior, que por causa de seu sangue Godwinson sua vida fosse um constante risco? *Nay!* Nunca irei a Normandia. Jamais!

Wulfson se levantou e deu um passo para ela.

— Valorizo sua vida acima da minha, Tarian. Não verei você morrer!

Ela deu voltas ao redor, os punhos apertados.

— Então retorne.

Ele negou com a cabeça.

— É muito tarde para isso.

Eles ficaram em pé, separados por vários passos, cada um desesperado pelo outro, mas nenhum dos dois tinha a resposta. Vacilou sobre contá-lo que o menino era dele. Mas se desesperava pensando que a forçaria a ir a Normandia. Desejava violentamente tranquilizá-lo sobre Warner, mas temia que pudesse lhe dar chicotadas. E não poderia suportar isso. A tinha colocado acima de todas as demais mulheres, mas as mentiras poderiam fazê-la cair na lama ante seus olhos. Não poderia suportar que pensasse dela que era uma miserável. Mas sabia que não poderia esconder-lhe seus segredos. Dele nunca.

Ele vestiu-se devagar. Enquanto agarrava o cinturão de sua espada, disse-lhe em um tom baixo e significativo:

— Tarian, te quero como nunca quis nenhuma mulher. Mas não posso me casar com você. Não tenho nada para dar. William verá a vantagem de um matrimônio entre você e um nobre normando. Tome e viva. Tome e dê a seu filho um pai. Tome Tarian, porque não poderia vê-la terminar seus dias só como refém de William.

— Wulfson — disse ela brandamente — eu... tenho que te contar...

Ele a empurrou para si e afastou-lhe o cabelo úmido para trás.

— Sem mais palavras, *chérie*. Pedi uma vez que pusesse sua confiança em mim. Encontrarei a solução —atraiu-a para si e então a beijou.

Ela deixou de lutar, porque já não havia nenhuma razão. Era o que era e faria o que tinha que fazer. E enquanto a desgraça que aparecia à sua frente poderia assombrá-la, ela não permitiria. Aproveitaria seu tempo com Wulfson, enquanto o tivesse, e desfrutaria ao máximo.

Inclinou a cabeça para trás e riu, agarrada a seu pescoço.

— Amável cavaleiro tem minha vida em suas mãos. Tenha muito cuidado com ela, porque é a única coisa que possuo.

Ele sorriu.

— Está em boas mãos, milady.

Enquanto dobravam a colcha e empacotavam a cesta, Tarian jogou um olhar sobre Wulfson para o encontrar olhando-a calidamente.

— Deixe de me olhar dessa forma ou poderíamos permanecer aqui mais do que deveríamos.



Ele sorriu abertamente, deixou cair a cesta que segurava e caminhou em sua direção.

— Nunca poderia ter suficiente de você, Tarian, nem em mil anos.

O coração deixou de pulsar enquanto o bosque se agitava como um trovão ao redor deles. Seus olhos se arregalaram e ela olhou para Wulfson, cujo rosto empalideceu. Pôs-se a andar para ele quando seis homens montados, mascarados de negro da cabeça aos pés, irromperam através do clareira, com as espadas levantadas, indo direto para Wulfson. Ele os viu quando ela o fez.

— Corra Tarian, corra para o bosque! — gritou-lhe, então deixou cair ao chão. Rodou para sua espada e estava preparado para lutar na piscada de um olho.

Ela ficou em pé, paralisada e horrorizada, sem vontade de deixá-lo ficar sozinho contra estes inimigos desconhecidos. Tarian se moveu para ele para agarrar sua própria espada e permanecer a seu lado e lutar. Mas foi arrancada por trás e atirada duramente contra o pescoço do cavalo do cavaleiro. Gritou freneticamente, estendendo-se para o Wulfson, que correu para ela gritando e, de repente, sua vista ficou negra.



Capítulo 20

Wulfson viu, horrorizado, que, tão repentinamente como os cavaleiros irromperam na clareira, haviam desaparecido. Precipitadamente rodeou sua espada, saltou sobre o lombo de Tuold e se lançou em sua perseguição.

O desespero arranhava suas entranhas, rememorava uma e outra vez o brutal golpe na cabeça de Tarian e logo seu corpo tornando-se frouxo. O rosto de cada homem estava coberto por um escuro capuz, só as frestas dos olhos os declaravam como humanos. Esporeou o negro a um ritmo mais rápido, estrelando-se através de sarças e matos. Os ramos arranharam sua cara e picaram os braços rasgando a pele. Não sentia nada. O coração pulsava tão rápido e tão furioso em seu peito que temia que pudesse estourar. Os rastros foram para o norte, longe de Draceadon, e seguiu como se os demônios do inferno beliscassem seus calcanhares. Viu-os na frente do caminho, só dois cavaleiros, o que estava com Tarian e outro. Não fugiam dele, mas ao invés, olhavam para trás, quase como se o esperassem. Tuold urrou de dor quando uma flecha golpeou-lhe o flanco direito. Wulfson gritou seu grito de batalha, desembainhado a espada e o garanhão pulou para frente, mais rápido.

Do bosque surgiram mais cavaleiros, pulando sobre ele, e quando se voltou para olhar por cima do ombro, mais o seguiam. Tuold bateu contra os cavalos menores, mas o contato foi suficiente para diminuir seu ritmo. E, como um enxame de abelhas atacando a uma vespa, circundaram-lhe, derrubando-o.

Tarian despertou com o aroma de vinagre debaixo do nariz. Jogou a cabeça para trás e tentou mover-se, mas descobriu que não podia. Estava amarrada a uma cadeira! Rapidamente procurou na sala escura, e a lembrança chegou de repente.

— Wulfson!

A profunda e familiar risada flutuou detrás dela como uma praga.

— Que tenro que pense nesse arrogante normando antes que em você — disse Rangor, dando um passo diante dela.

Seus olhos azuis claro brilharam intensamente na tênue luz das velas de uma mesa próxima.

— O que você fez? — gritou Tarian, lamentando imediatamente a explosão.

Afiados fragmentos de dor cravaram cruelmente sua cabeça onde havia sido golpeada. Fechou os olhos, tomou um comprido fôlego, logo exalou lentamente e os abriu. O despojado quarto se inclinou à direita, depois à esquerda, antes de endireitar-se. Rangor, como de costume, estava vestido com muita elegância e excesso de jóias. Sua arrogância era nauseante.

— Você ao acha que eu me daria por vencido tão facilmente, não é, Tarian?

— Onde estou? O que fez com Wulfson?



Rangor aproximou uma tosca cadeira e a colocou a uma distância segura dela, logo se sentou e a confrontou.

— Está onde ninguém o encontrará. Todos os rastros de nossos cavalos foram apagados. Estamos sozinhos você, eu e esse arrogante bastardo de quem você é puta!

Tarian estremeceu ao ouvir as duras palavras. Tinha sido chamada de piores coisas em toda sua vida e deu de ombros. Mas quando a boca de Rangor vomitou as palavras, fez que o que compartilhava com o Wulfson soasse sujo.

Lutou contra as apertadas cordas que a atavam, a fúria quase a superando.

— Solte-me! Você não tem esse direito!

Rangor sorriu, cruzou as pernas e olhou as unhas como se não estivessem em seus meticulosos padrões. Olhou-a com um desagradável sorriso torcendo os magros lábios.

— Oh, te soltarei, meu doce, mas não até que me dê seu juramento de se casar comigo.

— Nunca!

Ele encolheu os ombros e mordeu uma unha. Cuspiu-a ao chão e se levantou.

— Então será mau também para seu amante. Por cada dia que me negue, receberá outra dúzia de chicotadas nas costas.

— *Nay!* Não descarreguem sua cólera nele! Ele não merece!

Rangor se limitou a encolher os ombros outra vez, e quando a porta se fechou atrás dele, Tarian perdeu todo vestígio de controle.

— Rangor! — gritou — Solte-o! — puxou e se retorceu as cordas, até o ponto que a cadeira caiu com ela.

Ela bateu no chão de terra em um baque duro, a respiração forçada em seu peito. Não se intimidou. De lado, arrastou-se com as pernas pela sala, e logo com os pés chutou na porta.

— Rangor, te verei no inferno antes de me casar com você! — chutou a porta uma e outra vez, gritando, até que finalmente a voz ficou muito áspera para falar.

Sua força se foi, desabou-se contra o chão de terra, e o esgotamento a superou.

Quentes fragmentos de dor atravessavam-lhe os braços, pernas e peito.

Estava preso, estirado de costas. Depois de lutar contra a lancinante dor, o primeiro pensamento de Wulfson foi para Tarian. Tratou de abrir os olhos, mas estavam fechados pelo inchaço. Rugiu com ira e com dor, mas só um áspero som saiu.



Não podia falar, não podia ver, e tinha o corpo em chamas. Então se lembrou. Os punhos no rosto, o chicote nas costas, a lâmina atravessando seu peito. Tinha gritado em agonia durante tanto tempo que sua voz sumiu.

Tentou tragar, mas não pôde, tentou mover a cabeça, mas a dor era muito intensa.

— Tarian. — disse, mas nenhum som saiu.

Uma profunda gargalhada ressonou no quarto.

— Ela não pode te ajudar agora, normando — disse da esquerda uma masculina voz que não reconheceu. — Você a perdeu para sempre.

As palavras doeram- lhe mais que as feridas abertas. Wulfson tentou mais uma vez esforçar-se para abrir os olhos, mas como um morteiro, o sangue secava e comprimido os fechava. Voltou a cabeça para fazer frente à voz e o movimento custou-lhe sacudidas de dor cravando-se no pescoço e os ombros.

— Minha espada o levará ao inferno — disse com voz rouca.

Gritou em silenciosa dor quando seu torturador atingiu sua coxa já ruim com um pau. A agonia em brasa rompeu sobre ele e, em seguida, por sorte, a escuridão.

Wulfson ia à deriva dentro e fora da consciência, e cada vez que sua mente despertava, os primeiros pensamentos eram para Tarian. O pensamento de seu sofrimento foi mais doloroso que suas autênticas feridas. Arrancariam seu bebê? Violariam seu tenro corpo? Ela rogaria pela morte como ele fazia?

Não, ela não faria isso. Era uma guerreira, como ele. Sua determinação o impulsionou, embora soubesse que estava sem comida ou água, e a menos que fosse liberado de algum jeito das ataduras, morreria neste lugar infernal, cego por seu próprio sangue. Vindo do nada foi atingido novamente, desta vez no lado do rosto. Embora não pudesse ver, brilhantes estrelas explodiram dentro do cérebro e a escuridão uma vez mais, o levou.

Tarian foi chutada para despertar.

— Acorde! — assobiou Rangor e abriu passo junto a ela.

Endireitou a cadeira e, se Tarian tivesse tido forças, teria-lhe arrancado a orelha. Como estava, sentia-se esgotada. Ele apertou-lhe uma taça nos lábios e a obrigou a beber o vinho aguado. Ela tossiu e engasgou, mas tomou tudo o que pôde, iria necessitar de sua força.

Sacudiu a cabeça e se retirou quando já tinha tomado o suficiente.

Tal como tinha feito antes, Rangor se sentou em frente a ela.

— Já teve tempo suficiente tempo para mudar de opinião?

Ela sacudiu a cabeça.

— Nunca me casarei com você.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.



— Oh, pois acredito que mudará de ideia. —levantou-se e tirou a adaga de seu cinturão, e sibilando em um suspiro ela retrocedeu.

Mas tudo o que ele fez foi cortar as cordas do seu colo e das suas pernas. Em seguida cortou as que mantinham o peito e costas assegurados. Mas ainda tinha as mãos atadas. Dirigiu-lhe a lâmina ao ventre.

— Me dê o menor motivo e cortarei o bebê de seu ventre.

Ela soprou em um surpreso suspiro. Como ele sabia?

— Tenho espiões por toda parte, Tarian. Você me subestima — empurrou-a para a porta — Ate agora tive piedade de você e de seu bastardo. Você gostaria de vê-lo?

O temor a encheu pelo que pudesse contemplar, mas assentiu vigorosamente.

Ele sorriu.

— Bom, acredito que ficará... surpresa.

Ele puxou fortemente a porta e grosseiramente a empurrou por um escuro corredor. Andou ao longo, tentou o quanto pôde, mas não encontrou nenhuma pista de seu paradeiro. Ao final do comprido corredor havia uma grande porta com pregos. Rangor bateu com os nódulos e a abriu, a visão que a recebeu quase a matou.

Wulfson estava nu, salvo por sua cueca, sobre uma tosca mesa. Os braços estirados por cima da cabeça e amarrados a pontas de metal, como estavam as suas pernas. Mas o que mais a atormentou foi a mancha de sangue que cobria quase cada polegada dele. As marcas de açoite brilhavam em macabra simetria através do peito e coxas. O lado direito do rosto estava tão inchado que não podia detectar nenhum olho. A emoção a encheu com tão brutal corrente que nesse momento ela caiu de joelhos. Ardentes lágrimas brotaram como um dilúvio de primavera e o coração se encolheu com tanta força que não pôde respirar. Todo o corpo a sacudiu diante o pensamento da morte de Wulfson. Não poderia suportar. Ele era seu único verdadeiro amor na terra, e, se tivesse ido, não tinha desejos de permanecer aqui sem ele. A revelação a fez sofrer atormentando-a ainda mais. Ela era a causa de suas feridas, seria a causa de sua morte. Levantou a vista para Rangor. O ódio fervia por cada polegada dela. Apesar das mãos atadas, conseguiu ficar em pé. Deu um passo para ele.

— O que você fez com ele? — gritou.

Ela se virou e tentou lançar-se para o Wulfson, mas foi retida com força por Rangor.

— Olhe de perto, Tarian. Sua vida pende por um fio. — Rangor fez um gesto ao homem encapuzado em pé junto a Wulfson.

Ele levantou um pau e bateu na coxa direita do Wulfson.

— *Nay!* — gritou, puxando com força Rangor.

Mas ele manteve o agarre.



Em silencioso horror viu Wulfson esticar o corpo. Abriu a boca para gritar de dor, mas não saiu nenhum som. Sua dor era sua dor, e ela logo que pode respirar. Vomitou o vinho que tinha bebido e se sentia como se fosse morrer. Se pudesse tirar-lhe um pouco de sua dor faria. O homem encapuzado bateu de novo em Wulfson e esta vez seu grito se escutou.

— Pare com isso! Pare agora! — gritou Tarian para Rangor.

Ela se voltou para ele, e se tivesse podido, teria agarrado suas mãos deixando-se cair de joelhos e o suplicaria. Mas tinha as mãos atadas às costas.

— Seu voto de casamento — disse Rangor em voz baixa.

— Dou-lhe isso! Qualquer coisa para manter sua vida.

— Jura pela vida do menino que leva?

— Sim! Juro! Agora, solte-o!

Os olhos do Rangor brilharam triunfantes.

— Sabia que veriam o valor de nossa união. — se voltou para o homem encapuzado — Corte as cordas que o prendem, não irá a nenhuma parte.

Rangor cortou as cordas de Tarian e ela se precipitou para o Wulfson.

— Querido Deus, por favor, não o deixe morrer — suplicou. Deslizou os dedos trêmulos por sua face e pressionou os lábios nos dele — Vai viver, Wulfson, juro Por Deus que irá viver!

Rangor a agarrou afastando-a.

— Venha e assine o contrato.

Foi dado a Tarian um cavalo e ela voou, empurrando o corcel até seu último fôlego, do mesmo modo que irrompeu no prado abaixo de Draceadon. O coração pulsava-lhe como um martelo no peito. O cavalo soltou-se debaixo dela, tão duro quanto ela tinha empurrado.

Saltou fora e correu colina acima, gritando por ajuda.

Vários dos homens de Wulfson estavam montados e correram para ela.

— Thorin! Rohan! Depressa, Wulfson agoniza!

Thorin parou diante dela e com um braço a arrancou do chão. Tão ofegante estava que mal podia falar.

— Está morrendo! Thorin, devemos ir até ele!

— Onde, Tarian? — perguntou ele, sacudindo-a.

Sua cabeça agitou-se e ela quase desmaiou.

— Quase meio-dia de subida para o norte. Recolham roupas e bálsamos, me tragam um cavalo renovado, e eu os levarei. — boquejou.

Thorin tomou as rédeas de seu cavalo e virou-se dirigindo-se para a fortaleza. Rohan, Ioan e Rhys se uniram a eles, todos exigindo saber o que tinha acontecido.



— Wulfson está gravemente ferido. Selem os cavalos e reúna aos homens!
— gritou Thorin.

Tarian saltou do cavalo de batalha logo que Thorin freou diante as portas.

— Edith! — gritou Tarian, irrompendo no salão — Traga-me roupa e bálsamos!

Do nada apareceu a ama, e se apressou a levar-lhe os itens. Tarian pôs-se a correr de novo para o pátio, mas foi detida abruptamente por um punhado de homens de Wulfson. Ficaram com o cenho franzido para ela, a desconfiança claramente cobrindo os rostos.

— Por que estão parados? Vamos, depressa!

Thorin negou com a cabeça.

— Primeiro nos diga o que aconteceu.

Incrédula, abriu a boca.

— Ele... nós... eu... fui... sequestrada! Wulfson foi atrás de mim, e o torturaram! — tomou a mão de Thorin e puxou ele para a porta — Vamos, não há tempo a perder!

Edith correu para ela com uma bolsa cheia. Tarian a agarrou.

— Não acredite em mim, então! Mas eu vou voltar para ele. Precisa de mim!
— as lágrimas brotaram em uma torrente sem vergonha — Precisa de vocês!

Saiu correndo do salão e soube, pelo tamborilar dos pés, que os homens a seguiram. Silversmith já estava preparado, e pela primeira vez em sua vida Tarian não necessitou de ajuda para montá-lo. Deu um salto sobre o lombo do cinza, e antes que a bolsa estivesse completamente presa à cela e as rédeas nas mãos, esporeou-o e se afastaram ao galope.

Não podia impulsionar o cinza rápido o bastante. Mas diferente do cavalo que tinha montado antes, Silversmith tinha uma grande força e resistência. A ansiedade a rasgou ao dar-se conta de que não se lembrava exatamente por onde tinha vindo, tão absorta tinha estado só em chegar aos Espadas de Sangue por ajuda. Entretanto, algum instinto a conduziu de novo à pequena estrutura desmantelada da qual tinha fugido.

Refreou Silversmith em uma abrupta parada, e, sem esperar que os homens a seguissem, saltou e recolheu a bolsa da sela. Empurrou a grossa porta, atravessou correndo a pequena sala e o escuro corredor até a porta cheia de pregos. Empurrou-a abrindo-a e o coração voou alto na garganta, aterrorizada de encontrar a seu bem-amado morto.

Estava como tinha o visto na última vez, cheio de sangue e apenas vivo sobre a mesa. Apressou-se para ele, e tão delicadamente quanto pôde, pressionou a orelha contra seu peito ensanguentado. O batimento de seu próprio coração era tão forte que seus ouvidos não podiam detectar o dele.

Meu deus, Meu Deus! Por favor, não o leve de mim!

Uma forte mão a agarrou pelos ombros e brandamente a afastou. Olhou para cima através das quentes lágrimas para ver Thorin.



A cara estava contorcida pela ira, e algo mais. Medo? Seus homens se reuniram ao redor dele, e ela viu como Rohan levou a mão à boca de Wulfson. Um pequeno sorriso gretou seus lábios, assentiu com a cabeça e levantou o olhar.

— Ele respira.

Os joelhos de Tarian fraquejaram, e se Thorin não tivesse tão perto dela teria desabado de alívio no chão.

— Água! — trovejou Thorin.

Ioan rapidamente saiu correndo da sala. Rhys jogou no chão as cordas que estavam sobre a mesa e levou a mão à testa de Wulfson.

— Ele arde com febre.

Ioan voltou com odres de água e vinho. Tarian se afastou e contemplou em humilde silêncio como os Espadas de Sangue atendiam seu irmão ferido. Lavaram-lhe o sangue do corpo. E ela se encolheu ante as feridas. Embora não fossem profundas, eram muitas. Stefan tirou uma bolsa de bálsamo do cinturão e com cuidado o aplicou sobre a carne viva. Delicadamente os homens giraram Wulfson repetindo a mesma ação em suas costas, que felizmente não parecia ter sofrido a mesma severidade de lesões.

Nenhuma vez Wulfson fez um som. E isso a preocupou muito. Estava em um profundo sonho do qual só o tempo poderia despertar.

Quando seu corpo foi limpo e as feridas cobertas, os homens o envolveram em lençóis de linho.

— Manhku! — chamou Rohan o gigante — Me ajude a levantá-lo.

O africano se adiantou, e como se Wulfson não fosse mais que um bebê, o gigante o levantou nos braços, tão meigamente como uma mãe a seu filho. Voltou os escuros olhos zangados a Tarian, e ela soube que todos a culpavam. E tinham razão. Foi a cobiça de Rangor por ela que o tinha levado a isto. Concordou aceitando sua cólera com calma. Ela não sentia de maneira diferente.

Manhku levou Wulfson para fora do quarto à luz do sol minguante. Thorin montou em seu grande cavalo, e entre Rohan e Manhku levantaram o corpo ferido de Wulfson para ele. Uma vez seguro na sela, Thorin dirigiu lentamente seu cavalo para Draceadon.

Com sua força esgotada, Tarian arrastou os pés até Silversmith, e se deu conta de que não tinha a energia para montá-lo. Todos os Espadas de Sangue haviam-no virado de costas, sem reparar nela.

As lágrimas fluíram outra vez e sentiu como se sua força vital se extinguisse. Não lhe importava ter prometido sua alma a Rangor. Sua liberdade era um pequeno preço a pagar pela vida de Wulfson. *Nay*, que seus homens lhe tivessem dado as costas foi mais que um golpe para ela, como se o próprio Wulfson tivesse dado.

Ela tomou as rédeas de Silversmith, e em vez de procurar algo onde elevar-se, pôs-se a andar atrás dos cavaleiros, como se realmente não estivesse sentindo nada.

Foi algum tempo depois quando sentiu vários grupos de olhos sobre ela. Levantou a vista para encontrar Rohan e Rorick parados e olhando-a fixamente.



Tentou sorrir, mas não conseguiu. Rorick desmontou e, sem dizer uma palavra, içou-a nos braços sobre o lombo de Silversmith.

— *Merci*. — disse em voz baixa.

Rodeada pelos dois cavaleiros, Rorick perguntou:

— Conte-me desde o começo o que aconteceu.

Os outros cavaleiros desaceleraram para escutar sua história. E seria um conto, pois não podia dizer a verdade. Tomando uma profunda respiração, Tarian olhou um a um aos homens, sem vacilar em seu olhar.

— Wulfson e eu fomos ao lago na clareira. Estávamos nos preparando para retornar a Draceadon quando chegaram do bosque um grupo de homens encapuzados a cavalo — tragou saliva quando reviveu a comoção e o horror de ser separada de Wulfson. Ela olhou fixamente para Rorick — Era a mim que buscavam. Alguém me agarrou quando Wulfson pegou sua espada. Não sei o que aconteceu a ele depois disso, já que fui golpeada na cabeça e tudo ficou escuro.

Ela apertou a mão na parte posterior da cabeça, onde ainda ardia a ferida.

— Como escapou? — perguntou Rorick, enfatizando a palavra escapar, como se ela tivesse sido uma criada despreocupada dando um passeio.

Negou com a cabeça.

— Não escapei. Puseram-me em liberdade.

— Por quê? — perguntou Rhys.

Olhou o jovem cavaleiro e forçou um sorriso.

— Eles me mostraram o que fariam a Wulfson, — voltou a tragar quando a emoção contraiu seu peito — disse-lhes que daria tudo o que quisessem por sua vida.

— E o preço? — exigiu Ioan.

— Meu dote. Disse-lhes onde encontrá-lo no Briarhurst. O líder enviou um homem e quando retornou, deram-me um cavalo idoso e desapareceram. Vim a Draceadon tão rápido como pude.

— Quantos eram? Eram saxões? — perguntou Rohan.

— Só vi dois na estrutura, mas quase uma dúzia me sequestraram. O líder fala inglês.

Rohan franziu o cenho.

— Por que teriam que te liberar uma vez que tivessem o ouro? Por que não acabar com sua vida?

O coração de Tarian batia com força contra as paredes do peito. Sacudiu a cabeça e mentiu outra vez, e isso não caiu bem para ela, mas, o que poderia fazer? Tinha dado seu juramento, tinha assinado o documento que se casaria com Rangor. Não podia faltar com a sua palavra. Aceitou o preço que devia pagar pela vida do Wulfson.

— Disse ao líder que se não me permitisse voltar para o Draceadon e o normando morresse, não haveria uma rocha sob a qual pudessem esconder-se em



toda a Inglaterra, pois *les morts*³³ iriam caçá-los e matá-los um a um. — Olhou a todos e a cada um dos homens, e soube que suas palavras ressoaram neles.

Rorick e Rohan assentiram com a cabeça e, a seguir Rhys e Ioan, mas Stefan a olhava como se não acreditasse em uma palavra. Olhou-o fixamente, não lhe dando mais motivos para duvidar de seu olhar. Depois de um comprido momento, também ele assentiu.

³³ *Em francês: os mortos. Guarda de elite do Rei William.*



Capítulo 21

Necessitou de dois dias de constantes batalhas com os Espadas de Sangue antes que eles cedessem e permitissem entrar no quarto de Wulfson. Tarian compreendia seu comportamento reservado com ela, mas mesmo eles entendiam a urgência de tirar Wulfson de seu sono, e se ele não fizesse por seus companheiros, então poderia fazer por ela.

Tarian os desalojou da entrada do quarto, e no lugar do bálsamo para cavalos do Stefan, insistiu nos bálsamos de Edie e de cataplasmas. Em dois dias, estes fizeram milagres. Sua pele se curou, mas a febre não cedeu; apesar dos banhos mornos que lhe dava quatro vezes ao dia. Tarian realmente começou a preocupar-se. Não era natural que ele dormisse tão profundamente durante tanto tempo. Não tinha recebido nenhum sustento salvo o vinho que podia verter em sua boca. Seu corpo estava perdendo peso lentamente.

Com a ajuda de seus homens, que constantemente permaneciam por turnos na entrada, rolaram-no para que ela pudesse curar as feridas em suas costas. Cada vez que esfregava suavemente o bálsamo cicatrizante na pele em carne viva, e ele gemia de dor Tarian também gemia com ele. Como tinha sobrevivido a essa tortura não sabia, mas dava graças a Deus por cada dia que Wulfson seguia com ela.

Seus homens guardavam silêncio, mas podia ver a preocupação e a cólera em seus rostos.

— Com a ajuda de Gareth, e o oferecimento de ouro para alguém com informação sobre as chicotadas, nós cobrimos cada esconderijo da região do limite norte Galês até Hereford, e não vimos a nenhuma pessoa que se ajuste a sua descrição, Lady Tarian —disse-lhe Rorick, quando retornou de outro duro dia de cavalgada. E ela soube que não encontrariam.

Sentindo-se desconfortável com suas mentiras, ela rompeu a tensão.

—Ajude-me a girá-lo, Rorick, preciso trocar os lençóis sujos.

O grande guerreiro foi tão gentil com seu amigo como se estivesse agarrando um bebê. A devoção que demonstravam estes homens a comoveu além das lágrimas. A união que compartilhavam era verdadeiramente profunda. Que a deixassem atender a seu líder deu indícios de sua confiança, e a vergonha e a culpa a atormentaram outra vez. Ela a empurrou de sua mente. Sua única preocupação agora era ver a saúde do Wulfson restaurada. Ele estava às portas da morte por sua causa.

Tarian banhou-o aí onde estava, e notou que apesar do sono profundo e a febre, suas feridas estavam se curando. Mas, uma vez que a noite caiu, seus temores por sua vida retornaram outra vez como uma vingança. Não podia perdê-lo agora que o tinha encontrado! Não assim.

Ela deslizou para a cama, pressionando suavemente a bochecha em seu peito. Tomou sua mão e a colocou sobre o ventre.



— Seu filho cresce dentro de mim, Wulfson. Ele vai precisar de seu pai. Eu necessito do seu pai — com a cabeça em seu peito, Tarian ficou silenciosamente esperando uma mudança no batimento do coração.

Embora forte, era amortecida, e ela pensava que passava muito tempo entre cada uma.

— Te amo, Wulfson, mais que a minha própria vida. Irei com você a Normandia. Vou segui-lo até o fim do mundo — ela pressionou os lábios em seu peito. — Mas deve acordar, Wulfson, deve brigar. Seu filho precisa de você. Eu preciso. Por favor, desperte e viva.

Ao longo da noite e o dia seguinte, ela fez a ele promessas que sabia de coração que não poderia manter, mas também sabia que não havia outra forma de dar a ele a vontade para sobreviver. Se não por sua conta, então por seu filho. Ela pressionou a esponja úmida em seus lábios, esfregou bálsamo sobre eles e nas feridas. Cantou-lhe, inventou contos selvagens dos dois brigando um do lado do outro, conquistando o mundo. Falou seriamente de seu amor por ele, e pediu seu perdão.

A febre cessou essa noite, e seus olhos inchados se abriram.

— Querido Deus, Wulfson, pode me ver? — ela rezou de modo que não visse sua vista.

Observou-o focar e entrecerrar os olhos. Fechou-os de novo, só para abri-los lentamente. Sua mão calosa, cheia de cicatrizes se moveu para a sua, e ela derramou as lágrimas quentes que tinha estado guardando durante quase uma semana.

— Wulfson — ela sussurrou — Está vivo.

Ele assentiu e tragou. Ela levou a fria esponja úmida a seus lábios ressecados e a apertou. Ele chupou o vinho desta.

— Você deve comer. Tenho papa de aveia para você.

Seus olhos adormecidos a contemplaram, e o coração se partiu mais uma vez. Afastou-lhe o cabelo de sua face e pressionou os lábios em sua fronte.

— Wulfson, não me deixe outra vez. Está vivo. Você vai se curar.

Ele fechou os olhos de novo, e ela o deixou dormir.

Passou o resto da noite velando por ele e limpando os vestígios da febre de sua pele. Tarian caiu adormecida. Mais tarde despertou lentamente, e se deu conta de que sua respiração era forte e estável, sentia sua pele contra as pontas dos dedos. Ela se levantou para encontrar suas pálpebras abrindo-se lentamente, e o coração cantou diante do ardor de seu penetrante olhar. Sorriu e pressionou os lábios nos seus.

— Bem-vindo de novo, milord. Senti saudades.

— Que aconteceu? — perguntou roucamente.

— Contarei tudo logo que beba um pouco de caldo.

Ajudou-o a sentar-se direito na cama, pondo vários travesseiros em suas costas, cuidando de não machucar sua pele macia. Ele estremeceu, mas não



mostrou algum outro sinal de desconforto. Enquanto o alimentava com a colher, perguntou-lhe:

— Lembra-se do dia no lago?

Ele balançou a cabeça.

— Foi tão simples como um sequestro. Era eu o alvo.

Ele parou sua mão e a tomou entre as suas.

— Foi ferida? — perguntou, a voz baixa e áspera .

— *Nay*, disse-lhes que não conseguiriam nada se chegassem a me tocar. Fiz-lhes a mesma ameaça a respeito de você. — seus olhos se encheram de lágrimas — Oh, Wulfson, quase morri quando vi o que tinham com você!

— Como escapou?

Ela olhou para a tigela que tinha nas mãos.

— Dei-lhes o dinheiro de meu dote. Por sua vida e pela minha.

Ele se manteve silencioso por um comprido momento, e ela orou para que ele não fizesse mais perguntas.

— Como? Como a levaram a ele?

A mão tremeu enquanto levantava a colher.

— Havia um cofre no Briarhurst. Mas eu dei a localização. Uma vez que retornaram, abandonaram-nos.

Ele sacudiu a cabeça e apertou sua mão.

— Fracassei em protegê-la.

— Wulfson, eram muitos e tinham planejado bem. Nenhum outro homem poderia ter lutado e sobreviver a isso.

— O que aconteceu a meu cavalo e minha espada?

— Esse diabo negro retornou para cá, assim como Silversmith. Ele alertou a seus homens e aos meus. Sua espada está segura junto à lareira, só esperando por você — pressionou outra colherada de caldo em seus lábios. Quando a tigela ficou vazia, disse — Deixe ao caldo assentar e arranjurei algo mais vigoroso. Agora devo dizer a seus homens que está acordado. Todos eles estiveram como babás preocupadas.

Quando ela fez uma tentativa de mover-se da cama, ele agarrou sua mão e a atraiu de volta. Não teve forças para atraí-la até abaixo, mas seus olhos se elevaram à altura dos dela.

— Eu sonhei ou você disse isso, que o menino que carrega é meu?

A emoção subiu no seu ventre. Queria dizer-lhe a verdade desesperadamente. Mas não podia. A forçaria a ir a Normandia, e isso nunca faria.

— Se te agrada pensar assim, então eu não me importo.

Ele franziu a testa, e ela sorriu.

— Ah, aí está, o cenho infame.



Quando se moveu outra vez, ele a deteve de novo.

— Disse que me ama?

O calor ruborizou suas bochechas, mas isso não o podia negar.

— Sim, Wulfson, com todo meu coração eu te amo. Oxalá pudesse mudar as coisas.

Sua frente se enrugou pela confusão.

— Onde me deixa isso?

Ela sorriu tristemente, e tocou seus lábios com as pontas dos dedos.

— Onde sempre estive: Você me matará se seu rei o ordenar.

Ele negou com a cabeça.

— *Nay!* Nunca será assim.

Ela o fez calar e se apressou para fora do quarto.

*D*esse momento, Wulfson se recuperou a um ritmo milagroso. Estava fora da cama e caminhando lentamente em torno do quarto na manhã seguinte, embora com uma mancando perceptível.

— Fizeram piorar minha perna ruim. — disse para ela. Mas resistiu como um guerreiro através da dor. Comeu com o apetite de dez homens, e no segundo dia depois de despertar, insistiu em vestir-se e baixar ao salão. Ele foi recebido com selvagens felicitações, não só de seus próprios homens, mas também dos dela, e vários dos aldeãos que se agrupavam ao redor. Essa noite houve um grande banquete, e Wulfson se reuniu com seus homens.

— Saio para a Normandia em três dias.

— *Nay*, Wulfson! — ofegou Tarian — É muito cedo. Deve se curar completamente.

Ele franziu o cenho.

— Aprecio seu cuidado, Tarian, mas não sou um covarde de um menino que necessite mais mimos. Estarei bastante bem para cavalgar e me defender em três dias. Não me chateie para que fique.

Ela assentiu com a cabeça, inclinando-a ligeiramente, em seguida virou-se e correu para seu quarto. Tarian sabia que ele estaria bastante bem para cavalgar em três dias, mas então ela teria que pagar por sua vida. Assim seja. Ele estava vivo, e isso era tudo o que importava.

*W*ulfson combateu o desejo de perseguir Tarian, mas resistiu. Tinha o coração carregado com o peso de diferentes emoções por ela, mas não mostraria debilidade diante de seus homens por uma mulher, nem mesmo por uma tão espetacular como ela. Em vez disso, voltou-se para eles com um sorriso tenso, amargo.



— Quero os bastardos que me fizeram isto, e os quero vivos. Cavalgarei pelos rincões deste miserável lugar até que cace a cada um deles e abra seus ventres com minha própria espada.

Manhku rosnou baixo, e disse em seu francês hesitante:

— Isso é muito gentil. Queime seus olhos e corte seus dedos um por um, logo os dedos dos pés, depois suas mãos, e então seus pés. — sorriu para todos eles, seus dentes afiados brilhando intensamente — dê-lhes machadadas até matá-los, pedaço por pedaço.

Wulfson sorriu e elevou a taça.

— Manhku, você é o diabo!

Seus homens beberam, conspiraram e planejaram, mas mais que isso, celebraram a sobrevivência de Wulfson. Muito tempo depois que as tochas tivessem sido apagadas, Wulfson se encaminhou até seu quarto. Se desculparia com Tarian por sua brutalidade, mas também faria que ela entendesse que não era um menino. Pela primeira vez desde que despertou, sentiu como fervia seu sangue por ela. Mas duvidou ter a força necessária para fazer amor com ela.

Wulfson se surpreendeu ao ver seu escudeiro e não Tarian na soleira do seu aposento. O moço sorriu e se inclinou em uma reverência.

— Sir Wulfson, estou contente de te ver levantado e estar andando. Deu a todos um grande susto.

Wulfson parou e contemplou o moço, que estava lutando para impedir que a umidade dentro de seus olhos escorregasse para baixo por suas bochechas.

Deu-lhe um ligeiro murro no moço e disse bruscamente:

— Eu também estou feliz de estar de novo em pé. — olhou além da estadia vazia — Onde está Lady Tarian?

— Em seu quarto, senhor. Vou buscá-la para o senhor. Mas antes que o faça, preparei-lhe um banho.

Wulfson negou com a cabeça.

— *Nay*, moço, não tenho estômago para me sentar na água quente. Possivelmente amanhã. Vá trazer a dama, e logo te ocupe de suas próprias necessidades.

Quando a porta se fechou atrás do moço, Wulfson lentamente perambulou pelo quarto, despindo-se. Embora o corpo já não queimasse como o fogo, ainda o picava. Sua perna doía muito. O calor onde a madeira havia batido não diminuía, embora as compressas frias que Tarian tinha pressionado na área, tinham aliviado um pouco. Pediria que fizesse isso outra vez quando chegasse. Cuidadosamente, sentou-se na borda da cama e esfregou a coxa.

Então ouviu o chiado da porta enquanto se abria, e logo se fechava.

— Tarian — sussurrou.

— Estou aqui, milord.



Ele levantou o olhar para seus olhos brilhantes e não viu vestígio de mágoa neles. Na verdade pareciam prestes a lutar. Ele sorriu. Levantou a mão para ela e Tarian se moveu mais perto dele, mas não o suficiente para tocá-lo.

— Não tema por minha saúde, *chérie*. Em poucos dias, a febre estará fora de minha perna e o peso de minha armadura não me causará nenhum desconforto. Sobrevivi a coisas piores.

Ela sacudiu a cabeça, os olhos ainda brilhantes.

— Como poderia sobreviver a algo pior que isto? Estava às portas da morte!

— Confie em mim, sobrevivi um ano em um buraco infernal sarraceno. Posso sobreviver a qualquer coisa que um covarde saxão leve a cabo — ele apalpou a cama a seu lado. — Meu sangue queima por você, Tarian, mas temo que utilizei todas minhas forças durante o dia.

Em vez de sentar-se junto a ele, ela pôs uma jarra cheia de água fria na mesinha de noite e colocou tecidos nela.

— Deite-se para que eu possa colocar as compressas sobre sua coxa.

Vestido só com a roupa íntima, ele se recostou e ambos sorriram ante a elevação nos calções.

— O dia no qual já não possa me levantar para você, Tarian, será o dia no qual podem me enterrar.

Ela riu suavemente e pressionou os lençóis em sua pele.

— Aye, temo que seu coração tenha parado de pulsar por muito tempo, mas seu pênis ainda faria uma saudação. É um membro mais que voraz a que têm aí.

— Aye, quando se trata de você, tem mente própria.

Tarian se sentou a seu lado e apertou a palma da mão nele. Wulfson suspirou fortemente.

— Graças a Deus que não te tocaram aqui.

Ele envolveu a mão ao redor da dela e apertou.

— Você faz esquecer que não tenho força.

Ela negou com a cabeça, o comprido cabelo caindo em cascata ao redor dos ombros e a cintura. Então tirou a mão da dele.

— *Nay*, não esta noite — ela se levantou e o pressionou de volta aos travesseiros — Não quero te machucar.

Seu braço se deslizou ao redor da cintura e a pegou contra dele. Ela não resistiu, mas tampouco participou.

— Você nunca poderia me machucar — disse brandamente, beijando-a.

Devolveu-lhe o beijo e ele saboreou a salinidade úmida de suas lágrimas. Wulfson se afastou.

— Por que as lágrimas, Tarian?

Ela só negou com a cabeça, sem responder. Frustrado por seu comportamento, Wulfson implorou:



— O que está errado, Tarian? Não posso suportar suas lágrimas!

Ela inalou de novo um soluço e negou com a cabeça.

— Eu... não me recuperei de vê-lo tão torturado. Temi por sua vida, Wulfson. Estava aterrorizada. Faria qualquer coisa para te salvar.

Ele a atraiu para seus braços, e a única dor que sentiu foi o inchaço do coração.

Ele beijou o topo de sua cabeça e tranqüilizou-a com palavras suaves. Mas não admitiu que ele também estava aterrorizado, pois sabia em suas entranhas, que William não cederia.



Capítulo 22

Os dois dias seguintes passaram em um torvelinho de atividade. A energia era evidente em Draceadon enquanto Wulfson fazia os acertos para sua viagem a Normandia. Seus homens, assim como os dela, tinham um sentimento de esperança que Tarian não podia compartilhar.

Na terceira noite, na noite antes que Wulfson tinha que partir, Gareth chamou-a à parte.

— Milady, chegou o aviso. O cavaleiro Warner escapou.

O medo se apoderou dela com tanta força que acreditou que desmaiaria pela falta de fôlego.

Pelo seu semblante que continuava carrancudo, soube que havia mais.

— O mensageiro real de William foi avistado. Vem com um grande contingente de cavaleiros. Não é um bom presságio para você. Devemos fugir esta noite.

O pior pesadelo do Tarian estava se realizando. William estava empenhado em sua destruição. Balançou a cabeça.

— Recolha os documentos e os envolva em uma pele, depois coloque em um saco de couro e os mantenha com você, Gareth. Enviei uma mensagem a Rangor para nosso encontro logo após Dunloc. Viajaremos para o oeste até Powys, onde Rhiwallon aguardará com homens.

O carrancudo semblante de Gareth se transfigurou. Ele era radicalmente contrário ao seu matrimônio com o Rangor.

— Mantenha suas palavras afiadas para você mesmo, Gareth. Era casar com esse rufião ou a morte de Wulfson. Prefiro viver como Lady Lerwick a ver Wulfson morto por causa de minha irresponsabilidade.

— Quando o normando se inteirar de que foi Rangor quem os sequestrou e ordenou sua tortura, não haverá uma rocha nesta ilha sob a qual ele possa se esconder.

Tarian assentiu com a cabeça.

— Não virá a Gales.

— Não esteja tão segura disso.

Seu capitão partiu e Tarian voltou a encontrar os olhos de Wulfson sobre ela através do salão. Ela sorriu e se dirigiu para ele.

— Deve jantar milord.

Ele não se moveu quando ela pegou sua mão e o puxou para a mesa.

— Está tudo bem com seu capitão?

Sorriu para ele e disse:

— Ele se preocupa excessivamente. Vamos, a comida está preparada.



Enquanto estiveram sentados e a oração foi feita, Tarian se obrigou a festejar com os outros. A esperança e a antecipação galopava com força nos homens, pois nos dias transcorridos da tortura do Wulfson, os Espadas de Sangue lentamente a tinham admitido em seu círculo íntimo, em reconhecimento a sua dedicação para com seu irmão, e tinham esperanças também de que, se alguém pudesse mudar a ideia de William, esse seria seu capitão. Mas por mais que tentasse, Tarian não conseguia seguir adiante. Já que não tinha importância. Então, por ele, ela casaria com Rangor e tudo seria sem importância. Wulfson percebeu seu estado de ânimo e se ela mostrou agradecida quando se retirou cedo com ela. Mas uma vez que a porta se fechou atrás deles, viu o cálido brilho nos olhos.

— Venha para mim, Tarian, como Deus te criou. Dê-me tudo o que tem esta noite, pois pode demorar meses antes que possa te ver outra vez.

Ela sorriu, o sangue aquecendo-se apesar do medo do que o dia de amanhã traria. Pouco a pouco se despiu diante dele, só o tênue resplendor da luz das velas a expondo. Quando deslizou o traje pela cabeça e o deixou cair aos pés, ouviu o agudo sopro da respiração do Wulfson. Olhou-o fixamente, sabendo que a paixão em seus olhos se refletia também nos seus. Ele caminhou lentamente para ela, o mancar pouco perceptível. Tirou a túnica e depois a camisa. Seu peito subia e descia com antecipação, e ela percebeu que ele tinha recuperado a maior parte do peso perdido. Parecia um retrato de vitalidade, exceto pelas cicatrizes que o atravessavam. Rapidamente se despojou de toda sua roupa, deixando-a cair onde estava.

Parou a um palmo dela e olhou-a. Tinha a pele quente e os seios se estremeceram sob seu olhar. Estendeu uma mão ao seio esquerdo e levantou a ondulação para ele. Ela sentiu o coração dar uma guinada contra seu tato. Os mamilos se franziram dolorosamente. Fechou os olhos, desejando seus lábios ali. Fragmentos abrasadores de desejo perfuraram seu ventre quando seus quentes lábios tomaram um mamilo na boca e com doçura se amamentou. Recostou-se contra ele, os joelhos não tinham força para sustentá-la. Seu forte braço se envolveu ao redor da cintura, sujeitando-a a ele. Em total entrega se ofereceu. Ele a levantou nos braços e se aproximou da cama, onde suavemente a deitou. Ele estava quente e duro para ela. Levantou a mão para tocá-lo e foi sua vez de soprar em uma profunda respiração.

Ele se ajoelhou ao seu lado no chão e deslizou os lábios uma vez mais por seus seios e logo os arrastou até seu ventre. Estendeu a mão e olhou-a aos olhos, ela esteve a ponto de confessar-lhe tudo nesse momento. Seus lábios descenderam até seu monte. Elevou os quadris para ele. Ele pressionou os lábios aí e ela gritou. Introduzindo os dedos em seu grosso cabelo, apertou-o mais firmemente contra ela. Em uma selvagem ondulação, os quadris se balançaram para sua amamentação. Não pôde evitar a dura onda de desejo que a golpeou instantaneamente, nem a seguinte, quando ele deslizou o dedo profundamente em seu interior.

— Wulfson! — ofegou, fechando os olhos apertadamente quando a excitação a afligiu.

Seus lábios e sua mão a elevavam a outro destrutivo clímax. Ondulou o corpo violentamente debaixo dele e soube que se não a enchesse logo morreria de necessidade.



Elevou-se sobre ela na cama, e separou as coxas com o joelho. Recolheu-a em seus braços e a olhou enquanto lentamente entrava nela, sensualmente, polegada a polegada. Ela observou seu rosto endurecer pela paixão, seus brilhantes olhos nunca saindo dos dela.

— É minha, Tarian Godwinson. Nenhum homem, exceto eu a terá.

A emoção fluiu com a força de uma tormenta do verão. Ele empurrou até o fundo em seu interior.

— Diga que é minha.

Mal conseguindo falar, tão derretida pela emoção, ofegou as palavras:

— Pertença só a você.

E era a verdade.

Ele investiu uma e outra vez, e ela pensou que se desintegraria. Seus lábios descenderam sobre ela em um violento beijo. Seus braços rodeados ao redor, quase espremendo a vida dela. Seus quadris se dirigiram para ela com a força de uma tempestade. Suas respirações ficaram roucas e desiguais, como se a emoção entupisse seus peitos. Ficaram suspensos, os olhos muito abertos com assombro, logo chegaram ao clímax juntos, e o mundo inteiro girou a seu redor.

Durante compridos momentos, abraçaram-se como se separar-se significasse o fim de seu mundo. Para Tarian, era a realidade.

— *Chérie*, — disse ele suavemente contra seu peito — não perca a esperança. Acredite em mim.

O coração inchou-se com tanta rapidez e tão completamente que não pôde respirar. Não confiando em sua voz, balançou a cabeça contra seu peito, onde seu coração pulsava sólido e forte. Mas sua determinação se manteve firme, apesar do desmoronamento do coração. Embora ela não fugisse por causa de Warner. Tampouco o fazia devido ao seu juramento a Rangor. Tinha que escapar porque no fundo do seu coração sabia que seu Rei a queria morta e não podia pôr Wulfson na posição de ver seu juramento ao seu Rei executado. Matando-o quando ele a matasse.

Deixou-lhe pouco depois. Ficou esparramado e nu na cama, sua profunda e uniforme respiração pelo profundo sono a permitiu escapar. Pois isso foi o que fez. Escapar. Escapava da dor de sua fúria quando não a encontrasse, e a fúria que cairia sobre ela quando soubesse de seu casamento com Rangor. Deslizou-se pela porta secreta para seu quarto, onde Edith a esperava. Juntas correram até o outro extremo do salão, ao pátio, e logo além da pradaria onde Gareth e seus homens esperavam.

— Os normandos? — perguntou ela.

— Dormem como meninos. — sorriu desagradavelmente e olhou para Edith — O castelo inteiro dorme. As ervas de Edith são muito fortes.

Tarian concordou com a cabeça.

— Então fujamos.

Wulfson despertou com os golpes em sua porta.



— Wulfson! — chamou Rorick — Warner retornou!

Wulfson se levantou de um salto e, imediatamente, deu-se conta de que Tarian havia ido. Olhou para o passadiço secreto e viu a porta entreaberta. Sua antecipada saída de sua cama não podia anular sua euforia de que seu amigo vivesse. Apressou-se em vestir-se, e quando passou pela porta do Tarian franziu o cenho, vendo a cama de Gareth vazia. Acaso já havia se levantado? Quando baixou as escadas se encontrou com seus homens aturdidos, mas de bom humor. E Warner em não pior estado, exceto por suas roupas.

Apertaram-se as mãos e se deram uns aos outras vigorosas palmadas nas costas. E antes que Wulfson pudesse perguntar, Warner deu-lhe as duras notícias.

— Estive em cativeiro nestas últimas semanas. Escapei faz apenas três dias.

A fúria se misturou com o medo nas entranhas.

— Quem? — perguntou, conhecendo já a resposta.

— Vestiam as cores de Dunloc. Os homens de Lady Tarian.

A fúria surgia em sua barriga.

— Me dê a mensagem de William.

Warner negou com a cabeça.

— Destruíram o documento, Wulfson, mas William previu isso. Comunicou-me sua ordem — os homens se reuniram ao redor.

— O que diz?

— Advertiu que você se mantivesse afastado da magia negra da senhora e verificasse que a ação fosse realizada na maior brevidade. Não a perdoará pelo assassinato de Malcor.

Wulfson se afundou no banco junto a ele.

— Enviei outra mensagem atrás de você contando mais detalhes que se deram a conhecer. Vou esperar suas notícias.

Warner se sentou junto a seu amigo.

— Foi inflexível, Wulfson. Não o preocupa sua difícil situação. Ele disse que ficaria feliz em lidar com os galeses, se se atreverem a cruzar a fronteira.

O sentinela gritou que cavaleiros se aproximavam. Os homens se apressaram para ver uma dúzia de cavaleiros, ondeando por cima deles o vermelho e o leão dourado do estandarte de William. O medo encheu Wulfson. Não podia culpar a senhora por deter um só homem. Mas não poderia parar os cavaleiros de William.

O mensageiro apeou e se dirigiu diretamente a Wulfson.

— Sir Wulfson, uma carta do Rei.

Wulfson a agarrou e sentiu como se esvaziasse o baço na terra. Rompeu o selo e leu a sentença de morte para Tarian. Gritou com raiva.

— *Nay!* Isto não pode ser!



Não estava pronto para desistir dela! Um mortal silêncio cobriu o ar e, olhando seus homens, leu em seus olhos sua própria dor. Mas nunca saberiam a dor que sentia. Virou-se e retornou ao salão, ignorando a comoção atrás dele.

Chutou um banco de madeira, a primeira coisa em seu caminho. Empurrou a mesa próxima afastando-a de seu caminho. Lançou várias cadeiras e extraiu suas espadas, e em um selvagem e desatinado exibição reduziu várias cadeiras a lascas.

— Wulfson — gritou Thorin, dirigindo-se para ele.

Loucamente, Wulfson se voltou contra seus homens.

— *Nay!* Não se aproximem de mim!

Caminhou até a tapeçaria que adornava as paredes e a rasgou atirando-o ao chão. A fúria era tão completa que não podia ver nada mais que vermelho. Dirigiu-se de novo para onde o pergaminho estava no chão. Leu-o de novo, certo de que tinha se enganado quando o leu na primeira vez. Quando as mesmas palavras saltaram dele, gritou sua raiva de novo e se afundou no banco alto mais próximo. Deixou cair as espadas ao chão, depois o pergaminho e baixou a cabeça entre as mãos.

— Sir Wulfson! — ofegou Rolf, irrompendo no salão — A senhora fugiu para Gales onde tem um exército esperando-a!

A cabeça do Wulfson se ergueu rapidamente e entreabriu os olhos.

— O que disse?

O moço ofegou para recuperar o fôlego e deslizou a mão pelo grande galo da cabeça.

— Alcancei para ouvir seu capitão Gareth ontem à noite. Ela se reunirá com o Rangor: vão se casar.

— *Nay.* — gritou Wulfson — Ela não vai!

Rolf concordou com a cabeça, os olhos cheios de tristeza por seu amo.

— Parece-me que retornarão com reforços galeses.

Thorin se adiantou.

— Faz sentido a aliança, Wulf. Os galeses são poderosos e vêem o benefício de sua ascendência. Nos casamento com Rangor, ela mantém o que é dela, ganha o que é dele e, com o respaldo dos galeses, será difícil William desfazer-se dela.

A cólera velozmente substituiu sua angústia, fervente e mortal no estômago.

Thorin sacudiu a cabeça.

— Ela jogou suas cartas melhor que nós. Enganou a todos.

Wulfson se levantou e rosnou para seus homens:

— Podem culpá-la? Warner levava sua sentença de morte!

Durante um comprido momento, Wulfson permaneceu em silêncio. Não podia ver, sua visão em branco. Não podia ouvir nem cheirar, não podia sentir outra coisa que não fosse sua retorcida fúria pela situação e por Tarian. Teria



mentido todo este tempo? Seu último juramento não significou nada, e, no fundo do seu coração, sabia que se ela realmente o amasse como afirmava não levantaria sua espada contra ele. Ele iria descobrir por si mesmo!

Finalmente, quando pôde ver através de sua zangada bruma, disse friamente:

— Montem. Iremos ao oeste, para Gales.

Passou junto a seus homens e se apressou para seu quarto, onde metodicamente vestiu-se com as roupas de batalha.

*T*arian recusou cavalgar junto ao Rangor. Também se negou a ver o sacerdote até que estivessem a salvo em Powys.

— Ele a olha como um cão a um osso— queixou-se Gareth ao parar sobre uma colina olhando do alto o rio que acabavam de cruzar.

Estavam somente a outro meio-dia da fronteira. Atrás dela, Tarian observou uma coluna de galeses abrindo caminho até eles. Rhiwallon tinha enviado seus homens. Olhou através da guarnição de Rangor, que incluía Ednoth. Sem dúvida, Rangor teria lhe prometido a lua se permanecesse ao seu lado contra os normandos. Então, ali estavam os homens de Rhiwallon e os seus. Em conjunto, concentraram-se mais de cento e cinquenta. A maioria deles, soldados a pé. Olhou a sua própria guarnição. Uns cinquenta e totalmente armados. Guerreiros experimentados, todos eles. Mas em suas entranhas sabia que não poderiam competir com os normandos. Entretanto, junto com os homens de Rangor e os do Rei do Gales, tinham uma oportunidade que não os impediriam de chegar à fronteira.

— Pode babar tudo o que queira, Gareth. Mas não me terá até que estejamos seguros por trás das cortinas galesas.

Olhou para o leste, onde Draceadon não era mais que uma lembrança longínqua, e logo até a grande altura do sol e mais à frente. Arrepiou o cabelo da nuca. Ali, não muito longe, uma nuvem de pó se levantava no horizonte. O coração vacilou no peito.

— Wulfson — sussurrou.

Gareth se voltou na sela e ela observou como drenava a cor de seu rosto.

— Ele vem por você.

Ela tragou saliva.

— Aye, vem me matar.

Dando rédeas ao Silversmith cavalgou rigidamente até o topo da colina.

A cena recordou-lhe aquele fatídico dia, havia quase um ano em Senlac Hill. Os normandos teriam que subir até eles, dando a Tarian e a seu exército a vantagem. Mas ainda mais ao seu favor, eram os rios, em movimento rápido, que os separavam. Assim que o inimigo o atravessasse, só teriam um estreito canal para reagrupar-se antes que o monte se elevasse em uma arrasadora queda. Apesar de sua vantagem, um sombrio pressentimento se apoderou dela. Não queria morrer neste dia, e não podia, apesar da rivalidade entre eles, desejar que



Wulfson ou qualquer de seus homens, a quem tinha chegado a conhecer e respeitar tampouco caísse. Pela primeira vez, desde que fugiu ao amanhecer, Tarian questionou seus próprios motivos. Mas enquanto estava sentada em seu cavalo vendo a nuvem de pó aproximando-se, a uma velocidade assustadora, soube que não havia outra maneira.

Aguentariam e lutariam aqui, e não seriam capturados em sua fuga.

Ela refreou Silversmith e retornou com seus homens.

— Os normandos vêm! — gritou Tarian procurando Rangor e Ednoth.

Os dois homens, muito parecidos, sorriram.

— Deixe que venham! — gritou Rangor. Manobrou seu cavalo para confrontar a seus homens — Os normandos se aproximam. Permaneceremos aqui, lutaremos e liberaremos nossa terra deles de uma vez por todas! Adiantem os arqueiros.

Tarian, situada sobre a colina, assistia com espanto silencioso o que se desenvolvia à sua frente. Wulfson tinha ao menos trinta cavaleiros mais do que ela havia previsto. Engoliu em seco, com o coração apertado, enquanto o observava conduzir a cavalaria à borda da água. Ele instou sua montaria até a metade do caminho e levantou a vista. Ela empurrou Silversmith a descer da colina, apesar dos gritos do Rangor para que parasse. Ignorou-o.

Parou exatamente na borda. Levantou sua espada e gritou para Wulfson.

— Voltem para a Normandia!

Ele pôs-se a rir, o som cáustico e mortal, e instigou sua montaria para frente.

— É impossível. Sou de *les morts*³⁴.

Ela instigou Silversmith a adiantar-se até a borda da água. Podia ver claramente Wulfson. Tarian sacudiu a cabeça para o estúpido homem. Como podia fazê-lo entender que Rangor o mataria neste mesmo dia? E não havia mais nada para ela pudesse negociar por sua vida.

— Fiz tudo o possível para te proteger! — gritou-lhe ela.

— Não preciso de sua proteção!

— Tampouco necessito da sua! Deixe-me. Digam a seu Rei que não irei a Normandia. Não quero me casar com um normando, não levantarei um exército contra ele! Mas protegerei a meu filho a todo custo! Agora, vá!

— Nay, Tarian. Pedi que confiasse em mim. Deu seu juramento de que faria. É assim como o honra?

A dor foi como uma banda de aço presa no peito.

— Espera que fique sem fazer nada enquanto separa minha cabeça dos ombros?

— Tarian...

— Nay! Não minta! Seu homem, Warner trouxe a notícia, e — assinalou com sua espada ao novo contingente de cavaleiros de William atrás dele — por esta

³⁴ Em francês: os mortos. Guarda de elite do Rei William.



demonstração de força sei que a resposta do segundo mensageiro é a mesma! Não me engane! — sacudiu a cabeça e as quentes lágrimas nublaram sua visão — William me quer morta, Wulfson, e ele é o mais vil dos homens por pedir a você que leve a cabo a ação — endireitou-se na sela e tratou de centrar-se no assunto — E eu te amo demais para permitir que faça isso, pois você não seria capaz de viver com você mesmo — refreou Silversmith, dizendo- lhe baixinho— deixe-me cair hoje por qualquer espada que não seja a sua.

— Tarian! — gritou Wulfson.

Mas ela continuou a recuar. Enquanto o fazia, Rangor apareceu a seu lado. Olhou ameaçadoramente para Wulfson.

— Ela deu sua liberdade para salvá-lo — riu e voltou-se para Tarian — agora você vai vê-lo morto por seu esforço! — divertiu-se, e olhando para Wulfson cuspiu. — Ele valeu a pena?

Tarian ficou sem fôlego e se voltou para ver os olhos de Wulfson estreitarem-se atrás do elmo.

— É mentira! Ele zomba de você! Retorne a Normandia. — gritou, e logo esporeou o Silversmith passando atrás de Rangor, sobressaltando-se por sua última ofensa o Wulfson.

— Esta noite a encontrarei em minha cama como minha esposa, normando. — cacarejou Rangor. — Celebraremos sua morte!

Tarian lançou um olhar sobre o ombro para ver Wulfson imóvel na água. Ele a olhava em busca da verdade. Ela não podia dar marcha atrás. Não havia futuro para eles. Quando ela deu a volta no topo da colina, uma saraivaada de flechas choveu. Ela impulsionou Silversmith mais rápido. Rangor correu atrás dela.

— Prepare-se para combater! — gritou ela.

Os homens deram um passo adiantando-se, e ela se virou para ver como Wulfson ordenava através do rio, com seus homens atrás dele e seu grito de guerra reverberando contra a colina.

Os arqueiros enfraqueceram os cavaleiros antes que os cavalos e a infantaria entrassem em ação. Enquanto Tarian observava com impressionada fascinação como todos os cavaleiros formavam um apertado quadrante, com os escudos levantados de tal maneira que as flechas escorregavam contra eles.

— Soldados da infantaria! — gritou Tarian, e os galeses correram descendendo a colina, seguidos pelos homens de Ednoth.

À medida que se aproximavam da água, os arqueiros tinham um ângulo mais difícil para golpear. O choque a seguir foi brutal, e viu com horror e assombro como Wulfson e seus homens abriam caminho através da água.

Rangor chamou vários de seus homens e se moveram para baixo do rio antes de entrar na água para chegar aos flancos dos normandos. Mas os normandos estavam preparados.

Tarian não podia afastar os olhos de Wulfson. Ednoth e vários homens a cavalo o rodeavam como um enxame. Conteve a respiração quando uma espada golpeou suas costas. Voltou-se com as duas espadas na mão e cortou o braço do agressor mais próximo. Entretanto, três mais o substituíram. Seu coração pulsava



com força no alto da garganta. Ela levantou a mão e a deixou cair: o sinal a seus homens para participar. Com o Gareth ao seu lado, despencou pela ladeira da colina e na luta, nunca afastou os olhos de Wulfson, que literalmente lutava por sua vida. Ednoth e seus homens estavam sobre ele, e embora Wulfson fizesse picadinho a muitos, ele estava em desvantagem numérica, e seus homens estavam igualmente ocupados.

À medida que seu cavalo trovejava baixando a colina, uma corrente de difíceis emoções se enredava perigosamente no coração do Tarian. Sua vida por Wulfson. Ele lhe pedira que confiasse nele e tinha falhado!

— Gareth! — chamou seu capitão — Retire os homens! Todos!

E nesse instante se entregou a William. Seu juramento a Rangor não significava nada. Pois significaria a morte de Wulfson neste dia. Ela, em troca da vida de Wulfson, terminaria seus dias na Normandia se William permitisse, pois nada significava mais para ela do que a vida de Wulfson. Nem sequer o menino que carregava.

Quando se precipitou ao final da colina e entrou na água, viu o Wulfson levantar a vista. Os olhares ficaram capturados e presos. Os olhos se dilataram quando a espada de Ednoth apunhalou suas costas.

— Nãooooooooo! — gritou ela — Nãooooo!

Wulfson recebeu o impacto do golpe, e quando ela instigou Silversmith para ele, Rangor se voltou e compreendeu que ele se deu conta de que a tinha perdido. Quando ela mergulhou rio abaixo, em direção a Wulfson, Rangor virou seu cavalo e cobrou, em sua direção.

— Deu seu juramento, Tarian! — chiou ele — Sua vida por sua mão!

Tarian apertou os dentes e levantou sua espada. Ela se encarregaria de Rangor de uma vez por todas. Bruscamente ela freou Silversmith e girou completamente. Usando as pernas e uma das manobras que Wulfson tinha lhe ensinado, deu ao cavalo uma ordem bem definida e puxou as rédeas. O cinza se levantou sobre os quartos traseiros e caiu sobre o cavalo do Rangor.

Ela se retorceu na sela e levantou a espada para cravá-la profundamente no peito de Rangor, mas seu cavalo se soltou. Rangor grunhiu, e com ambas as mãos elevou sua espada. Enquanto seu cavalo girava ele utilizou a velocidade para levar sua espada em torno de si.

— Wulfson. — exclamou, e viu com horror como Rangor, com as duas mãos agarrando o punho de sua espada, golpeava-a no ventre, derrubando-a. A dor se disparou ao longo de todo o corpo. Ouviu o rosnar enfurecido de Wulfson e logo água fria envolvendo-a.



Capítulo 23

A raiva e a angústia rasgaram-lhe as entranhas como se fossem mil espadas. Wulfson urrou cheio de dor, fúria e desespero. Sentiu que morria no mesmo instante em que a espada de Rangor atingiu Tarian. Mas quando a água a engoliu, reclamando-a para sempre, soube que preferiria morrer a viver um só dia sem ela. Esporeou ao cavalo negro e o fez avançar através da multidão de homens que tentavam desesperadamente tirar sua vida. Ao ver o olhar assassino em seu rosto, Rangor deu meia volta e fugiu. Mas Wulfson só tinha olhos para Tarian.

Livrou-se do elmo e das espadas lançando-os ao chão, saltou do cavalo e mergulhou na corrente do rio que o cobria até o peito onde a tinha visto cair. Buscou-a desesperadamente nas turvas águas. Cada vez que saía à superfície sem ela, sentia que outro pedaço do coração partia-se. Voltou a mergulhar enquanto com os olhos a buscava desesperadamente. O peito se inchou sem ar, mas não se renderia até encontrá-la.

Saiu à superfície, ofegou tomando grandes baforadas de ar e logo voltou a mergulhar. Uma e outra vez.

Quando já não tinha mais fôlego, tocou algo rígido, agarrou-o com os dedos e o fez subir com ele. Gritou triunfalmente. Era o braço dela. Tirou o corpo inerte da água e a tomou nos braços. Engasgou-se com a água, tossiu e cuspiu o líquido dos pulmões. Sentia as pernas como rochas. Mesmo assim, puxou-a para ele e estreitou-a pela cintura com o braço enquanto mantinha seu rosto longe da agitada água. Tarian permanecia totalmente imóvel nos braços com aquele cabelo escuro grudado ao rosto. Wulfson o afastou, desejava desesperadamente ver seus lindos olhos azuis olhando-os cintilantes e cheios de malícia. Mas, em vez disso, permaneciam fechados, a pele estava branca como a neve e tinha os lábios arroxeados. Ele sacudiu seu corpo sem vida.

— Tarian! Abra os olhos! — gritou.

Quando não reagiu, Wulfson olhou para a borda onde se reuniram a maioria de seus homens e caminhou com dificuldade através das profundas águas com aquele corpo inerte pendurando dos braços. Sentia como se o peito fosse rasgar-se pela insuportável pressão das emoções. Apertou seus lábios aos frios lábios de Tarian e deu-lhe seu fôlego. Voltou a sacudi-la ao ver que não reagia. Acelerou o ritmo de seu avanço para a borda enquanto continuava lhe dando vida com seu próprio fôlego.

Tropeçou e esteve a ponto de cair com ela nos braços na fria e agitada corrente. Mas, com uma força nascida do desespero, manteve o equilíbrio. Entretanto, quando baixou o olhar para ela, quase a deixou cair. O sangue formava redemoinhos ao redor de seus quadris.

— Nay! — bramou.

Jogou a cabeça para trás e, como um animal selvagem ferido, uivou lançando a dor ao céu. De repente, sentiu que mãos o agarravam e o puxavam



para a borda. Caiu de joelhos com Tarian ainda nos braços e a deitou sobre a lama mole.

— Respire! — gritou-lhe. Sacudiu-a e fez pressão em seu peito. Os lábios se viraram de um arroxeadado mais escuro diante seus próprios olhos. Voltou a estreitá-la contra ele, jogou a cabeça para trás e gritou — Deus! Salve-a!

Mantinha-se alheio a tudo o que acontecia a seu redor.

Arrancou a malha de seu pequeno e frio corpo. O sangue manchava seus calções. Wulfson apoiou a mão trêmula em seu ventre e soube que a criança morria com ela. Como um lobo cuja fêmea tivesse sucumbido aos caçadores, Wulfson gritou para expressar sua dor e sofrimento. Passou as mãos com fúria pelo rosto e o peito enquanto fortes soluços lhe atravessaram o corpo. Aproximou o rosto dela ao seu, pregou os lábios aos dela e insuflou uma e outra vez sua vida neles. Entretanto, continuava inconsciente. Girou-a para tombá-la de lado e fez pressão em suas costas. Lentamente se deu conta de que as sombras o envolviam. Ao levantar a vista, encontrou-se com seus homens que os rodeavam com rostos com olheiras e abatidos.

Rohan se ajoelhou a seu lado e apoiou uma mão em seu ombro.

— Ela se foi, Wulfson.

— *Nay!* — ele gritou e voltou a fazer pressão em suas costas uma e outra vez. Levantou a inerte silhueta nos braços e a balançou enquanto afastava o cabelo molhado de seu rosto — Ela só dorme. — sussurrou e apertou de novo seus lábios aos de Tarian, arroxeados e frios.

Colocou a mão sobre seu peito, desesperado por sentir o batimento de seu coração.

— Volte a tombá-la de lado e bata em suas costas! — ordenou-lhe Gareth ao tempo que se aproximava correndo e se agachava no barro junto ao Wulfson — Libere seu peito da água para que possa respirar!

Wulfson a tombou de lado e dessa vez a bateu com os punhos. Quando Tarian não reagiu, voltou a golpeá-la de novo. Só então, seu peito se inflamou em uma repentina convulsão, tossiu e expulsou a água em várias golfadas. Mas não abriu os olhos. Wulfson pressionou o ouvido em seu peito. E ali, sentiu apenas um sussurro dos batimentos do coração. A esperança aumentou.

Tirou a malha e as bainhas, em seguida a agarrou e ficou em pé com ela, imóvel e inerte nos braços.

— Meu cavalo! Tragam-me meu cavalo! E encontrem a sua ama. Leve-a para Draceadon!

Com Tarian nos braços, cavalgou como alma que leva o diabo para Draceadon. Negou-se a pensar na possibilidade de que ela não sobrevivesse. Estaria disposto a fazer um pacto com o mesmo diabo se com isso conseguisse salvá-la a vida. Quando entrou no salão com ela nos braços, dirigiu-se diretamente ao seu quarto e ali a depositou com ternura no leito. O coração parou quando viu o sangue fresco entre as coxas. Sentiu que as vísceras se esticavam como se um punho as retorcesse. Com delicadeza tirou-lhes as roupas molhadas e cheias de barro, e com a mesma delicadeza a limpou, mas ao ver que não parava de



sangrar, torceu as mãos e começou a andar nervoso pelo quarto, incapaz de ajudá-la.

Quando Gareth irrompeu no cômodo, Wulfson se voltou e rosnou:

— Como você pôde deixá-la lutar?

— É uma guerreira! Estava lutando por sua vida e pela de seu filho! Por acaso você faria diferente?

Wulfson passou a mão pelo rosto, querendo bater com violência no capitão.

— Esteve a ponto de morrer! Perdeu o bebê!

— E não por sua culpa! Cada vez mais a fez acreditar em cada momento que sua vida dependia do capricho de William e que você era seu algoz!

Wulfson não podia aceitar a verdade.

— Ela mentiu!

Gareth sacudiu a cabeça aborrecido.

— Aye, ela mentiu, mas, de novo, não tinha ninguém que a defendesse.

— Tinha a você.

Gareth jogou a cabeça para trás e Wulfson pôde ver a dor nos olhos azuis do viking. Ele sentia a mesma dor. Os dois tinham falhado com ela.

— Falhei miseravelmente. — reconheceu Gareth lentamente — Satisfiz todos seus caprichos. É muito difícil resistir a ela quando está resolvida a conseguir algo.

— Estava apaixonada por Rangor? — perguntou Wulfson com desprezo enquanto pensava no saxão ao que adoraria matar.

Gareth se indignou. Wulfson pôde ver isso em seus olhos e em seu rosto. O viking avançou direto para o Wulfson e rosnou muito perto de seu rosto:

— Sacrificou tudo por você, você não pode ver isso? Era Rangor que tinha o poder sobre sua vida. Para salvá-lo, aceitou se casar. Hoje, renunciou à sua vida para ir em seu auxílio e ao fazer isto, esteve a ponto de perder a sua própria — olhou para a pequena e pálida silhueta na cama. — Perdeu ao bebê e ainda poderá perder a vida. — Gareth se aproximou da cama, sentou-se na borda e agarrou a sua flácida mão — Há muito sangue. — comentou com voz afogada.

No mesmo instante em que Gareth acabava de pronunciar as palavras, Edith irrompeu no quarto e correu para o lado de sua senhora.

— Afastem-se e me deixe atendê-la!

Gareth e Wulfson retrocederam e observaram como a criada examinava Tarian. Finalmente, a mulher se voltou para eles com um olhar grave.

— Seu cérebro está adormecido. Mas isso não me preocupa. Perdeu ao bebê e temo que morra sangrando.

Wulfson se ajoelhou junto a Tarian e apertou a mão junto a seu coração.

— Diga-me o que devo fazer.



— Seu útero está cheio de sangue. Tragam-me lençóis e palha para empapar com elas o sangue da cama.

Wulfson se apressou a cumprir com a tarefa e durante uma eternidade observou como Edith atendia Tarian. Embargou-lhe uma sensação de alívio quando viu que a hemorragia começava a ceder. Mas seguia preocupado porque, pequena como era, tinha perdido muito sangue.

Wulfson baixou o olhar para a pequena forma nua na cama. Ajoelhou-se a seu lado e tomou aquela fria mão entre as suas que eram muito maiores e estavam muito mais quentes. Se pudesse dar-lhe seu próprio sangue, faria.

— Ela viverá? — perguntou para a ama.

Edith não levantou o olhar do lugar onde permanecia sentada, perto dele.

— Se não sangrar mais, viverá. Muitas mulheres sobrevivem a abortos.

— Poderá ter outros filhos?

Edith olhou-o com intensidade.

— Possivelmente. O tempo dirá. — A mulher se levantou, massageou de novo o ventre de Tarian e os dois observaram à espera de que o tecido se obscurecesse. Quando não isso não aconteceu, tanto Edith como Wulfson deixaram escapar um comprido suspiro. A ama olhou para ele — Está furioso com ela?

Wulfson negou com a cabeça.

— *Nay*. Como poderia estar? Sacrificou tudo por mim.

— E o que acontecerá com seu rei?

Wulfson suspirou pesadamente e se levantou.

— Uma vez que ele compreenda que ela não deseja levantar as armas contra ele e que não leva em seu seio um filho de sangue real galês, ele escutará.

— Ele vai querer mantê-la na Normandia.

Wulfson concordou.

— Não há outra maneira.

— Eu irei aonde ela vá.

Wulfson assentiu e pensou do mesmo modo.



Capítulo 24

A dor em seu ventre havia desaparecido. A dor em seu peito cedeu, mas a dor em seu coração, em sua alma, ainda estava aberta, brutal e sangrenta. Soube no mesmo instante em que despertou, e viu Wulfson sentado junto a ela, que tinha perdido o bebê. Em seus pesadelos, reviveu uma e outra vez o golpe que tinha recebido no ventre. Mataria Rangor por isso.

Durante muito tempo, observou o cavaleiro normando que se apropriou de seu coração, alma, vista e respiração. Ele parecia pálido, como se tivesse envelhecido dez anos. Tarian tentou mover a mão para a dele, mas estava muito fraca.

— Wulfson... — disse com voz rouca. Depois tragou, sentia a garganta em carne viva.

Imediatamente, ele ficou ao seu lado. Agarrou-lhe as mãos, tomou-as em seus lábios e ela assistiu em uma aturdida emoção como seus olhos encheram de lágrimas.

— *Chérie*, você me deu o maior susto de minha vida.

Tarian sorriu lentamente, pois esse gesto também requeria uma força que não tinha.

— Wulfson... — tinha tantas coisas a lhe dizer. Tanto pelo que pedir perdão.

Levou os dedos à boca.

— Shhh, haverá tempo para falar mais tarde. Tem que comer.

— Tenho sede.

Wulfson se voltou para servir-lhe uma taça de vinho aguado e ajudou-a a sentar-se para beber. O líquido desceu quente pela garganta. Voltou a recostar-se na cama e agora foi sua vez de chorar.

— Wulfson, eu sinto muito. Lamento tudo.

O normando se acomodou na lateral da cama e a tomou em seus braços.

— Não, Tarian, não têm nada que lamentar. A situação era impossível e você fez o que tinha que fazer para sobreviver. Não te culpo por isso.

— Nem sequer por minha promessa de me casar com Rangor? — Wulfson sorriu e Tarian reprimiu um soluço — Estava decidido a te matar, Wulfson, era o último recurso que me restava.

Ele beijou sua testa.

— Obrigado.

Tarian levou a mão ao ventre.

— O bebê que levava em meu seio não era de Malcor, Wulfson.

O normando ficou imóvel e Tarian observou como as emoções atravessavam seu rosto quando captou o significado de suas palavras.

— O que está dizendo? — perguntou em voz baixa.



Ardentes lágrimas brotaram em seus olhos.

— Eu o droguei e fui para você de noite. Tirei de você o que Malcor não podia me dar.

Wulfson sacudiu a cabeça.

— Não... Não compreendo.

Tarian inalou uma profunda inspiração e exalou o ar lentamente. Wulfson enxugou-lhe as lágrimas das bochechas e aguardou pacientemente que falasse.

— Malcor não podia cumprir com seus deveres conjugais. Por isso teve aquele ataque de raiva no qual quase me mata. Você sabe o que aconteceu e o porquê. Mas quando me tiraram da caverna e começaram os rumores sobre a possibilidade de que houvesse um menino e de que esse menino poderia me salvar a vida, fui para você. — surgiram mais lágrimas e Tarian pegou as mãos do Wulfson a seu peito — Wulfson, seu filho me fez muito feliz e agora choro sua perda.

Depois de uns largos momentos, quando o normando finalmente voltou seus olhos verdes para ela, Tarian viu tristeza, mas não ira neles.

— Rangor pagará com sua vida por ter feito que perdesse esse menino.

Tarian apertou a mandíbula.

— Você terá que ficar atrás de mim, porque eu chegarei primeiro. — Tarian rodeou-lhe o pescoço com os braços e o atraiu para ela — Você me perdoa Wulfson?

O normando puxou-a levemente para trás e apertou seus lábios em sua úmida bochecha.

— Não há nada que perdoar. Eu te amo, Tarian, e aconteça o que acontecer eu estarei ao seu lado.

Suas palavras foram mais potentes que qualquer bálsamo. Finalmente, a paz a inundou e fechou os olhos. Ele a amava.

Wulfson voltou a recostá-la sobre os travesseiros.

— Descanse *chérie*. Avisarei a sua aia. — Cavou um sulco no corredor de tanto andar para cima e para baixo.

A recuperação do Tarian foi lenta, mas constante. Cada dia que passava ia recuperando mais força, e Wulfson esperava com ansia a chegada do dia em que o sorriso se ruborizasse ao olhar para ela, provocando-a com aquelas travessas covinhas.

Seus espiões o informaram que Rangor havia reunido um exército em Gales e que agora viajava para o sul. Desejava esperar a que Tarian estivesse mais forte antes de partir para a Normandia, mas o tempo estava se esgotando. Ainda tinha que tratar o tema com ela, mas depois do jantar, levou a seus homens à parte e ordenou-lhes que estivessem preparados para partir na manhã seguinte. Também informou a Gareth, embora pediu-o que não falasse do assunto a Tarian, pois faria ele mesmo essa noite, mais tarde.



Havia se afeiçoado ao velho viking e deu-lhe crédito pelo fato de que tivesse salvado a vida de sua amada. Porque se Gareth não tivesse lhe indicado que batesse em suas costas como fez, duvidava muito que tivesse podido expulsar a água.

Encontrou-se com ela no mesmo momento em que se inundava na tina. Wulfson sorriu e indicou à aia com um gesto que se retirasse. Seu coração batia com força no peito e acelerou seu pulso. Embora soubesse que era muito cedo para ela, isso não mudava como se sentia.

— Boa noite, milord — ela o saudou em voz baixa.

— Boa noite, milady — respondeu-lhe o normando. Agarrou um tamborete e se sentou a seu lado. Tomou uma esponja, ensaboou-lhe e disse — Parece que precisa de ajuda com seu banho.

Tarian se recostou na tina e arqueou as costas para ele. Seu pênis inchou imediatamente, diante da visão daqueles intumescidos e rosados seios balançando-se na água espumada.

— *Chérie*, brinca com fogo.

— Eu tenho ansiado por isso, Wulfson.

O normando se inclinou e a beijou, mas quando ela rodeou-lhe o pescoço com os braços e o estreitou com mais força para seu corpo, Wulfson se afastou.

— *Nay*, Tarian. É muito cedo.

A jovem se recostou na tina, fez uma careta, e o guerreiro sorriu.

— Devo falar com você sobre um assunto muito importante.

— Normandia?

Ele concordou.

— Não conheço outra maneira. Eu...

Tarian levantou a mão.

— Não tem que me dar explicações, Wulfson. Quando ataquei Rangor, sabia que se sobrevivesse, o máximo que poderia esperar era que seu rei me aceitasse como sua refém. Estou preparada para viver o resto de minha vida em um calabouço normando.

— *Nay*! Você não viverá em um calabouço. Isso não acontecerá!

Wulfson se levantou e começou a passear nervoso pelo quarto. Mas se perguntava a quem tentava convencer mais, se a ela ou a ele.

— Rangor reuniu um exército e viaja pelo sul em nossa direção. Partiremos para a Normandia na alvorada.

— Estarei preparada.

Quando a costa da Normandia apareceu no horizonte, a inquietação encheu Tarian com a força de uma tempestade de verão, mas, imediatamente, fortes braços a rodearam e a atraíram para um corpo duro enquanto quentes lábios colaram em seu ouvido.



— Conte com meu amor por você, Tarian, para te dar força e confie em mim.

Tarian sorriu, seu tato e suas palavras a reconfortaram.

— Confio em você, Wulfson. Tenho feito isso desde a noite nas ruínas. É em seu rei em quem não confio.

Ele a virou para encará-lo e procurou seu rosto com os olhos.

— Então, por que fugiu de mim?

— Conhecia as notícias que Warner trazia e também conhecia o contingente de cavaleiros que chegariam com o segundo mensageiro. Não desejava colocá-lo na situação de ter que me tirar a vida — Tarian sorriu e o beijou. — Por outro lado, sempre cuidei de mim mesma. Sou assim, sempre tomo conta pessoalmente de meus próprios assuntos.

Wulfson sorriu e beijou-lhe a ponta do nariz.

— Bem, é um hábito que terá que abandonar, porque agora eu estou aqui.

Uma vez que desembarcaram, para grande fúria de Wulfson, informaram-lhe que Rangor de Lerwick havia chegado vários dias antes deles.

— É muito idiota. — comentou Thorin — O que acredita que vai conseguir metendo-se na cova do leão?

Escondeu a notícia de Tarian, porque a viagem tinha feito estragos nela. A travessia no navio não tinha feito bem a ela e suas bochechas tinham perdido a cor. Wulfson sentiu certa esperança quando William não se reuniu com eles acompanhado de uma escolta armada. De fato, enviou seu filho Geoffrey para que lhes desse as boas-vindas. O menino já era um homem e algum dia herdaria a Normandia.

Quando entraram no castelo no Rouen, uma emoção agitou o estômago de Wulfson. Aquele era um território familiar. Ali William recebia a corte, e os homens mais poderosos do continente iam a esse lugar para prestar-lhe homenagem. O monarca era poderoso e desumano, mas também justo. E era esse sentido de justiça que possuía o homem que respeitava acima de todos os outros com o que Wulfson contava.

Acompanharam Tarian e Edith a um solar privado. William era astuto, pensou Tarian. Não queria que nenhuma das mulheres fizesse amizade com ela. Fora da vista e da mente. A cama pareceu-lhe cômoda e a comida aceitável. Quase imediatamente pediu que lhe preparassem um banho e enquanto adormecia na quente e espumada água, conseguiu liberar-se da tensão no seu corpo. Fechou os olhos e deixou que Edith lavasse seus cabelos com um sabão aromático de violetas. Uma vez seca, sentou-se diante de uma grande mesa com um espelho oval e observou como Edith escovava metodicamente o comprido cabelo escuro até secá-lo. Fechou os olhos e desejou com todo seu coração que Wulfson aparecesse e dissesse que não havia necessidade de que visse William, mas quando ouviu aquele golpe na porta do aposento, soube que isso não era mais que uma ilusão.



Edith levou a mensagem: o rei solicitava uma audiência com ela no tempo em que se consumiam dois entalhes de vela. E Tarian faria o que tinha feito toda sua vida: confiar em si mesma para poder ver a luz do sol no dia seguinte. E para isso iria se preparar meticulosamente. Lutava por sua vida e por compartilhá-la com Wulfson, e faria que o Conquistador a visse como uma oponente mais que digna.

Sorriu, apesar dos nervosos tremores que sentia no estômago.

— Vamos, Edith, temos trabalho a fazer!

Um pouco mais tarde quando se consumiu um entalhe da vela, ficou em pé diante do espelho, resplandecente em sua elegância. Uma túnica de seda e veludo cor safira escura moldava-lhe o corpo, com mangas largas e amplas bordadas em ricos fios em prata, ouro e púrpura, fazendo ressaltar sua tez morena e seus olhos azuis. Exibia uma tiara na cabeça de um dragão em ouro, e levava o cabelo ondulado e solto até a cintura. Sorriu quando deslizou a espada na bainha cerimoniosa de ouro com incrustações de pedras preciosas, martelada até obter nela um polido resplendor e que pendurava de um cinturão bordado em couro e ouro. Levava um singelo colar também de ouro com o medalhão do dragão de Draceadon pendurando pesado entre os seios. Grossos braceletes de prata e ouro adornavam seus braços e o toque final dava os sapatos dourados de seda e couro.

Parecia a princesa guerreira que ela sentia que era. Finalmente, dirigiu um gesto com a cabeça a Edith e a aia retrocedeu em um silencioso sobressalto. As lágrimas inundavam os olhos da anciã. Tarian sentiu uma onda de emoção por ela e sacudiu a cabeça para reprimir as suas.

— Nay, Edith. Não posso suportar mais pressão.

A aia inclinou a cabeça e sorriu alisando um cacho em seu rosto.

— É digna de um rei, Tarian. William seria um estúpido se te rechaçasse.

Tarian sorriu.

— Não é com um rei com o que sonho, Edith, a não ser com um cavaleiro das trevas de temperamento áspero.

A anciã esboçou um sorriso cúmplice.

O pajem não demorou muito em chegar. Tarian lançou um olhar à vela. Ainda não tinham consumido os dois entalhes. Então William estava impaciente para vê-la. Tarian sorriu. Não mais do que ela o estava em conhecê-lo.

Edith abriu a porta e encontrou um membro do séquito real que se colocava em posição firme.

— Lady Tarian, sua alteza o rei William exige sua presença no grande salão.

— inclinou-se e Tarian olhou para Edith. A aia agarrou sua mão e a apertou.

— Vamos.

O servente negou com a cabeça.

— Só lady Tarian.

Tarian negou com a cabeça e se aproximou do jovem.

— Minha aia vem comigo ou não irei.



A cor desapareceu do rosto do moço. Rapidamente ele balançou a cabeça e retrocedeu. As duas mulheres o seguiram.

Quando se abriu a porta do grande salão, Tarian não pôde evitar sentir um comichão nervoso no estômago. Fez um gesto com a cabeça para Edith e tomou uma profunda inspiração, logo entrou em salão suntuosamente decorado com ar majestoso como se fosse uma rainha. Teve que conter um sorriso quando ouviu um suspiro coletivo quando fez sua entrada.

Olhou diretamente para William, que se encontrava sentado sobre uma plataforma alta na cabeceira do grande salão e cujo traje real anunciava aos quatro ventos quem era. A sua esquerda havia uma mulher tão diminuta que Tarian pensou que devia ser uma menina. Mas ao observá-la de mais perto, soube que tinha que tratar-se da duquesa do monarca. À direita de William se encontravam seus cavaleiros. Wulfson, cujos olhos pôde ver que ardiam brilhantes por ela, Thorin, Rohan, Rorick, Warner, Stefan, Rhys e Ioan. O único ausente era Manhku. Gareth se encontrava um pouco abaixo dos cavaleiros. Tarian saudou com a cabeça os Espadas de Sangue e em seguida o seu capitão enquanto seguia avançando. Mas endureceu quando dirigiu o olhar à esquerda. Era Rangor! E Alewith? Por que estava com Rangor?

Tarian parou no final do comprido corredor diante os degraus que levavam até William e elevou o olhar para ele com ousadia.



Capítulo 25

O batimento do coração de Wulfson era como o martelo de um ferreiro em seu peito. Não podia afastar seus olhos de Tarian. Parecia mais imponente do que qualquer mulher, real ou não, em quem alguma vez tivesse posto seus olhos. Sua cor foi exaltada, as costas retas e segura, as roupas apropriadas para uma imperatriz, e sua espada pendurada com altivez de sua esbelta cintura. Seu orgulho e confiança fizeram seu peito apertar de amor por ela. Ele quis romper um sorriso e reivindicá-la na frente a qualquer pessoa na sala. Como poderia William destruir semelhante mulher?

Viu como ela olhava com confiança para William, e quando pensava que ela mostraria insolência não se afundando até os joelhos em uma profunda reverência, ela ajoelhou-se.

Embora seus olhos nunca se separassem dos olhos do rei. Wulfson conteve a respiração, homens tinham morrido por esse mesmo ato. A apreensão jogou com seu amor próprio. Se ela não tomasse cuidado...

William se levantou e ficou olhando-a. Deu um passo para ela.

— Então é a que estive me dando tantos problemas.

Tarian se levantou e respondeu ao seu desafio com clareza.

— Aye, sou Tarian Godwinson, filha do Sweyn, neta do Godwine. Sobrinha do falecido Rei Harold II, e viúva do Conde Malcor. — Ela sorriu e acrescentou— E o problema do que me acusam se originou por causas alheias a mim, majestade.

Wulfson conteve a respiração e olhou para William, que arqueou uma sobrancelha e deu outro passo mais para perto. Tarian permanecia ativa e tranquila, mas ele podia ver a curta e rápida subir e baixar de seus seios.

— Tem um exército, Lady Tarian? — perguntou William em tom acusatório.

Tarian assentiu com a cabeça.

— Tenho, sir.

— Quais são seus planos para ele?

— Meus homens estão a sua disposição, se for o que pergunta.

— Matou a seu marido a sangue frio?

Tarian sorriu.

— Aye, matei-o, mas a sangue frio? Dependerá de sua definição.

— Eu definiria como um assassinato sem motivo para ganhar algo que não é seu para pegar.

O sorriso do Tarian se ampliou. Ela inclinou a cabeça para William.

— Então sir, devo responder, *nay*, a sua pergunta.

William permaneceu com suas mãos atrás das costas e a olhou fixamente.

— Então, qual foi a causa da morte do Conde Malcor?



— Ficou muito frustrado quando não pôde cumprir com seus deveres conjugais. Tomou sua frustração, primeiro me batendo. Quando se cansou disso, tomou minha própria espada e a apertou contra minha garganta. Eu lhe devolvi o favor tirando sua adaga do cinturão, e lhe cortando a garganta.

Outro suspiro coletivo se levantou na sala, embora o mais surpreso, observou Wulfson, foi o da duquesa. Não era um bom sinal.

William balançou a cabeça.

— Acredito que sua franqueza é refrescante, Lady Tarian. — Ele inclinou a cabeça e perguntou. — Assinou um contrato para se casar com o Rangor de Lerwick e depois o rompeu?

Tarian olhou para Rangor e Wulfson pôde sentir seu ódio pelo homem através da sala. Ela se voltou para seu rei e concordou.

— Sim, assinei um documento. Já que foi a única maneira em que pude salvar a vida de seu homem Wulfson. Prometendo matrimônio a esse rato!

— Então, esta afirmando que foi obrigada?

Tarian lançou para Rangor outro deslumbrante olhar e se voltou para William.

— Como chamaria, majestade, quando alguém sequestra a seu amado, tortura-o, e logo o atormenta ainda mais diante de seus olhos, até que se vê forçado a aceitar a união mais desagradável? — William olhou furioso para figura de Rangor, e Tarian ficou encantada de vê-lo empalidecer vários tons a mais— Foi um meio para salvar seu homem. Eu faria isso novamente.

William permaneceu em silêncio um longo momento, contemplativo e voltou-se para o Rangor.

— Parece que temos muito que discutir, Lorde Rangor. Não aceito amavelmente a tortura de meus homens. Não deixe a sala até que tenhamos falado. — William entrecerrou os olhos e acrescentou— Em privado, é obvio.

Rangor tragou saliva, mas fez ao seu rei uma curta inclinação.

William voltou-se para Tarian, e tirou a espada de sua bainha. Wulfson avançou para ela, mas Rohan e Thorin o detiveram. Viu-a ficar de joelhos. Ela cruzou suas mãos e inclinou a cabeça, disposta a encontrar seu destino. Wulfson não podia suportar. Ele soltou-se de seus homens, e quando se dispunha a deter seu senhor, viu com assombro como William colocava a parte plana de sua espada no ombro direito do Tarian, e logo no esquerdo.

— Tarian Godwinson, jura sua lealdade para mim, Rei William da Inglaterra e Duque da Normandia, capitulando de todos outros e me servindo em qualquer qualidade que possa pedir-lhe?

Os joelhos do Wulfson quase cederam quando Tarian olhou para o seu rei. De onde estava ajoelhada, ele pôde ver o brilho das lágrimas em seus olhos.

— Eu juro — sussurrou ela com voz rouca.

William levantou sua espada...

— Então a nomeio, Lady Tarian de Dunloc, cavaleiro do reino. Levante-se e renda homenagem ao seu rei!



A sala estava mortalmente silenciosa enquanto Tarian lentamente se levantava. Ela lançou um olhar para Wulfson, e ele sorriu para ela de maneira tão ampla que pensou que seu rosto se dividiria em dois. Ela se aproximou do William, tomou a mão e beijou o selo de seu anel.

— Eu, Tarian Godwinson de Dunloc, te dou minha lealdade, William, meu único soberano.

Ele balançou a cabeça, e logo estreitou sua mão.

— Agora, Lady Tarian, vou fazer meu primeiro pedido.

Ela ergueu sua cabeça e assentiu.

— Estou as suas ordens, sir.

— Desejo que fale com seus parentes galeses, que temo se empenham em ultrapassar meus limites, e insista com eles para que fiquem a oeste da mesma. Não quero entrar em conflito com seus familiares, mas se me empurram serei contundente.

Tarian sorriu e afirmou com a cabeça.

— Sim, meu soberano, eu posso sujeitá-los, mas tenho um pedido em troca.

Wulfson revirou os olhos. Ela não sabia o que fazia!

Os olhos de William se estreitaram.

— Não é o protocolo pedir a seu rei um favor quando te deu uma ordem real.

— Eu entendo, mas tenha paciência comigo, majestade, sou nova neste protocolo.

William se manteve rígido, e Wulfson soube que ia pô-la em seu lugar. Mas não o fez.

— O que deseja em troca de negociar com os galeses?

— Quero a seu homem, Sir Wulfson de Trevelyn, como meu marido.

Wulfson quase desmaiou. Mas William jogou sua cabeça para trás e riu tão forte que as vigas vibraram.

— Lady Tarian, é uma moça ousada! — Ele olhou para Wulfson, quem teve a graça de ruborizar-se. Seus homens o cutucaram, mas ele permaneceu imóvel, seu olhar fixo no de Tarian — Está preparada para a tarefa? Os Espadas de Sangue não estão acostumados a permanecer quietos durante muito tempo.

Tarian sorriu e olhou fixamente para Wulfson.

— Aye, sir, estou à altura, não faria isso por nenhum outro homem.

Como se estivesse em uma nuvem, Wulfson baixou flutuando os degraus para sua dama, e a estreitou entre seus braços, fazendo-a girar ao redor em meio a gritos felizes e vivas de seus homens.

William pediu silêncio, e se voltou sorrindo para o casal.

— Eu tenho apenas um pedido antes de entregar o meu homem, Lady Tarian, e isto não é mais que uma simples solicitação, de um homem que admira e respeita a quem será seu marido, não uma ordem real.



De braços dados, Tarian e Wulfson se voltaram para seu rei.

— Majestade? — perguntou Wulfson.

— Desejaria ser o padrinho de seu primogênito.

Tarian sorriu.

— Estaríamos muito honrados.

A sala estalou em aplausos e mais felicitações. William pediu para que as mesas fossem colocadas e se celebrasse uma festa para celebrar as núpcias.

Tarian estava extasiada e Wulfson radiante. William se manteve ao seu lado, como se fosse um orgulhoso novo pai. Depois que Tarian foi içada nos braços por cada um dos Espadas de Sangue, por turnos, fazendo-a girar em espiral até que ela não conseguia ver direito, terminou nos braços de Gareth. Ele a olhou e ela pôde ver lágrimas em seus olhos.

Sorriu e o abraçou mais apertado.

— Gareth, se alegre por mim — sussurrou contra seu peito. Ele retrocedeu e a olhou, seus lábios tremendo em um amplo sorriso.

— Tarian, é mais preciosa que uma filha para mim. Estou muito feliz por você.

Devolveu-lhe o sorriso, seu coração tão cheio que mal podia conter seu amor.

— Entregue-me imediatamente.

Seus olhos azuis turvos pelas lágrimas.

— Aye. Seria uma honra.

Wulfson a arrastou aos seus braços, e enquanto a jogava sobre os ombros para levar-lhe a um lugar privado, William gritou-lhe.

— Não fará nada disso Trevelyn! Já somos muitos bastardos correndo de um lado para o outro. Mostre um pouco de respeito e espere até sua noite de bodas.

— Então me casarei com ela aqui e agora!

A sala estalou em risadas, mas Tarian puxou-o pela manga.

— Não, Wulfson, eu gostaria de me casar na Inglaterra. Em Draceadon.

Ele a desceu de seus ombros, e ela se deslizou pela frente, sorrindo ao sentir sua dureza contra seu ventre.

— Terá que esperar, milord. Pois não haverá nenhum jogo antes que seja sua legítima esposa.

Seus olhos procuraram o rosto dela, e perguntou:

— Por que em Draceadon? Nós dois sofreremos tantos sofrimentos ali.

As lágrimas pareciam brotar facilmente nesse dia, e uma vez mais queimaram seus olhos.



— Sim, mas também foi um lugar onde geramos um menino e nos apaixonamos. Eu gostaria de construir ali um castelo muito forte e criar nossos filhos.

Ele alisou as lágrimas de suas bochechas, e tomando seu rosto entre as mãos a beijou. Quando ele se afastou, ela viu que seus olhos se ofuscaram também.

— É uma mulher incrível, Tarian Godwinson.

— E você é um homem surpreendente, Wulfson Trevelyn — replicou ela, sorrindo.

O coração do Wulfson se inchou de orgulho e se perguntou como tinha podido viver e respirar durante os passados vinte e seis anos sem ela. A necessidade de mantê-la perto e protegê-la do mundo, para não perdê-la nunca quase o derrubou. Qualquer pensamento de deixá-la fazia girar seu estômago em cambalhotas. E teria que deixá-la. Como um cavaleiro de William passariam anos antes que a Inglaterra se tranquilizasse. Ele, assim como Rohan, deixaria para trás sua família para servir e proteger o reino. Então, uma calma se estabeleceu em seu interior. Teria que pôr ainda mais empenho nas suas relações com o inimigo para retornar para casa e para ela. Pois ela seria como a brilhante estrela ardente de Draco no céu, o farol constante de seu lar. E o lar estaria em qualquer lugar que esta incrível mulher estivesse.

Ele a estreitou de novo no círculo de seus braços e a conduziu para fora da sala para um quarto privado que conhecia. Seu sangue corria quente e espesso nas veias e quando pressionou seus lábios nos dela, endureceu-se contra ela. Ele gemeu. Não poderia casar-se com ela suficientemente rápido!

— É tão mau como um cervo no cio, milord — sussurrou Tarian em seus lábios.

— Sim, sou pior quando você está perto.

Tarian riu e lançou seus braços ao redor de seu pescoço. Seu coração esmurrava com a força de um martelo contra seu peito. Sorriu-lhe olhando seus risonhos olhos azuis como o oceano. Ao inclinar-se para beijá-la de novo, viu-os ampliar-se com surpresa, depois com alarme. Ela saiu de cima dele e desembainhou sua espada.

Wulfson girou sobre os calcanhares, empurrando Tarian para trás dele, desembainhando sua própria espada.

— Por Malcor! — Gritou Rangor, lançando-se para ele, sua espada apontando aos intestinos do Wulfson.

Em uníssono, Tarian arremeteu com sua espada passando por Wulfson enquanto ele empurrou a sua própria. As duas lâminas, normanda e saxã, combinadas rasgaram no estômago do Rangor, deixando-o pendurado como um porco no espeto.

Com os olhos muito abertos, Rangor levantou a vista das empaladas espadas, primeiro para Wulfson, depois para Tarian. Vermelhas, espumosas bolhas saíam de sua boca.

— Verei-a no inferno, bruxa, e lá você vai gritar por toda a eternidade — disse com voz rouca antes que seu corpo ficasse inerte.



Wulfson agarrou a espada de Tarian e com ambos os punhos na mão, chutou o corpo do Rangor das lâminas. Vários servos e transeuntes pararam pela comoção. Gareth, Alewith, e Ioan se apressaram para eles. Todos pararam ao olhar o círculo de sangue do Rangor propagando por todo o chão de pedra.

Alewith olhou primeiro para Wulfson, depois para Tarian, que observava calmamente seu tutor, ainda curiosa por sua presença ali.

— Farei que o enviem a Lerwick e que seja enterrado — disse Alewith em voz baixa para depois voltar-se e afastar-se.

Tarian manteve o olhar fixo no homem morto, e por mais que tentasse não conseguia derramar uma só lágrima por Rangor. Seu retorcido amor por ela, sua demoníaca necessidade de vingança, quase tinha matado o homem que amava, não uma, mas duas vezes. Ele tinha tirado a preciosa vida de seu filho. Isso, ela jamais perdoaria. Aye, ela poderia vê-lo no inferno, embora, seria com Malcor, não com ela, com quem arderia para toda a eternidade.

A sensação da grande e quente mão de Wulfson quando tomou as suas foi mais tranquilizadora que qualquer bálsamo que Edith pudesse elaborar. Ele a puxou para fora para um pequeno pátio aberto. O sol estava alto, o céu azul, e o suave aroma perfumado de violetas flutuava no ar. Agarrou-a em seus braços e lhe disse baixinho:

— Você tem meu coração e alma em suas mãos. Seja gentil comigo, Tarian, porque não poderia suportar perdê-la outra vez.

A emoção obstruiu seu peito, e ela só pode concordar antes de poder falar. Ela levantou seus lábios aos seus, e disse contra eles,

— Não tenha medo, Sir cavaleiro. O cavaleiro mais temível da Inglaterra está aqui para protegê-lo.



Epílogo

Agosto 1067

Draceadon

O som das canecas batendo da mesa do lorde na parte superior do cavalete montado, combinado com as alegres vozes e os suculentos aromas do grande festejo, enchia o ar no grande salão.

— Por lady Tarian e lorde Wulfson! — gritou Rorick por cima do estrondo que reunia saxões e normandos da mesma maneira. Ergueu a taça bem alto e dezenas o seguiram — Para que tenham filhos vigorosos e lindas filhas, e que meu irmão Wulfson sempre possa retornar da batalha com todas suas espadas intactas!

O duplo significado não passou despercebido aos festeiros. O sorriso de Tarian era tão amplo que doíam suas bochechas. Riu quando seu marido a pôs sobre o ombro e deu voltas com ela no ar. Recuperando o fôlego, esforçou-se para ver a feliz multidão de sua alta posição, fez um comentário subindo um tom.

— Contando que a espada entre suas pernas sobreviva, seremos um casal feliz!

Os Espadas de Sangue riram com vontade, como fez Tarian e estava mais que feliz de ver aqueles ásperos vilões que se aventuraram a sair de Dunloc sorrindo e, em sua maior parte, satisfeitos. Desde sua chegada em casa e as imediatas núpcias, resignaram-se tranquilamente a tê-la como senhora e ao Wulfson como senhor ali. Por consideração, William tinha insistido que as cartas fossem assinadas e timbradas com o selo real dando direitos legais do condado a seu homem de confiança e a sua esposa.

Mas apesar da feliz ocasião neste dia, havia correntes escuras que sopravam do Oeste. Alewith tinha desaparecido e sabia em suas entranhas que tinha conspirado com os galeses. E esse fato a entristecia. Depois de ter passado um tempo com William de Rouen, Tarian sabia que era um homem muito decidido. Não havia lugar na terra que tivesse conquistado e mantido ferreamente sem lutar. E era para lutar que estava se preparando.

Aye, haveria um derramamento de sangue em ambos os lados, mas interiormente Tarian sabia que William tinha vindo para ficar.

— Dê-me ela para mim, Wulfson. — ordenou suavemente lady Isabel, a dama de Rohan, ao marido do Tarian.

Tarian sorriu e sacudiu a cabeça, ainda pendurada no ombro de seu marido. Não a entregaria tão facilmente. A paciência dele estava ao limite. Tinha realizado grandes esforços na semana passada para não romper o juramento que tinha feito a ela e a seu rei de manter a castidade dela até que se casassem.



Tomaria sobre aquele piso se não fosse tão inapropriado.

Wulfson franziu o cenho, mas cuidadosamente a pôs sobre os pés ao seu lado. Fez uma curta reverência a lady Isabel, mas disse:

— Darei-lhes um precioso e escasso momento antes que reclame a minha esposa, milady. Façam a toda pressa o que quiserem, ou será testemunha de tudo o que sonhava em fazer a todo momento durante esta última semana.

Isabel se ruborizou, mas levantou-se para ir até ele.

À sua maneira, a bela dama era inclusive tão guerreira quanto Tarian. E só por isso, tornaram-se em amigas imediatamente.

— Nada do que pudessem fazer, milord, me choca! — Isabel agarrou a mão de Tarian e enquanto a levava longe, viu Brighid, a quem Alewith tinha enviado para ela só uns dias antes. Não houve nenhuma mensagem, só sua irmã, sua serva e um punhado de homens. Seu olhar captou a garota do outro lado do salão, enfeitada por cada gesto e cada palavra de sir Rhys. Tarian franziu o cenho e Isabel seguiu seu olhar.

— Deixe-os estar, Tarian. Estive os vigiando nestes últimos dias, Rhys é um jovem homem honrado. Não porá sua irmã em perigo.

Tarian não estava tão segura. A moça se tornou muito ousada. O entusiasmo pelo belo cavaleiro tinha aumentado desde a última vez que se viram. E parecia que o jovem cavaleiro estava tão encantado quanto a dama.

— Não é com Brighid que deveríamos estar preocupadas! — Tarian riu, mas a verdade é que não sentia o coração tão leve. Rhys romperia o tenro coração de Brighid, pois muitos problemas estavam se originando e Alewith não aprovaria a união entre os dois. Por que então a tinha enviado aqui? Para proteção, por acaso? Mas, de quem?

Uma tumulto parou a subida das damas ao quarto do Lorde. Tarian e Isabel se viraram para ver um mensageiro real abrir passo entre a multidão.

— Lorde Wulfson! — chamou — Uma carta urgente do rei!

E repentinamente, a alegria foi interrompida. Wulfson inclinou a cabeça para os Espadas de Sangue, Tarian e Isabel e, como um grande grupo, se moveram para um lugar mais privado que o salão cheio de gente.

— Tenho graves notícias — começou o mensageiro — nossos espiões nos disseram que o conde Edric, junto com outros Lordes mercenários, formou uma aliança com Rhiwallon e Bleddyn.

Tarian ficou sem fôlego, sem poder acreditar. Negociações estratégicas estavam em movimento.

— Mas eu apenas acabo de enviar uma mensagem a ambos os reis para uma reunião e estiveram de acordo com enorme presteza! — gritou Tarian incapaz de acreditar que não cumprissem sua palavra. Isto não só era um insulto para ela, a mulher de um poderoso conde, mas também para William.

O mensageiro sacudiu lentamente a cabeça.



— A aliança se forjou. Isto constitui um mau presságio para a Inglaterra e Normandia.

Wulfson assentiu com a cabeça.

— Edric foi um espinho no flanco de William Fitz Osborn durante meses, ele tem os olhos postos no Hereford. — olhou para os Espadas de Sangue, aos quais Tarian podia ver considerando ficar quietos e não opor resistência. Seu próprio sangue se esquentou com a ideia da batalha, mas o temor a diluiu. Não poderia suportar perder Wulfson. O olhar dela acariciou a sua forma, alto e bonito e seu peito se apertou. *Nay*, ficaria a seu lado e lutaria só para assegurar-se de que voltaria para casa seguro.

— Vou reunir meus homens de armas. — disse Wulfson. Olhou fixamente a sua esposa — Convoque seus homens às armas, Milady, nossas forças combinadas serão postas à prova. — Caminhou para ela e deslizou um braço ao redor de sua cintura e a aproximou para ele — E espero que Dunloc se alie à Normandia, vamos aproveitar o dia! — Esmagou os lábios contra os dela, fazendo que retivesse o fôlego no peito, e logo a levantou nos braços. Enquanto caminhava com ela para as escadas, gritou à multidão por cima do ombro — Não incomodem esta noite, nenhum de vocês! Aquele que o fizer, pagará com sua vida!

Quando Wulfson a jogou sobre a cama, no que agora era o novo quarto do Lorde, seu olhar não a abandonou. Com frenesi, tirou a roupa e olhou sob o suave resplendor das velas o aumento de cor nas bochechas de sua esposa. Ocorreu-lhe que poderia sentir-se tímida, já que fazia muito tempo da última vez que foram um só.

A decepção o inundou.

— Se não estiver confortável, Tarian...

Levantou-se da cama como uma sombra prateada e flutuou para ele. O corpo vibrou e seu pênis se levantou tão rapidamente que doeu.

— Não estarei confortável, milord, até que me encha completamente.

Pressionou sua suavidade contra a dureza dele, ficou nas pontas dos pés e passou os braços ao redor de seu pescoço, atraindo os lábios dele para baixo, para os seus.

— Faça amor comigo agora, Wulfson. Faça amor comigo toda a noite e amanhã pela manhã. Estive te esperando toda a vida.

Recolheu-a nos braços e a depositou gentilmente sobre a grande cama. O coração dele ardia tão cheio e tão quente pelas emoções que não confiava em sua voz. Quando falou, as palavras foram baixas e roucas.

— Tarian Godwinson, é o próprio ar que eu respiro. Prometa-me que não me deixará nunca.

Ela sorriu, soltou o cinto e o atirou longe, então tirou a saia de seda de uma safira profunda e branca adornada com arminho. Quando tirou a roupa de baixo e revelou a suave pele cremosa e os mamilos rosados, Wulfson não pôde conter sua paixão por ela. Puxou-a para ele e afundou os dentes em sua tenra carne. Seu esbelto corpo se arqueou contra ele e não pôde esperar. Com um rápido movimento entrou nela e quase morreu de prazer.



— Wulfson, — ronronou — meu coração é seu para que o possua, e com ele te faço um juramento. Sou sua para toda a eternidade.

E juntos se tornaram um, e essa noite o começo do legado forjado nas entranhas de uma prisão sarracena se desatou.

Fim